

casas dos ricos, era visto freqüentemente na casa de pessoas de classe média e pobre da cidade. Fazia isso porque queria conhecer e ser conhecido por eles. Às vezes, conversava com um oleiro ou um ferreiro, chegando até a praticar seus ofícios por experiência. Tal atitude causava admiração a muitos, pois era algo estranho homens de sua categoria se interessarem por pessoas comuns. Ele ganhou o respeito de muitos com esses atos, embora ninguém pudesse compreender por que fazia coisas assim.

Entretanto, havia um motivo por trás de seu interesse. Dom Immanuel não só queria ver a dinâmica e a estrutura da comunidade, como também entrar em contato com aqueles que procuravam desenvolver a alma. Embora a maioria das pessoas fosse à igreja, à sinagoga e à mesquita por hábito, havia sempre uns poucos que desejavam mais do que assistir ao culto por mera rotina. Essas pessoas freqüentemente se sentiam isoladas em sua ânsia por um verdadeiro conhecimento espiritual, e eram elas que dom Immanuel desejava encontrar para formar um grupo esotérico. Ele não estava interessado nelas como cristãos, judeus ou muçulmanos, mas como seres humanos, que queriam viver de acordo com as leis de Deus. Dom Immanuel considerava todas as fés como a forma exterior de religião, e nada mais que isso. Externamente, agia como bom católico, pois não estava perturbado pela máscara da crença. Não importava o que ele fizesse, desde que fosse a serviço de Deus, que estava além de todas as formas de culto.

Quando dom Immanuel encontrava uma pessoa que parecia ter o mesmo ponto de vista que o seu, sua abordagem consistia em testá-la com perguntas sutis, para ver se era autêntica. Se a pessoa percebesse do que se tratava e respondesse, ele sugeria uma visita ao grupo de astrologia que se reunia em sua casa. Por ser esse um assunto bastante aceitável como não herege, era a cobertura perfeita para o que realmente se estudava. Se a pessoa percebesse o conhecimento esotérico subjacente aos debates, era levada para o grupo que se reunia regularmente a cada semana.

Dom Immanuel usava essa forma de ensino por tratar-se de um sistema completamente objetivo de metafísica, isento de preconceitos religiosos, que podia ser usado para explicar e debater assuntos relacionados com a natureza da Divindade, a composição do Universo e o propósito da humanidade. Pelo uso da teoria astrológica e sua aplicação, muitos princípios esotéricos podiam ser observados e trabalhados para o aperfeiçoamen-

O Ungido

como conversar no mais erudito castelhana. Dessa forma, embora a admirassem, faziam-no sempre a distância.

Naturalmente Raquel tinha amigas da mesma idade em Zeona, mas estas nunca iam além da cortesia social, pois as pessoas eram educadas demais para incluí-la em seus círculos. Isso criava uma grande solidão. Ela lia e cantava as poesias dos trovadores, mas isso era o mais próximo que chegava do romance, e começou a achar que toda a sua arte era inútil. Para piorar as coisas, todos os seus encontros com rapazes eram rigorosamente controlados pela etiqueta de cidade pequena, embora seu pai não tivesse uma dama de companhia para vigiá-la. Ele dizia que Deus cuidava de todos os que confiavam na Providência. Se ao menos, pensava ela, sentada sozinha em seu quarto, os Céus lhe proporcionassem algum rapaz bem-apegado para agradá-la e conceder-lhe uma amostra do amor que ela conhecia nos livros. . . Ela ansiava por que alguma coisa acontecesse, porém nada ocorreu durante toda a primavera e o verão.

IV

Quando o outono chegou, na casa de dom Immanuel já se estabelecera uma bem definida rotina de meditação, de horário de refeições, de estudo e vida familiar. As refeições, quando havia visitas, eram sempre ocasião para conversas bem-humoradas e interessantes intercâmbios. Freqüentemente dom Immanuel e sua filha eram convidados para jantar fora. Idris Ibn Omar Hakim nem sempre os acompanhava. Zeona não era uma cidade tão cosmopolita quanto Toledo. Não raro, porém, visitava com o cunhado a parte moura da cidade.

Aos domingos, dom Immanuel levava a filha à Igreja de Santiago, onde a comunidade cristã se reunia para rezar. Ali, artistas humildes e negociantes se misturavam, embora não intimamente, com peritos artesãos, mercadores e funcionários públicos aposentados. O governador representava o papel de lorde, ocupando o tradicional lugar de honra de sua família na igreja. Dom Immanuel costumava jantar na casa dele, a princípio. Era uma questão de cortesia. Só se falavam em ocasiões formais. O cabalista aceitou essa situação por ser comum entre os cristãos-velhos e os novos, que preferiam manter-se no próprio círculo. Todavia, apesar de dom Immanuel ser convidado a visitar as

do, como também lhe trouxe desgraça, porque ele tinha agido em desobediência a ordens explícitas. O incidente obrigou-o a uma aposentadoria precoce das fileiras militares, de modo que ele nunca mais seria capaz de recuperar a honra da família. Isso o tornou muito amargo. Tudo o que podia fazer agora era govar nominalmente Zeona, o remanescente de uma outra grande propriedade latifundiária. Por conseguinte, quando percebeu o respeito da cidade para com aquele convertido, considerou o fato como uma usurpação, e exemplo típico do que estava acontecendo em toda a Espanha, onde os chamados cristãos-novos estavam expulsando os cristãos-velhos de suas posições hereditárias. Homens como dom Immanuel estavam se tornando numerosos demais. Insinuavam seu acesso às posições elevadas com sua astúcia; dez anos antes, um duelo teria resolvido o problema; entretanto, estava velho demais, e essa maneira de resolver as coisas fora proibida. Apesar disso, havia de se livrar daquele novo-rico.

Os outros inimigos de dom Immanuel estavam sobretudo na comunidade judaica. Enquanto muitos na *juderia* o viam como exemplo de sucesso e, estranhamente, se orgulhavam dele, havia uns poucos que ou invejavam sua riqueza e liberdade, ou se enfureciam por ele ter renegado a fé de seus antepassados. O fato de visitar o gueto e ali fazer caridade não o tornava aceitável para alguns, que consideravam seu dinheiro ilegítimo ou sujo, enquanto sofriram sob as condições mais deploráveis. O velho rabino dizia que dom Immanuel era um bom homem que tentava tirar o melhor partido de uma situação difícil, mas os mais jovens, frustrados social e profissionalmente, não lhe davam ouvidos.

A filha de dezoito anos de dom Immanuel, doncella Raquel, era também uma dádiva para Zeona. Ela trouxe classe e vida para o cenário social da cidade, pois possuía extraordinárias qualidades como o pai. Tinha pequena estatura, talhe gracioso e rosto de bela conformação, em volta do qual trançava os cabelos negros. Para muitos que a conheciam representava graça e intelecto, pois era não apenas belíssima mas também muito culta. As moças da cidade a invejavam e imitavam, pois dera um tom que da capital ao provincianismo delas. Muitas copiavam-lhe os vestidos e as maneiras, mas nenhuma conseguia igualar o modelo original. A presença de doncella Raquel fazia os jovens repensarem sua técnica de cortejar; no entanto, jovem algum a abordava, pois nenhum se sentia digno de fazer a corte a uma jovem que podia citar Platão e declamar poesias árabes, bem

Z'ev ben Shimon Halevi

O Ungido

Um romance cabalístico

Tradução

FERNANDO JOSÉ GUIMARÃES MARTINS



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título do original
The Anointed

Copyright © 1987 Zev ben Shimon Halevi
mediante acordo com Penguin Books Ltd.

Capa: Foto da cidade de Ávila, Espanha.

Edição
1-2-3-4-5-6-7-8-9-10

Ano
90-91-92-93-94-95

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 – São Paulo, SP – Fone: 272 1399
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

gante figura de barba. Muitos haviam tido a oportunidade de observar de perto seu rosto grave com um leve sorriso quando ele perguntava sobre o trabalho ou a cidade. Dom Immanuel interessava-se por tudo e nada perdia; por outro lado, as pessoas sentiam de sua parte uma indulgente compreensão da vida delas. Algumas lhe pediam conselhos, pois ele possuía sabedoria bem como experiência de vida. Tornou-se conhecido no mercado como o sábio, que sempre podia ser reconhecido pelas roupas de um azul intenso, com botões característicos. Estes eram feitos em forma de disco com dez anéis concêntricos. Muitos os consideravam como o emblema da família, embora alguns achassem que representavam algo mais do que apenas moda. Era esse o caso, mas ninguém jamais lhe perguntou coisa alguma.

Dom Immanuel era, por profissão, alfaqui. Esse era um velho termo mouro para designar um conselheiro-geral da corte. Alguns diziam que ele fora admitido à corte por causa do seu grande conhecimento de astrologia. Outros haviam ouvido falar que sua opinião em assuntos islâmicos era valorizada nos altos círculos. Constatava que ele mantinha seu cargo devido a sua original mistura de praticidade e profecia. Esse dom logo levou tanto humildes quanto influentes a procurá-lo para pedir conselhos. Muitos ficaram profundamente gratos por seu tato, pois ele fazia a intuição trabalhar para resolver-lhe os problemas. Sua gentil mas penetrante diplomacia envergonhava alguns, ao mesmo tempo que preservava sua imagem, para que pudessem corrigir a má conduta sem serem humilhados. Na verdade, muitos preferiam consultá-lo a ir à corte de justiça da cidade para solucionar disputas. No verão de 1491, sua presença e influência estavam bem estabelecidas na comunidade de Zeona. No entanto, o reconhecimento do seu valor para a cidade nem sempre despertava boa vontade.

O mais hostil era dom Faderique, o governador de Zeona, cuja posição, já rebaixada por decreto real, foi ainda mais solapada por dom Immanuel. Como um insignificante aristocrata cujos melhores dias já haviam passado, suas maneiras provincianas denotavam a sofisticação do cidadão de Toledo. Ele sentia rude na sua presença, e isso estimulou seu orgulho, que procurava destruir qualquer um que lhe ameaçasse a posição, aliás, o único bem que possuía. Quando jovem, tentara imitar seus ancestrais guerreiros, mas era um soldado medíocre que, num episódio de temerária estupidez para provar virilidade nas guerras mouras, levava seus homens a uma emboscada. Esse desastre não apenas havia custado muitas vidas e o deixara mutila-

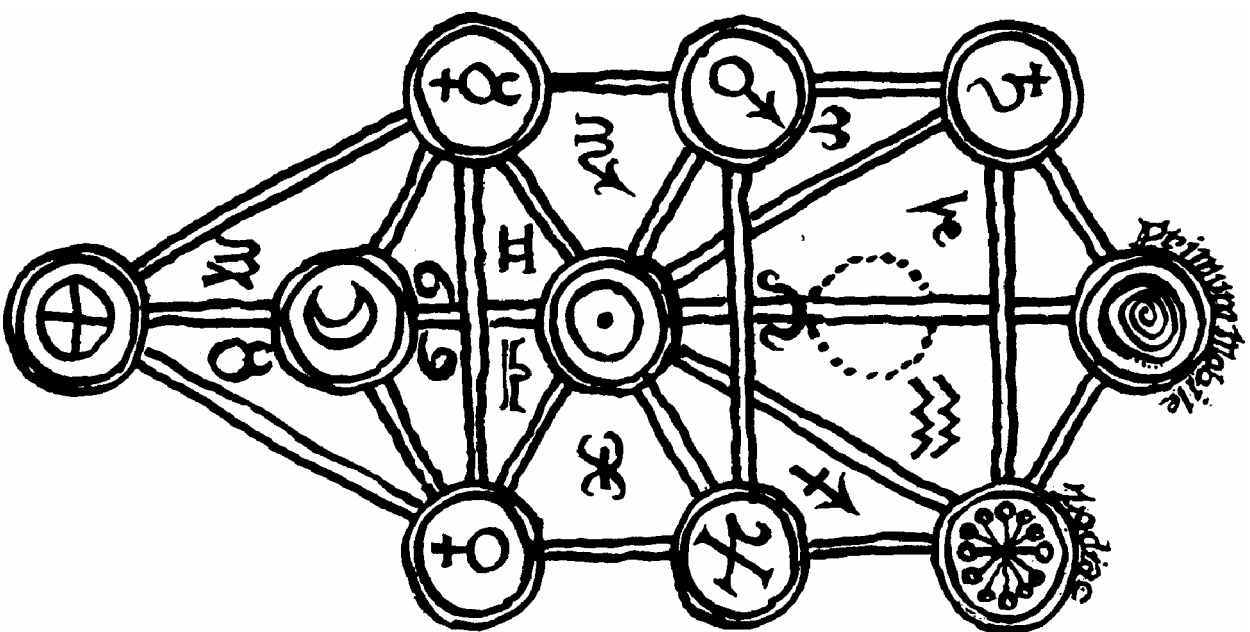
missão. Uma vez ali, ela tornara-se extremamente difícil. Dom Immanuel balançou a cabeça ao cruzar a praça. Tudo isso ficara para trás. Agora devia prestar atenção aos assuntos pessoais — contratar servos e trazer mobílias de Toledo, juntamente com sua preciosa coleção de livros. Muitas coisas tinham que ser decididas, como a destinação que daria aos quartos. Sabia qual delas sua filha, Raquel, gostaria de usar. Ficava no segundo andar e dava para a rua, tendo ainda uma bela visão das montanhas. Ela passaria muitas horas felizes ali, lendo e meditando, pois era uma moça de grande riqueza interior, como fora sua mãe. Idris Ibn Omar Hakim, seu cunhado, poderia ficar com o grande quarto dos fundos, que era suficientemente tranqüilo para a meditação e a escrita. Seu próprio quarto, da coroa, era perfeito para o trabalho.

Um mês depois, a casa estava mobiliada e habitada. Seu modo de vida era simples, mas refinado; nele, cada membro da casa tinha uma vida privada e uma vida comunitária. Os servos logo se adaptaram à atitude de liberdade disciplinada e passaram a executar seus afazeres percebendo que, desde que cumprissem os deveres, eram livres para fazer o que quisessem. Isso era invulgar numa cultura rigorosa em seu relacionamento entre senhores e servos. Tal atitude foi muito apreciada pela cozinheira e seu marido, o servente, mas não pelo servo Lorca, que a considerava um sinal de fraqueza. Não obstante, aceitava a liberdade, uma vez que servia a seu propósito, que era dirigido às bebidas.

Dom Immanuel tinha conhecimento do problema de Lorca e contratou-o porque ninguém mais o faria. Lorca não sabia disso. Seu patrão considerava essa atitude como o mínimo que podia fazer em gratidão pela casa. Talvez, compartilhando da paz e da segurança do lugar, Lorca tivesse uma chance de reconciliar-se consigo mesmo.

III

Como homem de posição social, Dom Immanuel era considerado um recém-chegado e, portanto, aceitável para a casta superior de Zeona. Todavia, suas qualidades pessoais de calma dignidade e inteligência foram rapidamente notadas pelas pessoas comuns, que logo passaram a reconhecer na cidade sua ele-



A velha senhora disse que era a última de sua linhagem e não precisava dela, pois estava para tornar-se freira. Portanto, concordou em vendê-la imediatamente. Tudo tinha a marca dos Céus, notou dom Immanuel. O dinheiro da venda foi empregado na compra de um sino novo para a Igreja de Santiago, que foi instalado quando ele tomou posse legal da casa, no dia 1º de janeiro de 1491.

Todavia, dom Immanuel não se mudou logo para a casa, mas esperou até o equinócio da primavera que, de acordo com seus conhecimentos astrológicos, era o período mais favorável para iniciar um novo modo de vida. Tendo entrado na casa vazia ao alvorecer, trabalhou lentamente subindo em cada andar, limpando e abençoando cada ambiente com orações. Isso lhe tomara toda a manhã. Agora ele havia atingido a câmara em forma de coroa da casa e estava no que seria a sua sala de estudos, olhando na direção leste, para Jerusalém. Quando o sino novo badalou o meio-dia, dedicou o lugar ao Santíssimo. Então, pediu para ser útil em alguma coisa, uma vez que seus planos haviam falhado. Reconheceu sua impotência. Talvez a casa tivesse sido reservada para algum propósito? Esperaria a vontade de Deus. Ao abrir os olhos, uma luminosidade intensa golpeou-o, e recuou quase cego pelo que pensou ser o sol. Então a luz desapareceu. Quando se recuperou, percebeu que aquilo não poderia ser o sol, pois este ficava ao sul, não a leste, ao meio-dia. Estremeceu e balançou a cabeça. O que significava aquilo? Sem dúvida, ele o saberia no devido tempo. Depois de convidar o Divino a entrar no que viria a ser seu escritório-santuário, ele iniciou uma descida avaliadora dentro da casa, passando simbolicamente do nível do espírito ao da alma, e depois para o andar térreo, que representava o mundo.

Ao fechar a porta da rua atrás de si, estava ciente de que a casa trazia ecos do passado e desvanecidas imagens do futuro. Tentou entender o presságio. Eram uma mistura tanto de grande felicidade como de profunda tristeza. Porém, esses extremos, pensava ele ao caminhar rua acima, não lhe eram desconhecidos. Depois de uma feliz vida nos primeiros anos da cidade universitária de Córdoba, dom Immanuel escolhera uma senda das mais difíceis, que o levou a entrar em conflito com a família, os amigos e a tradição judaica. Ele tomou esse caminho porque não tinha outra escolha senão realizar o que lhe fora sugerido por seu mentor espiritual. Isso exigira a sua conversão e a entrada no fluxo principal da vida da Espanha para que pudesse ter acesso à corte. Em retrospecto, essa fora a parte fácil de sua

Prólogo

em vão. Estava desesperado, até que uma noite, depois da celebração do solene jejum do *Yom Kippur*, teve um sonho estranho.

No sonho, ele viu uma casa encostada à muralha de uma cidade. Era branca e azul, com quatro andares construídos em torno de um pátio central. Havia dez quartos na casa; a câmara superior fora construída como uma coroa, com quatro janelas voltadas para os pontos cardeais. Ele sabia que aquela não era uma construção comum, mas um símbolo do Universo. Enquanto percebia sua profundidade, uma voz dissera: “Zeona”.

Ao acordar, percebeu tratar-se de uma visão. Tivera sonhos proféticos antes, porém aquele era de uma lucidez extraordinária em imagem e direção. Levou três dias para descobrir que Zeona era uma obscura cidadezinha cerca de trinta e dois quilômetros ao sul, no sopé da cordilheira de Toledo. Decidiu visitá-la. Ao fim de uma semana ali, tornou-se aparente o motivo de sua vinda. Estava em seus planos tirar um ano sabático. Zeona era obviamente o lugar apropriado. Ali poderia recuperar-se e dar continuidade ao aspecto esotérico de seu trabalho. Pretendia, como motivo oficial para o retiro, que estava traduzindo textos para a Bíblia poliglota que a rainha havia encomendado. Precisava de tranqüilidade para terminá-la, e para isso Zeona era perfeita: distante da capital, porém suficientemente próxima para que se ficasse a par dos acontecimentos.

A confirmação veio numa rua lateral perto da praça. Ali viu uma casa azul e branca construída junto à muralha da cidade. Era a mesma de seu sonho. Algumas indagações revelaram-lhe que ela pertencia a uma velha e solitária senhora que desejava vendê-la antes de entrar para um convento. Essa sincronização de eventos era característica do dedo da Providência.

Quando dom Immanuel viu todos os aposentos da casa, ficou espantado. Eram-lhe tão familiares! Seria memória ou premonição? Indagou sobre a história do edifício. A velha senhora, que era bastante instruída, respondeu que fora construído no local de um velho circulo pagão. A lenda dizia que os romanos haviam erigido um templo para a Deusa da Sabedoria no lugar; de fato, fragmentos desse templo podiam ser vistos no porão. Seu avô contara-lhe que a atual casa havia sido construída por um erudito mouro que a levantara de acordo com um modelo metafísico da Criação. Um parente mais velho, templário, comprara a casa dos mouros, quando da retomada de Zeona. Quando dom Immanuel ficou sabendo de tudo isso, convenceu-se de que deveria comprar a casa, custasse o que custasse.

A Vontade de Deus de contemplar sua imagem no espelho do Universo existe e existirá desde o início até o fim dos tempos. Tudo vem a existir por esse motivo; a história da humanidade e a vida de cada indivíduo são parte desse propósito. Alguns acontecimentos, como os da nossa história, marcam um ponto de virada na evolução do mundo, bem como o cumprimento do destino de um ser. Em tais momentos, a Divindade vê Sua própria Imagem num Adão aperfeiçoado, como o Ungido dessa época reflete o Divino.

nidade de convertidos, que disseram não ter tido problemas, apesar da crescente hostilidade contra eles e contra os judeus em outros lugares. Zeona era um bom refúgio.

Dom Immanuel chegara à mesma conclusão no domingo quando assistia à missa na Igreja de Santiago. Sua visão fora confirmada. Aquele era o lugar onde poderia trabalhar por uma tolerância para com as tradições espiritualistas. Todos esses pensamentos e sentimentos voltavam agora, enquanto estava no quarto de cima da casa que lhe fora mostrada no sonho.

II

O sonho de dom Immanuel lhe ocorrera no meio de uma crise. Enquanto a rainha podia estar em Granada assistindo à derrota final dos mouros, o resto do reino tinha de ser administrado a partir de Toledo. Isso significava que as lutas políticas e as intrigas da capital seguiam sem serem refeeadas pela Coroa. O que preocupava especialmente a dom Immanuel era um decreto de expulsão para ser aplicado na comunidade judaica, que exigia que ela se convertesse ao cristianismo ou deixasse o país. A medida fazia parte de uma política para tornar a Espanha um país católico unificado. Dom Immanuel opôs-se a isso e procurou preservar o direito sagrado de todos praticarem sua fé. Infelizmente, a esperada queda de Granada dominava a situação e fortalecia a idéia da conversão ou expulsão tanto de muçulmanos como de judeus. Os cristãos-velhos argumentavam que a presença dos infiéis impedia a assimilação de novos cristãos, pois, além de ainda manterem contato, muitos convertidos praticavam a antiga religião em segredo até serem descobertos pelo Santo Ofício da Inquisição.

Dom Immanuel estava enfadado com a corte. Durante o último ano, conscientizara-se de uma certa desesperança na causa. Seus planos haviam dado em nada, destruídos pela hostilidade, ambição e mesmo estupidez dos que rodeavam o trono. Estava fisicamente exausto e espiritualmente muito deprimido porque via a inevitabilidade do exílio. De quando em quando perambulava pela grande *juderia* de Toledo, sabendo que seu exótico mercado e suas ruas agitadas em breve perderiam o caráter judeu, que suas sinagogas seriam transformadas em igrejas. Havia fracassado no que se propusera fazer. Todo o seu sacrifício fora

gidos por essas leis, pois tinham poderosos aliados islâmicos no exterior, embora Granada, naquele momento, estivesse sendo sitiada pelos cristãos. Os judeus não tinham igual apoio, de modo que não somente eram confinados aos bairros mais pobres de cada cidade, como também impedidos de praticar as habilidades pelas quais haviam sido famosos nos tempos dos mouros. Em face da degradação, os judeus se retiraram para a vida nos guetos. Dom Immanuel viu esse padrão obedecido até mesmo em Zeona, onde a principal ocupação da maioria dos judeus era o comércio de quinilharías e os ofícios simples. A única atividade intelectual ocorria na sala de estudos da sinagoga dilapidada.

Contudo, dom Immanuel reconheceu entre as multidões do mercado vários ex-judeus andando simplesmente ou vendendo suas mercadorias entre as cerâmicas, rendas e artigos de couro que faziam a fama de Zeona. Eram judeus *convertidos*, como ele próprio. Sem dúvida, alguns se haviam tornado cristãos por razões sociais ou mesmo espirituais; porém, a maioria mudara sua fé sob coação física. No século anterior, muitos haviam se convertido sob a ameaça de perseguição, sendo seus filhos e netos criados, pelo menos publicamente, como bons católicos. Os judeus que haviam resistido à conversão durante esses períodos tenebrosos, e muitos haviam morrido em “Santificação do Nome”, desprezavam esses marranos ou porcos, como os cristãos chamavam os convertidos. Na verdade, a maioria dos judeus olhava-os com a mesma desconfiança, pois muitos desses cristãos-novos, uma vez liberados das leis dos guetos, ascenderam na sociedade de Castela. Não poucos se haviam tornado proeminentes no governo, no exército e até mesmo na Igreja, e a grande maioria deles teve acesso a profissões que anteriormente lhes eram proibidas e prosperaram. Um grande número casou-se com membros de famílias eminentes, vindo a tornar-se parte da sociedade espanhola. A velha aristocracia cristã odiava esses intrusos, mas pouco podia fazer para resistir a eles, porque a rainha valorizava o talento intelectual. Dom Immanuel tinha uma profunda experiência pessoal dessa inveja na corte.

Não era difícil reconhecer um cristão-novo. O rosto judeu, com sua índole e tristeza, não conseguia ser mascarado com roupas finas ou um barrete elegante. Os outros sabiam que era um convertido ao cruzar com ele, e faziam um aceno de reconhecimento. Por esses motivos, não foi surpresa ser abordado e em seguida convidado para uma reunião na casa de um prateiro. Ali foi apresentado aos principais membros da pequena comu-

I

Dom Immanuel Cordovero estava num quarto vazio do piso superior da casa que comprara e observava a paisagem da velha cidade de Zeona. Era uma fria manhã de primavera do ano de 1491, no dia do equinócio, véspera da Páscoa e na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos. Olhando para o sul, ele podia ver acima dos telhados ocres as montanhas desnudas de Toledo, enquanto ao norte podia se ver uma abundante vegetação, que suavizava a árida planície abaixo da cidade. Ficou animado com esse verdor, embora soubesse que ele logo se tornaria marrom pelo calor de um verão tão rigoroso, a seu modo, como o severo inverno de Castela. O alto planalto da Espanha central, com seu ar rarefeito, céus opressivos e luz intensa, parecia ter sido criado para místicos. Deveras, aquele havia sido o lar de muitos deles, pois estimulava o Trabalho do Espírito. Talvez isso se devesse ao fato de as pessoas se sentirem mais próximas do céu numa atmosfera tão rarefeita, refletia ele. Esse remoto lugarejo, com sua reputação de tranqüilidade, era perfeito para seu ano sabático.

Zeona era uma pequena cidade cercada de altos muros, empoleirada num promontório rochoso acima de um vau. Uma ponte romana prolongava a estrada a partir da planície através de uma ravina, embora este já não fosse um caminho importante. O pároco local dissera-lhe que os iberos originais tinham construído um acampamento para manter o uso do vau, mas que o haviam perdido para os celtas, enquanto um velho judeu com quem conversara lhe dissera que seus ancestrais tinham vindo com mercadores fenícios. Alguns haviam se fixado no lugar, ajudando-o a tornar-se um próspero centro comercial, antes da

chegada dos romanos. A cidade mudara seu antigo nome celta ao tornar-se oficialmente parte do Império. Havia uma curiosa lenda por trás disso. Os judeus, que eram então uma considerável comunidade na cidade, sugeriram que fosse chamada de Sião em memória de Jerusalém. O governador, cristão, concordou, mas como testemunho de sua fé para os muitos pagãos que estavam se convertendo na época. No decorrer dos séculos, o nome foi alterado, pelo dialeto local, para Zeona.

Dom Immanuel reuniu todos esses antecedentes durante um reconhecimento para descobrir se aquele era o lugar que ele vira em seus sonhos. Viera especialmente da capital, Toledo, a um dia de viagem ao norte, para passar uma semana conhecendo a cidade. Descobriu muitas coisas apenas em suas perambulações e conversas com várias pessoas. No terceiro dia, localizara o plano romano original, descobrira o lugar do fórum nas pedras do calçamento da praça central e o lugar onde os visigodos haviam construído uma cidadela. Esta fora usada pelos mouros como fundação para o Alcázar, uma maciça fortaleza com palácio que ainda dominava a cidade com sua alta torre mudéjar. Apenas uma década antes ainda era habitada pelo clã que governava a cidade, cujos antepassados guerreiros a tinham tomado dos mouros havia três séculos. O proprietário da sua estalagem contou como, por sua vez, os dons haviam sido expulsos do Alcázar por dívidas e decreto real. O atual chefe da família vivia em fausto um tanto reduzido no casarão que dava para a praça. Dom Faderique de Zeona já não era o senhor da cidade, mas apenas o governador nominal, pois sua administração efetiva estava nas mãos da burguesia local, como por exemplo, García, o prefeito, que era negociante. Dom Immanuel ajudara a formular a política da rainha para conter o abuso dos direitos feudais, de modo que não ficou surpreso ao descobrir que o Alcázar se tornara a prefeitura da cidade. Entretanto, quando percorreu suas câmaras de requintados arabescos, achou-o um lugar desagradável. A escuridão envolvia o prédio, sobretudo no grande pátio de colunas, a despeito das sacadas elegantemente cinzeladas. A tradição dizia que era nesse lugar que o harém dos mouros se reunia para se divertir, mas dom Immanuel tinha a impressão de que algo sinistro ocorrera ali.

Em suas caminhadas, descobriu que várias centenas de anos de ocupação moura ainda estavam preservadas nos pátios adornados com fontes, os quais podiam ser vistos através de janelas gradeadas e de velhos corredores. Na verdade, a parte moura

da cidade conservava muito do seu caráter oriental, com seus homens de turbantes e mulheres de véus. Esses mouros eram os remanescentes de uma outrora dominante comunidade islâmica que fugira para o sul, para o último reino muçulmano de Granada. Dom Immanuel ficou profundamente comovido quando ouviu o *mullah* chamando os fiéis da torre da única mesquita que restou na cidade. Isso lembrou-lhe sua juventude e dias mais felizes em Córdoba.

O símbolo da reconquista cristã era a grande Igreja de Santiago na praça. O prédio original fora uma mesquita. Agora as paredes interiores, outrora drapejadas com citações do *Alcorão*, estavam revestidas de imagens de Tiago, o santo patrono da Espanha, e de Maria, a mãe de Deus. Uma efígie da agonia da crucificação pendia sobre o lugar onde os muçulmanos se voltavam para Meca. A parte externa da igreja conservava muito do caráter mouro; a torre decorativa, porém, era dominada por uma forte cruz de ferro. Essa severidade castelhana podia ser vista em toda a sua pureza no Convento de Vera Cruz, próximo ao portão ocidental, cuja grave arquitetura expressava inequívoco domínio da Igreja Católica na cidade.

No fim de uma semana em Zeona, dom Immanuel percebeu todos os aspectos sociais que podiam ser observados em sua população. No sábado, quase todos iam ao mercado na praça, quando não para comprar e vender, para passear e ser visto, como era de costume. Nessa parada semanal, ele distinguiu os traços da linhagem das diversas raças estabelecidas na região no decurso de milênios. Podiam-se facilmente reconhecer os de origem celta por seu corpo atarracado, ao passo que estatura alta e cabelos louros indicavam antepassados góticos; feições latinas revelavam ascendência romana, em contraste com os de ascendência árabe ou berbere, que eram identificados pelos traços norte-africanos do rosto. O que especialmente impressionava dom Immanuel é que não havia nenhuma tensão racial em Zeona. Talvez porque a cidade era pequena o bastante para que todos se conhecessem, ou porque era afastada demais dos grandes centros para ser afetada pela história.

As únicas pessoas que pareciam estar num grupo à parte eram os judeus. Estavam notavelmente ausentes do mercado no seu sabá; porém não era apenas isso que os separava do resto da comunidade. A lei da Igreja determinava que deviam usar roupas grosseiras com um círculo vermelho no peito; os homens eram proibidos de aparar a barba, e por isso tinham um aspecto desleixado. Os mouros de Castela não eram constan-

— Descubram seu nome e posição na cidade — disse ele. Então voltou para seus escritos, e a sala ficou silenciosa.

Depois de uma longa pausa, Toro disse, mais para si mesmo do que para os outros ouvirem:

— Não creio que esta seja uma vida má. Não pagamos impostos, e o que mais há do que comida e cama quando aparece a oportunidade?

Os outros não lhe responderam. Eles nunca o faziam. Toro resmungou e acabou com o resto de bebida que havia no seu cantil. Quem venceria a competição dessa vez? Talvez a mulher se rendesse a ele. Afinal de contas, era de berço nobre e tinha a vantagem de ser o mais bem vestido. Com essa fantasia, entregou-se a um devaneio regado a vinho, com que fugia da realidade da vida.

XII

A presença da Inquisição em Zeona fez com que as pessoas passassem a ver diferenças que antes aceitavam como algo natural. Os conhecidos começaram a evitar contatos, os amigos tornaram-se mais reservados, enquanto o relacionamento entre as várias comunidades começou a mudar. Cada convertido, especialmente, passou a tomar cuidado ao se aproximar de judeus e mouros para evitar a possibilidade de que alguém informasse ao Santo Ofício que sua ligação com a antiga fé ainda era forte. Uma nova atmosfera começou a surgir na cidade, à medida que as pessoas foram percebendo que alguns indivíduos procuravam captar mexéricos. Os boatos diziam que as inquirições eram para o Santo Ofício. No entanto, a maioria dos cidadãos pensava tratar-se de um ardid para incriminar concorrentes nos negócios. Ninguém até então se interessara pela questão do inter-relacionamento das seitas na cidade. Contudo, havia nisso um aspecto positivo: logo se viram membros seculares do Santo Ofício pelas ruas e tavernas e se convidaram os oficiais para jantar. Essas atividades não foram excluídas porque eram parte da operação de coleta de informações e de aquisição de confiança. Dessa forma, em pouco tempo a cidade se acostumou com a presença do Santo Ofício. A vida social de Zeona precisava de sangue novo, e não poucos soldados frequentavam casas de moças que não encontravam maridos na cidade.

to da alma como um melhor instrumento para o destino. Dom Immanuel, até então, encontrara três pessoas interessadas no autodesenvolvimento: um médico, um comerciante e um ex-oficial do exército. Estes, juntamente com seu cunhado e ele próprio, formaram um grupo de cinco.

V

O mais velho do grupo era o doutor Juan Mora, homem melancólico de sessenta e poucos anos. Apesar de cristão fora treinado na escola de medicina muçulmana em Sevilha, o que o levou a se interessar por outras crenças. Considerado como demasiadamente livre-pensador, jamais conseguira uma posição na universidade; tampouco procurara formar uma prática urbana sofisticada, uma vez que não estava interessado em *status* social nem dinheiro. Morava em Zeona porque sua comunidade de pequena e não exigente lhe dava tempo para pensar sobre a verdadeira natureza da religião. Dom Immanuel chegara no momento certo, para compensar um cinismo de anos sem a companhia de pessoas interessadas nas mesmas coisas que ele. Para Mora, o grupo caiu do céu.

Moshe ben Avraham, um gorducho judeu de meia-idade, mas de temperamento jovial, era tão seriamente dedicado à busca da verdade quanto Mora. Seu método não consistia em compreender, como o de seu colega mais velho, mas em conhecer por amor. Essa atitude era um fator de grande importância para o grupo, pois embora ele não tivesse disciplina intelectual, sua contribuição freqüentemente desviava o debate metafísico para a realidade espiritual. Por profissão, era comerciante; viajava por toda a Espanha e para o exterior, usando uma ramificação familiar cujas ligações negociavam entre lugares tão remotos quanto os Países Baixos e a Índia. Avraham estava de passagem por Zeona para ver um cliente, quando encontrou e reconheceu o método de dom Immanuel. Era o mesmo usado pelos sufistas muçulmanos. Ele respondera diretamente, pedindo que lhe ensinasse os segredos da cabala. Dom Immanuel silenciara-o com um olhar de advertência, e depois sorrira. Avraham aceitou a repreensão à sua língua, percebendo haver encontrado um verdadeiro professor. Ficou em Zeona durante todo aquele verão, pois não pudera absorver o suficiente do que

dom Immanuel revelara sobre o *Hokhmah Nestorah*, o Conhecimento Oculto.

Pedro de Ocana, o mais jovem membro do grupo, era cristão e ex-soldado. De origem camponesa, ele chegara a capitão porque seus superiores haviam reconhecido sua disciplina inata. Contudo, alguma coisa extraordinária acontecera. Passou por uma transformação após uma batalha e renunciou à sua comissão. Alguns pensaram que ele perdera a cabeça. Outros, que ficara doente por causa do massacre de prisioneiros mouros. O verdadeiro motivo, entretanto, é que durante o cerco de Málaga ele havia tido uma visão que lhe revelara como todos eram conduzidos por seus desejos. As razões aparentes eram nacionalistas ou religiosas, mas ele viu que a maioria das pessoas eram movidas por ambições pessoais ou por sede de vingança. Pelo que estava lutando? Seria aquela carnificina o propósito de sua vida? Depois de abandonar o exército, fora para casa a fim de trabalhar na fundição de ferro do pai. No momento de maior desespero, conhecera dom Immanuel, que parecia ter respostas a muitas das perguntas originadas por seu momento de iluminação.

Idris Ibn Omar Hakim, o cunhado de dom Immanuel, tinha puro sangue árabe. Um pouco mais jovem que dom Immanuel, trabalhava como literato e tradutor. Poeta de grande visão, passava horas formulando uma linha para descrever uma introspecção nos mundos mais elevados. Um interesse comum em tais assuntos reunira os dois homens, pois apesar de suas diferenças culturais, o cabalista judeu e o sufiista mouro achavam muito para compartilhar em experiência mística. Seu companheirismo, na verdade, fora selado com a paixão de dom Immanuel pela irmã de Hakim e o casamento dos dois. Quando a tragédia os afastou de Córdoba, eles juraram trabalhar juntos por amor a Deus e pela companhia do Espírito. Para o mouro, era vital ficar com outras pessoas cujo entendimento era mais terreno. Seu dom de profecia tinha de ser equilibrado pelo pragmático de outros indivíduos.

Dom Immanuel dissera que a composição do grupo era quase perfeita, e realmente era. O grupo se reunia em seu gabinete de estudos, todas as noites de quarta-feira. Ali debatiam o exercício espiritual da semana e trocavam experiências. Por esse método, ganhavam uma introspecção coletiva que ninguém conseguiria adquirir sozinho. Dom Immanuel, então, ensinava um pouco mais de teoria astrológica, e eles passavam a semana seguinte praticando-a, para ver se era verdadeira. Nada de se-

— Não há romance em seu espírito, capitão — disse Coruña. Toro gostava do modo como o amigo podia agulhoar Oviedo sem ser repreendido. O capitão continuou a escrever, porém disse:

— Coruña, você ama somente a si mesmo.

Coruña não respondeu. Tinha poder sobre Oviedo, mas sabia que não podia abusar disso; assim, conteve uma observação áspera.

— O que diz você? Devemos fazê-la nosso prêmio? — perguntou Toro, para quebrar o silêncio.

— Toro, você daria medo a uma prostituta. Não é à toa que o chamam de touro — disse o capitão, levantando a cabeça de seu livreto. Coruña riu, e Oviedo, recuperando seu senso de proporção, acrescentou: — Sim, faça-a de prêmio. — Seu tempo chegaria.

— Ela é sem dúvida o alvo mais belo de todas as cidades em que estivemos. Será um prazer possuí-la — disse Coruña.

— O que o faz tão seguro de que ganhará a competição? — indagou Toro.

Coruña não respondeu. Ele lembrava sua troca de olhares.

— A moça é obviamente instruída. Não aceitará um amante qualquer — observou Oviedo.

— Então você também a notou — disse Coruña.

Oviedo assentiu com a cabeça.

— Ela me interessa por motivos profissionais, ao passo que você a querem apanhar como se apanha uma flor.

— Isso é melhor do que usá-la como o degrau de uma escada — comentou Coruña.

— E quanto a mim? — perguntou Toro.

— O que tem você? — indagou Oviedo.

— É minha vez de ser o primeiro pretendente — disse Toro. Coruña riu.

— Coruña — retrucou o capitão —, nosso touro tem uma certa classe que algumas mulheres apreciam.

Toro não conseguiu saber se isso era um elogio ou um insulto.

— Que assim seja, capitão. Que Toro tenha a sua chance em primeiro lugar. Eu irei por último.

— Vejo que seu sucesso nesta aliança de amor lhe permite ser incommumente generoso — observou Oviedo.

— Para com aqueles que amo — respondeu Coruña.

Dessa vez, ele fora longe demais. O capitão fez um aceno de cabeça e, em silêncio, jurou que um dia o humilharia. Esperaria apenas a oportunidade certa.

Em outro lugar do convento, os três oficiais preparavam-se para se alojar como se estivessem em suas próprias casas. O capitão Oviedo pôs-se a olhar através da cidade para o Alcázar, meditando sobre o tempo em que um homem podia tomar um tal lugar para si. Esse tempo já passara. A guerra entre nobres estava proibida por um trono tão poderoso que governava até mesmo a Igreja. Enquanto ele pensava na política da Espanha, seus dois companheiros mais jovens falavam sobre uma menina que haviam visto na praça em sua marcha para a cidade.

— Ela era a única que valia a pena ser vista — disse Toro, bebendo de um cantil de bolso.

— Era mesmo — disse Coruña, pensativo, enquanto lembrava aqueles olhos que o fitavam.

O capitão afastou-se da janela e sentou-se, começando a anotar num livreto o modo como via o atual equilíbrio de poder entre as nações. Um dia, esses pensamentos seriam leitura obrigatória dos estadistas de toda a Europa, em forma de manual de política.

— Sua aparência era a de uma virgem, seu corpo, o de uma cortesã. O suficiente para fazer um santo pegar fogo — disse Toro, enxugando a boca com as costas da mão gorducha.

Coruña refletia sobre a estranheza de se encontrar uma pessoa de tal classe tão longe da capital.

— Ela é obviamente o nosso alvo — disse ele.

— Sim! Sim! Que ela seja o prêmio — concordou Toro.

Oviedo levantou a cabeça dos seus escritos.

— Vocês dois me enfiadam com essa estúpida competição sobre mulheres — disse ele.

— Talvez a pobreza seja exigida de nós, mas felizmente não a castidade — retrucou Toro para divertí-lo.

— Noto que você não foge do jogo — disse Coruña sorrindo, pois o capitão não o amedrontava.

Oviedo desviou os olhos, incapaz de enfrentar o olhar do seu oficial subalterno. O rapaz conhecia a sua fraqueza. Coruña então acrescentou, jogando de lado os cabelos louros:

— Realmente não compreendo, meu capitão, por que precisa se incomodar com isso.

Oviedo escreveu durante um momento em seu livreto.

— Em tal companhia — respondeu depois —, as pessoas devem se divertir. Qualquer coisa é melhor do que nada.

tário era considerado para que se evitasse a questão da heresia em qualquer religião. Foi assim que o grupo se comportou do verão ao outono, até que, numa noite de novembro, Avraham trouxe um visitante que não fora convidado. Isso era típico do judeu. Apresentou-o como Ezra ben Nahman, dizendo que compartilhava do interesse deles pelos assuntos espirituais. Dom Immanuel não podia mandar o visitante embora, pois isso não somente seria falta de hospitalidade, como poderia dar a impressão de que algo errado estava acontecendo. Depois de dar as boas-vindas a Nahman, dom Immanuel disse que era bom ter um estranho presente. Isso lhe daria maior discernimento. Somen-te Nahman não percebeu que Avraham errara mais uma vez. Avraham aceitou o julgamento e rezou para que a mente brilhante de Nahman fosse considerada uma justificativa admissível para sua presença no grupo.

VI

Ezra ben Nahman era um judeu de baixa estatura, muito jovial, de cerca de trinta anos, que ganhava a vida como sapateiro. Confinado pela lei do gueto, seu interesse de advogado foi orientado para estudos do Talmude. Ali sua inteligência era reconhecida, mesmo que apenas por seu rabino. Isso, no entanto, não satisfazia sua ambição de tornar-se um literato renomado, como seu homônimo, o grande filósofo e rabino Nahmanides. O sonho, infelizmente, não se concretizara. A criação de uma grande família na pobreza, nas ruas da periferia de uma pequena cidade, excluía qualquer possibilidade de ingresso na academia de estudos rabínicos superiores de Toledo. Não tinha outra alternativa senão ser sapateiro, embora possuísse instrução suficiente para citar os eruditos e para debater com intelectuais. O que Nahman não admitia era que seu fracasso não se devia às circunstâncias, mas ao medo de que talvez não se destacasse na capital. Isso ele não conseguia enfrentar, e por esse motivo preferia suas ilusões; assim, ficou em Zeona.

Quando Avraham o convidou para a reunião, Nahman tomou tal atitude como um reconhecimento de sua capacidade intelectual. Mas deveria ir à casa de dom Immanuel? Ele desprezava cristãos-novos. Contudo, a oportunidade para exibir sua erudição era demasiadamente tentadora. Aceitou o convite de

Avrahám. Talvez, pensou ele, fizesse o anfitrião envergonhar-se da sua mudança e voltar à antiga fé.

Depois de saírem do bairro judeu sob o manto da escuridão, entraram discretamente na casa de dom Immanuel. Subiram vários andares antes de chegarem ao quarto onde a reunião seria realizada. Ali, ficou surpreso ao encontrar, não um grupo secreto de convertidos estudando os ensinamentos de seus antepassados, mas sim dois cristãos e um mouro. Avrahám e ele eram os únicos judeus presentes. Depois de um gesto de que deviam se sentar, dom Immanuel e os outros fecharam os olhos e concentraram-se numa profunda e silenciosa meditação. Enquanto Nahman esperava alguma coisa acontecer, olhava em torno de si.

O quarto era branco e azul, com escuras mobílias castelhanas. Seis cadeiras formavam um círculo com um alto castiçal à mesa no centro. Não havia textos abertos perante eles, como seria de esperar em uma reunião de ilustrados, embora houvesse muitos volumes em seus estojos. Alguns tinham títulos hebraicos, mas ele não os reconhecia; outros estavam escritos em latim e árabe e, portanto, não interessavam. Na parede, havia uma tábua circular onde estavam pintados os símbolos do zodíaco. Nela estavam colados sete discos que representavam os planetas. Ele desviou o olhar. A astrologia era proibida. Aceitava outros deuses, e isso era contra os Mandamentos. Dom Immanuel perdera o contato com sua antiga fé. Pelo menos ele — como muitos convertidos faziam — não praticava o judaísmo em segredo. Adotara completamente o procedimento dos gentios. Enquanto Nahman chegava a essa conclusão, dom Immanuel começou a fazer uma invocação em castelhano.

“Deus Benevolente,
Se for da Vossa Vontade,
Enviai Vosso Espírito Santo à nossa
companhia esta noite,
Para que conheçamos a Vossa Presença.”

Então levantou-se e acendeu a vela. Houve um longo silêncio, durante o qual cada um dos presentes abriu os olhos e voltou como que de um profundo e remoto lugar para o quarto, agora cheio de uma estranha e dinâmica paz.

A cerimônia impressionou Nahman. Sua simplicidade comoveu-o e, por um instante sentiu-se em plena comunhão com os outros, o que o intrigou. O ritual não era cristão, muçulma-

O rosto do prior endureceu-se de maneira imperceptível.

— Ah, o nosso irmão Torquemada.

— Escreve explicando — disse frei Tomás, aproveitando uma deixa — de que forma o inquisidor-mor vê o nosso trabalho como a força espiritual por trás da *reconquista*.

O prior concordou.

— Como o confessor da rainha, ele é uma grande influência no reino — observou ele.

Frei Pablo, que esteve estudando o rosto do prior, de repente interveio:

— Seu nome de família é Arias, não é?

O prior piscou, surpreso.

— Esse era o meu sobrenome antes de receber as ordens.

— O senhor é parente do bispo de Segóvia? — perguntou frei Pablo.

— Somos primos distantes.

— Por que ele fugiu para Roma?

— Não faço nenhuma idéia.

Frei Tomás, farejando o cheiro de caça, inquiriu então:

— Seus pais eram judeus?

— Meus bisavós foram batizados no início do século.

— Isso ocorreu durante as conversões em massa realizadas por frei Vincentius Ferrer — disse frei Tomás.

— Sim, eles foram batizados pelo próprio santo.

— Trinta e cinco mil convertidos! Uma extraordinária reatização para um único homem — disse frei Pablo.

— Com alguma ajuda dos fiéis — acrescentou o prior, pensando na multidão que estava atrás do santo.

Frei Tomás notou a inferência. O prior, percebendo que revelara demais, disse:

— Se não precisam mais de mim, vou embora.

Frei Tomás assentiu, e o prior se retirou. Depois, disse a frei Juan:

— Observe o nosso anfitrião e aprenda alguma coisa sobre esses cristãos-novos, mesmo os de terceira geração. O judeu que existe dentro desse prior pode estar inativo, mas está lá.

— Eles estão em toda parte — assentiu frei Pablo, enquantu empunhava o crucifixo.

— É por isso que estamos aqui — resmungou frei Tomás. — Minhas instruções vieram do próprio inquisidor-mor. Há alguém em Zeona que ele deseja ver destruído.

Frei Juan inclinou a cabeça em concordância, mas não entendeu o que aquilo podia significar. Seu papel não era o de comentar, mas o de obedecer.

No Convento de Vera Cruz, o prior perguntou aos três dominicanos se seus aposentos eram satisfatórios.

— Sua hospitalidade é mais do que suficiente — disse frei Tomás.

O prior sabia que os dominicanos eram melindrosos, e nada replicou. Frei Pablo, percebendo não ter havido nenhuma resposta, emendou:

— Confortos assim dão origem à sensualidade.

O prior sorriu e disse, não sem uma ponta de humor:

— Eu hesitaria em dizer que aqui a corrupção é desenfreada.

Frei Pablo não viu graça alguma e perguntou:

— Este convento foi construído com dinheiro dado pela Igreja?

O prior assentiu com a cabeça. Frei Tomás então abordou o assunto.

— Esses fundos foram gastos não para a glória de Deus, mas de Seus pretensos servos que desejam mostrar que são prelados.

O prior congelou-se numa seriedade defensiva.

— O voto de pobreza e castidade não tem nenhum significado quando bispos estupram mulheres que vêm se confessar.

— Irmão, essa época já passou — replicou o prior, notando a veemência de frei Pablo.

— Nada deve ameaçar a Igreja novamente — respondeu o frei, desprezando o lembrete cortês.

Frei Juan, que estivera escutando, estava perplexo com essa troca de comentários. Jamais ouvira seus superiores falarem assim antes. O prior, notando sua perplexidade, perguntou então, para mudar de assunto:

— Nosso jovem irmão aqui é novo no trabalho do Santo Ofício?

Frei Tomás meneou afirmativamente a cabeça.

— Frei Juan — disse ele — esteve até agora em reclusão monástica. É nosso dever instruí-lo sobre o modo de agir da Inquisição.

Frei Juan curvou a cabeça num gesto de humildade.

— Você tem muito que aprender, meu filho — disse o prior.

Frei Juan, porém, não entendeu sua insinuação.

— Fale do que aprendeu hoje — pediu frei Tomás.

— Aprendi os objetivos do inquisidor-mor, — respondeu frei Juan, obediente.

no ou judeu, e não obstante evocava uma sensação de santidade. Isso assustou Nahman, que se retraiu. Não era um homem comum, pensou. Não se deixaria impressionar. Quando recom pôs sua auto-imagem, um debate a respeito do Universo como um grande teatro estava ocorrendo. Ocana, o ex-soldado, descrevia uma experiência da Guerra Moura.

— ... Era como observar uma peça. Os exércitos antigos tinham mentalidade própria como se fossem grandes criaturas que se combatessem. Os soldados individualmente não contavam. Algo os manipulava. Não sabiam o que faziam uns aos outros como seres humanos. Quando vi isso, comecei a pensar se desejava ser um ator nesse tipo de drama.

Houve uma pausa em que a implicação do relato foi absorvida. Então, dom Immanuel disse:

— Essa é a lei do movimento da massa. A guerra não é o único exemplo disso. A moda, a migração, na verdade, qualquer grande acontecimento histórico cai nessa classificação.

— Isso significa que não existe o livre-arbítrio? — perguntou Mora.

— De forma alguma. Mas o pré-requisito para o livre-arbítrio é ser um indivíduo, e isso é raro.

— O que é um indivíduo? — perguntou Avraham.

— É alguém que conseguiu um alto grau de auto-conhecimento e sabe aplicá-lo.

— Suponhamos que um homem — continuou Mora —, tal como aconteceu com Ocana, se encontrasse no meio de uma situação assim. Poderia modificá-la?

— O drama da Criação — respondeu dom Immanuel, depois de pensar um momento — deve ser representado. Sua história já está escrita. Todavia, certos detalhes do destino pessoal podem ser modificados. No caso do destino, isto é, de um ponto de virada importante, nada pode ser alterado, porque envolto de situação total de uma geração. Desse modo, Sócrates, condenado por uma sentença injusta, submeteu-se à execução a despeito da oferta de uma possibilidade de fuga; caso contrário, sua tese em favor da obediência à lei teria sido invalidada. Ocana mudou sua vida demitindo-se da sua comissão, mas suspeito que isso também era parte do seu destino.

— Então, que tipo de escolha há? Onde entra o livre-arbítrio? — perguntou Hakim, para aprofundar a questão.

Dom Immanuel olhou para o círculo astrológico no alto da parede. — Se uma pessoa se encontrar numa situação em que realmente nada possa fazer, é porque algo importante precisa

ser realizado; então, ela poderá se elevar acima dos acontecimentos, mesmo que seu corpo tenha de passar através do fogo.

— Como se pode conseguir uma força de vontade tão desprendida? — perguntou Avraham.

— Algumas vezes — respondeu dom Immanuel —, ela é concedida pela Graça, quando necessária. O objetivo do nosso trabalho é adquirir força de vontade como uma característica permanente de nossa vida. Isso é alcançado com trabalho diligente durante muitos anos.

— Isso poderia ser chamado de mérito — acrescentou Hakim.

Dom Immanuel assentiu. O debate então se ampliou para a diferença entre a Graça e o mérito, e cada um deu exemplos pessoais de intervenção divina. Contudo, todos em geral concordavam que sem mérito ou trabalho o significado pleno de tais experiências não se realizava.

— A Providência — comentou dom Immanuel — nem sempre facilita as coisas, mas freqüentemente suscita problemas para ajudar nosso desenvolvimento.

— É essa a finalidade do exercício que nos dá toda semana? — indagou Avraham.

Dom Immanuel assentiu com a cabeça, enquanto indicava que a sessão chegara ao seu fim. Todos ficaram imóveis e silenciosos. Esse silêncio perturbou a meditação de Nahman sobre a visão rabínica a respeito do destino. Ele não tivera uma oportunidade sequer de fazer uma citação, pois eles não usaram um método literário.

— Esta semana — disse dom Immanuel —, quero que vocês examinem o planeta Marte em suas vidas. Observem como ele é o princípio do discernimento, da decisão e da disciplina.

Nahman não entendeu o que aquilo significava. Virando-se para ele, Cordovero disse, em perfeito hebraico:

— Isso é para nos ajudar a formar um conhecimento da alma. Cada planeta representa um aspecto da realidade. Marte é o equivalente de Julgamento na cabala, o sistema esotérico judeu. Nahman ficou aturdido com aquilo, mas ainda assim não compreendeu.

— Vamos terminar os trabalhos com o nosso compromisso — disse dom Immanuel, voltando a falar em castelhano.

Com isso todos os membros do grupo fecharam os olhos, exceto Nahman, agora bastante perplexo.

— Vamos sair para o mundo, para aprender Vossos propósitos e servir Vossa vontade. — Em seguida, o cavalista soprou,

equilíbrio alterara-se perceptivelmente. A chegada do Santo Ofício semeara a idéia de quem poderia ser apóstata ou herege.

— Há cerca de dez famílias de convertidos em Zeona. Quantas são de origem moura? — perguntou dom Immanuel.

— Mais ou menos o mesmo número — disse Hakim.

Dom Immanuel refletiu sobre como eles teriam de ser excepcionalmente cuidadosos, pois qualquer coisa fora do convencional poderia ser mal interpretada. Os mexericos ou calúnias sempre atraíam o interesse da Inquisição, mesmo que não tivessem fundamento. Ele deveria apresentar uma conduta impecável.

— Por que eles estão aqui? — perguntou Hakim. — Zeona não é um lugar importante.

— Suspeito que isso seja o início de um expurgo nesta diocese. Depois do Natal eles seguirão viagem. A não ser que encontrem coisas suficientes para retê-los ocupados aqui.

— Por que são chamados de Santo Ofício? — indagou Hakim.

— Os fanáticos precisam justificar e glorificar a si mesmos. Toda seita tem os seus fanáticos.

— Onde ficarão hospedados?

— No Convento de Vera Cruz, espero. Mas não será ali que farão as perguntas — resmungou dom Immanuel.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Hakim.

— É um eufemismo para interrogatório sob tortura; algo que Jesus de Nazaré teria absolutamente proibido.

Nesse momento, Raquel subiu e entrou no gabinete.

— Papai, o senhor viu o cortejo? Por que eles vieram?

Dom Immanuel meneou a cabeça e percebeu uma certa excitação nela.

— Para ver se alguém está desobedecendo às leis da Igreja.

Raquel foi à janela e olhou a cidade.

— Por que há soldados? — indagou.

— Para proteger os monges e realizar a parte mais desagradável do trabalho deles.

Raquel não ouviu a resposta do pai, pois estava concentrada na lembrança dos olhos extraordinariamente azuis do jovem rapaz. Não queria saber nada sobre a *Militia Christi*. Era o oficial que lhe interessava.

ordem religiosa que não se havia corrompido. Sentia-se muito feliz por obedecer a normas; isso eliminava a responsabilidade da tomada de decisões. No último verão, seu prior o instruiu para que saísse do mosteiro, fosse para o mundo e ajudasse a expurgá-lo da infidelidade. Esse era seu primeiro contato com a vida fora de sua ordem.

Marchando atrás dos monges, havia dois oficiais subalternos. Diego de Toro era tão feio quanto Howard de Coruña era bonito. Ambos, filhos mais jovens de nobres, preferiram alistarse na *Militia Christi* a ter de lutar contra os mouros. A *Militia Christi* tinha certas vantagens, como estar em contínuas viagens pelo reino, em vez de ficar imobilizada no aparentemente interminável cerco de Granada. Toro era um homem baixo, bastante atarracado, de vinte e poucos anos. Amava a vida, e o que mais poderia ser senão soldado? Coruña, da mesma idade do companheiro, estava ali quase pelo mesmo motivo. Gostava das constantes mudanças, que permitiam que sua imagem de jovem espadachim se expressasse plenamente. A mistura de feições espanholas e características inglesas dava-lhe uma aparência distinta, que ele cultivava deixando à vista os cabelos louros. Era notado tanto por homens quanto por mulheres e gostava disso.

Raquel estava fascinada enquanto observava o cortejo atravessar a praça. Este a assustava e entusiasmava ao mesmo tempo. Finalmente, alguma coisa invulgar do mundo exterior quebrara a monótona rotina de Zeona. Como muitos outros, ela ficava profundamente afetada pela visão das vestes clericais e dos uniformes militares passando em marcha lenta compassada pelos tambores de severidade e poder eclesiásticos. Entretanto, em meio àquela cerimônia toda, um homem em especial se destacava. Tinha o rosto extremamente singular. Era como se fosse de mármore branco emoldurado com tiras de linho dourado. Raquel não tirou os olhos dele, até que percebeu que seu olhar estava sendo correspondido. Ficou alarmada com isso e virou-se de súbito, a mente abalada e o corpo tremendo. Foi um instante de reconhecimento. Seria aquele o homem por quem esperava?

Dom Immanuel e Hakim permaneciam na janela do gabinete de estudos e observavam o povo se dispersar depois da passagem do cortejo. Depois de poucos minutos, tudo pareceu como dantes, mas ambos sabiam que isso não era verdade. Algo mais do que padres e soldados entrara na cidade. O delicado

apagando a vela sobre a mesa. Quando a fumaça subiu do pavio, a Presença espiritual no quarto desvaneceu-se. O grupo relaxou.

— Venha — disse Avraham a Nahman —, terminamos a noite com pão e vinho.

Conduzidos por dom Immanuel, todos desceram as escadas do gabinete para o primeiro andar, onde uma refeição leve os esperava.

VII

O quarto onde o grupo se reuniu contrastava muito com o gabinete. De suas paredes pendiam grandes tapetes e pinturas com temas de transformação. A mais requintada delas era a da transfiguração de Enoc no arcanjo Metraton; acima, pendia um fino disco de ouro cinzelado com dez anéis concêntricos. Era uma imagem cabalística da Existência. Sobre um belo tapete persa havia uma mesa guarnecida com pães, vinho e doces. Depois de uma ação de graças simples, o grupo passou a comer. Dom Immanuel, agora bastante informal, ouviu Avraham explicar por que levava Nahman para a reunião. A seu ver ele, o mais insuadado judeu de Zeona, devia ficar sabendo da existência de um grupo assim.

— O que você achou da reunião? — perguntou dom Immanuel. Nahman encolheu os ombros. Dom Immanuel acrescentou que Nahman não precisava dar uma resposta educada. Nahman sacudiu a cabeça. No momento, não conseguia pensar em nada para dizer. De repente, surgiu nele o desejo de testar aquele convertido:

— Para ser franco, não concordo com seu método de trabalho.

Dom Immanuel acenou com a cabeça e disse, com grande cortesia:

— Pode não ser familiar, mas é bem tradicional.

— Qual tradição? — indagou Nahman desafiadoramente.

— A do Caminho da Sabedoria.

Nahman franziu as sobrancelhas.

— Qual é o seu livro de consulta?

— A vida, quando relacionada a certos níveis.

— Que níveis? — insistiu Nahman.

— Há no homem os níveis mineral, vegetal e animal. No momento, estamos considerando a dimensão humana. Nesta noite, estivemos usando os planetas como chaves para examinar os diversos aspectos desse nível.

— Então — disse Nahman — isso significa uma crença em idéias pagãs?

— De maneira nenhuma — respondeu dom Immanuel. — Estamos simplesmente observando processos macrocósmicos no homem que é uma imagem ressonante do Universo.

Nahman percebeu que estava fora dos seus domínios. Seus conhecimentos de astrologia eram mínimos, porque esse era um estudo proibido. Sentia-se mais humilhado à medida que dom Immanuel prosseguia. O homem iria expor sua ignorância no assunto.

— Tomemos um exemplo simples como os corpos luminosos. A Lua representa a mente que reflete os acontecimentos diários, enquanto o Sol simboliza o núcleo radiante do nosso ser mais íntimo. Aqui você tem níveis distintos de conhecimento.

A mente de Nahman buscou vários comentários dos rabinos em oposição à astrologia, mas ele não conseguiu achar nenhum que refutasse a declaração de dom Immanuel. Entretanto, mais por aborrecimento do que por argumentação, disse:

— Não há menção desse ponto de vista na Bíblia. Por conseguinte, ele está fora da tradição.

Sua réplica chamou a atenção dos outros, que interromperam suas conversas. Dom Immanuel respondeu muito tranquilamente:

— É mencionado no *Zohar*, a autoridade definitiva da tradição esotérica de Israel.

— Esse livro é uma fraude escrita por Moisés de León, sob o nome de um dos nossos maiores rabinos, para conferir-lhe autoridade — retrucou Nahman, para não ser sobrepujado em astúcia.

— Pode ser que sim — disse cortesmente dom Immanuel, percebendo os perigos da discussão erudita. — Porém, o conhecimento da Realidade não é exclusivo de qualquer pessoa ou tradição. Na verdade, esse é o caso do nosso grupo. Durante a reunião, Hakim deixa de ser muçulmano, e Ocana e Mora, de ser cristãos. Por algum tempo, tornamo-nos apenas Companheiros do Espírito.

Nahman sentiu os olhares de todos sobre si. Ficou muito irritado. Como poderia pertencer a tal fraternidade, quando era segregado por uma sociedade que não lhe permitia explorar seus

IX

O cortejo do Santo Ofício era composto de três monges dominicanos, um esquadrão de soldados e uma fileira de clérigos e servos. À frente, estava o estandarte da Inquisição, mas sua reputação já o havia precedido, e a multidão que se reunira ao longo do caminho para o Convento de Vera Cruz, observava em silêncio a sua passagem. Tal espetáculo nunca fora visto na cidade. As cabeças raspadas, os pés descalços dos monges e o luzir dos capacetes e das armas dos soldados excitavam a imaginação dos jovens que andavam a largos passos ao lado do cortejo; porém, os mais velhos somente observavam, imaginando o que aquilo significaria.

À frente, empunhando o estandarte, seguia o capitão da *Militia Christi*, Álvaro de Oviedo, um homem esbelto de trinta e poucos anos. Inteligente e cruel, era o filho mais jovem de um aristocrata, e não tinha herança de dinheiro, título ou terra. Conseguira o posto como prêmio por sua eficiência, mas não tencionava continuar como um oficial subalterno. Tinha um plano para o futuro, e se tornaria temido e respeitado pelos atuais superiores. Nada impediria Oviedo de ganhar o que perdera em seu nascimento.

Atrás do capitão Oviedo, estava o chefe dos inquisidores, frei Tomás. Com cinquenta anos, desempenhava na Ordem a função de acusador. De origem camponesa, considerava-se um cruzado erudito em busca de castigo para os que desobedeciam à lei eclesiástica. Tal oposição devia ser reprimida, caso contrário a autoridade da Igreja seria solapada. Frei Tomás encarava sua tarefa como uma missão pela qual podia realizar sua fantasia de ser visto como intelectual, apesar de não o ser.

Frei Pablo, o inquisidor-assistente, que caminhava atrás de frei Tomás, era um homem de cerca de trinta e cinco anos. Zeloso em sua dedicação à Igreja, não admitia nenhuma outra fé senão a sua. Entrara na ascética Ordem dos Dominicanos porque esta lhe parecia adequada ao cumprimento de sua ânsia de pureza. Isso tinha raízes no fato de ser filho ilegítimo e de ter um berbere entre seus ancestrais, o que podia ser percebido em sua fisionomia moura. Era compulsivamente obcecado em ser um herdeiro cristão, à sua moda.

O terceiro dominicano era um jovem chamado frei Juan. Fora criado como órfão por freiras, e parecia natural que se tornasse monge. Escolhera os dominicanos porque eram a única

de comoção em suas respectivas comunidades, mas ele sabia que a união fora baseada em algo mais importante do que o costume tribal. O nascimento de sua filha, Raquel, selara sua união, ligando as duas tradições esotéricas. Disso nascera seu trabalho espiritual, pois a casa deles era aberta a qualquer um que buscasse a verdade comum a todas as religiões. Seu professor o instruíra a formar um grupo próprio. Ele lecionou em Córdoba durante muitos anos felizes, trabalhando na periferia da universidade, até que um terrível desastre veio acabar com aquele período idílico. Num dia de outono, uma marcha anti-semita, estimulada pela Inquisição, transformara-se num tumulto total. Muitos foram mortos, inclusive sua amada esposa e seu professor. Cordovero e Raquel haviam escapado da morte; ele porque que estava lecionando na biblioteca da universidade, e ela porque estava com os avós no bairro muçulmano. Aquilo mudou o curso de sua vida outra vez. Enquanto estava sobre as ruínas de sua casa, ouviu a voz de seu professor dizendo: "Para influir nos acontecimentos, deve-se agir a partir de cima". Ele interpretou tais palavras literalmente e decidiu tornar-se cristão como parte de um plano cuidadosamente elaborado.

Alguns consideraram sua conversão como uma tentativa de salvar a pele; outros o acharam ainda mais louco, ou simplesmente interessado em sobreviver. Nenhuma dessas opiniões importava, pois parecia que ele não tinha alternativa senão assumir a tarefa que seu mestre morto lhe havia confiado. Isso foi confirmado pela maneira como o Céu o elevou com extraordinária rapidez a um alto posto, pois em poucos anos ele se tornou conselheiro da corte onde tentava influenciar assuntos de Estado de acordo com princípios esotéricos. Infelizmente, isso não funcionara. E ali estava ele, um alfaqui aposentado em Zeona. Que outros resolvessem os problemas judeus. Ele se esforçara ao máximo para evitar o Decreto do Exílio. A questão agora era: o que viria a seguir?

Seus pensamentos foram subitamente interrompidos por um alvoroço nas ruas ali embaixo. Indo à janela, viu as pessoas se reunindo na praça para ver um cortejo que acabara de entrar na cidade. A princípio, pensou que era a comemoração do dia de algum santo desconhecido, mas logo reconheceu os hábitos pretos e brancos dos monges dominicanos e os uniformes da sua escola, a *Militia Christi*. Era o Santo Ofício da Inquisição. Essa era uma informação que não fora passada adiante pela central de boatos dos convertidos. A premonição de Hakim estava certa: os Cães de Caça dos Céus haviam chegado.

talentos? Uma profunda amargura afliu-lhe ao espírito, mas ele nada demonstrou, pois não queria ficar desmoralizado perante aquele apostata distinto. Felizmente, a tensão foi rompida pela voz de uma moça. Todos se voltaram para ver Raquel entrar com o servo Lorca, carregando uma terrina de sopa quente. A atmosfera do ambiente mudou, e todos, com exceção de Nahman, se viraram para ela. Dom Immanuel não deu prosseguimento àquela conversa achando que seria melhor não discutir com o judeu. Entremetidos, Ocana ajudou Raquel na limpeza da mesa, ao passo que Lorca, um pouco alegre devido a uma visita à taverna, quase entornou a terrina. Dom Immanuel tratou-o com bondade, o que o envergonhou. Mas esse incidente logo foi esquecido quando Avraham começou a criticar Cordovero por não achar um marido para sua filha. Raquel, todavia, respondia por si mesma.

— Quando eu e quem quer que seja ele estivermos prontos, então os Céus providenciarão para que nos conheçamos. Todos riram. Avraham então perguntou:

— E que tipo de homem você espera que os Céus lhe proporcionem, *doncella*?

Raquel inclinou a cabeça para um lado e pensou por um momento. Todos no aposento silenciaram, especialmente Ocana, cujos olhos nunca se desviavam dela.

— Gostaria de um homem muito diferente de mim, para despertar meu interesse, e que, no entanto, tivesse o coração igual ao meu.

O rosto de Ocana entristeceu-se.

— Onde você vai encontrar um homem assim? — perguntou Avraham, balançando a cabeça.

— É realmente difícil — concordou ela.

— Já conheci muitas pessoas que procuraram bem longe um sonho assim e acabaram por encontrá-lo na sua própria cidade — comentou Avraham, que conhecia os sentimentos de Ocana.

— Mas não eu. Eu o teria reconhecido imediatamente — disse ela.

— Esse nem sempre é o caso — murmurou Mora.

Raquel, sabendo que o doutor nunca se casara, retrucou não sem uma certa arrogância:

— Eu saberei.

Mora meneou a cabeça, duvidando de sua certeza juvenil. Porém, nada disse, pois ela lhe lembrava uma moça moura que ele havia amado e perdido há muito tempo. Dom Immanuel então concluiu:

— Acho que Raquel terá de descobrir tudo por si mesma. Enquanto isso, a sopa está esfriando.

Já houvera muita seriedade naquela noite, e esse era o momento de fazer todos voltarem aos assuntos terrenos. Logo as pessoas estavam conversando socialmente de maneira normal, e nada mais de significativo aconteceu, até que todos se foram, e dom Immanuel e Hakim ficaram sozinhos.

— Você permaneceu em silêncio a noite toda — disse Cordovero.

— Tive uma visão durante o debate — respondeu Hakim, depois de assentir com a cabeça.

Dom Immanuel valorizava os lampejos de profecia do cunhado.

— O que viu? — perguntou.

— Cães de caça na praça de Zeona.

Dom Immanuel estremeceu.

— Creio que isso foi induzido pelo nosso visitante — prosseguiu Hakim.

Cordovero inclinou a cabeça pensativamente.

— Não há maneira de evitar a sua volta? — perguntou Hakim.

— Nenhum! Você sabe que é proibido negar o acesso de qualquer pessoa a um grupo, a não ser por quebra de confiança.

— Nahman é inteligente, mas não tem nenhum discernimento para o espírito da Obra.

— Não obstante, da mesma forma como a sua visão, ele foi enviado por um motivo que, sem dúvida, se revelará. Portanto, devemos aceitar o que quer que venha a significar a sua vinda.

— É a Vontade de Deus — concluiu Hakim em árabe.

VIII

No dia seguinte, um pouco antes do meio-dia, dom Immanuel estava sentado sozinho no seu gabinete de estudos. Na mesa, havia o seu horóscopo. A seu lado, um jogo de tabelas astrológicas pelas quais calculava as posições do momento dos corpos celestiais. De acordo com sua análise, havia uma importante configuração planetária nos céus que devia exercer uma poderosa influência sobre a terra. Durante o último mês, ele observara uma perceptível mudança na situação geral. Toda a Espanha,

na realidade toda a Europa, estava esperando pelo fim da guerra em Granada. A excitação era bem palpável. Por seus cálculos, Granada cairia quando Marte entrasse em conjunção com Saturno, em Escorpião. Essa culminação da reconquista da Andaluzia precipitaria uma extraordinária mudança, pois uma época da história estava terminando.

Analisando seu próprio mapa natalício, ele estudava o modo como a situação cósmica poderia afetar sua vida. A conjunção que se aproximava o colocaria sob a mesma ordem de transformação. Poderia variar desde a volta para casa novamente... até sua morte. Era difícil ter certeza, pois embora a astrologia permitisse uma certa penetração em seus segredos, não era absolutamente confiável, pois havia muitos aspectos imponderáveis, especialmente nessa configuração. Ele sentira que algum evento fatal estava se aproximando desde sua chegada a Zeona. Entretanto, não fazia a menor idéia do que se tratava. Era como se estivesse sendo impedido de saber o que devia esperar.

Dom Immanuel olhou pela janela, além da qual o sol de novembro descia sobre as montanhas, e refletiu sobre sua vida, que chegaria ao seu quadragésimo ano no Natal. Nascido numa família de rabinos em Córdoba, fora treinado na tradição até tornar-se um erudito de certa notoriedade. E todavia, apesar de toda a sua cultura, ele sentia que de nada sabia. A Tora — as Escrituras — era discutida, porém nunca fora vivida por ele. Falava alguma coisa. Ele levava uma vida rigorosamente ortodoxa, mas isso não era suficiente. Desejava saber o que estava por trás de tudo. Certo dia, conhecera um homem que sentiu possuir os conhecimentos que desejava. O homem não era rabino, mas sim um prateiro; no entanto, respondera a determinadas perguntas com tal clareza que ele o importunou até conseguir a permissão de juntar-se a um discreto grupo de estudos que se reunia na periferia de Córdoba. Ali entrou em contato com o aspecto místico do judaísmo que nunca poderia ter sido obtido mediante livros. Isso modificou sua vida. De repente, nada mais era tão importante quanto a cabeça. Negligenciou seus estudos formais e foi repellido por isso. Não obstante, seguiu sua própria inclinação, pois estava mais interessado no esotérico do que no exotérico. Um segundo ponto de virada aconteceu quando ele conheceu um sufiita muçulmano na casa do seu professor. Isso não somente ampliou seu círculo esotérico, como o levou a entrar em contato com Hakim e sua futura esposa, Refia, que eram o filho e a filha do sufiita. Seu subseqüente caso de amor e casamento com Refia causou uma gran-

— Há uma Guerra Santa sendo travada nesta terra. Sabemos quem está certo, e quem prevalecerá.

Com essa afirmação, ele deu as costas e afastou-se de dom Immanuel. Muitos dos que observavam a confrontação entenderam o que estava acontecendo; porém o governador reuniu perto de si, naquele momento, todos os que concordavam com seu ponto de vista. A linha de combate entre a tribo e a verdade foi traçada.

A saída de dom Faderique tirou as pessoas da inércia. Elas voltaram a conversar, enquanto os músicos pegaram seus instrumentos e a dança continuou. Instantes depois tudo estava praticamente como antes, com as pessoas de volta ao clima de celebração. Apenas dom Immanuel conservou a silenciosa imobilidade daquele momento revelador. Todos os demais, eventualmente, foram alcançados por essa perplexidade ao tentarem lembrar o que haviam presenciado.

XIX

A comemoração do Ano-Novo aparentava continuar em seu avanço para a meia-noite como tradicionalmente. As pessoas comiam, bebiam, conversavam e dançavam. Em meio a tudo isso, o sonho de Raquel se manifestou. Coruña veio e soliditou parceria numa *parvana*. De repente, o episódio entre seu pai e o governador foi esquecido. Ela não se importava com mais nada, a não ser com a experiência de estar próxima daquela extraordinária criatura de cabelos dourados. Enquanto eles faziam os movimentos formais da dança, ela pensou: “Ele é um soldado da *Militia Christi*”. Raquel tremeu, mas então disse a si mesma que não havia nada em sua casa que interessasse ao Santo Ofício. Tudo estava certo. Devia afastar tais pensamentos e desfrutar a dança.

A medida que avançavam, seguindo o sinuoso padrão da *parvana*, Raquel examinou Coruña minuciosamente com olhares de esguelha. Ele era diferente de todos os outros homens que ela já vira. Em seu traje de veludo de cor azul intensa, com o colarinho branco de corte da última moda, ele era como o Adônis que havia numa pintura no palácio de Samuel Halevi em Toledo. Seu perfil era aquilino, e os olhos, como cristais azuis. O tom pálido da pele dava-lhe às feições castelhanas um aspec-

As comunidades judaica e moura não foram relativamente afetadas pela presença da Inquisição, pois pela lei não eram passíveis de exame. Não molestadas, ponderavam sobre a ameaça de expulsão do país que estava sendo discutida na corte. Esse problema não preocupava os mouros tanto quanto os judeus, que eram o alvo do teste da política de total catolicização da Espanha. Uma contramanobra estava sendo preparada pelos conselheiros judeus da rainha para obstruir a proposta; porém, os judeus de Zeona, assim como o resto de seus correligionários, duvidavam de seu sucesso. Isso os tornava ainda menos preocupados com os convertidos que tinham, afinal de contas, feito sua escolha.

Dom Immanuel cumpria todos os seus deveres sociais e religiosos de maneira impecável. Todavia, conhecendo por experiência os perigos do contato direto, evitava toda oportunidade de se encontrar com membros do Santo Ofício. Isso significava que Raquel jamais tinha a chance de ser apresentada ao jovem oficial de extraordinários cabelos louros. Era convidada por várias amigas para jantar com suas famílias, e com os oficiais, porém polidamente recusava, seguindo instruções do pai. Isso era difícil, pois sentia-se excluída de toda aquela excitação social. Na verdade, sua curiosidade sobre o homem estava atizada a tal ponto que Raquel se esqueceu do orgulho e perguntou às amigas como eram os oficiais, especialmente o que ela agora sabia chamar-se Howard de Coruña. Para sua alegria, a moça descobriu que ele manifestara interesse por ela. Uma cidade pequena tinha suas vantagens. Sua troca de olhares não fora imaginação. Desse modo, embora Raquel visse Coruña várias vezes, a distância, nunca se achava numa situação em que pudesse ser apresentada de maneira formal. Aceitava isso por estar convencida de que o destino eventualmente os reuniria. Se eles não podiam se encontrar na casa de uma amiga, existia sempre o tradicional Festival do Ano-Novo da cidade, onde, sabia, um antigo costume permitia aos jovens escolherem seus pares para a dança.

Na véspera do Natal de 1491, a comunidade cristã de Zeona se reuniu na grande Igreja de Santiago. Na frente da congregação estava o governador, seguido pelo prefeito e pelos burgueses. Dom Immanuel encontrava-se, como muitos outros cristãos-novos, entre os da classe média e os profissionais. Atrás deles, viam-se os comerciantes e suas famílias. Atrás de todos, encolhiam-se os pobres, tremendo de frio por causa da neve que o vento soprava pela porta. Também presentes estavam os três monges do Santo Ofício.

Frei Tomás decidira celebrar aquela véspera de Natal na cidade, e não na capela do convento, porque, além de querer que a presença da Inquisição fosse sentida, desejava fazer sua proclamação. Isso daria início à campanha deles. Depois de uma celebração com músicas de Natal, subiu ao púlpito para pregar a primeira lição. Houve um silêncio inusitado na igreja. Aquelle ia ser diferente do sermão de Natal que eles ouviam todos os anos do seu velho pároco. Quando todos os olhos estavam sobre si, frei Tomás começou:

— E Ellehes contou esta parábola: Qual homem dentre vós que, tendo cem ovelhas, se perde uma, não deixa as noventa e nove e sai à procura daquela que está perdida, até encontrá-la? Digo-vos que maior regozijo há no céu por um pecador que se arrepende que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.

Frei Tomás fez uma pausa e perscrutou a massa de rostos iluminados pelas velas bruxuleantes. Fora da igreja, o congelante vento castelhana castigava as rochas da cidade. Elle notou vários rostos de aparência semita na congregação. Quantos deles ainda estariam praticando sua velha religião?, pensou.

— E eu lhes digo, povo de Zeona — prosseguiu ele —, que o Bom Pastor ainda procura sua ovelha desgarrada. Que ninguém duvide do zelo da busca da Igreja. Ao pecador dizemos: “Confesse!” Ao fiel: “Leve-nos a essas almas perdidas. Ajude-nos a salvá-las. Seja um bom vizinho!” Essa é a minha mensagem de Natal.

Fez uma pausa, observando que, de repente, o estado de espírito alegre da congregação desaparecera. Considerou a reação solene como um respeito para com a majestade do Santo Offício. Estendendo os braços num gesto de misericórdia, concluiu, como sempre fazia depois do sermão:

— A Igreja concede um período de graça. Dessa forma, aqueles que pecaram podem se apressar e confessar-se espontaneamente. Ao Santo Offício não falta compaixão. Ele absolve e purifica todos os penitentes voluntários.

O frei fez nova pausa para avaliar o efeito. Um olho repuxava aqui, um lábio tremia ali. Vendo que atingira seu objetivo, baixou os braços num gesto de apelo, e disse:

— Qual de vós que, tendo cem ovelhas, se perde uma delas, não deixa as noventa e nove e sai à procura daquela que está perdida, até encontrá-la? Aqui termina a lição.

— Este é um momento histórico! — disse o governador, assentindo com a cabeça. — Com a queda de Granada, o último rei mouro desaparecerá. Esperamos muitos séculos para expulsá-los de volta para a África.

— Se eles se forem, perderemos nossos súditos mais produtivos. Os mouros sustentam em grande parte a nossa economia — disse dom Immanuel.

— Esta questão é de fé, não de riquezas — retrucou o governador.

Dom Immanuel notou que Ocana observava o encontro. Tendo falado da contenção da raiva, agora elle precisava demonstrar isso pelo exemplo. Disse, não completamente para o benefício do governador:

— Se cooperássemos com os mouros, poderíamos fazer surgir um tempo em que cada pessoa reparitria seus talentos para o proveito de todos.

Dom Faderique rechacou essa idéa.

— Impossível. Cada país lutaria para conseguir a hegemonia.

— É assim que tem sido até agora. No entanto, a espécie humana deve amadurecer e começar a agir dessa forma em algum lugar. Por que não aqui na Espanha, onde muitos povos têm existido lado a lado, durante séculos?

O governador balançou a cabeça.

— Considero a solução militar como a única maneira de purificar a Espanha e reunir seu povo novamente — disse ele.

— Purificar em que sentido? — indagou dom Immanuel.

— No sangue — disse o governador, levantando a voz. Não conseguia esconder mais a raiva. As pessoas que estavam por perto viraram-se para ver o que estava acontecendo. Subitamente uma conscientização do confronto se irradiou por todo o salão. Todos interromperam o que estavam fazendo. Os músicos pararam, e os que dançavam, não tendo melodia para dar ritmo a seus passos, ficaram imóveis. Todos os olhos voltaram-se para dom Immanuel e o governador. O cabalista, reconhecendo ser aquele um momento decisivo, disse, sabendo que todos estavam ouvindo:

— Não há sangue puro na Espanha. Isso é um mito. Veja os rostos ao seu redor. Todas as raças que vieram para esta terra podem ser vistas aqui. A única singularidade presente é a sua humanidade, e essa é a imagem de Deus. Nada pode ser mais puro do que isso, meu caro governador.

Dom Faderique olhava fixamente para o cristão-novo. Elle não entendera uma palavra do que fora dito porque não desejava fazê-lo. Pondo-se de pé bem ereto, declarou:

— Achei que seria interessante para você saber as últimas novidades sobre a barbaridade dos mouros — respondeu ele depois de um sorriso, enquanto dançavam.

Seu sangue árabe assomou-lhe a face. Isso agradou a Oviédo. Então, constatava, tinha poder sobre ela.

— O senhor esquece, capitão — revidou ela —, que os mouros introduziram a filosofia, a ciência e a arte neste país. Eles trouxeram novas técnicas ao comércio e à agricultura para transformar a Andaluzia num país próspero, enquanto os cristãos ao norte permaneceram primitivos. Se Granada foi reduzida a um tal estado de coisas, então digo que os sitiantes é que são os bárbaros.

Oviédo ficou impressionado com sua réplica mordaz. Ele conhecia a história. Todavia, antes que pudesse responder, a dança acabou, e ela deixou-o sozinho com a desculpa de que deveria voltar para o lado do pai. O capitão aceitou essa derrota tática polidamente. Ele podia esperar e destruir sua argumentação.

Quando Oviédo voltou para junto dos seus companheiros, Toro perguntou-lhe como se saía. O capitão respondeu que haviam conversado um pouco. Coruña questionou-se sobre o porquê de a moça tê-lo repudiado. Oviédo não estava disposto a dizer mais nada. Ficou mal-humorado, pois sabia que perdera sua oportunidade. Coruña, percebendo a disposição de ânimo do oficial, nada disse. O capitão poderia ser perigoso nesse estado e estragar qualquer prazer que pudesse ter com a companhia da *doncella*. Ele vinha cultivando um pouco do diálogo de olhares. Ela estava pronta, mas podia esperar.

Quando Raquel voltou para perto do pai, encontrou-o falando com o governador. Estavam trocando cortesias de conveniência. Depois de comentar amenidades, dom Faderique perguntou, puxando conversa:

— Quais são as novidades de Granada?

— Será que estou mais bem informado do que o governador da cidade? — replicou dom Immanuel.

O governador não interpretou bem esse elogio formal e respondeu:

— Você não tem acesso a tais assuntos? Seu primo, Pulgar, é ministro da rainha.

— Sim, mas ele não me conta o que não devo saber. Entretanto, ouço boatos.

— O que dizem?

— O rei Abdullah está, ao que parece, pronto para negociar uma rendição.

Foi uma congregação triste a que saiu da Igreja de Santiago. A mensagem de boa vontade para com todos os homens de várias nações de Natal fora estragada pela lição do dominicano. Dez bedoantes, assim como todos os sermões seguintes que foram obscurecidos pelo que o precedeu. Ninguém decidira conscientemente, mas as pessoas se afastavam dos convertidos e dos mouros. Alguns trocavam cumprimentos com eles, mas somente como formalidade. Frei Tomás alcançara o resultado que queria. Do lado de fora, a neve caía sobre a praça, e as pessoas não esperavam muito para ir embora. Nos degraus da escada da igreja, junto ao prefeito, estava dom Faderique, aceitando suas honras como governador, à medida que as pessoas saíam. Não estava disposto a abdicar do seu *status* por causa de um inverno castelhano. Acenava para várias pessoas e dizia gracejos com referência à estação. Quando dom Immanuel saiu da igreja com Raquel, o rosto do governador alterou-se.

— Que a paz esteja convosco, governador e *señor* prefeito. O governador fez um breve aceno, mas nada disse, e assim García, o prefeito, respondeu:

— Que o ano lhe seja próspero, excelência. — Ele admirava dom Immanuel por ser um homem que se fez sozinho como ele próprio.

— Será como Deus quiser — respondeu Cordovero.

— Foi um sermão solene para o Natal — comentou García, procurando puxar conversa.

— Somente para hereges e apóstatas — acrescentou o governador.

Dom Immanuel entendeu a insinuação, mas preferiu ignorá-la.

— As canções de Natal estavam bonitas, não, Raquel? — disse ele, virando-se para a filha. O governador, não querendo perder a oportunidade para embarçar um novo-rico, perguntou:

— García, o conselho tem uma relação dos convertidos de Zeona?

O prefeito balançou a cabeça em negação.

— Não importa — disse o governador, depois de resmungar —, pode-se reconhecer um converso pelo seu nome ou nariz.

Dom Immanuel pegou o braço de Raquel para ir embora. O governador, entretanto, ainda não terminara.

— Sem dúvida, existem muitos na corte que mudaram seu nome, bem como sua religião, para subirem na vida.

— É necessário mais do que um título para fazer um aristocrata — retrucou dom Immanuel.

— No meu tempo, um dom tinha de ser um soldado — disse o governador.

Dom Immanuel acenou afirmativamente.

— Esse tempo já passou. Hoje o país também precisa de administradores e diplomatas. A inteligência usada corretamente pode, em geral, conseguir o mesmo resultado que uma operação militar, que custa vidas.

O governador ficou irritado por essa óbvia referência à sua própria estupidéz militar. Ranguu os dentes, aparentando porém indiferença. As pessoas ainda estavam saindo da igreja. Pelo menos elas o consideravam um verdadeiro aristocrata. Dom Faderique odiava aquele cristão-novo e tudo o que ele representava.

— García — disse então —, o Santo Ofício examinou os registros da cidade?

— Sim, meu senhor, o capitão da *Militia Christi* já os examinou — respondeu o prefeito.

— É um oficial eficiente — observou dom Immanuel.

— Financistas judeus conseguem suas informações. Por que não haveria de conseguí-las o Santo Ofício? — disse o governador.

— A coleta de informações é parte do comércio internacional. Os Lombardos e os Medici têm os seus métodos. Entretanto, não se pode compará-los com as técnicas da Inquisição.

— O que você quer dizer com isso? — intimou o governador.

— Questiono, por exemplo, a aceitação de evidências anônimas.

Os olhos do governador cintilaram.

— O Santo Ofício não precisa de nenhum conselho da nossa nobreza.

Dom Immanuel inclinou a cabeça, mas enfrentou aquela furiosa investida dizendo:

— A Espanha ganha com uma aristocracia criada e grata à Coroa. A velha nobreza arruinou o país com suas guerras intermináveis. Acho que até o senhor, dom Faderique, concordará que há mais ordem agora no país.

O governador não respondeu. Dom Immanuel aguardou mas não esperava uma resposta. Curvando-se cortesmente, pre-

de qual era o tipo de Raquel. Ela não tinha somente beleza, mas também posição social, e isso estimulava sua ambição. Seduzir uma mulher desmazelada ou uma burguesa não era uma grande façanha, mas conquistar aquela *doncella* não seria uma proeza insignificante. Demonstraria seu valor e humilharia Coruña, ganhando acesso a uma família influente. Valeria o esforço.

Raquel sentiu a frieza de Oviedo. Ele possuía mais ousadia no dedo mínimo do que todos os rapazes de Zeona e, não obstante, ela não gostava dele. A moça admirava-lhe o jeito de dançar e os modos, que lhe lembravam dias agradáveis nas grandes casas da capital; no entanto, não conseguia enfrentar-lhe os olhos, que procuravam os seus. Havia algo de estranho nele. Não era repulsivo, mas também não era atraente, a despeito de sua elegância. Algumas das moças, Raquel sabia, eram fascinadas por sua fisionomia grave, mas ela o achava muito distante.

Ao chegarem ao fim da fileira de dançarinos, a moça percebeu que Ocana a observava de pé, ao lado do seu pai. Raquel sabia de seu interesse por ela; e porém, embora não lhe fosse indiferente, ele não era um homem galante. Pedro de Ocana era realista e humano demais. Howard de Coruña era um caso diferente — saía diretamente de um conto de trovadores.

Oviedo tentou ganhar a atenção de Raquel com conversa. Fez perguntas sobre a cidade e indagou há quanto tempo ela morava ali. Ela respondeu laconicamente. Isso o irritou. Ao notar que ela olhava para Coruña cada vez que passavam por ele, Oviedo ficou muito zangado, embora não o tivesse demonstrado. Resolveu que se não pudesse tê-la, então faria com que ela mordesse uma isca. E perguntou-lhe:

— Você já ouviu as últimas notícias de Granada?

Ela balançou a cabeça. Estava mais interessada em conseguir a atenção de Coruña.

— Os mouros estão no fim de sua resistência. Estão morrendo de fome.

Raquel balançou a cabeça em aquiescência. Isso não era novidade. Por que estaria ele lhe dizendo aquilo? Oviedo, contudo, tinha seus motivos. Ela era meio moura.

— Eles estão reduzidos a comer gatos e cachorros e, sem dúvida, uns aos outros. Afinal de contas, esses infelizes não passam de animais.

Aborrecida, Raquel esqueceu Coruña. Oviedo agora tinha a sua atenção.

— Por que está me contando isso? — perguntou ela.

Ele sorriu e respondeu, enquanto dançavam:

Ali estavam a Bela e a Fera. Como se podia relacionar tal combinação?

— É uma pena que o Santo Officio não veja as coisas desse modo. Eles julgariam Jesus se ele voltasse.

Dom Immanuel concordou.

— Como eles têm feito através dos tempos, e farão de novo — disse o cavalista, com profundo sentimento.

Mora ficou momentaneamente espantado com esse comentário, mas dom Immanuel nada mais disse, e ele ficou hesitante em perguntar mais. Ocana não percebeu o comentário, porque novamente havia perdido a objetividade ao observar Raquel sendo conduzida para fora do salão de dança, em direção a um canto escuro. Ele queria salvá-la, mas a disciplina o conteve.

Tendo conseguido a companhia de Raquel, Toro procurou iniciar uma conversa íntima com ela. Foi uma tentativa patética de sedução. Seu estilo era claramente emprestado, e ela achou sua postura repulsiva. A moça estava ali por causa de Coruña, mas pagava um preço por isso. Quando a abordagem de Toro começou a perder fôlego, ela sentiu muita pena dele. Entretanto, essa compaixão logo foi esquecida ao ver Coruña observando-os a distância, com seu oficial superior. Ele era de fato muito bonito. Toro, percebendo que não tinha nenhuma chance de sucesso, decidiu retirar-se antes de passar vergonha. Raquel estava encantada e observava-o com algum interesse, quando o tenente voltou para perto dos seus camaradas. Eles lhe deram pancadinhas na cabeça e claramente tentaram consolá-lo. Obviamente falavam a seu respeito, e ela sentia que alguma coisa estava para acontecer. Para sua surpresa, o capitão dirigiu-se para ela. Raquel desapontou-se, porém era um passo mais próximo de Coruña, pensou ela, e ambos foram dançar.

XVIII

O capitão Oviedo olhava para Raquel, enquanto dançavam. Em sua opinião, ela dançava bem, e ele admirava-lhe a graça com o senso crítico de um especialista. Enquanto se moviam entre os dançarinos, tentou atrair sua atenção. Entretanto, a moça sempre evitava seu olhar. Ele tinha poder sexual, mas este nem sempre funcionava sobre as mulheres, especialmente quando elas eram confiantes ou inocentes. Ele não estava bem certo

parou-se para sair. O prefeito, desejando abrandar a situação, perguntou:

— Dom Immanuel, podemos esperá-lo e à *doncella* na véspera do Ano-Novo no Alcázar?

— Sim, iremos — respondeu o cristão-novo, sorrindo. — Obrigado pelo convite da cidade.

Raquel assentiu afirmativamente com a cabeça, porém nada disse. Ela estava perturbada demais com a conversa. Um terrível temor a assaltara. Ela tremia, mas não de frio. Percebendo seu estado, dom Immanuel pegou-lhe o braço e disse:

— Excelência! Señor García! Um feliz Natal para ambos. Então afastaram-se cruzando a praça coberta de neve. Enquanto o pai e a filha dobravam a esquina em direção à rua que dava para sua casa o governador disse:

— Como homens com tal sangue alienígena podem ser leais à Espanha e fiéis à Igreja?

— Meu senhor — ponderou García, contagiado pelo espírito de Natal —, dom Immanuel é um bom homem. Seu comportamento com as pessoas é mais próximo do cristão do que o da maioria dos cristãos-velhos que conheço.

— Você o vê com bons olhos? — questionou o governador. — Meu senhor, ele tem feito muito por esta cidade desde que chegou. Quanto ao seu patriotismo, sua família, soube, vive na Espanha desde o tempo dos romanos.

O governador sacudiu a cabeça e disse bufando:

— Conversa fiada! Além disso, durante a maior parte desse tempo o país estava sob o domínio dos mouros. O fato é que não se pode confiar neles como verdadeiros castelhanos e cavaleiros cristãos.

Com essa observação, virou-se bruscamente e afastou-se, caminhando em direção à sua mansão na praça, deixando García perplexo. Este via ambos os lados. Enquanto o governador entrava em sua casa, o prefeito disse em voz alta, embora já não houvesse ninguém mais na praça para ouvi-lo, exceto um estranho mendigo de aparência bíblica, que observava e ouvira todos os acontecimentos:

— Dom Immanuel é filho de Deus. Esta cidade é abençoada com sua presença.

— É isso mesmo — disse o mendigo em hebraico antigo, enquanto desaparecia como por encanto. O prefeito não notou seu desaparecimento; mas até então ninguém, exceto dom Immanuel, notara sua presença ali.

Dom Immanuel estava sentado em seu gabinete de estudos, meditando, na hora que antecedeu o alvorecer do Natal. O momento do nascer do sol foi o minuto do seu nascimento, e ele realizava essa prática para conseguir um vislumbre de seu destino.

Voltado para o leste, dom Immanuel esperava o disco do sol aparecer, enquanto observava o avanço constante do signo de Capricórnio subindo no horizonte. Esse símbolo do inverno representava o nadir do ano, o ponto em que a Natureza estava em sua maré mais baixa e o Espírito podia se manifestar. O festival pagão do solstício marcava esse momento crucial, e dom Immanuel ponderou sobre seu significado com relação à Channukah, a celebração judia das Luzes que simbolizava o Espírito emergido da escuridão.

Enquanto aguardava o nascer do sol, começou a passar do estado de alerta físico para um estado de consciência mais profundo. Seguindo um método cabalístico, evocou uma conscientização dos quatro elementos dentro do seu corpo. Primeiro, sentiu o princípio da terra, sua solidez em seus ossos; em seguida, considerou o elemento aquoso no sangue que fluía em suas artérias. Conscientizou-se do elemento aéreo em seus pulmões e narinas, e do elemento fogo no calor do seu corpo. Então, contemplou sua alma vegetal e viu como ela comia e produzia excrementos. Era como uma grande planta dentro do seu corpo, que crescia e envelhecia em suas estações. Tomou um gole de uma taça de água e notou que o sol ainda não nascera.

Em seguida, dom Immanuel passou ao exame de sua *Nefesh*, a inquietante alma animal. Mesmo agora esta se mostrava impaciente, inventando uma dezena de razões para fazer algo mais excitante do que apenas ficar sentada. Ele lembrava suas lutas no treinamento de sua *Nefesh*. Ocasionalmente ela ainda soltava suas rédeas, como em seu confronto com o governador. Deferendera e atacara com habilidade, esquecendo-se porém que nada se vence com tais discussões. Balançou a cabeça. Algum dia seria um mestre de si mesmo?

Depois de verificar que o sol ainda não tinha nascido, dom Immanuel refletiu sobre sua alma humana. Embora os níveis inferiores estivessem conscientes no momento, essa alma estava consciente de toda a sua vida. Por meio dos seus olhos, podia perceber seu progresso de uma criança despreocupada a um

dro piscou enquanto experimentava essa realidade. De repente, o pequeno homem gorducho, que dançava com a mulher que ele amava, foi focalizado com nitidez. Se Raquel lhe tivesse sido destinada pelos Céus, ela viria; se não, nada que ele fizesse mudaria a situação. Ocana fez um aceno de cabeça em aceitação ao fato.

— Obrigado, senhor — disse ele, voltando-se para dom Immanuel.

Suas palavras, contudo, não conseguiram expressar sua profunda gratidão; sem a intervenção de dom Immanuel, ele poderia ter matado o pobre Toro.

Dom Immanuel sorriu e virou-se para Mora.

— O que você observa, doutor? — perguntou.

Mora ficou pensativo por um instante, enquanto olhava a multidão. Sua alegria superficial não o enganava, pois ele sabia que alguns dos presentes não chegariam ao fim do ano que se aproximava. Na verdade, um dos homens que via, que estava bebendo bastante, poderia nem mesmo alcançar o início do ano. Todavia, não era essa imbecilidade que lhe interessava, mas a manifestação dos planetas nas pessoas. Ele observava que todos os sete estágios planetários estavam presentes no início da vida, na infância, na adolescência, na juventude, no início da meia-idade, no fim da maturidade e na velhice; assim também eram os tipos lunar, mercuriano, solar, marciano, jupiteriano e saturnino. Ocana tinha claramente o temperamento marciano, ao passo que sua própria natureza séria era obviamente saturnina. Dancella Raquel, com sua rara beleza, era sem dúvida venusiana.

— Observo os vários tipos e estágios de cada planeta — respondeu ele.

Dom Immanuel gesticulou com a cabeça em aprovação e indagou:

— Você também não vê o estado de cada alma?

— Acho isso difícil. Talvez porque só percebe os níveis vegetal e animal na maioria das pessoas.

— Doutor, o senhor é demasiadamente cínico.

Mora ficou surpreso ao ouvir isso, conhecendo a história do seu professor. Dom Immanuel, pressentindo sua resposta, disse então:

— Talvez seja porque eu considere tudo como parte de um todo. Dessa maneira, nada pode ser separado de Deus, nem mesmo o mal, porque ele também tem sua finalidade.

Mora considerou a afirmação de dom Immanuel, enquanto observava Raquel e o oficial da Inquisição dançarem por perto.

todos, não estava de uniforme — e doncella Raquel, que era sem sombra de dúvida *la más bonita de la fiesta*, com sua graça oriental e o seu mais fino vestido de Toledo. Ela não estava consciente disso, pois se preocupava em esperar e procurar localizar Howard de Coruña. Vários jovens muniram-se de coragem para convidá-la a dançar, mas ela recusou, até que seu pai lhe lembrou que aquilo era descortês. Uma vez dançando, Raquel começou a descontrair-se e divertir-se. O primeiro contato indireto veio quando o rechonchudo tenente Toro da *Militia Christi* a tirou para dançar a *jota*. Ela aceitou porque sabia que esse era um sinal de que Coruña viria. De repente, tudo se tornou excitante. O movimento, o toque e o voltar da dança agora a entusiasmavam. De um momento para o outro, ela estava no meio da vida, experimentando sua juventude, seu poder feminino, e gostava disso. Dom Immanuel observava o ciúme de Ocana, enquanto ela ziguezagueava em meio aos dançarinos com Toro, quanto ela ziguezagueava em meio aos dançarinos com Toro, que usava um belo traje de veludo verde e prateado. Ocana odiava o modo como as mãos de Toro seguravam Raquel. Sentiu a raiva subir-lhe à cabeça até ouvir dom Immanuel dizer em voz baixa:

— Pedro, Pedro, onde está você?

Ocana, a contragosto, desviou o olhar de Raquel e do seu odioso par e fitou o chão, envergonhado.

— Em momentos como este — disse compassivamente dom Immanuel, pois conhecia a situação —, aplique o princípio de Marte para manter a paixão sob controle.

Ocana assentiu com a cabeça. Era difícil transformar a teoria em prática, mas ele deveria fazê-lo.

— O que é Marte no homem? — perguntou dom Immanuel. Ocana lembrou-se que esse era o regente do seu próprio signo, Escorpião.

— Representa a disciplina — respondeu ele.

— Então aplique-a — disse dom Immanuel.

O capitão respondeu como um soldado a uma ordem. Concentrou os sentimentos num foco controlado.

— Agora eleve-se do nível animal para o nível da alma — ordenou dom Immanuel.

Ocana respirou profundamente e sentiu uma mudança em seu estado interior. Então, tudo mudou em torno de si. Por um momento, sua percepção se expandiu para incluir todo o salão e todos os que estavam nele. Logo, percebeu, aquela cena desapareceria, deixando apenas um vestígio como todos os outros eventos que haviam ocorrido no Alcázar durante os séculos. Pe-

rapaz precoce, de uma juventude apaixonada até a maturidade. Esse quadragésimo aniversário parecia o solstício de sua vida. Isso ele aprendera naquela manhã.

Refletiu sobre si como um jovem rabino e lembrou-se do primeiro encontro com sua mulher. Era uma bela moça de linhagem beduína, com os olhos de longas pestanas das mulheres árabes. Aqueles olhos, contudo, continham mais do que charme feminino; revelavam uma qualidade de alma e a sensação de que os dois haviam sido companheiros numa outra época e lugar. De acordo com a cabala, as pessoas reconhecem seus consortes porque sua alma viu-lhe a imagem antes de nascer. Que sua mulher viesse a ser muçulmana foi uma completa surpresa. Ele lutara não somente contra a oposição de sua família, mas também com o judeu que havia em seu sangue. O conflito resolveu-se com a conscientização de que Adão e Eva não eram muçulmanos nem judeus, mas humanos. Seu noivado realizou-se na casa do seu professor. Este entendera o problema e os casara de acordo com uma imemorial fórmula esotérica de união. Não havia outras pessoas presentes quando o mestre dissera: “Que este casamento seja um símbolo e um testemunho de que todos são filhos e filhas de Deus”.

Enquanto dom Immanuel se lembrava da poderosa presença do espírito que havia descido, ele percebeu sua passagem para um diferente nível de existência. As dimensões do espaço em torno de si de repente se alteraram. Era como se ele se tivesse tornado consciente de todo o Universo. O tempo parecia ter parado. Mesmo o movimento dos céus cessou. Tudo se congelou em sua vinda à existência e em sua saída dela. Foi então que percebeu uma figura de luz de pé diante dele.

Dom Immanuel não conseguia ver o ente com clareza, mas sabia ser o mendigo que notara na praça, só que dessa vez não havia como se enganar a respeito de quem ele era pelas vestes, pelo cajado e pelos olhos de fogo. O cavalista só viu a aparição por um instante, e então ela sumiu.

— Agora chegou a sua hora. Prepare-se — disse uma voz bem no seu íntimo.

Então, o Universo passou a se mover novamente. As coisas começaram a envelhecer perante seus olhos, enquanto pouco a pouco o céu se pôs a girar. Foi nesse momento que dom Immanuel viu a crista brilhante do sol assomar no horizonte, com os raios inundando toda a paisagem para entrar no quarto e iluminá-lo, penetrando bem fundo em seu ser.

Dom Immanuel permaneceu sentado em estado de choque. Algo profundo entrara em sua vida. Ele não tinha idéia do que pudesse ser, porém sabia que treinara todos esses anos para isso. Agora o momento chegara. O próprio Elias viera para dizer-lhe. Era realmente o dia do seu nascimento.

XV

Engquanto os raios do sol iam avançando sobre as ruas de Zeona, Avraham e Nahman estavam sentados numa casa do bairro judeu. Por alguns momentos, descansavam de um debate que ocorrera durante toda a noite até o amanhecer. O quarto em que estavam era pequeno, cheio de livros e uma menorá. Era o refúgio de Nahman da pobreza.

Depois de apagar a vela com um sopro, Nahman disse:

— O fato é que dom Immanuel renunciou à sua fé.

— Não, não é isso — refutou Avraham, percebendo que talvez houvesse passado a noite de vigília em vão.

— Do meu ponto de vista, ele desertou das nossas tradições e do nosso povo — disse Nahman.

Avraham balançou a cabeça.

— Não confunda costumes com religião. Ele ainda adora o mesmo Deus.

— Você nega o que a Tora diz sobre os judeus serem os escolhidos?

Avraham colocou as mãos nos olhos. Estava desesperado para dormir.

— Fomos escolhidos para demonstrar o que pode acontecer de certo, quando obedecemos à Lei, e o que pode acontecer de errado, quando não o fazemos. Nossa história mostra muito bem isso. Nosso grupo de estudos não se preocupa com problemas tribais, mas sim com o desenvolvimento das pessoas. As reuniões são para ajudar no trabalho com a alma, ajudar-nos a assumir responsabilidades a fim de que as nossas ações possam ser conscientemente dirigidas para o serviço de Deus. Essa é a verdadeira finalidade da religião.

Nahman levantou as mãos em desespero.

— Não o entendo, Avraham. Você é um homem que já viu todas as maravilhas do mundo e, no entanto, é tão ingênuo! É totalmente governado pelo que esse homem ensina.

— Excelência — disse ele —, minha lealdade é primeiro para com Cristo.

Dom Faderique riu de satisfação. — *Señor* prefeito, vejo que temos o mesmo ponto de vista, quando a situação se apresenta em sua realidade.

García curvou-se com polidez mostrando submissão, enquanto intimamente sentia-se maculado.

Naquele momento, o governador viu o servo de dom Immanuel, Lorca, entrar no vestíbulo abaixo deles. A julgar pelo rosto do homem, ele poderia ter algumas informações úteis. Dom Faderique indicou que a conversa estava terminada; levantou-se e afastou-se do prefeito, com a mente concentrada no que Lorca poderia dizer-lhe. Pagara muito bem ao homem para espionar a casa, mas até agora ele não lhe fora útil.

Depois que o governador se afastou dele, García sentiu-se indisposto e aborrecido. Precisava ser prudente e aguardar os acontecimentos. Deveria sacrificar-se por causa de um convertido relapso — caso fosse verdade? Os Céus tomariam conta de dom Immanuel se ele fosse inocente. García levantou-se e desceu a escada que dava para o vestíbulo. Não era responsável por si mesmo. A vida continuaria como sempre; porém, soube que as coisas haviam mudado quando se pegou gritando para alguns trabalhadores. Todos os que estavam no vestíbulo se viraram para ouvir. Nunca o tinham visto perder a calma.

XVII

O festival no Alcázar ia bem adiantado no pôr-do-sol da véspera do Ano-Novo. O Grande Vestíbulo estava cheio de pessoas que comiam, conversavam e observavam as tradicionais *pavanas* e *quadrilles* sendo dançadas. À frente do vestíbulo, estava sentado o governador, rodeado por vários dignitários, inclusive o prefeito, com todas as suas prerrogativas do cargo.

Em ambos os lados do vestíbulo, sob os arcos dos balcões, as pessoas reuniam-se em grupos, cada um deles geralmente isolado dos outros. Um dos agrupamentos de pessoas, entretanto, era um amálgama. Não os convertidos que vieram para mostrar que faziam parte da comunidade cristã, mas o grupo que se reuniu próximo da entrada. Era composto por dom Immanuel, doutor Mora, capitão Ocana — que, para a surpresa de

— Vejo que prefere o nosso recém-feito cavalheiro — disse ele.

O prefeito sentiu a garganta secar. Na verdade, García admirava os cristãos-novos. Estes haviam sofrido e trabalhado, assim como ele, e por isso conhecia a dor e o prazer de suas realizações. Tinha pouco amor ou respeito pela velha nobreza que explorava o povo. Pelo menos dom Immanuel conseguira sua posição por seus próprios méritos.

— Devo dar crédito a quem merece. Eles têm ajudado o país de muitas maneiras — afirmou ele.

O rosto do governador encrespou-se.

— E o que algum dia fizeram por nós? — perguntou ele.

O senso de justiça do prefeito foi despertado e ele retrucou:

— Dom Immanuel tem dado seus talentos à cidade. Muitas pessoas procuram seus conselhos. Eu mesmo já me beneficiei de sua sabedoria. É um bom homem.

— García, você é meu amigo ou inimigo?

— Não lhe quero fazer oposição, meu senhor, mas o que digo é sentido por muita gente da cidade.

— E suponhamos que o seu modelo de virtude seja desmarcado como um judeu em segredo, ou um cristão infiel? Continuaria a apoiá-lo tanto?

García, de repente, percebeu que deveria tomar cuidado.

— Teriam que me apresentar uma evidência muito conclusiva para me convencer disso, meu senhor.

O governador assentiu. Se pudesse destruir a imagem que o prefeito fazia de dom Immanuel, então outros o seguiriam.

— A Inquisição logo poderá ter algum motivo para interrogá-lo — disse ele.

García ficou perturbado. Se isso acontecesse, ele não poderia apoiar dom Immanuel, pois estar associado a um apóstata tão proeminente poderia destruir a sua própria reputação.

— Excelência — declarou ele para proteger-se —, se dom Immanuel for culpado, então eu mesmo levarei o estandarte de Zeona à sua frente através da cidade, no caminho do seu auto-de-fé.

O governador aquiesceu. Esse auto-de-fé poderia significar a execução de dom Immanuel. Consequira o que queria.

— Cobrarei essa sua promessa, García.

O prefeito mordeu os lábios pelo que dissera, mas não se retratou, pois sabia que muitas pessoas da cidade invejavam seu sucesso e teriam prazer em ver sua queda, caso ele caísse com dom Immanuel.

Avraham pensou muito antes de responder. Como poderia ele convencer Nahman de que dom Immanuel mudara sua vida? Outrora, ele considerara todas as religiões como rituais formais praticados por pessoas que apenas seguiam as tradições de seu país. Conhecera todo tipo de crença durante suas viagens, e todas falavam, a seu modo, de Deus. Entretanto, embora muitos fossem sinceros em sua fé, nenhum deles conhecia o propósito do Universo. Somente um homem respondera às suas perguntas. Dom Immanuel podia não ser convencional, mas era obviamente um homem de conhecimento espiritual. Como poderia ele explicar isso a Nahman? Dom Immanuel uma vez dissera que uma pessoa apenas conseguia entender o que estava em seu próprio nível, e Nahman ainda estava no estágio do aprendizado em livros.

— Avraham, você não pode negar que dom Immanuel é apóstata — disse Nahman, voltando ao ataque.

— Nahman — retrucou Avraham —, você se tornou um inquisidor judeu?

Ao ouvir tais palavras, Nahman levantou-se e foi à janela. Estava irritado.

— Os judeus — afirmou apaixonadamente —, devem resistir à assimilação, ou deixarão de ser uma nação. Um número demasiado grande já se converteu. Trinta mil em Sevilha. Dez mil em Segovia. E por quê? Nem sempre por medo. Enquanto vivemos em guetos, dom Immanuel tem uma casa luxuosa. Estou preso à minha cadeira de sapateiro, enquanto ele viaja para onde e quando deseja. Tudo o que tenho como estímulo são mentes provincianas. É uma situação de total estagnação.

Avraham notou o ressentimento na voz de Nahman e sentiu pena dele.

— Foi por esse motivo que o levei à casa de dom Immanuel. O grupo o porá em contato com uma vida intelectual que lhe está sendo negada.

Nahman estava envergonhado. Criticara seu amigo por ter-lhe oferecido ajuda.

— Sinto muito, Avraham. Não quero ser ingrato a você. Perdoe-me.

Avraham indicou aquiescência. Com o tempo, Nahman perceberia do que se tratava o grupo. Pelo menos, podia aceitá-lo como uma situação de estudo.

— Dom Immanuel é um homem íntegro. Ele não se oporá ao que você julga ser a verdade, embora possa testá-lo.

— Então posso testá-lo da mesma forma? — disse Nahman, respondendo a esse desafio.

Avraham concordou.

— Como dom Immanuel considera Jesus de Nazaré? — perguntou então o judeu mais jovem. — Ele o aceita como o Ungido, como um cristão deveria fazê-lo?

O outro balançou a cabeça.

— Não posso falar por dom Immanuel. Isso você deve perguntar a ele.

Nahman concordou. O amigo franziu a testa, enquanto pegava a capa para sair.

— Não acho que tais questões façam parte dos nossos estudos — acrescentou ele. — Estamos preocupados é com os princípios do Messias dentro de nós, e sobre como eles poderão ser postos em prática.

— Avraham, eu me juntarei ao grupo, pelo menos para ter a certeza de que um companheiro judeu não venha a sofrer nenhum mal.

Avraham foi caminhando devagar para sua casa. Não estava feliz. Por que apresentara Nahman a dom Immanuel? Alguma coisa o compeliu a isso. Teria sido um bom ou mau impulso?

XVI

García, como prefeito, era responsável pela organização do festival anual que deveria ser realizado no Alcázar. Essa tradição remontava à época em que Zeona fora libertada dos muçulmanos, no dia do Ano-Novo, havia quase quatrocentos anos. Sua tarefa era a de coordenar, e nisso García era um mestre, porque ele já trabalhara com todos os níveis da escala social. Nasceu na parte pobre de Zeona, saíra da cidade para fazer fortuna. Apesar dos perigos da guerra civil que ocorria então, tornara-se um astuto negociante entre os dois lados. Quando veio a paz, já construíra um negócio de proporções consideráveis. Dessa forma, voltou para Zeona mais rico do que muitos dos seus superiores, embora ainda o vissem como um rapaz da periferia. Sua eleição como prefeito foi uma vitória pessoal. Ele dava mais valor a seu título do que à sua riqueza, pois aquele lhe conferia a posição social que tanto desejara. Isso fora intensificado por sua inspeção, ao lado do governador, do Alcázar,

para ver como iam os preparativos para o festival. Enquanto caminhavam em torno do grande pátio central, com suas colunas e sacadas mouras, dom Faderique foi chamado a ver as guardas decorativas e as mulheres arrumando as meias sobre cavalotes com diversas iguarias, ao passo que os artistas davam o acabamento final nos elaborados cortinados e faixas, e os músicos ensaiavam. Depois de cumprimentar formalmente os operários o governador manifestou o desejo de trocar umas palavras em particular com o prefeito. Quando estavam fora do alcance dos ouvidos, na sacada, dom Faderique disse:

— Gostaria de saber se tenho o seu apoio.

— A respeito de quê, meu senhor? — perguntou García.

— A respeito daqueles que pertencem a uma nação dentro de outra nação.

O prefeito não entendeu o que o governador queria dizer com aquilo. O governador franziu as sobrancelhas e acrescentou:

— Os judeus na Espanha.

García assentiu com a cabeça e ficou nervoso, pois pressentia o perigo. Dom Faderique observou essa reação, mas continuou:

— Perencemos à mesma ordem. Nossas famílias são de linhagem antiga.

O prefeito aquiesceu, porém nada disse, pois era estranho ser classificado entre a nobreza só porque era cristão-velho. O governador inclinou-se para a frente.

— Tenciono estar nosso *dom* judeu no que concerne à sua lealdade — disse ele.

— Dom Immanuel serve bem à rainha — comentou o prefeito, conhecendo a reputação do alfaqui.

— Talvez, mas todos sabemos o que as pessoas fazem para conseguir posição.

O prefeito se ofendeu com tal afirmação e decidiu defender dom Immanuel. Ele esperou.

— Falo do seu compromisso religioso — disse o governador. — Sua fé nunca foi questionada — reagiu García.

— Então deveria ser, se há evidência de que ele pode ser apóstata.

— O senhor tem a evidência? — perguntou o prefeito.

— Há suspeitas — disse dom Faderique, depois de rir.

— Com o devido respeito, meu senhor, isso não é suficiente — contestou García.

O governador olhou para ele de cima a baixo.

Raquel estava sentada em seu quarto, esperando ansiosa por seu encontro com Coruña. Ela ficara acordada a maior parte da noite, revivendo o tempo que passara com ele. À medida que se lembrava de cada momento, experimentava uma excitação perturbadora. Sentira-se atraída por outros homens antes, porém nunca com tal compulsão de entregar-se, embora nem ouvisse levar em consideração o que isso poderia acarretar. Uma vez, trocara um beijo num laranjal, mas quando o homem tentou desabotoar-lhe o corpete, ela fugira. Sua paixão fora ameaçadora demais. Agora estava se consumindo em desejo.

Enquanto refletia sobre seus sentimentos, ouviu o badalar do sino marcando o meio-dia. Faltavam ainda duas horas. Uma preocupação tão obsessiva assim lhe era desconhecida. Normalmente, Raquel gastava seu tempo lendo e trabalhando em seus bordados. Pensara no amor, e agora ele chegara. Howard de Coruña exercera um efeito extremamente especial sobre ela. Uma voz, em seu íntimo, dizia-lhe que o moço era um mulherengo, mas ela não lhe dava ouvidos. Seu amor o transformaria na criatura nobre que ela sabia estar escondida debaixo do seu estilo afetado. Com certeza, pensava ela, aquelas belas feições deviam expressar uma qualidade da alma. Tinha de ser assim. Seu pai lhe dissera que as aparências revelavam o homem. Estaria sendo tola? Reprimiu o pensamento e olhou para fora, por sobre os tetos cobertos de neve. Eles deviam se encontrar debaixo da ponte romana. Ali estaria frio e molhado. Ela precisaria de um agasalho extra. Isso frustrava um profundo instinto feminino. Sentia-se chocada ao perceber que ansiava por desempenhar o papel da cortesã para o libertino em Coruña, mas reprimiu isso também, enquanto sua mente dava vazão à fantasia. Procurou imaginar onde eles poderiam ficar sozinhos. Talvez houvesse uma casa vazia ou uma caverna no desfiladeiro, onde... aqui ela se deteve, senão teria de admitir que de fato estava preparada para enfrentar o teste da realidade.

Pouco antes das duas horas da tarde, Raquel disse ao cozinheiro que estava saindo para dar um passeio. Ela sabia que o pai faria perguntas sobre seu paradeiro, mas sair para um passeio sob o sol de inverno não causaria estranheza. Não tomara conhecimento do frio, a jovem passou apressadamente pelas ruas da periferia do bairro judeu e além do Alcázar. Diminuiu o ritmo dos passos ao passar pelo portão norte e ao atravessar

to extraordinário. Ela ouvira dizer que ele era meio inglês. A mistura fazia uma composição tão exótica que se tornava difícil não olhar para ele.

Howard de Coruña possuía muitas mulheres. Sua invulgar beleza masculina dava-lhe uma vantagem que ele admitia como natural. Entretanto, não considerava suas conquistas como o que realmente eram. Em sua mente, ele estava à procura da mulher definitiva, porém cada deusa em potencial fora uma decepção. Agora o jogo se tornara mais interessante do que o seu objetivo. Um dia, haveria de encontrar sua companheira. Entremeses, proporcionaria as emoções de que as mulheres espanholas careciam em sua vida resguardada. A arte da sedução era um passatempo agradável, em que ele saboreava cada caso, até que este começasse a ficar monótono ou sério demais. As viagens do Santo Ofício de cidade para cidade resolviam tal problema. A vida de um soldado nada tinha de permanente, embora três filhos bastardos reclamassem o uso do seu nome. Felizmente as crianças eram mantidas por seu irmão mais velho, que tinha condições para arcar com as despesas. Desse modo, embora não possuísse um título, ele iria se divertir, até encontrar sua conquistadora.

Enquanto Raquel dançava com Coruña, percebeu uma estranha sensação começar a nascer em si. Sempre que tocava nele durante a dança, alguma coisa, como se fosse uma chama, acendia-se em seu íntimo, fazendo-a sentir-se viva de uma maneira como nunca experimentara antes. Ela tomou consciência do próprio corpo ao se descobrir fazendo movimentos sinuosos em volta dele. Não conseguia entender o que a levava a comportar-se de um modo tão inusitado. Era como se estivesse sendo dominada por algo que emergia das profundezas de seu ser. Felizmente a formalidade da dança refreava o impulso, embora se pegasse virando para cá e para lá a fim de exibir o corpo. A todo momento Raquel evitava seu olhar penetrante, embora desejasse enfrentá-lo. Quando a *pavuna* chegou ao fim, estava completamente confusa. Que tipo de pessoa era ela: a recatada e ponderada moça ou essa mulher sensual que surgira de repente?

Coruña não foi embora quando a dança acabou, e convidou Raquel para subir com ele até a sacada. Enquanto assistiam a um saltimbanco que divertia as pessoas com muitas palhaçadas, ele iniciou sua campanha, perguntando:

— Meus amigos dançam bem?

Raquel polidamente fez um gesto afirmativo.

— Diga-me com franqueza, o que você achou? — perguntou ele mais uma vez.

Raquel ficou perturbada com essa pergunta.

— O tenente precisa de um pouco mais de prática — respondeu ela — e o capitão poderia talvez adicionar um pouco mais de sentimento a uma ótima técnica.

— Você quer dizer que Toro dança como um touro e Ovi-
do como uma cobra — disse ele, sorrindo.

Raquel riu nervosamente, embora não fosse de bom gosto ser tão familiar, especialmente às custas dos amigos dele. Havia um toque de crueldade no rapaz, mas ela ignorou esse pensamento, pois pusera-se a admirar-lhe as bonitas mãos, emolduradas por punhos de renda, e ansiava ser tocada por elas.

Coruña então começou a discorrer sobre a vida e sobre sua entrada na *Militia Christi*. Enquanto falava, tinha os pensamentos em outras coisas. Raquel possuía grande beleza. Suas feições eram árabes, embora o pai fosse judeu convertido. Ele podia perceber seus belos seios sob o vestido de brocado. Os quadris tinham a proporção certa em relação à cintura. Ela era perfeita, desde as suaves curvas das coxas aos cabelos trançados. Entretanto, havia alguma coisa que a tornava mais do que apenas uma bela mulher. Raquel possuía uma qualidade que ele nunca encontrara antes. Talvez, pensou, ela fosse a companheira que ele procurava.

Enquanto Raquel e Coruña conversavam na sacada, eram observados de baixo pelos companheiros dele.

— Nosso dom-juan conquistará a garota — disse Toro.

— Ele pode ficar com ela — afirmou Ovi-
do, enquanto Coruña se aproximava da moça. Toro lambou os lábios. Aquela demonstração de habilidade era muito mais interessante do que qualquer coisa que o saltimbanco podia oferecer.

— *Doncella* está sendo superada em esperteza — disse ele.

O rosto do capitão não movia um músculo, enquanto ele observava.

— Não sou a favor de mulheres culpas — acrescentou enquanto Coruña estendia a mão e a colocava no braço de Raquel. A moça não recuou.

— Ela não oferece resistência — murmurou Toro.

Ovi-
do assentiu, porém nada disse.

Ele a odiava por ver o charme de Coruña ser desperdiçado com uma mulher.

— Coruña a está deixando fora do juízo — comentou Toro, enquanto o amigo delicadamente enlaçava os ombros de Raquel.

são. Sorriu, ao retribuir a saudação que Ovi-
do lhe prestara. A coluna fez uma conversão e parou atrás do capitão, que se postara de frente para o aglomerado de pessoas. Quando todos na praça fizeram silêncio, ele desenrolou o papel e disse, com uma voz alta e estridente:

— Povo da paróquia de Santiago de Zeona, ouçam isto! Pela autoridade do inquisidor-geral do reino de Castela, hoje foi publicado um decreto, concedendo um prazo de trinta dias, no qual aqueles que cáíram nos pecados da heresia, apostasia, blasfêmia ou feitiçaria podem apresentar-se e confessar-se, certos de que, se o fizerem com sincero arrependimento, serão recebidos misericordiosamente.

Ovi-
do fez uma pausa aqui, por um momento, para permitir que o significado do que dissera causasse seu pleno impacto. Enquanto o bafo de sua respiração subia-lhe ante o rosto, ficou a grande multidão que agora estava à sua frente. Ninguém se movia. Esperavam sua palavra. Ovi-
do deixou-os em silêncio durante algum tempo.

— Todos os que se confessarem serão interrogados — continuou ele. — Todos os que forem descobertos depois do período de graça ter expirado podem, entretanto, reconciliar-se ainda, caso confessem suas faltas, e os pecados de outros. Finalmente, a misericórdia da Igreja se estenderá até aqueles que se confessarem após impenitência. Publica-se neste primeiro dia de janeiro do ano do Nosso Salvador de mil quatrocentos e noventa e dois. Assinado: frater Tomás, inquisidor do Santo Ofício.

O capitão abaixou o rolo devagar e, virando-se bruscamente, marchou até a porta da igreja, onde pregou a mensagem. Ao voltar para sua posição, deu uma série de ordens breves e secas. Os soldados então marcharam para fora da praça e o povo se reuniu em torno da mensagem, embora a maioria deles não soubesse ler.

Enquanto a coluna retornava para o convento, Coruña pensava em Raquel. Tinha encontro marcado com ela logo mais, durante a tarde, quando ficaria de folga. Não dissera o local para os companheiros, pois sentia-se estranhamente relutante em falar dela. Essa reticência fora notada por Ovi-
do e Toro. Coruña geralmente se gabava da técnica específica que iria aplicar. Era um ritual. Enquanto davam folga aos soldados no convento, Coruña via com apreensão o encontro romântico que estava por vir, e seus companheiros o observavam com crescente interesse.

quanto Toro e Coruña os preparavam. Oviedo sentia o frio, mas não deixava transparecer. Acreditava que os superiores hierárquicos deviam demonstrar domínio de si mesmos para seus subalternos. Essa necessidade era sua obsessão. Para os seus homens, ele era um enigma. Toro e Coruña conheciam-no melhor, mas se conluiaram a fim de manter o capitão feliz no seu jogo de mesquinho poder. Enquanto esperava, Oviedo admirava Coruña em seu uniforme branco e preto. Por um momento, ele se distraiu, mas sua atenção foi logo despertada por Toro, que com a espada lhe fez uma saudação especialmente ruim.

— A tropa está pronta para o seu comando, senhor!

Oviedo retribuiu a saudação de modo impecável e deu o sinal para o início da operação. Uma fileira tripla de soldados ficou atrás dele com os dois oficiais de cada lado da coluna, enquanto esta marchava pelas ruas atrás do estandarte do Santo Offício. Oviedo levava um rolo de papel que informava aos habitantes da cidade qual era seu dever como bons cristãos. Naquela momento, ele era um comandante investido dos plenos poderes da Inquisição. Enquanto janelas e portas se abriam para ver a passagem dos soldados, uma fantasia nasceu na mente de Oviedo, na qual se via à frente de um grande exército retomando a grande cidade de Constantinopla dos turcos.

Coruña marchava a passo lento. Sentia-se cansado por não ter dormido. A armadura e os equipamentos estavam pesados. Ficava acordado a maior parte da noite, pensando em Raquel. Ela lhe tocara o coração. Ele namorara muitas mulheres, mas nenhuma havia lhe causado esse efeito. Seria ela diferente das outras? Raquel parecia ter uma estranha qualidade que ele nunca encontrara antes. Enquanto a *Militia Christi* marchava em direção à praça, sua imagem o perturbava, deixando-o perplexo.

Toro gostava de desfilar. Era a única ocasião em que alguém o notava. Vestido com o fardamento completo, a pequena pança escondida, sentia ter o dobro do tamanho. As moças pelas quais eles passavam olhavam-no de um jeito novo; pelo menos, ele assim imaginava. Em tais momentos, Toro realmente era soldado e oficial.

Enquanto Oviedo levava a coluna para a praça, as pessoas saíam para vê-los. Os judeus e os mouros não saíram, permanecendo em seus guetos. Para eles, era suficiente ouvir o som dos tambores da *Militia Christi*. Não havia convertidos na praça. Eles ficaram dentro de suas casas, olhando de suas janelas.

Assim que a coluna atravessou a praça coberta de neve e se aproximou da igreja, o governador saiu à sacada de sua man-

— Depois será sua indubitável virgindade — disse Oviedo, desviando os olhos. Aquilo lhe causava náuseas. Toro estava trespassado pela operação. Sacudiu a cabeça admirado.

— Ele é como uma chama atraindo uma mariposa — disse ele.

Oviedo observava o prestidigitador manipulando bolas de prata. Ele não precisava olhar. — Talvez nosso herói é que seja queimado — ponderou ele. — Vejo que não é indiferente para com essa bela *doncella*. Sim, esse envolvimento pode ser aproveitado para um fim útil.

Toro não entendeu nem se importou com o que Oviedo queria dizer. Estava preocupado demais em assistir à cena em que Coruña se inclinava para a garota. Toro mordeu os lábios. Raquel não se moveu. Ela fechou os olhos, mas não se afastou. Toro deu um puxão no braço de Oviedo. O capitão virou-se a tempo de vê-los se beijando.

— Ele a terá, mas deverá pagar um preço por isso.

XX

Dom Immanuel estava ciente de que alguma coisa estava acontecendo com Raquel, embora não a estivesse vendo. Isso não era incomum, pois dentro dele começara a se desenvolver uma faculdade psíquica que lhe permitia perceber eventos que estavam além da visão natural. Ele conhecera pessoas que a possuíam. Agora ela estava sendo despertada nele. Seu mestre disse que isso emergia como resultado da evolução interior.

Ele vasculhou o salão com os olhos, mas não a viu; pressentindo perigo, focalizou seu olho interior; no entanto tudo o que percebeu foi uma sensação de tensão. Refletiu por um instante e depois se lembrou do mapa astral do dia do nascimento de Raquel. Naquele dia, o sol e o planeta Vênus formavam um ângulo crítico com sua quinta casa. Isso podia precipitar um encontro íntimo. As condições eram apropriadas para isso. Ocana também estava ansioso a respeito dela. Dom Immanuel sabia o que ele sentia por sua filha. Um tal partido o agradaria muito. Seus horóscopos coincidiam em vários pontos. Todavia, claramente o tempo certo não chegara. Raquel ainda era uma menina. Talvez a tivesse educado bem demais. Talvez aquela configuração celestial propiciasse uma maturação precoce. Ela

tornara-se bem mais mulher no outono. Estava madura para a transformação.

Contudo, ele ainda era seu pai e pensava no que deveria fazer. Não era correto que a protegesse da vida, mas esse poderia ser o momento adequado para Ocana agir.

— Pedro, por que você não convida Raquel para dançar?

Ocana aceitou a solicitação levando em conta que tudo o que dom Immanuel dizia era uma instrução. Saiu para cumprir a sua ordem muito fortalecido pela autoridade de dom Immanuel, embora temesse a rejeição de Raquel caso a convidasse para dançar por conta própria. Isso era muito estranho num homem que já enfrentara a morte. Depois ele se apaixonara pela moça na primeira vez em que a vira na praça. Esse fato neutralizara seu método usual de tomar a ofensiva no amor. Quando descobriu que ela era a filha do seu mestre espiritual, ficou encantado. Vê-la todas as semanas, depois das reuniões, só aumentava seu amor, pois ela possuía um conhecimento inerente ao Espírito que poucos tinham. Ocana sabia que a moça estava destinada a ser a sua esposa, mas ela ainda não se dera conta disso e, infelizmente, o rapaz ansiava por ver Raquel considerá-lo como algo mais que o discípulo do seu pai.

Enquanto abria caminho na multidão, seu coração doía de ansiedade. Pela primeira vez não sabia como agir. Ele não tinha talento para fazer uma verdadeira corte, embora já houvesse tido seu quinhão da paixão. Não era proprietário de terras, nem possuía dinheiro ou boas maneiras. Nada tinha a oferecer além de si mesmo. Estava completamente apaixonado pela moça, e ela não sabia disso. Dom Immanuel não parecia desaprová-lo como pretendente. Mesmo assim, isso não significava que alguma coisa iria acontecer entre ele e Raquel. Sentia-se desconsolado enquanto procurava o seu rosto entre os outros.

A experiência de ser beijada por Coruña perturbara Raquel. Ali estava o homem pelo qual esperara, e ele acabara de beijá-la. Ela não conseguia acreditar naquilo. Olhava para o rosto dele. Por um instante, enxergou claramente. Suas feições eram duras, não obstante, tinham grande beleza, uma extraordinária simetria. Pensando tratar-se de imaginação, rejeitou o que intuía e levantou-se enquanto recuperava seu senso de decoro. Ansiava por tocá-lo e, no entanto, afastou a mão da dele. Recuou dois passos, como deveria fazer uma boa *doncella*, e fingiu bater em retirada. Coruña respondeu a essa manobra com uma retirada táctica.

— *Doncella*, espero não tê-la ofendido!

— Só desejo saber a verdade — afirmou humildemente frei Juan, após curvar-se. Não é essa a finalidade do Santo Ofício?

Frei Tomás colocou a mão no capuz do jovem monge.

— Sua inocência o cega — disse ele. — Com o tempo, aprenderá a confiar no nosso julgamento e a apoiar-se em nossa experiência.

— Pela Sagrada Cruz — disse então frei Pablo —, lembre-se do seu voto de obediência. Acautele-se, meu jovem irmão; essas questões podem levar à dúvida e depois à condenação.

Frei Juan curvou a cabeça bem baixo, em submissão. — Perdoe-me. Não sei o que se apossou de mim. Procurava apenas entender nosso trabalho.

Frei Tomás levantou a cabeça de frei Juan.

— Nesta obra de salvação — aconselhou ele —, fique bem firme sobre a Rocha da Fé, para que nada possa abalá-lo. Seja fiel ao compromisso com o Santo Ofício. Não permita que as desculpas dos empedernidos jamais o desviem do seu objetivo, nem deixe que os gritos dos condenados lhe seduzam o coração. Esse é o grito do demônio ao ser desalojado. Não se canse na perseguição ao mal até o fim. Lembre-se de que a estrada dá ao apóstata e ao herege a possibilidade da salvação, pois o ato da queima o liberta de seu corpo endemoniado. O Santo Ofício não tem uma missão fácil. Deve ser severo para poder salvar almas.

Frei Juan assentiu. Ele podia ver a lógica por trás do que eles tinham de fazer, mas seu coração achava difícil ser indiferente ao sofrimento. Frei Tomás disse que deviam rezar por orientação em seu grande encargo. Ao se ajoelharem, frei Juan concluiu que eles deviam estar certos, ou tudo o que a Igreja representava estava errado. O Santo Ofício tinha sua finalidade. Ele precisava aprender a obedecer, mesmo achando difícil aceitar seus métodos.

XXXV

Do lado de fora do Convento de Vera Cruz, a *Militia Christi* fazia ordem unida na neve, em preparação para a marcha até a cidade onde a proclamação da Santa Inquisição deveria ser pregada na porta da Igreja de Santiago. O capitão Oviedo estava de pé, à frente das fileiras de soldados que tremiam de frio, en-

poderia levar à descoberta de outros apóstatas que talvez estivessem praticando rituais judeus. A única outra evidência que tinham eram várias cartas anônimas denunciando diversas pessoas, algumas das quais cristãos-velhos. Frei Juan estava perturbado por estas, pois eram obviamente verdadeiras epístolas de calúnias. Quando questionou sua veracidade, frei Tomás disse:

— Informantes nem sempre são precisos; no entanto, são úteis porque, às vezes, há alguma informação válida em suas acusações.

Frei Juan fez um aceno de aquiescência, mas parecia não ter ficado convencido.

— Esses são bons cristãos que agem como vigilantes onde há conversos — disse frei Pablo, surpreso com sua dúvida.

— Os acusados têm permissão para questionar os informantes? — perguntou frei Juan.

Frei Tomás balançou a cabeça.

— Não. Acusadores precisam ser protegidos, caso contrário talvez omitam informações que possam levar a uma condenação. Alguns apóstatas fazem qualquer coisa para esconder seu crime.

Frei Juan sentiu que não deveria insistir mais. Entretanto, o procedimento parecia contrário à justiça natural. Frei Tomás, percebendo sua perplexidade, disse então:

— Não ouviu falar de como alguns apóstatas tentam comprar o silêncio dos seus acusadores?

— Especialmente nas classes sociais mais altas — acrescentou frei Pablo. — Muitos aristocratas corruptos, tendo casado com ricos convertidos, chegam a tentar protegê-los com o assassinato.

Frei Juan franziu a testa. Ele não conhecia o mundo e os seus caminhos, mas sentia que alguma coisa estava errada. Colocou, por curiosidade e franca sondagem, uma questão que o deixara perplexo durante algum tempo.

— É verdade que frei Torquemada tem sangue judeu?

Frei Pablo, que tinha o mesmo problema, ficou indignado com essa impertinência e esbravejou:

— Você julga o inquisidor-mor, o exemplo vivo da nossa ordem, que todos os dias prova dez vezes ou mais a profundidade de sua convicção?

Frei Tomás interveio para acalmar frei Pablo e proteger frei Juan de reflexões tão perigosas.

— Os antecedentes do inquisidor-mor não são importantes. É a lealdade espiritual das pessoas que nos diz respeito.

— Senhor, acho a liberdade que tomou um pouco atrevida.

Coruña curvou-se num gesto de reverência. Ela não se moveu. Estava começando a gostar do jogo, mesmo sendo ele perigoso. Nenhum jovem de Zeona ousara aproximar-se dela. Era excitante. Nesse ponto, um pensamento aflorou-lhe à mente. Seu pai uma vez dissera: “Deve-se experimentar tudo o que a vida apresenta”. Essa frase apoiava o que quer que pudesse fazer. Seu pai não contradiria sua própria filosofia. Na verdade, ele casara-se com uma moça moura com base nessa regra. Seria muito correto que ela seguisse seu exemplo. Nesse momento, tomou sua decisão. Puxando o manto em torno de si, ela andou em direção às escadas. Devia agir pelo menos com a aparência de uma dama. Coruña seguia-a a uma distância discreta. Ele estava contente. A moça estava executando o habitual padrão de pré-aceitação, de falsa indiferença. Com o tempo, cairia como uma ameixa madura. Quando chegaram aos últimos degraus, ficaram durante alguns instantes observando os dançarinos. Raquel estava odiando ter de separar-se dele. Hesitava em ir, contudo, não ousava encarar-lhe o olhar. Sentiu-se trespassada por sua beleza radiosa.

Quando Ocana os viu no fim do salão apreciando os dançarinos, sua garganta ficou seca, pois percebeu algum tipo de ligação entre os dois. Pôs-se atrás de uma coluna, até poder conter os sentimentos despertados. Disse a si mesmo que a alma animal não via nada além do imediato, mas mesmo assim foi difícil reprimir-se. Enquanto os observava do seu ponto privilegiado, pensou em como eles se pareciam com uma imagem de um manuscrito ilustrado. Isso o perturbou, pois havia uma estranha irrealidade presente. Talvez fosse o frescor da juventude que lhes emprestava aquele brilho. Sua mão subiu até a própria bochecha, e sentiu a cicatriz de espada na pele enrijecida pelas campanhas. Há muito tempo deixara de ser um rapaz de rosto liso e viçoso. Talvez tivesse de esperar até que Raquel perdesse sua inocência. Esse era um estranho pensamento, mas seu pai uma vez dissera que ela poderia vir a sofrer muito por causa da sua beleza. Ocana balançou a cabeça. A senda espiritual às vezes parecia tão injusta! Tudo o que sabia era que devia fazer o que era certo, embora isso despedaçasse seu coração.

Enquanto dom Immanuel e o doutor Mora observavam o festival, dois homens caminharam em direção a eles. Mora, percebendo que ambos eram conversos, discretamente se retirou. Um dos homens, o mais desembaraçado, apresentou-se.

— Dom Immanuel, meu nome é Martín López, e este é Sancho Mendoza. Somos correligionários, creio.

Dom Immanuel fez um gesto de afirmação, porém nada disse. Era extremamente perigoso dizer qualquer coisa que pudesse ser interpretada incorretamente. A Inquisição também tinha informantes conversos. Esperou que o homem continuasse, enquanto o companheiro se certificava de que não estavam sendo ouvidos.

— Nós, cristãos-novos, estamos numa posição difícil. Nada do que fazemos é aceitável para quem quer que seja — contou López.

O outro homem concordou com um gesto de cabeça. Era uma alma bondosa, mas tímida. Dom Immanuel compadeceu-se dele, no entanto tinha alguma reserva quanto a López, que era oportunista. Sua conversão calculada dera-lhe um conforto material que, ao que parecia, achava estar sendo ameaçado. Mendoza era um caso diferente. Sua família convertera-se sob coação, mas era evidente para dom Immanuel que ele ainda praticava a religião dos seus antepassados. Com a Inquisição em Zeona, ele tinha motivo para preocupação. Dom Immanuel fez um sinal de cabeça para Mendoza, porém nada disse. O homem sabia que dom Immanuel adivinhava qual era a situação.

Sem perceber aquele silencioso intercâmbio, López prosseguiu em seu relato sobre os conversos e sobre como eles eram um novo tipo de gueto. Pessoas que tinham título como dom Immanuel eram aceitas, mas não os outros níveis da sociedade convertidos. Eles ainda estavam isolados, mesmo em Zeona, onde haviam vivido confortavelmente durante muitos anos.

— O que podemos fazer? — perguntou Mendoza nesse momento. — Como podemos nos proteger à luz desta nova ameaça? — Ele se referia ao Santo Ofício.

— Talvez todos os conversos devam se unir e lutar — sugeriu López.

Dom Immanuel balançou a cabeça em desaprovação.

— Isto somente agravará o problema.

López cerrou os punhos.

na que teriam de escolher entre o bem e o mal que estava surgindo na cidade. Tendo apaziguado a consciência, García retirou-se. Não queria ficar em relações demasiadamente estreitas com o principal convertido da cidade. Devia proteger sua posição penosamente conquistada e conduzir as festividades até um final ordeiro.

Mais tarde, dom Immanuel e sua filha foram para casa, andando pelas pedras do calçamento da praça banhadas pela neve, em silêncio. A noite estava clara, e podia-se ver a grande conexão de Órion com o olho vermelho-sangue do planeta Marte acima dela. Nenhum dos dois fez comentário algum sobre o brilho ou significado deles, pois ambos se concentravam profundamente na contemplação do futuro. O Ano-Novo chegara, e pai e filha estavam apreensivos quanto ao que ele reservava, embora por razões bastante diferentes.

XXIV

No primeiro dia do Ano-Novo, os monges do Convento de Vera Cruz avaliaram a situação na cidade. Frei Tomás e frei Pablo examinaram as evidências recolhidas até então, enquanto o seu aluno inquisidor, frei Juan, observava. Em primeiro lugar, consideraram a estrutura social e religiosa geral de Zeona. Esta era composta de cerca de seis mil cristãos-velhos, trezentos judeus, mil mouros e cerca de setenta cristãos-novos, dentre os quais quarenta de origem moura e o restante ex-judeus convertidos. Os cristãos-velhos eram de pouco interesse, porque o movimento protestante ainda não afetara a Espanha. Os mouros e os judeus não estavam na pauta da Inquisição. Os de origem moura deviam ser ignorados, a não ser que surgissem evidências graves de deslealdade da parte deles antes da queda de Granada. Os convertidos eram outro caso. A *Militia Christi* os identificara e tomara nota de seus endereços, e a observação dessas casas produzira algumas evidências suspeitas. Pelo menos uma das residências não apresentara fogo em casa num dia de sábado, dia do antigo sabá judeu, o que sugeria que seus moradores podiam estar seguindo ainda o velho Código Mosaico. Embora isso por si não fosse um fato conclusivo, notou-se que a família também usava roupas limpas naquele dia. Não obstante, os monges decidiram esperar. Mais tempo de vigiância

— Talvez agora — comentou dom Immanuel, que notara a situação —, mas ele não tem a profundidade de que Raquel precisa, e que Ocana pode dar.

Mora ficou impressionado com a objetividade de dom Immanuel.

— O amor é irracional. E se Raquel escolher o rival de Ocana? — perguntou ele.

Dom Immanuel fez um gesto de assentimento. Porém disse:

— Ela verá nele a imagem do amante, mas depois descobrirá que aquele não é o homem certo. Será uma iniciação dolorosa, mas vital. Como Raquel é taurina, deve experimentar sua natureza venusiana. Quando tiver controle sobre sua paixão, então estará pronta para o seu complemento zodiacal.

— E Ocana é de Escorpião — observou Mora.

Dom Immanuel assentiu.

Nesse ponto, o prefeito os abordou. Mora, notando que García desejava falar em particular com dom Immanuel, retirou-se. — *Doncella* está se divertindo — comentou o prefeito.

Dom Immanuel assentiu e esperou.

— Zeona é provavelmente uma cidade monótona para ela, depois de ter conhecido Toledo.

— Tal monotonia tem suas vantagens — disse dom Immanuel.

— Excelência — disse García, após uma pausa —, um assunto discreto.

O cavalista deu-lhe toda a sua atenção.

— Chegou ao meu conhecimento, por boatos, que certas pessoas querem prejudicá-lo.

Dom Immanuel balançou a cabeça, porém nada disse.

— Excelência, quando eu era jovem não havia lei, mas sim a força. Lembrou-me de como a velha aristocracia nos usava, o povo comum. Portanto, sou grato àqueles como o senhor, que representam um melhor tipo de governo. Não me importo se um homem é cristão-novo. Só desejo paz e justiça.

Dom Immanuel ficou em silêncio. A declaração era franca, mas havia algo por trás dela de aparente boa vontade. García, não vendo reação, prosseguiu:

— Portanto, eu, que o respeito muito, queria preveni-lo.

O cavalista olhou nos olhos do prefeito. Estavam marejados de lágrimas. A alma do homem era um campo de batalha.

A seu crédito, viera num momento de honestidade falar de um perigo que dom Immanuel já sentira ser iminente. Era também um teste para o prefeito, o primeiro das muitas pessoas de Zeo-

— Mas alguma coisa precisa ser feita — disse ele. — Por que não tomarmos a ofensiva e destruímos nossos inimigos?

Dom Immanuel balançou a cabeça novamente.

— Lembra-se do massacre de judeus e conversos que se seguiu ao assassinato do inquisidor de Saragoça? Não, essa não é a solução.

— Então, qual é a solução? — perguntou Mendoza.

Dom Immanuel ficou em silêncio por um momento. Como poderia ele transmitir a perspectiva mais ampla da situação? Disse então:

— O povo judeu é parte de um processo cósmico em que ele foi escolhido para demonstrar certos princípios espirituais. Isso significa que o que quer que façam, de bom ou de mau, ilustra a Lei das Conseqüências para as outras nações. Nossa longa história ilustra essa lição repetidamente, tanto durante idades de ouro como nas de holocausto. Tal destino não concede privilégio algum, mas é sinal de que todo judeu tem certas responsabilidades, coletiva e individualmente. Entretanto, isso não significa apenas o apego a fórmulas antigas, mas à manifestação do Espírito em cada geração.

López não entendeu uma palavra do que dom Immanuel disse, mas Mendoza sim.

— Sinto muito, mas sou um homem prático. Só quero sobreviver. Pode nos ajudar? — indagou López.

Dom Immanuel percebeu que o homem estava em seu limite de coragem, e em consideração a isso disse, acreditando que López não faria mau uso da informação:

— Existe um plano, para aqueles que podem ser perseguidos pela Inquisição, que ajuda as pessoas a sair do país. Infelizmente, apenas poderá beneficiar poucos, pois se uma grande quantidade de pessoas usasse as rotas de fuga, essas seriam descobertas. Se as condições se tornarem críticas, eu os recomendaréi.

López e Mendoza agradeceram a dom Immanuel, sabendo do risco a que ele se expusera. Mendoza, profundamente comovido com tal atitude, declarou:

— É bom saber que ainda cuidamos dos nossos.

Dom Immanuel balançou a cabeça e afirmou calma, porém firmemente:

— Não confundam meus motivos. Minhas razões vão bem além de raça.

Mendoza estava intrigado e perguntou, com uma voz quase imperceptível:

— Não continua celebrando do antigo modo?

— Devo adverti-los de que não façam tais perguntas. Informações são extraiadas facilmente por meio de juramento ou tortura. É melhor que não saibam de nada — respondeu Cordovero.

Mendoza aquiesceu, percebendo a sabedoria de tal descrição. López ficou satisfeito. Um caminho fora aberto, e ele iria poder fugir.

— Venha, conseguimos o que pedimos — disse ele.

— López — disse Mendoza, balançando a cabeça —, não é tão fácil para mim simplesmente fazer as malas e partir. Sou farmacêutico praticante e tenho pacientes. Não posso partir de um momento para o outro.

Dom Immanuel observou a diferença entre os dois homens e como isso iria determinar seus respectivos destinos. López era um tipo que só pensava em sobreviver e fugiria, ao passo que Mendoza, preso na armadilha da sua consciência, provavelmente ficaria e seria apanhado. Esperando encorajar Mendoza, disse:

— Comunicarei a Barcelona que você talvez vá.

— Eu irei! O que podemos fazer? — perguntou López.

— Partam em dias diferentes e encontrem-se em Barcelona. Uma vez lá, entrem em contato com um homem chamado Gonzalo Santob, na Repartição de Navegação Italiana de Luzato. Ele cuidará de vocês.

López pegou na mão de dom Immanuel, mas ele a recolheu dizendo:

— Vão agora. Já foi dito o suficiente.

Havia lágrimas nos olhos de Mendoza, quando eles se curvaram numa reverência e se viraram para ir embora. Cada um voltou para sua família ansiosa, que estava com os outros conversos num pequeno grupo, num canto do salão. Para eles, aquela comemoração do Ano-Novo era um evento vazio de significado. Sentiam uma rede se fechar sobre eles, e estavam com medo.

Dom Immanuel refletia sobre sua própria situação. Ele também tinha uma escolha a fazer. Não precisava ficar em Zeona. Poderia fugir, mas fugir do quê?, perguntou a si mesmo. Foi então que teve a sensação de que alguma coisa estava iminente. Em outras circunstâncias, ele interpretaria sua conversa com Mendoza e López como um sinal para que fugisse. Mas isso ele não podia fazer, porque devia descobrir o que o destino lhe reservava. A Providência dera-lhe a casa e uma grande paz; agora, talvez tivesse que merecê-las. De repente, percebeu como tudo em sua vida o levava a Zeona. Fora preparado para alguma mis-

ra e o confronto de católicos e protestantes são todos sinais de transformação. Assim como também o são as recentes descobertas na ciência e as novas formas na arte. A Europa está passando por um Renascimento. Prevejo a descoberta de novas terras e a fundação de vastos impérios. Dentro de um ou dois séculos haverá uma maneira muito diferente de olhar a Terra e os Céus, pois as pessoas separarão o espírito da matéria. A humanidade poderá ser governada por máquinas. Será um período de trevas para os que cultivam a espiritualidade. Eles e o seu trabalho serão negligenciados por centenas de anos, durante os quais haverá muitas revoluções. Milhões morrerão, até que as pessoas comecem a viver novamente em conformidade com as Leis Divinas — a não ser que algo seja feito em nossa época. Essa é a minha profecia.

Dom Immanuel fez uma pausa. Havia lágrimas em seus olhos.

— O que podemos fazer? — indagou Mora.

— Devemos continuar a fazer como fomos instruídos, transmitindo esses ensinamentos para os que quiserem conhecer nossa sabedoria espiritual, a não ser que nos mostrem que alguma coisa precisa ser feita.

Mora balançou a cabeça. Era uma situação incongruente. Ali estava ele falando em alterar o curso da história, enquanto no salão as pessoas dançavam, trocavam mexericos, bebiam e agora brigavam. Seria essa a mesma realidade? Dom Immanuel, adivinhando seus pensamentos, disse:

— Temos que estar no meio da vida, cultivando sanidade e despertando a consciência das pessoas em tais cenários. Nossa tarefa é resistir ao mal, auxiliar a vanguarda da evolução e ajudar o Espírito Santo. Isso é o que significa ser um Companheiro da Luz.

Doutor Mora balançou a cabeça num pensamento que guardou para si mesmo e ficou em silêncio, enquanto refletia sobre o que ouvira. Dom Immanuel, então, falou novamente, porém dessa vez num outro nível.

— Você não acha que Ocana e Raquel formam um belo casal?

Mora olhou para cima e viu que a tentativa de galanteio de Ocana não estava indo bem, especialmente agora que tinha consciência.

— Temmo que a *Militia Christi* esteja levando vantagem na corte a Raquel!

quel agir daquele modo. Em geral ela era extremamente atenciosa. Parecia que uma loucura tinha tomado conta dela. Esse era o lado escuro de sua natureza que ele nunca vira — e apesar disso ainda a amava.

XXIII

A meia-noite e o primeiro badalar do recém-instalado sino de Santiago anunciaram o Ano-Novo. De súbito fez-se silêncio em todo o grande salão, pois todos ficaram absolutamente imóveis até a última reverberação calar-se. Então alguém gritou uma tradicional saudação, e a barulhenta festa recomeçou com um fervor redobrado. Essa pausa para o primeiro momento de 1492 teve um profundo efeito em dom Immanuel, quando estava com o doutor Mora na sacada, pois ele entrou num estado de espírito solene. Era como se o grande desígnio lhe estivesse sendo mostrado, pois via os processos microcósmicos e macrocósmicos sendo realizados em Zeona, na Espanha, na Europa e além. Essa consciência o fez perceber que nenhum evento, por mais trivial que parecesse, era sem efeito, porque alterava o fluxo de forças no Universo. Reis podiam perturbar o equilíbrio do mundo, mas também o seu servo, Lorca, a quem ele viu, naquele exato instante, roubando uma taça de prata. Aquele ato perturbaria o equilíbrio da existência, ainda que por uma fração de um grau. A visão também revelou que o homem estava destinado a traí-lo. Isso era estranho, porque ele viu como o fato se daria; assim, o que fora determinado aconteceria. O pensamento o fez estremecer. Era o presságio de uma provação.

Mora, observando o calafrio passar pelo corpo de dom Immanuel, estendeu a mão para apoiá-lo.

— Está tudo bem, meu amigo doutor. Apenas um momento de verdade. — Depois de uma longa pausa, dom Immanuel acrescentou: — É verdade incontestável. O presente contém todo o passado e o futuro. Tudo aqui não apenas carrega o vestígio do que já aconteceu como também do que virá a acontecer.

— Como assim? — perguntou Mora.

— Mora — respondeu o cavalista, sem tirar os olhos das festividades —, vou fazer uma profecia. O mundo está para passar por uma grande mudança, em reação às tensões celestiais de criação e destruição. As guerras civis na Espanha e na Inglaterra

são, embora a forma que a tarefa tomaria ainda não lhe fora revelada.

XXII

Tendo tomado sua decisão, Raquel estava agora determinada a enfrentar o desafio do amor. Virando-se para Coruña, disse: — Gostaria de dançar.

Coruña aceitou e conduziu-a para uma tradicional *cossante* que estava então sendo tocada. Para ele, aquilo era uma rotina de sedução. Ele a dançara em muitas cidades. Contudo, havia algo diferente. Enquanto se movimentavam, um ao lado do outro, nos avanços e recuos da dança, notou uma presença estranha entre eles. Sem dúvida ela era virgem, e embora ele já tivesse possuído muitas moças assim, havia alguma coisa mais preciosa do que inocência primitiva. Não era apenas a juventude que lhe conferia um frescor tão excelente, mas algo mais raro. Ele a observava bem de perto, enquanto dançavam, e tentava entender o que seria. Isso o intrigava e tocava seu coração. Estava perplexo. O poder daquilo parecia despertar uma profunda ansiedade nele, bem diferente da sexualidade que sentia.

Raquel, de sua parte, ficou fascinada com o aspecto físico do relacionamento deles e aplicava todas as insinuações do flerte que conhecia para deixar claro seu interesse. Estava maravilhada com os conhecimentos instintivos que possuía e que afloraram ao demonstrar sua vontade de ser desejada. Felizmente seu senso de decoro ocultava o real grau de paixão que ela começou a sentir por Coruña, o qual, dessa vez, não sabia se devia ser prudente ou ousado. A garota era um mistério para ele. Num momento, seu rosto parecia o de uma fogosa libertina; noutro, o frio semblante de uma deusa. Súbito, ele já não estava certo do que sentia. O objetivo original de uma simples sedução estava ficando fora de foco. Coruña não tinha mais certeza se apenas queria vencer uma competição ou cortejá-la seriamente. Muito confuso, sugeriu, enquanto dançavam, que se encontrassem em outro lugar, para que pudessem se conhecer melhor.

Raquel respondeu demonstrando uma falsa indiferença à sugestão de um encontro romântico sob a ponte romana, no dia seguinte. Disse que poderia ir. Não queria dar a impressão de que aquele era o seu maior desejo. Ele sugeriu várias vezes o

convite; porém, ela não queria dar certeza de aceitar. Quando ele chegou ao ponto em que estava para desistir, ela concordou com a hora que ele marcara originalmente. Coruña riu daquela manobra feminina. Ela era de fato muito inocente. Dançaram os passos finais em silêncio, até que a música parou. Quando faziam mesura um ao outro, Ocana aproximou-se deles. Raquel sobresaltou-se, mas instantaneamente, adotando sua postura mais social, disse:

— Pedro, gostaria que conhecesse. . . — Foi então que se lembrou de que não deveria revelar que sabia o nome de Coruña. Por sorte ele deu um passo à frente e curvou-se com polidez para Ocana.

— Tenente Howard Bartholomew Sidonia de Coruña — apresentou-se.

Ocana fez um rápido aceno de cabeça, mas não respondeu. Não queria entrar no jogo da hierarquia.

Coruña ignorou a falta de boas maneiras. O homem era um camponês em ascensão social. Voltando-se para Raquel, disse:

— Bem, devo voltar para junto dos meus companheiros. Até o próximo encontro. — Sorrindo satisfeito, deixou Raquel e Ocana.

Enquanto a moça olhava Coruña afastar-se, o capitão presenciou que alguma coisa acontecera entre eles. No íntimo, morria de raiva, mas nada podia dizer ou fazer. Raquel, percebendo que ele estava perturbado, impulsivamente pegou-lhe a mão, enquanto os músicos começaram a tocar, e disse:

— Venha, Pedro. Vamos dançar e dançar e dançar.

Ocana acompanhou-a para o centro do salão, e logo estavam em meio a volteios. Ela mostraria a Howard de Coruña que possuía também outros admiradores. Tinha pena de Ocana, mas esse sentimento estava soterrado debaixo do que, de repente, se tornara uma obsessão.

Enquanto dançavam, Ocana percebeu que Raquel se tornara uma estranha. Parecia muito distante. O que teria acontecido? Ele estava curioso para saber, mas não tinha o direito de perguntar. Ela parecia estar feliz, de verdade; seus braços e pernas moviam-se animadamente, ao passo que os dele apenas faziam os movimentos da dança, enquanto ele tentava controlar sua fúria. Não tinha motivo para estar com raiva, disse a si mesmo. Raquel não fora insultada. Ele não podia odiar Coruña por corteggiá-la. O tenente também tinha esse direito. Por outro lado, porém, conhecia o tipo de Coruña; mas será que Raquel também conhecia? Embora ela fosse esperta, era também mu-

to ingênua. O que poderia ele fazer? Dom Immanuel deixara claro que a escolha seria dela. O que poderia ele dizer? Ela não lhe pertencia.

— Que véspera de Ano-Novo! — disse Raquel, ao chegarem ao fim da dança. Ele balançou a cabeça, mas não conseguiu acrescentar nenhum comentário.

— Por que está tão sério nesta noite maravilhosas? — perguntou ela, encarando-o com um rosto que irradiava alegria. Ele baixou a cabeça e nada respondeu.

— O que o aborrece? — insistiu ela. Devia animá-lo. Sua tristeza estragava-lhe a felicidade.

— Aquele homem! — disse Ocana, olhando-a dentro dos olhos. — Cuidado com ele!

O rosto dela enrijeceu-se. O que Ocana teria visto?

— Por quê? — perguntou ela, exigindo uma resposta. Ele balançou a cabeça. Não havia nada que pudesse dizer.

Coruña não cometera nenhum crime.

Raquel franziu os lábios.

— Não admito nenhuma palavra contra ele. É um oficial e um cavalleiro.

Ocana resmungou. Sabia exatamente o que aquilo significava. Sua experiência no exercício ensinara-lhe que tais títulos nem sempre coincidiam.

— Ele tem maneiras impecáveis — disse Raquel, embora soubesse que nenhum cavalleiro devia beijar uma dama em seu primeiro encontro. Essa contradição foi convenientemente ignorada. Tendo o pai que tinha, um pouco de comportamento não convencional era bem aceitável. Entretanto, para defender sua posição vulnerável, ela disse:

— Pedro, pensei que os filósofos estavam acima de assuntos tão triviais.

Ocana, no íntimo, retraiu-se a tal observação.

— Sou um homem como os outros — respondeu ele, mal-humorado.

Ela balançou a cabeça, não tomando conhecimento de sua dificuldade.

— E sou uma mulher como as outras e farei o que quiser. Ocana ficou chocado com aquela declaração que demolia suas fantasias sobre Raquel. Ele viu que aquilo era verdade quando ela se afastou de repente, para ir ao encontro de algumas garotas que queriam saber o que ela pensava sobre Howard de Coruña. Ocana ficou sozinho por algum tempo. Sentia-se infeliz, enquanto as pessoas se divertiam à sua volta. Jamais vira Ra-

Dom Immanuel estava cheio de compaixão, porque se recordava das suas próprias dúvidas.

— Você conhece minha história, e eu lhe digo: no meio da pior aflição, as pessoas têm a escolha entre tornarem-se amargas e cegas ou passarem a ver as coisas com maior profundidade. Se formos capazes de ver o que se oculta por trás de uma situação, poderemos passar pela circunstância mais terrível e aceitar o fato de que até mesmo a morte é parte do progresso do nosso espírito imortal.

Avraham ficou profundamente emocionado com o que ouviu, porque sabia sobre a terrível perda que dom Immanuel sofrera com a morte de sua mulher, e sobre a posterior decisão de transformar a tragédia num fato positivo pela sua conversão — a fim de que pudesse promover uma maior compreensão entre as diferentes religiões. O grupo era testemunha disso.

— Obrigada, rabino. Você faz minha preocupação com Nahman parecer um assunto insignificante — disse Avraham.

Dom Immanuel colocou o dedo sobre os lábios.

— Não se deve dar um presente a Satã — preveniu ele. Avraham fez um gesto de assentimento, enquanto os outros se preparavam para sair.

Hakim estava mostrando a Mora um livro de medicina escrito em árabe quando dom Immanuel pediu a atenção do grupo. Todos se viraram para escutar, exceto Nahman, que ficou à parte. Cordovero então disse:

— Tenho a sensação de que, embora nossas reuniões não violem nenhuma lei, devemos, não obstante, ser muito prudentes enquanto o Santo Offício estiver em Zeona. Portanto, proponho que não mais nos reunamos de maneira formal até que eles tenham ido embora da cidade. Ainda que, naturalmente, contactos particulares e profissionais possam ser mantidos.

Houve um suspiro geral de desapontamento, mas todos entenderam a sabedoria da decisão. Nahman nada comentou. Tomara uma resolução.

— Como médico — sugeriu Mora —, posso visitar o bairro judeu e manter nossos amigos informados.

Avraham colocou a mão no peito e curvou-se numa reverência. Nahman não se moveu.

Depois que todos do grupo se haviam retirado, Hakim saiu. Ele nada tinha a dizer. Fez uma mesura respeitosa para dom Immanuel e subiu para seu quarto, deixando o cunhado sozinho a perscrutar a noite. Seu caso era diferente do de Hakim, pensou Cordovero. Algo acontecera naquela noite, e a ele não

a Puente Romana. Somente algumas poucas pessoas estavam por ali. Ficara contente com isso, embora não pudesse admitir por que razão. Quando chegou ao extremo da ponte, sentiu medo. Não havia sinal de Coruña; em todo caso, porém, eles tinham combinado de se encontrar sob o arco mais remoto, ali embaixo, no desfiladeiro.

Saindo da estrada, Raquel seguiu por uma velha trilha de mulas, ingreme e escorregadia. Deveria voltar? Estava louca quando concordou com o encontro. Ele não estaria ali. Era tudo de uma cruel galhofa. Fora estúpida em ir. Nesse momento, avistou Coruña de pé, sob a sombra do velho arco, o capuz de uma capa preta emoldurando-lhe o rosto. Seu medo dissolveu-se ao vê-lo sorrir e acenar. O solo estava gelado e escorregadio, enquanto ela descia para encontrá-lo. Coruña cumprimentou-a com um beijo na mão. Isso lhe tirou todo o medo. Valera a pena ter ido.

Os dois sentaram-se durante algum tempo, tremendo de frio, num nicho seco que Coruña encontrara sob o arco. A princípio pouco falaram, pois num nervoso silêncio gozavam a visão um do outro. Quando o tenente percebeu que Raquel tremia de frio, envolveu-a com sua capa. Então, começaram a falar. Coruña aplicou seu versado diálogo de sedução, determinado a não se deixar envolver demais. Raquel, por sua vez, saboreava o momento, ignorando o frio e a água que pingava, enquanto via a miragem à sua frente. Aos seus olhos, Coruña era uma imagem de Adônis esculpida em carne e sangue. Ela estendeu a mão e tocou-lhe os cabelos para certificar-se de que era real. Parecia ser, embora naquele instante tudo fosse como um sonho.

— Por que você tem cabelos assim? — perguntou ela, enquanto tocava com os dedos uma mecha dourada.

Coruña sacudi a cabeça e acariciou suas costas.

— Um dos meus antepassados é inglês. Ele acompanhava a força expedicionária do Príncipe Negro que desembarcou em Coruña. Enquanto estava ali, conheceu e se apaixonou por minha bisavó. Ele pertencia à família Howard, mas sendo um filho mais jovem não tinha chance de herdar terras e, por isso, ficou na Espanha e assumiu o título das terras da minha bisavó. Daí o meu nome e o meu tipo louro.

Raquel moveu-se com aquela história. Ela se identificava com a união romântica entre duas pessoas de países diferentes. Coruña sentiu sua reação e puxou-a de encontro a si. A jovem deslizou os braços em volta daquele corpo quente uniformizado. Ele notou esse ato de intimidade, porém não tirou vanta-

gem dele. A experiência o ensinara a induzir a ação para ganhar confiança. Coruña acariciou-lhe as costas e o pescoço. Ele parou por ali, até considerar o momento como o adequado.

— E qual é a sua história? — perguntou ele, embora já soubesse muita coisa sobre seus antecedentes.

Raquel ficou tensa enquanto os dedos do rapaz exploravam-lhe o corpo através do vestido. — Eu também tenho antepassados mistos — comentou ela. — Meu pai era judeu, e minha mãe, moura, antes de nos tornarmos cristãos.

— Compreendo — disse Coruña, enquanto corria-lhe a mão pela barriga.

Esse gesto surpreendeu a ambos. Raquel ficou-lhe o rosto em expectativa. Ele se inclinou para a frente e beijou-a nos lábios. Estes estavam frios, mas seu corpo ardia de desejo. Coruña puxou-a para mais perto e colocou a mão sobre seu corpo. Sentiu-lhe os seios moverem-se sob os pontos da costura. Súbito, a moça tentou recuar, afastar sua mão, como num protesto; porém, para sua própria admiração, permitiu que ele lhe desabotoasse o vestido. Ela respirou bem fundo, enquanto a mão dele deslizava por dentro de sua roupa íntima, em busca dos mamilos. O rapaz beijou-a ardentemente. Passiva, ela observava a própria submissão, disposta a saciar-lhe a paixão.

— Este não é lugar — sussurrou então ele.

Raquel estremeceu, quando Coruña retirou a mão. Com um esforço supremo, conteve a ansiedade, o desejo que se apoderara dela. Abotoou o corpete vagarosamente.

— Aonde podemos ir? — perguntou ela, enquanto arrumava seu agasalho.

— Devemos procurar um quarto na cidade.

A jovem acenou com a cabeça em assentimento. Todavia, já tendo considerado o problema, ela disse, ciente de estar rompendo com todas as regras:

— Você poderia vir à minha casa, onde o quarto de cada um é o seu palácio privado. Mas isso teria de ser feito com toda a discrição.

— Quando?

— Amanhã à noite, meu pai realiza uma de suas reuniões. Ele estará inteiramente ocupado das sete às dez horas. Ninguém nos perturbará enquanto isso.

A operação foi organizada nos mínimos detalhes, até a colocação de uma chave oculta num lugar secreto. O pôr-do-sol do inverno marcou o fim do encontro deles e, depois de um abraço contido, ambos voltaram por caminhos diferentes para

Avraham falava com Cordovero no canto extremo da sala. Ele expressou sua preocupação com Nahman e pediu desculpas por tê-lo trazido ao grupo:

— Nahman não entende o que estamos fazendo. Pensei que nossa pequena academia ajudaria a expandir seus horizontes, porém temo que tenha servido apenas para fixá-lo ainda mais em sua posição.

Dom Immanuel balançou a cabeça.

— Ele veio por alguma razão. Pode ser que não seja útil somente para ele, mas também para nós. É bom ter alguma oposição no grupo, para que não nos tornemos confiantes demais. A maioria das pessoas reagem quando confrontadas com os ensinamentos esotéricos pela primeira vez, especialmente quando já dedicaram anos à forma exterior de sua religião. Como isso significa abdicar de muitas idéias cultivadas desde a infância, não é nada fácil. Entretanto Nahman está conosco, e enquanto ficar é membro do grupo. Ele é a opção de aceitação ou rejeição da nossa maneira de trabalhar.

Avraham mostrou-se admirado.

— Você sempre vê tudo pelo lado positivo — disse ele. — É muito difícil manter essa atitude em tempos tão perigosos.

— É uma questão de conservar a visão geral das coisas. Nada no Universo é desperdiçado. As situações podem ser más; porém, mesmo nesse caso, são usadas pela Providência para o nosso desenvolvimento. O mal tem a sua função, ainda que apenas para testar o bem.

— Acho a idéia do mal como uma parte intrínseca da existência muito difícil de aceitar — disse Avraham.

Dom Immanuel suspirou.

— Não é fácil, se você tomar tudo pessoalmente. No entanto, se as pessoas se elevarem acima dos acontecimentos, considerando-os como uma progressão evolucionária, começarão a perceber que o prazer e a dor são parte de um profundo processo, em que o Santíssimo experimenta o mundo por intermédio da humanidade.

— Como posso apreender a plena realidade disso? — perguntou Avraham.

Dom Immanuel colocou a mão em seu ombro com grande afeição.

— Tente lembrar como, em sua própria vida, as dificuldades são geralmente o melhor professor.

— Mas qual é a vantagem disso, se acabarem destruindo as pessoas? — insistiu Avraham.

kim desejava com ardor falar sobre isso, e no entanto nada podia dizer, porque fora proibido de revelar o que vira. Devia manter sigilo até para com dom Immanuel.

Mora estava tão preocupado com suas observações sobre a astrologia e as doenças, que quase não notou que Hakim não estava ouvindo. Agora compreendia como as aflições de Mercúrio geram doenças nervosas e bloqueios da fala, e por que uma inoportuna combinação do Sol com Vênus pode criar problemas circulatórios. Era capaz de entender como o tecido da alma sob tensão, se não relaxado, manifesta-se no corpo, devido ao princípio da ressonância. Ali estava a solução de muitas das questões intrigantes sobre o funcionamento da astrologia. A maioria dos médicos nunca perguntavam a causa. Seguiam apenas a tradição, ou agiam com base em conhecimentos empíricos.

Ocana falou com Nahman, esperando envolvê-lo na conversa, enquanto aguardava para ver se Raquel apareceria. Fez perguntas ao judeu sobre seu trabalho, porém este não estava muito receptivo nem disposto a falar de sua vida como sapateiro. Ocana não se mostrava incomodado com os longos silêncios, enquanto bebericavam vinho. Sua mente estava em outro lugar, pois Raquel não descera do quarto, como geralmente fazia depois de uma reunião. Havia algo errado. A cozinheira trouxe a bandeja com os alimentos, pois Lorca não estava em casa. Dom Immanuel nada disse, mas Ocana percebeu nele uma certa ansiedade. A atmosfera da casa, naquela noite, parecia visivelmente estranha. Não se tratava apenas da ausência de Raquel e do servo, entretanto ele não conseguia atinar com o que poderia ser.

Nahman sentia-se melindrado com a amizade de Ocana. Ele reconhecia que suas intenções eram boas, mas velhas suspeitas originadas das perseguições faziam-no ficar em alerta contra qualquer cristão. Um número demasiado grande de judeus fora assassinado e convertido à força. Como poderia ele confiar em alguém que usasse uma cruz como Ocana fazia, embora este tivesse expressado falta de respeito para com a Igreja? Essas declarações contra as autoridades perturbavam Nahman, porque aumentavam sua incerteza quanto à reunião. Ninguém presente podia ser classificado de ortodoxo. Cada um deles tinha uma visão distintamente pessoal e, para ele, isso constituía uma grande ameaça. Atribuía tais atitudes a dom Immanuel, que claramente tivera sucesso em destruir suas crenças em alguma fé cujo nascimento Deus decretara.

suas respectivas moradias, mantendo a promessa do dia seguinte em reprimido controle. Raquel tomara a iniciativa no caso; porém, não se importava com isso. Não estava mais interessada em bom senso ou prudência. Estava finalmente experimentando o que pensava ser o amor.

XXVII

Lorca estava sofrendo os efeitos da ressaca, enquanto limpava o chão da cozinha. Entretanto, quando doncella Raquel chegou, percebeu que ela entrava em casa pela porta de serviço. Aquilo era estranho. Seria esse o tipo de informação pelo qual dom Faderique lhe estava pagando? Continuou a trabalhar a mente embotada pelo vinho, pensando em outros incidentes suspeitos, mas não conseguia se lembrar de nada que pudesse indicar a prática de rituais judaicos. Não que ele entendesse o que tais palavras significavam, exceto que era demoníaco, contra a Igreja, e devia ser extirpado.

Lorca era um homem simplório, nascido numa fazenda que não permitia sustentar toda a família, e por isso ele fora à cidade para ser servo de uma família de negociantes de vinhos. Infelizmente, fora tentado pelo fácil acesso ao estoque do seu patrão, até ter perdido o emprego, depois de o encontrarem bêbado. Isso o tornara muito amargo, pois ele não tinha referências e não podia conseguir um emprego regular. Recorrera aos pequenos roubos. Para sua sorte, nunca fora apanhado, embora seus companheiros de bebedeira ficassem imaginando onde ele conseguia seu dinheiro.

Ocasionalmente, arrumava um serviço — tal como fazer a pintura de uma cozinha —, e havia sido numa circunstância assim que dom Immanuel o conhecera e empregara, com a condição de que ele deixasse de beber, esperando curá-lo por bondade.

A princípio, Lorca se mostrara grato, mas depois tornou-se impertinente. Culpava dom Immanuel por colocá-lo entre a infelicidade sóbria no conforto e a felicidade bêbada na rua. Começou a nutrir ressentimentos contra seu empregador, que tinha tudo enquanto ele não tinha nada. Lorca sabia que dom Immanuel conhecia sua fraqueza, e isso aumentava sua humilhação. E por esse motivo, quando o governador lhe ofereceu dinheiro

para espionar o patrão, ele aceitou, para a bebida, e porque odiava a boa vontade que o envergonhava. Dessa forma, prazerosamente aceitou a sugestão do governador de que dom Immanuel poderia ser judeu em segredo. Isso alimentava a crença comum de que nenhum judeu era confiável, confirmando a mensagem pascal de que os judeus tinham matado Cristo. Certa vez, pusera-se a imaginar por que, depois de mil e quatrocentos anos, eles ainda os perseguiram, mas agora não se importava com isso. De qualquer modo, ninguém gostava de judeus. Eram diferentes e, via de regra, mais ricos do que a maioria das pessoas. Dessa maneira Lorca se sentia plenamente justificado em sua espionagem. Mantinha uma fachada de submissão, enquanto esperava por alguma coisa incomum que pudesse revelar que seu amo era secretamente judeu, e isso lhe seria um prêmio.

Naquela noite na taverna, alguém disse que já era tempo de a cidade ser limpa de judeus e mouros. Uma ou duas pessoas defenderam seus amigos infelizes como sendo boas pessoas, mas tiveram de se calar sob os brados dos opositores. Um prateiro, de rosto muito vermelho, afirmou então que eram os convertidos que deviam ser expulsos. Os arsesões da cidade haviam perdido muitos negócios desde a chegada deles. Uma voz fanhosa atrás do homem fez todos rirem, comentando que isso aconteceria porque a perícia dos judeus era maior — o que levou o prateiro a se ofender. Todavia, ele não atacou o dono da voz, que era o galhofeiro da taverna, mas disse que Zeona devia se proteger contra o trabalho engenhoso dos toledanos. O taberneiro ressaltou que a maioria dos recém-chegados eram cristãos. Isso causou um alvoroço, no qual muitos declararam que os convertidos não eram da Fé, embora freqüentassem a igreja. O servente do balcão da taverna lembrou que os convertidos só se casavam entre si, e que eram unidos de acordo com as leis de Moisés, antes de serem casados pelo padre.

Ao ouvir esses comentários, Lorca ficou mais contente. A cidade ineira tinha se tornado antiinfiel desde a chegada do Santo Ofício. Ele estava, afinal de contas, prestando um serviço à comunidade. Talvez devesse ir para casa e voltar ao trabalho, mas não saiu. Continuou até mal poder caminhar, através da praça coberta de neve, e caiu em sua cama forrada de sacos de anagem, mergulhando num profundo sono de bêbado torpor.

No dia seguinte, acordou com dor de cabeça. Sentia-se enjoado, mas acendeu o fogo e varreu o pátio para ter tempo de continuar vigiando. Quando o dia clareou, dom Immanuel des-

Coruña sentou-se, estendeu os braços e pernas, mas não disse nada, estava exausto.

— Você fracassou na tomada da cidadela? — insistiu Oviedo.

— Com a chave dada gratuitamente, a entrada foi mera formalidade — disse Coruña, fechando os olhos.

— Bem, contemos — pediu Toro, pondo-se de pé num pulo —, o que há atrás daqueles baluartes de rendas?

Antes que Coruña pudesse responder, Oviedo fechou seu livro com um estalo.

— Toro, você é um bobo. As mulheres são todas iguais na cama — disse ele.

— Não prive nosso amigo frustrado de pelo menos algum prazer por tabela — pilheriou Coruña, abrindo os olhos. — Mesmo que você não esteja interessado.

Oviedo investiu contra ele.

— Não, não estou interessado em sua sórdida excursão insignificante. O que é mais importante, tenente: você descobriu alguma coisa sobre o pai dela?

Coruña lembrou-se do que ouvira na escada, mas alguma coisa o deteve de falar sobre o assunto. Balançou a cabeça. Oviedo fez um gesto de assentimento e levantou-se, dirigindo-se para a porta. Não queria ouvir o relato sobre o triunfo do tenente.

— Na próxima visita ao seu verdadeiro amor, Coruña, faça uma visita profissional! — disse ele, e bateu a porta atrás de si, deixando os dois sozinhos. Toro esperou uma descrição por memorizada da sedução, mas Coruña não estava disposto a dá-la. Depois de um longo período de silêncio, ele também se levantou e foi para o seu quarto.

XXXIII

Na casa de dom Immanuel, o grupo descera para a sala de jantar, onde comera pão e bebera vinho, antes de se dispersar. Num canto, Hakim e Mora falavam sobre astrologia e medicina. Hakim apreciou muito a conversa, porque o fez esquecer-se, por um instante, da fantástica visão daquela noite. Enquanto ouvia Mora comentar sobre um paciente afligido por Marte, sua mente teimava em voltar à percepção de que o cunhado estava sendo preparado para usar o manto do Ungido. Abalava-o profundamente o fato de estar de posse desse conhecimento. Ha-

boas pessoas, e ele os traía. Gemeu. Poderia redimir-se? De repente, percebeu que chamara tudo sobre si e não mais podia culpar os outros por seus infortúnios. Devia livrar o mundo do seu ódio por ele. Deu meia-volta e caminhou dentro da noite. Na velha ponte romana, Lorca poria um fim à agonia de sua vida.

Coruña estava chocado enquanto voltava para o convento. O homem que derrubara poderia reconhecê-lo? Entretanto, isso não o perturbava tanto como o olhar que haviam trocado. Ele se sentiu abalado, embora não soubesse o motivo. Achou que era porque poderia ser identificado; ou seria por causa daquela centelha de dor de consciência que sempre o atacava depois que seduzia uma virgem? A culpa agora permeava seu amor por Raquel. Estava confuso. Forçando um sorriso, Coruña recompôs sua velha imagem de machão. Tinha, afinal de contas, conquistado a mulher e colocado Oviedo na obscuridade novamente.

Enquanto se aproximava do convento, saboreava a lembrança da cama que deixara há pouco. A jovem tinha o corpo mais belo que ele já possuía. Lembrou-se então dos seus olhos, o que o fez pensar nela como Raquel e não apenas como uma mulher. Aquilo o deixava nervoso, pois ele recordava que antes nunca valorizava suas conquistas além de sua utilidade como objeto sexual. Raquel era uma pessoa. Ela era impressionantemente feminina; no entanto, algo mais também, pelo fato de sua singular personalidade torná-la mais do que apenas uma mulher a possuir. De repente, Coruña percebeu que jamais amara até esse dia. Era um pensamento horrível, pois significava que ele fracassara em sua vida romântica, embora tivesse falado de amor para muitas mulheres. Foi então que ele soube o que vira nos olhos do bêbado.

Ao subir a ladeira do convento, sua mente fechou-se, e o jovem sacudiu a cabeça violentamente. Era muito com que se preocupar. Ele era soldado, e aquela, a sua vida. Logo se mudariam para outra cidade. Os soldados tinham suas mulheres. Ele a deixaria como deixara as outras. Que gozasse o momento. Raquel estava ali, como uma fruta madura, para ser colhida. Limpando a neve que cobria sua capa, Coruña a pendurou atrás da porta e entrou nos aposentos dos oficiais. Toro parou seu jogo de dados e deu um sorriso de maliciosa expectativa, enquanto Oviedo, que estava lendo, olhou para cima e esperou por um relatório.

— A cidade veio abaixo? — perguntou Toro.

ceu do seu quarto, seguido por Hakim, o mouro. Lorca invejava o ócio deles e as quentes mantas de lã de suas camas. Doncella Raquel não apareceu até o meio-dia. Ele a odiava especialmente, porque representava o inacessível. Cortejara uma moça uma vez, mas fora rejeitado por não possuir terras. Esse fato, e sua experiência com as mulheres das tavernas, que só queriam se divertir, levaram-no, ele estava convencido, a beber.

Dom Immanuel e Hakim, como o marido da cozinheira dissera, traduziam livros de línguas estrangeiras. Isso era suspeito, mas ele não sabia ler; e, portanto, quando uma vez abriu um manuscrito de dom Immanuel, este nada lhe revelou, exceto que não conseguia entender o que tanto havia para se escrever a respeito.

Naquele dia, entretanto, Lorca notou que *doncella* estava inquieta. Continuamente subia e descia as escadas, saindo para curtos passeios, embora tivesse se acalmado quando o pai apareceu. Durante a refeição do início da noite, ela parecera excessivamente animada, puxando a barba do seu tio Hakim por brincadeira, enquanto falavam sobre algo chamado de amor cortês. O mouro comentou que a idéia fora transmitida dos árabes aos cristãos. Lorca não gostou disso, ainda que não compreendesse do que se tratava a conversa. Após ter servido a ceia, tentou lembrar-se do que fora dito — talvez o assunto pudesse ser útil para o governador.

Depois da ceia, dom Immanuel, notando que o criado aparentava estar indisposto, aconselhou-o a ir para a cama. Lorca, o cérebro encharcado de álcool, considerou isso como um estratagem para mantê-lo afastado das pessoas que sempre vinham às quartas-feiras. Por que aquela noite? Havia algo suspeito. Não iria para a cama, mas esperaria e vigiaria. Presentia que alguma coisa especial estava para acontecer.

Exatamente às sete horas, Lorca viu o doutor Mora entrar pela porta da frente, seguido do capitão Ocana. Havia qualquer coisa estranha ali. Entretanto, pouco depois de ter ouvido um barulho na entrada de serviço, e olhando para fora, em direção ao pátio, notou duas figuras, com o chapéu cônico dos judeus, subindo pela escada dos fundos para o último andar. Já os vira antes, mas nunca imaginara até então que motivo poderia levá-los ali pois não era próprio de servos fazerem perguntas. No entanto, as coisas haviam mudado. Dom Faderique estava certo: algo esquisito estava acontecendo. Vestindo o casaco, saiu sorratamente e foi para a mansão do governador.

Depois da invocação do Espírito Santo, o círculo dos Companheiros da Luz sentou-se em silêncio. Aquele era a sua décima reunião. Decorrerá um longo tempo até que fossem capazes de ficar sentados, sem fazer comentários ou movimentos. Nas primeiras reuniões, todos falavam ao mesmo tempo. Agora só se manifestavam quando era importante, pois eles passaram a respeitar mais e adotaram um vocabulário próprio que os unia. Essa linguagem baseava-se no sistema de astrologia, que era familiar a todos, exceto a Nahman. Ele se manteve calado e decidido a cumprir seu voto de proteger Avraham.

O silêncio foi quebrado por dom Immanuel.

— Na última vez em que nos reunimos, fomos solicitados a observar a ação do princípio de Marte em nós mesmos. O que observamos?

Os membros do grupo permaneceram sentados durante algum tempo, refletindo sobre o exercício.

— Notei que Marte se expressa de duas maneiras: a defensiva e a ofensiva — disse Ocana.

Mora fez um sinal afirmativo.

— Isso é interessante, porque o marciano que existe em mim é disciplinado e excessivamente criterioso — disse ele.

Avraham riu.

— Descobri que não tinha discernimento marciano. Preciso dele para refrear meu entusiasmo jupiteriano.

Hakim estava pensativo, e depois de uma longa pausa exclamou:

— O marciano em minha natureza sempre parece chegar depois da ação, durante a análise!

— Tem certeza de que é Marte, e não Mercúrio? — perguntou Ocana.

— Pode ser uma mistura das duas funções: Marte examinando as informações recolhidas por Mercúrio — ponderou dom Immanuel.

A discussão então evoluiu para a interação dos planetas com a mente, e sobre como um Saturno forte podia dominar o sistema solar interior de modo a conferir a uma pessoa uma qualidade saturnina. Mora contou uma piada cujo alvo era ele próprio para ilustrar sua tendência fleumática, enquanto Hakim compôs um poema lírico que satirizava o humor pesado, mas seco,

minava o jantar. Enfim, o governador chamara-o para o andar de cima, uma ampla câmara onde havia uma grande lareira, uma mesa comprida e pesada e cadeiras forradas de couro. Nas paredes, estavam penduradas armas antigas, flâmulas e um brasão. Tudo aquilo deslumbrava Lorca, enquanto ele dizia ao governador como vira dois judeus entrarem na casa de seu empregador naquela noite. Dom Faderique perguntou-lhe se ele estava certo de que eram judeus, pois Lorca já mentira outras vezes apenas para receber seu dinheiro. A presença de judeus na casa de dom Immanuel não era propriamente um delito, embora sugerisse possibilidades suspeitas. Aquela podia ser a oportunidade de destruir dom Immanuel. De fato a pena podia ser mais perigosa do que a espada, nesse caso. Decidiu escrever uma carta anônima, baseada no que Lorca vira, e enviá-la ao Santo Offício. Poderiam fazer algum proveito dela. Pelo menos, estimularia o interesse ou uma investigação.

Lorca pegou o ducado de ouro e, ignorando o conselho do governador de que voltasse para casa, foi à taverna. Na mesma hora, gastou-o com amigos, que estavam por perto enquanto o dinheiro ainda não tinha acabado. Quando ficou completamente bêbado, um deles perguntou-lhe como ele conseguira ganhar tanto dinheiro. Lorca respondeu, em voz bem alta e um tanto indistinta, que fizera uma venda.

— A quem você vendeu? — brincou o taverneiro.

Lorca ficou chocado com a pilhéria. Ela penetrou em seu coração até atingir-lhe a consciência. Lembrou quão bondoso dom Immanuel fora com ele dando-lhe emprego, mesmo depois de tê-lo visto bêbado muitas vezes. Agora o traía. Ele voçiferou e caiu ao chão, onde chorou por si mesmo e pelo que fizera.

Depois de uma hora, Lorca levantou-se e saiu da taverna. Ninguém o viu ir embora, pois ninguém se importava com ele o suficiente para notar. Cambaleou pelas pedras da praça cobertas de gelo, caindo várias vezes. Quando finalmente dobrou a esquina da sua casa, um jovem com uma longa capa colidiu com ele e o derrubou ao chão. Enquanto o homem o ajudava a levantar-se, seus olhos se encontraram. Ambos viram o mesmo olhar, afastaram-se com aversão e seguiram seus caminhos. Lorca conseguiu, aos tropeços, chegar em casa, mas não foi capaz de entrar. Era como se estivesse sendo barrado por alguma coisa bem profunda dentro de si. Olhou para cima e notou que a luz no quarto de dom Immanuel continuava acesa, enquanto a janela de doncella Raquel estava escura. Sentiu-se mal. Eram

puêdessem ver a divindade manifestada num ser humano. Ele chegou a um ponto decisivo da história, quando era vital o início de um novo impulso espiritual. No meu entender, era de uma linhagem de muitos indivíduos plenamente realizados, que assumiram o papel do Ungido. Para mim, o Messias é um estado de ser, que é agraciado a quem quer que esteja destinado a exercer o papel de ligação divina num certo lugar, num determinado momento, para cumprir a missão. Jesus foi o de sua época.

O grupo permaneceu sentado em silêncio, enquanto refletia sobre o que dom Immanuel dissera. Fora aberta para eles uma dimensão inteiramente nova, e então aconteceu algo estranho. Por um breve instante, o quarto se expandiu e as paredes desapareceram. Súbito, estavam todos pairando em profundo espaço celestial, ouvindo vozes etéreas cantando umas para as outras através do Universo, em coros distantes. Fortes ventos circulavam à sua volta, e seres alados gigantes que não eram visíveis pairavam sobre eles, formando um círculo protetor. Hakim, ainda que familiarizado com tais visões, sentiu o corpo enrijecer, a pele esfriar e os cabelos arrepiarem. Olhou para dom Immanuel, cujo rosto brilhava com um extraordinário esplendor. Foi nesse instante que ele percebeu que seu cunhado se tornaria um *Katub*, embora os outros e o próprio Cordovero ainda não tivessem conhecimento disso.

A manifestação dos mundos superiores então se desvaneceu. As paredes do quarto voltaram a ser sólidas, e os sons etéreos desapareceram. Houve um profundo silêncio e uma grande quietude, até que começaram a perceber a neve batendo suavemente contra as venezianas. O grupo levou algum tempo para ajustar-se à dimensão terrestre. Assim, eles prosseguiram a conversa sobre os planetas, porque todos estavam conscientes de que o que haviam experimentado não devia ser comentado. Nahman, entretantes, ainda continuava com raiva. Ele nada vira ou ouvira.

XXXI

Um Lorca muito bêbado caminhou aos tropeços através da neve, em direção à casa de dom Immanuel. Ele estava voltando da taverna, depois de ter ido à casa do governador, onde foi obrigado a esperar na cozinha, enquanto dom Faderique ter-

do capricorniano. Todos riram porque se tratava de um retrato perfeito de Mora. Somente Nahman não riu.

Dom Immanuel, pressentindo problemas, transformou o divertimento do grupo numa conscientização que visava a ajudar Nahman. Disse-lhes que se não conseguissem transmitir o conceito de Marte, então era porque eles não o tinham entendido claramente. Todos concordaram. Nesse ponto, dom Immanuel desenrolou um pergaminho e pendurou-o na parede. Os membros do círculo permaneceram sentados em silêncio contemplando o diagrama pintado sobre sua superfície. Tratava-se, observou Nahman, da *Árvore Cabalística da Vida*, usada na tradição mística judaica. Isso lhe agradou, até que ele percebeu como dom Immanuel a aplicou.

Composta de dez círculos unidos por vinte e duas linhas, a imagem era organizada em tríades e colunas, que formavam uma figura geométrica de grande beleza; Nahman já vira tal representação num livro de anotações do rabino. Era uma ilustração do Mundo Divino, por meio do qual Deus governava o Universo. Entretanto, em vez dos nomes hebraicos tradicionais associados a cada *sefirah*, ou círculo, ele notou os nomes e símbolos dos planetas, o que o deixou extremamente chocado. O que estaria seu amigo Avraham fazendo ali, estudando mágica, pensou ele, enquanto dom Immanuel explicava a relação entre os planetas e a composição da mente?

Primeiro, foram definidos os quatro níveis — vontade, intelecto, emoção e ação; — depois, como Marte e Júpiter agiam como os princípios contrativo e expansivo da alma, com os astros Lua e Sol representando os níveis externo e interno da percepção. Embora Nahman fosse fascinado pela metafísica, não podia permitir que tais idéias, completamente estranhas a ele, entrassem em sua mente. Por que estudar conhecimentos passados, quando havia a sabedoria do Talmude? Nahman passara muitos anos analisando esses comentários rabínicos; e agora estava sendo solicitado a aceitar uma forma adulterada da cabala. Era demais.

— Dom Immanuel, não é proibido considerar os planetas como se eles fossem deuses? — indagou ele, controlando-se o máximo que pôde.

Dom Immanuel interrompeu sua exposição e sentiu o perigo.

— É proibido prestar-lhes culto, porém não estudar suas naturezas. O Talmude discute a astrologia abertamente. Até mesmo atribui um signo do Zodíaco a cada uma das doze tribos.

— Onde isso está escrito? — indagou Nahman, ao ouvir a justificativa.

O grupo imobilizou-se por completo, devido à provocadora pergunta. Aquela era uma crise.

— Acho que encontrará uma referência no Talmude, na compilação *Yalcut*, página 418. Há também um comentário *Hagadab* sobre os padrões das tribos.

Nahman surpreendeu-se com a precisão de dom Immanuel, mas continuou a pressionar, na esperança de apanhá-lo em erro.

— O que diz? — perguntou ele.

Dom Immanuel pensou por um momento, para refrescar sua memória, e citou resumidamente, em fluente hebraico, aramaico e espanhol, um antigo texto rabínico:

— “A leste do Tabernáculo estavam as tribos de Judá, Issacar e Zabulão, que correspondem respectivamente a *Telab* ou *Áries*, *Sbor* ou Touro, *To'omin* ou Gêmeos. Ao sul havia as tribos de Rubem, Simeão e Gad, que correspondem a *Sarten* ou Câncer, *Arzeb* ou Leão, e *Betulab* ou Virgem...”

Dom Immanuel foi percorrendo o círculo zodiacal das tribos num ritmo lento, compassado, como se estivesse declamando um refrão litúrgico de grande beleza. O grupo ouvia com profunda atenção, porque o cabalista raramente falava hebraico. As reuniões sempre tinham sido em castelhano. Ao terminar, perguntou se Nahman queria mais evidências rabínicas. Nahman estava assombrado, pois percebeu estar ali um rabino dos rabinos. O orgulho de sua própria erudição fora demolido. A cultura superior de dom Immanuel sobrepunha claramente seu provincialismo. Ele odiava aquele homem como seu humilhador e tentador de seu amigo. A partir daquele momento, dom Immanuel passara a ser para Nahman a personificação de Lúci-fer — a inteligência brilhante, mas demoníaca, cuja missão era procurar afastar os judeus de Deus. Enquanto continuava sentado em silenciosa ira, Nahman decidiu desmascarar aquele mestre vira-casaca, mas esperaria a ocasião certa.

XXXIX

Enquanto dom Immanuel recitava os nomes das tribos e os seus signos em hebraico, Howard de Coruña parou na escada exatamente abaixo do quarto da reunião. Entrara com a chave

Dom Immanuel permaneceu em silêncio. Ele queria que o grupo desenvolvesse a idéia sem sua ajuda.

— Sim, e por ser diferente de todos os planetas, deve ser de uma ordem diferente — ponderou Mora.

— Ah! — exclamou Avraham, a mente de súbito iluminada. — Se ele é um corpo luminoso, então deve pertencer ao mesmo nível das estrelas. Portanto, tal como os planetas são da substância da alma, assim o Sol é o ponto de contato com o espírito.

— É por isso — disse então Cordovero — que o signo do Sol é considerado o fator mais importante. O zodíaco representa os doze tipos espirituais do homem. Aqui nós temos um simbolismo por trás das doze tribos de Israel e dos doze discipulos de Jesus.

À menção de Jesus, Nahman levantou a cabeça. Ali estava uma área em que podia armar o laço para dom Immanuel e desacreditá-lo perante Avraham.

— Então, onde Jesus se encaixaria nesse esquema? — indagou ele. Embora dom Immanuel tivesse percebido onde isso iria parar, não podia fugir à pergunta.

— Ele representa a síntese de todos os signos.

— Qual é a sua opinião sobre o Messias, dom Immanuel? — perguntou Nahman, com calma deliberada. O grupo ficou imóvel, percebendo que estava para entrar num assunto em geral considerado tabu. Dom Immanuel recostou-se na cadeira e refletiu profundamente. Podia esquivar-se a responder, mas não seria correto. Devia dizer o que pensava.

— O Messias é o elo vital entre os mundos superior e inferior na Terra. Ele é o ser que está continuamente na Presença Divina e ainda com o corpo carnal. Esse ente perfeito é o “Unigido” do seu tempo, sobre o qual paira a Graça plena.

— Como você vê Jesus de Nazaré? — insistiu Nahman.

— Alguns acham que o Messias já veio, e outros que está ainda por vir. Só posso dizer, pelo que sei, que um Unigido sempre existiu na Terra e que sempre estará aqui enquanto houver seres humanos presentes. Há um ente assim em cada geração, embora possam ser desconhecidos, como os *Lamed Vav*, os trinta e seis santos ocultos da tradição judaica. Os cabalistas os chamam de os Adãos do seu tempo. Os sufistas, de os *Katub*, ou Eixos da Época. Enoc, ou Idris para os muçulmanos, foi o primeiro; Moisés foi outro; assim como o rei Ezequias de Judá; e, mais tarde, a rainha Ester. Jesus de Nazaré foi o de sua época. Ele era o elo daquele momento no tempo, para que as pessoas

modo, acontecimentos nos céus, que eram precipitados pela Vontade de Deus, reverberavam no nível planetário e então se manifestavam na Terra. Essa era a base da astrologia. Os efeitos da Lua e do Sol podiam ser observados nas plantas e nos animais, em seus ciclos de crescimento e acasalamento, enquanto o homem, sendo de composição mais sutil, era influenciado também pelos planetas. Isso era útil, pois pelo exame do mapa astrológico do instante do nascimento de uma pessoa era possível perceber que tendências naturais seriam estimuladas pela situação celestial.

Ocana perguntou o que indicavam seus horóscopos. Dom Immanuel disse que a configuração planetária do momento inclinava Ocana para a agressão, ao passo que refreava Avraham e estimulava Hakim. Mora então observou como as fases da lua alteravam o ritmo da circulação sanguínea. Tal afirmação levou Avraham a comentar que esse provavelmente era o nível vegetal no homem. Ocana disse que um bom camponês julgava, pela lua, quando deveria plantar.

Hakim então lançou a idéia de considerarem-se os planetas por sua mitologia e fez um breve relato de suas pesquisas sobre Mercúrio. Esse mensageiro dos deuses, concluiu ele, era visto como coletor e comunicador de informações. Mercúrio era também, acrescentou ele, o patrono de ladrões, mentirosos e lojistas. Todos riram muito ao ouvir aquilo. Hakim disse que o lado negativo desse planeta era demonstrado no erudito que conhece tudo, exceto a si mesmo. Nesse ponto, fizeram uma pausa ao se darem conta de que Nahman estava sentado em silêncio. Ele não percebera a insinuação porque estava furioso demais por justa ira. Dom Immanuel, notando seu estado, interveio:

— Prossigamos para considerar o significado do Sol. Qual é a sua função?

O grupo ponderou essa questão durante alguns instantes, e então Mora disse:

— Ele é o luminar do nosso mundo.

Dom Immanuel assentiu com a cabeça.

— O Sol representa o princípio da verdade — acrescentou Avraham.

— O que o Sol representa no homem? — perguntou então o cabalista.

O grupo ficou pensativo.

— Ele é a essência do ser humano — respondeu Ocana, depois de um momento.

que Raquel havia colocado sob uma pedra, e estava caminhando através da casa escura quando ouviu vozes. Detiveram-se para certificar-se de que ninguém havia percebido sua presença. Enquanto escutava, percebeu que alguém estava falando numa estranha língua e em castelhano. Concluiu pelos nomes bíblicos que se tratava de algum tipo de oração. Em outras circunstâncias, teria ficado muito interessado, mas sua preocupação agora era ver Raquel. Prosseguindo, Coruña bateu seu caminho até que pôde achar uma porta levemente entreaberta. Aquele era o sinal combinado de que o quarto era o dela. Ele parou e chamou pelo seu nome bem baixinho, porém nada aconteceu. Por um instante, o rapaz entrou em pânico. Deveria voltar? Então, a porta se abriu e Raquel olhou para fora. Vestia uma comprida camisola branca bordada que ia até o pescoço. Quando ela o viu, seus olhos ansiosos dilataram-se de prazer. Fez sinal para que entrasse silenciosamente.

Por um momento, ficaram de frente um para o outro, olhando-se, hesitantes sobre o que fazer, até que ela estendeu a mão para pegar seu casaco e ofereceu-lhe uma cadeira. Ele sentou e olhou à sua volta, enquanto a jovem despejava limonada adoçada com mel numa taça de prata. Seu quarto era branco e verde, com venezianas de carvalho, cortinas moursas e uma cama decorada por um lençol rendado sobre uma colcha forrada de penas de ganso. Havia também uma moldura bordada e três castiçais de ouro que emitiam uma luz débil mas agradável. Uma pequena fileira de livros estava assentada sobre a escrivaninha ao lado da janela, ao passo que no canto havia um guarda-louça e um biombo de couro trabalhado. Era simples, contudo pleno de um sutil bom gosto, que refletia a inteligência e a cultura de sua ocupante.

Enquanto Coruña bebericava a limonada meio morna, Raquel o observava. Até então, ninguém da cidade entrara em seu quarto, e ali estava seu amante. Na noite anterior e durante a espera do dia, ela imaginara como seria. E agora estava acontecendo. Mudara de lugar tudo o que era possível mover no quarto, várias vezes, para criar um efeito romântico, comprou frutas cristalizadas especiais e fez a limonada. Agora estava sem apetite, só podia ficar olhando e esperar, enquanto ele tomava a limonada sentado.

Coruña também se encontrava numa confusão de sentimentos. Estava numa grande expectativa, e tinha medo de que algo saísse errado. Já conhecera mulheres que, de repente, mudaram seus sentimentos quando confrontadas com a realidade de um

amante. Todavia, a percepção de ter sido tocado pelo amor era mais perturbadora. Pela primeira vez, seu coração ansiava por se entregar. Raquel, sentada à sua frente sob a luz da vela, parecia ser a concretização do seu ideal. Ela era tudo o que ele sempre havia procurado, mas nunca encontrara. O rapaz não somente desejava-lhe o corpo, como também amava seu espírito. Isso ele jamais experimentara.

Raquel estava para despejar outra porção em sua taça, quando ele se levantou e colocou as mãos em sua cintura. Ela ficou paralisada, mas não resistiu quando o tenente lhe tirou a taça da mão, colocando-a no móvel. A *doncella* que existia em Raquel considerou a atitude muito imprópria, mas a onda de excitação aumentou quando a outra mão de Coruña colocada suavemente em seu quadril, conduziu-a para sentar-se em seu colo. Ela consentiu. Por um instante eles se sentiram desajeitados, e o rapaz mudou as pernas de posição por causa do seu peso, que o machucava; enquanto ela, embaraçada com sua proximidade, manipulava desajeitadamente seu colarinho. Então seus olhos se encontraram. Entretanto, o que se observou naquela primeira troca íntima não foi o esperado. Coruña viu, nas pupilas de Raquel, o reflexo de si mesmo. Era como olhar uma máscara de alguém que ele não conhecia. A moça percebeu no mesmo momento que o rosto à sua frente era apenas o semblante dourado da juventude. Ali viu também vaidade, crueldade e os primeiros sinais da decadência mortal nas indistintas rugas em volta da boca. Ambos ficaram chocados com o que viram e, a despeito disso, preferiram esquecer, pois a paixão os inflamara e se apoderara deles. Enterraram a verdade sob um violento abraço, ao se empenharem sofregamente em fundir-se um no outro. Raquel, com suas fantasias de amor liberasdas, beijou Coruña num ímpeto de paixão. O jovem, experiente na arte, acariciou-a com delicadeza até que ela tivesse atenuado o primeiro impulso. Ao senti-lo procurando conter-se, Raquel parou, recuou e olhou para ele. O rapaz sorriu e disse:

— A intimidade deve vir aos poucos.

Ela fez um sinal de aquiescência, enquanto Coruña afastava-lhe uma das tranças de cima dos olhos. Ambos estavam suados, e o suor brilhava à luz das velas. Cientes de que haviam chegado ao ponto crucial, ele inclinou-se para a frente e colocou os lábios em seu pescoço, porém não a beijou. Seu corpo estremeceu e ela ficou tensa. Ele recuou e fitou-a com certa perplexidade. Raquel franziu a testa, sem entender o que ele queria. Coruña então levantou uma das mãos, colocou um dedo em seu pesco-

ço e lentamente o foi descendo sobre o laço da camisola, até que parou entre os seus seios. Raquel ergueu a mão, mas não o deteve, e ele continuou até alcançar-lhe a curva da pélvis. Ela fechou os olhos indicando consentimento, e a mão dele deslizou para cima, a fim de acariciar-lhe a barriga e suavemente traçar a forma dos seus seios com os dedos. Raquel começou a estremeecer, enquanto ele desatava os laços da camisola. Seu corpo foi relaxando, enquanto ele abria a roupa, revelando os fatos seios. Ela abriu os olhos, e Coruña inclinava-se para a frente, beijou-os. Sua fantasia se realizara. A moça não resistiu quando ele soltou e tirou a camisola, levando-a nua para a cama.

Por uma hora inteira fizeram amor. Raquel, apesar da dor da primeira vez, gozou o prazer da iniciação, e Coruña experimentou a transformação do sexo em amor. Silenciosa e repetidamente ambos se interpenetraram, sendo transportados por uma maré de sensualidade que os unia numa só criatura até que, acabado o êxtase, se separaram e afastaram. Foi durante esse momento de profundo repouso que ouviram os sinos da Igreja de Santiago badalarem nove vezes. Estavam tentados a adiar a separação, mas Coruña, prudente nesses assuntos, disse que sairia bem antes das dez horas. Estava atrasado para o serviço, e o capitão Oviedo iria puni-lo; no entanto nada contou a ela. Relutante, Raquel o deixou partir. Na verdade, sentia-se tão cansada que por pouco não dormiu enquanto ele se vestia e se preparava para sair sorrareiramente. Parando um instante, Coruña olhou para trás, a fim de conservar na memória a imagem daquela linda cabeça, com suas brilhantes tranças espalhadas sobre o travesseiro. Era uma moça maravilhosa. Ele jamais conhecera tal plenitude de realização. Quando chegou ao início da escada, pôde perceber, pelas vozes que ouviu, que a reunião no andar de cima prosseguia. Não parou para escutar. Não estava interessado. Apaixonara-se, pela primeira vez na vida.

XXX

Na reunião, dom Immanuel explicou como o Universo era modelado em padrões divinos, de modo que cada nível ressoava com os outros. Da mesma forma como a Criação se desdobrava e passava por seus vários estágios, assim também os diferentes mundos formavam uma cadeia de causa e efeito. Desse

na decisão da rainha. Entretanto, há outra dimensão para esses acontecimentos.

— Em que sentido? — indagou Avraham.

Dom Immanuel olhou pela janela a multidão que dançava nas ruas.

— Estamos presenciando o clímax de um processo histórico. Os judeus na Espanha tornaram-se ou tão assimilados que se esqueceram de sua herança cultural e espiritual, ou tão formalizados na religião que perderam o espírito da Tora. Sempre que o equilíbrio é perdido, os judeus são então confrontados com uma crise. Isso aconteceu na Judéia, um pouco antes da destruição do Segundo Templo, com os helenistas e os zelotes em cada um dos extremos.

— O que podemos fazer? — perguntou Avraham.

— Praticar a Tora como um processo de evolução humana e não como uma instituição nacional. Enquanto considerarmos a religião como um instituto tribal, haverá conflitos entre pessoas que adoram o mesmo Deus. É por isso que devemos trabalhar juntos. Uma pessoa é um ser humano antes de ser judeu, muçulmano ou cristão.

O comerciante de súbito enxergou a extensão do problema. Esse era o trabalho do seu grupo. A idéia de uma fraternidade universal existira nas escolas esotéricas já há milênios. Talvez aquele fosse o momento em que os níveis esotéricos entrariam em inter-relacionamento espiritual.

— Como está Nahman? — perguntou então dom Immanuel, enquanto redigia uma resposta para o primo.

Avraham balançou a cabeça em sinal de desapontamento.

— Ele não virá mais a nenhuma reunião.

Cordova esboçou um gesto de paciente compreensão, enquanto revisava a redação hebraica da carta.

— É uma pena. Nahman é dependente demais de sua imagem de homem letrado. A não ser que renuncie a essa idéia não conseguirá adquirir o verdadeiro conhecimento.

— O que podemos fazer com relação a isso? — indagou o comerciante.

— Ser amistosos, porém sem exercer pressão alguma. É um direito dele afastar-se — disse dom Immanuel.

Avraham fez um sinal afirmativo.

— Ele lhe é muito hostil — disse em seguida, um pouco hesitante.

Cordova assentiu, enquanto lacrava a correspondência e entregava-a para Avraham.

estava sendo permitido ver o que era. Isso o tornou apreensivo, pois ele sentia estar no limiar de uma importante iniciação.

XXXIII

Avraham e Nahman caminharam pela rua em silêncio. Sobre a cabeça de ambos, um céu castelhana bem claro estava decorado de estrelas cintilantes. Avraham olhou para cima e avistou a grande faixa de Orion e a pálida tira da Via Láctea. A oeste via-se o olho vermelho de Marte; ao sul, o globo amarelo de Júpiter estava no meridiano. A leste, a opaca lâmpada de Saturno começava a subir. Enquanto caminhavam, Avraham admirava-se da facilidade de esquecer, no turbilhão dos negócios humanos, os grandes eventos cósmicos que ocorriam à sua volta e afetavam a Terra. Era uma realidade que ele vira em funcionamento nos ciclos das guerras e das flutuações dos negócios. Mas como se podia transmitir a idéia da interação de tudo? Nahman, apesar de toda a sua espartezza, realmente não conseguia entender essa concepção. Porém, o que ele entendia?

— O que você achou da reunião? — perguntou Avraham. Ele não respondeu. Estava zangado demais. Tossiu para ver se tirava o nó da garganta e balançou a cabeça. Os dois continuaram a caminhar em silêncio.

A mente de Nahman estava fria e insensível, pois sentia-se de posse de um caso inequívoco para censurar dom Immanuel. Ele odiava o homem, via-o como o pior dos corruptos. Abandonara suas obrigações de rabino por ambições pessoais. Não era suficiente que tivesse riqueza e posição social, queria também ter poder sobre os outros, destruindo seus valores tradicionais. Tudo aquilo era uma manobra para justificar sua conversão. Detestava o homem e tudo o que lhe dizia respeito. Entretanto, ao mesmo tempo que se encolerizava, uma voz no seu interior dizia-lhe que ele estava sendo injusto, que era sua própria inveja que distorcera a realidade de dom Immanuel. Nahman sentia-se perturbado por essa acusação de sua consciência, mas não queria tomar conhecimento dela, pois admitir tal fato significaria que estava errado, e isso ele não podia aceitar.

— Você não acha as pessoas do grupo interessantes? — perguntou Avraham de novo.

— São pessoas como quaisquer outras — replicou Nahman grosseiramente.

— Não é verdade. Elas não são comuns — protestou Avraham.

— O que você quer dizer com isso? — indagou Nahman, exigindo uma resposta.

— Essas pessoas estão trabalhando no aperfeiçoamento de sua alma. E isto é muito raro.

— Todos os judeus não fazem isso? — retrucou Nahman.

— Ser judeu não significa ser alguém que cultiva o espírito. Existem judeus tolos, assim como existem gentios tolos.

— Então não nos considera escolhidos? — retorquiu Nahman.

Avraham suspirou fundo.

— Não da maneira como você entende. Um ladrão é um ladrão, e um homem honesto é um homem honesto. As pessoas do grupo são indivíduos que assumiram a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento espiritual.

— Tal individualidade pode ser perigosa. Pode se opor à ortodoxia e solapar os costumes aceitos de uma sociedade — disse Nahman.

— Somente quando a ortodoxia perdeu sua direção, e os costumes não mais têm relação com a espiritualidade — afirmou Avraham.

— Então acha que você e seus amigos estão acima da Lei? — Não. A Tora se preocupa com os princípios divinos, não com regras e costumes. Você cobre a cabeça?

— Isso é um mandamento — disse Nahman.

— Não é verdade, é uma recomendação rabínica. Essa é a diferença entre a forma e o conteúdo da Tora.

Aquilo deixou Nahman muito irritado, e Avraham, sentindo que lhe faltara tato, não falou mais nada. Quando dobraram a rua do bairro judeu, pôs-se a pensar sobre o que deveria fazer, pois percebeu que Nahman estava num ponto crucial de sua vida. Olhou para o céu e rezou para que pudesse consertar seu erro e ajudar o amigo.

Nahman teve o desejo de investir contra Avraham com argumentos, mas algo o deteve. Dessa vez não foi a voz muda de suave reprovação da sua consciência, porém uma mordaz, quase metálica, interjeição que lhe dizia que a maneira correta de lidar com a situação era escrever uma carta à Inquisição, denunciando dom Immanuel como herege e feiticeiro.

Ao descerem os degraus da escada, Raquel ficou perturbada. As palavras de Coruña tentando restabelecer-lhe a tranquilidade não a tinham convencido. Essa disposição de ânimo pessimista, além do mais, não recebeu nenhum auxílio para sua eliminação, quando a viúva disse entre os dentes: “Prostituta!”, em árabe, no momento em que estavam saindo. Coruña não percebeu do que se tratava. Raquel sim. Ela não disse uma palavra, enquanto eles caminhavam para o portão do bairro mouro em silêncio. Ali se separaram. Enquanto a moça o observava afastar-se rapidamente, andando sem olhar para trás, seu coração encheu-se de uma dor de desespero e de um forte presságio.

XXXIX

Avraham continuou à janela do gabinete de estudos de dom Immanuel, apreciando as comemorações que ainda se realizavam na praça. Sentado à sua mesa, o cavalista lia a carta que ele lhe trouxera.

A correspondência chegara por meio do sistema judeu de informações e negócios e era do seu primo, Hernando, secretário da rainha. Falava do julgamento do caso La Guardia, em que judeus eram acusados de matar uma criança cristã para a Páscoa. Era uma velha calúnia em que muitos cristãos acreditavam. A corte ficara histérica com a gravidade da acusação, e os injustamente condenados haviam sido queimados na fogueira. O incidente ilustrava um ponto de importância crucial nas relações judaico-espanholas. Embora a rainha e seu marido se horrorizassem em particular (o próprio Ferrnando tinha sangue mestiço) suas majestades não podiam ignorar o forte clima de preconceito contra todos os infieis. A carta concluía com a notícia de que os grandes dons judeus, Abrabanel e Senior, estavam oferecendo trinta mil ducados para que o Decreto de Conversão ou Expulsão, que estava para se transformar em lei, fosse cancelado. O caso estava agora para ser decidido. A carta terminava com as palavras: “Se a oferta for rejeitada, então todo o nosso trabalho foi em vão. Shalom. Haim”.

— Más notícias? — perguntou Avraham, observando o rosto de dom Immanuel.

— Não muito boas. Meu primo está pessimista. A comunidade judaica terá que deixar a Espanha, se não pudermos influir

Coruña sentiu-se envergonhado. Tomou o rosto de Raquel entre as mãos e beijou seus olhos, pelo menos para impedir que ela percebesse o conflito que se travava dentro dele.

— Sinto muito, querida. Só estava querendo saber mais sobre você e sua família — disse ele, sentindo-se mal com sua mentira. Fora bem treinado, durante todos esses anos, em enganar, e agora isso estava destruindo a única pessoa com quem realmente se importava. Puxou-a para bem perto, na esperança de afogar sua culpa no ato de paixão. A moça reagiu instantaneamente; seu corpo, mudando de um tranqüilo relaxamento para um pulsante dinamismo de exultação, transportou-os para uma conjunção cheia de suspiros e murmúrios, que só foi interrompida quando o sino da Igreja de Santiago badalou a terceira hora daquela tarde.

Durante um longo tempo, Coruña olhou para as belíssimas formas de Raquel, sob a débil luz do sol obscurecido por nuvens, antes de indicar que deveriam ir embora. Depois de um último abraço, os dois levantaram-se e vestiram-se em silêncio. Enquanto Raquel dava laços em seu corpete, Coruña começou a se preocupar com o fato de que poderia estar atrasado para o serviço. De repente, tornou-se inquieto e demonstrou sua ansiedade dando pancadinhas no chão com o sapato. Raquel ficou perturbada com aquela situação, mas aceitou a idéia de que o tempo deles, juntos, agora precisava acabar, porque a rotina diária deveria prosseguir até que o relacionamento de ambos pudesse ser assumido abertamente.

— Quando nos encontrarmos de novo? — perguntou ela, enquanto vestia a capa.

Coruña manipulou nervosamente o cabo da sua espada, antes de poder dizer:

— Não sei. Deixarei um bilhete perto da ponte.

Ela firmou o olhar sobre ele, enquanto arrumava as tranças.

— Há algo errado? — indagou.

Ele balançou a cabeça negativamente, mas ela não acreditou. Havia algo errado. A jovem decidiu parar de fazer perguntas, pois não queria estragar o clima do idílio do dia. Colocou um broche na gola do vestido e então deu-se por pronta.

— Nada que não possa ser contornado — disse ele.

Ela assentiu com um gesto, contente por ouvir aquela resposta, embora estivesse com um pressentimento de que não era verdade.

— Vamos — disse ele. — O quarto foi alugado só pelo período da tarde.

Essa idéia tinha uma maliciosa atração, mas ele a ignorou, porque era algo terrível de fazer. Todavia, a voz incisiva lhe disse que ali estava um bom amigo, um judeu, sendo seduzido por forças ocultas. A crença de dom Immanuel na astrologia e a sua distorção da cabala eram coisas más. Seu domínio sobre cristãos, mouros e judeus, ao mesmo tempo, revelavam sua habilidade mágica para cegar a alma. Ele dominava o grupo como uma serpente que encanta a presa antes de matá-la e devorá-la. Já vivera isso com os próprios olhos. Deveria informar às autoridades? Talvez fosse perigoso; a não ser que o fizesse em forma de correspondência anônima. Estava tentado.

— Não acha dom Immanuel um homem extraordinário? — comentou Avraham, quando estavam chegando à casa de Nahman.

— Ele é peculiar.

— É um grande professor.

— E o que lhe ensina? — perguntou provocadoramente Nahman. Receberia ele a confirmação para que pudesse concretizar o que tencionava?

— A natureza do Universo, o propósito do homem e a maneira como se pode auxiliar Deus.

— Não acho que Deus precise de qualquer ajuda. O judeu não faz tudo isso? — quis saber Nahman.

Avraham balançou a cabeça.

— Não para mim. Preciso saber mais do que apenas o modo de executar ritos e costumes tradicionais. Quero experimentar e saber por mim mesmo.

— Então você renega sua herança! — exclamou Nahman, horrorizado com a declaração.

— Não, quero ser um bom judeu, mas também quero entender por que estamos aqui na terra. Apenas seguir as instruções da Tora não é o bastante para mim. Quero conhecer o significado esotérico que está por trás delas. — Avraham ficou profundamente emocionado enquanto falava. Queria que o amigo percebesse quão importante aquilo era para ele.

— E você acha que dom Immanuel pode lhe proporcionar isso? — indagou Nahman.

Avraham fez um sinal afirmativo.

— Sim, acho. Ele sabe por ser o que é. Tem acesso a um conhecimento que poucos homens têm.

— Porque ele conhece um pouco do Talmude — disse Nahman.

Avraham suspirou novamente.

— Não quis dizer esse tipo de conhecimento — disse ele —, quis dizer a cabala.

O rosto de Nahman crispou-se. Agora ele estava ouvindo lhe dizerem que o Talmude não valia nada em comparação com a cabala. Ele lembrava da humilhação que sofrera sobre uma questão de erudição. Achou a situação completamente inaceitável. E tanto para ofender como para, com o abalo emocional, trazer Avraham para o bom senso, disse:

— Seu rabino marrano não é nenhum místico. Que cabalista já procurou alta posição social, morou numa casa elegante ou usou roupas finas? Ele é charlatão sem outra autoridade a não ser suas idéias; e não irei mais a nenhuma outra reunião.

Com isso, Nahman virou-se e entrou em casa. Dissera o que tinha vontade, e cumpriria o que decidira: escrever para a Inquisição.

Avraham ficou na rua, experimentando um profundo desespero. Fracassara. Olhando para o alto, no firmamento noturno, clamou aos céus, e as profundezas do espaço ressoaram com sua súplica. Enquanto fitava o alto, com os olhos vertendo lágrimas, uma voz respondeu das constelações cintilantes:

— É a escolha de Nahman.

Avraham ficou mudo de espanto com aquela resposta, e olhou à sua volta. Não havia mais ninguém na rua. Em seguida, notou que uma estranha fragrância impregnava o ar, mas as flores de outono já não floresciam naquela noite de inverno. Caiu de joelhos e rogou ao Santo dos Santos que fosse misericordioso para com ele, por ter criado uma situação tão terrível. Então a voz falou novamente.

— Não foi obra sua, mas é parte da missão que você recebeu. Avraham curvou-se até o chão, num estado de profundo temor reverente, pois a *BAT KOL*, a Voz dos Céus, falara a ele.

XXXIV

Na noite seguinte, Raquel estava em sua cama refletindo sobre a noite anterior. Ao abrir os olhos, quando acordou, tudo parecia igual como em toda manhã; porém, apesar das aparências, ela sabia que as coisas estavam bastante diferentes. Algo muito importante acontecera e deixara sua marca na atmosfera, como um aroma suave que era apenas perceptível.

para que subissem uma escada que levava a um pequeno quarto, de cujas janelas avistava-se o jardim de um pátio construído à moda árabe. Era uma câmara de paredes caiadas e com uma abóbada; havia lençóis mouros, almofadas e um tapete. Abraçaram-se ternos antes de se despirem mutuamente.

Por mais frio que o quarto estivesse, o ardor de sua paixão impediu-os de senti-lo. Para Raquel, foi a realização de uma fantasia há muito acalentada. Aquilo atendia a todas as suas esperanças, e no êxtase da sua entrega, ela perdeu todo o sentido do tempo e do espaço. Para Coruña, o ato do amor tornou-se uma agonia. Ali estava a mulher por quem sempre procurara em todos os seus casos de amor; e, no entanto, agora que a encontrara, não podia assumir o relacionamento. Ela não somente significava o fim abrupto de um estilo de vida, como também a necessidade de encarar uma terrível realidade religiosa e profissional. Instigado pela ameaça de Oviedo que lhe veio à mente, perguntou, durante um intervalo de descanso no ato do amor:

— O que seu pai estava fazendo naquela noite na — como você a chamou — reunião?

Raquel beijou-lhe a orelha e correu o dedo pelo nariz e pelo queixo, até chegar-lhe ao umbigo.

— Ele e seus amigos estavam discutindo filosofia — disse ela. — Que espécie de filosofia? — indagou o rapaz. Ele tremeu num reflexo involuntário. Podia quase ouvir a voz de Oviedo atrás da sua.

Raquel deu-lhe um beijo na boca e disse:

— Ah, astrologia e coisas assim.

A mão de Coruña deslizou sobre sua barriga, subindo até os seios.

— Outras coisas? — insistiu, enquanto lhe massageava os mamilos.

Ela suspirou fundo e fechou os olhos. Ele estava se odiando, mas justificava seu interrogatório com o pensamento de que tinha de acatar as instruções de Oviedo ou trair seu juramento de obediência ao Santo Ofício. De qualquer maneira, se o pai dela fosse inocente, aquilo não teria importância. Raquel não respondeu, pois deliciava-se com seu toque.

— Eles discutem religião? — perguntou ele, tão naturalmente quanto lhe foi possível.

A moça, sentindo uma distância impor-se entre eles, abriu os olhos e fitou-o.

— Como pode se preocupar com o que o meu pai faz, quando você tem sua filha nua numa cama ao seu lado? — disse com ar de ofendida.

moradores fora para a praça, embora algumas pessoas mais velhas, que tinham ficado em casa, notassem sua pressa; isso porém não a importunava. Subitamente apavorou-se. Talvez tudo o que acontecera entre eles tivesse sido um sonho. Ela se sentiu bastante mal, ao se aproximar do portão da cidade. Não havia sinal dele. Abaixou o capuz da sua capa e ficou sob o arco, o rosto contraído num sorriso, enquanto o corpo tremia de medo e de frio sob o vento cortante. Ele viria, disse ela a si mesma, quando o sino da Igreja de Santiago badalou o meio-dia.

Coruña sabia que estava atrasado enquanto abria caminho entre as estreitas ruas do bairro mouro. Há pouco, alugara um quarto de uma velha viúva que precisava de dinheiro e por isso não fez perguntas. Ele sempre alugava um quarto na parte infiel da cidade, pois ali ninguém o conhecia ou se importava com o que fizesse. Além disso, os mouros e os judeus sempre mantinham a casa em condição impecavelmente limpa e arrumada, o que era mais do que se podia dizer do espanhol de classe média. Raquel acharia bastante aceitável o quarto da casa da viúva: pequeno, porém asseado.

A jovem surpreendeu-se um pouco, ao perceber Coruña aproximando-se dela. Virou-se devagar em sua direção, freando o impulso de correr ao seu encontro. Sorriu nervosamente ao se excitar com a visão do amante. Beijaram-se, mas não se abraçaram, pois dois mouros passavam por ali naquele instante; no entanto, ambos estavam bem conscientes de todo contato físico entre eles, enquanto caminhavam lado a lado.

Coruña estava confuso. Decidira tratar desse caso de amor da mesma forma como tratara todos os outros. Tinha que fazê-lo. Oviedo ordenara uma operação de investigação com resultados, ou ele se meteria em sérios apuros. O tenente considerava a possibilidade como uma séria ameaça — e convenceu-se de que os seus sentimentos por Raquel não podiam ser profundos ou permanentes. Ela era meio árabe e meio judia; e quando chegasse o momento, ele iria querer uma virgem cristã para tomar como esposa. Essa ridícula racionalização dissolveu-se em sua mente logo que avistou Raquel, pois quando seus olhos se encontraram, seu coração abriu-se, e Coruña sentiu-se verdadeiramente apaixonado. Agora estava bastante dividido.

— Venha, achei um quarto — disse ele.

Raquel seguiu-o sem dizer palavra. Ela estava com seu amante de cabelos dourados, e nada mais lhe importava. Coruña guiou-a para a casa da viúva através das ruas emudecidas num silencioso luto pela queda de Granada. Ali a mulher os deixou,

A princípio, ela não conseguia acreditar que acontecera realmente, pois quando virou a cabeça no travesseiro, não havia nenhum vestígio da presença dele. Isso a confundiu, até que avisou a chave sobre a mesa. Ela nunca a colocava ali. Não fora um sonho.

Lembrou-se então do que ocorrera. Tremeu ao recordar sua apreensão quando ele lhe tocou o corpo. Nunca permitira isso a nenhum homem, e no entanto desejara aquele contato, queria que ele lhe acariciasse todo o corpo. Espantara-se com a própria sensualidade. Foi então que tomou consciência de que já não era virgem. De repente transformara-se numa mulher. Todo um estilo de vida era coisa do passado, e um novo começara.

A moça pensou em sua relação — dois corpos interligados num só. Ela era sua mulher, e ele, seu homem. Não estava mais só. Tinha um companheiro. Como filha única sentia falta de companhia. E agora tinha uma que se importava o suficiente para arriscar a honra por ela. Raquel agora o considerava bem-vindo à sua cama. Era sua propriedade e faria qualquer coisa que lhe agradasse.

Nesse instante, veio-lhe à mente seu pai. Isso trazia de volta uma realidade que devia ser enfrentada. Tremia só de imaginar que ele viesse a descobrir o que ela fizera. Contudo, pensando bem, ele próprio tivera uma vida sem muito respeito às convenções sociais, e dificilmente poderia esperar que ela agisse de maneira diferente. Esqueceu seu medo e espreguiçou-se, imaginando estar Coruña ainda presente — no entanto, ele não estava ali para aquecê-la. Foi então que se deu conta de sua nudez. Puxou o cobertor sobre o corpo e lembrou-se de como ele o admirara. Sorriu. Howard de Coruña seria seu marido.

Ao fazer sua higiene, Raquel olhou para a camisola que usara à noite e que continuava no chão, onde ele a deixara cair. Era como uma camisola nupcial, com suas rendas brancas. Decidiu guardá-la para a noite de núpcias como lembrança de sua primeira união. Apanhou-a e beijou-a. A rigidez da inocência desaparecera, e sentia-se o cheiro forte de suor dormido.

Ao escovar os cabelos, a moça imaginou momentos futuros de união íntima nos anos vindouros. Sorriu frente ao espelho e notou um resplendor no próprio rosto. Se o amor era uma forma de loucura, então era uma gloriosa insanidade, e agora ela compreendia por que os trovadores o louvavam elevando-o tão alto. Ela não ficara decepcionada.

Quando começou a trançar os cabelos, ouviu uma voz baixa dizer:

— Tome cuidado!

Ela parou e virou-se. Não havia ninguém por ali. Franziu a testa. A voz parecera estar tão próxima! Não era muito diferente da sua, porém muito mais madura. Seria um espírito? Ficou sentada e aguçou os ouvidos, contudo a voz não se fez ouvir novamente. Dando de ombros, a jovem perguntou a si mesma com que deveria tomar cuidado. Começou a formar a trança novamente. Ocorreu-lhe então que poderia estar grávida. Essa era uma possibilidade assustadora; afinal de contas, porém, raciocinou ela, isso só precipitaria seu casamento. Suspirou furdado ao pensar no assunto. De qualquer modo, queria ter um filho dele. Que combinação poderia ser mais interessante do que uma judia de origem moura e cabelos negros com um anglo-ibérico de cabelos louros?

Enquanto Raquel se vestia, periodicamente fazia pausas quando surgiam lampejos de lembranças em sua mente. A perfeição física de Coruña despertara-lhe sentimentos que jamais conhecera antes. Ansiou por ele de novo, ao olhar para a cama, e sorriu para si mesma. Ninguém conhecia os segredos daqueles lençóis. Ela riu e carinhosamente substituiu as roupas de cama. Quando elas os envolveriam outra vez? Esse pensamento perturbou-a, enquanto ela se aprontava para descer. O rapaz lhe dissera que era perigoso demais que voltasse. Ela concordara, embora estivesse mais do que preparada para correr o risco. Ele ainda acrescentara que, pela sua experiência, sabia que a cautela precisava ser exercitada, até mesmo no amor, e por isso sugeria que era necessário arranjar um quarto, em algum lugar da cidade, onde pudessem se encontrar. Raquel concordara com a idéia, pois para ela qualquer lugar que possibilitasse o encontro seria bom. Coruña ficaria livre no dia seguinte. Ela poderia sair para um passeio e encontrá-lo no bairro mouro, aonde poucos cristãos iam. Era um plano excelente. Estaria ali ao meio-dia.

Descendo os degraus da escada, a jovem recordou as palavras de Coruña sobre a experiência. Aquilo lhe trouxe uma onda de medo e ciúme. Consolou-se com o pensamento de que agora ele era seu e que nenhuma outra mulher o tomara. Coruña a amava. Estava certa disso, lera-o em seus olhos. Seria uma excelente esposa para ele. Comprometera-se a sê-lo, e nada poderia mudar a situação.

Quando seu pai lhe contou que Lorca desaparecera, Raquel fingiu um certo interesse, mas estava preocupada demais, durante todo o desjejum matinal, para unir-se às especulações de

não. Certamente, desde que decidira viver dessa maneira, nada lhe faltara e tudo correria excepcionalmente bem, inclusive a educação e os cuidados com sua filha. Agora a situação mudara de modo visível.

Enquanto ele rogava aos Céus a proteção para Raquel, alguém bateu à porta. Era o marido da cozinheira avisando que o meirinho da cidade estava no vestibulo. O corpo de Lorca fora encontrado ao pé da coluna da ponte. Dom Immanuel olhou para Hakim e compartilhou com ele o mesmo pensamento.

Fez uma prece em intenção da alma do homem que morrera, enquanto descia a escada. Lorca morrera num acidente, suicidara-se ou fora assassinado? Dom Immanuel contou ao meirinho que Lorca fora visto com vida, pela última vez, bêbado, na taverna Galo. Talvez tivesse caído na ponte a caminho de casa, embora esta ficasse muito distante daquele lugar, assinolou o meirinho. Uma morte acidental era a conclusão mais provável, embora tivessem de averiguar outras possibilidades. O meirinho afirmou que continuaria a fazer suas inquirições.

Após sua partida, um clima estranho e desagradável tomou conta da casa, pois tanto dom Immanuel como Hakim sentiam a presença de Lorca. Depois de algum tempo, ela foi se desvanecendo. Aquilo não era um bom augúrio, pensaram ambos, mas ninguém disse nada.

XXXXVIII

Raquel, de capa e capuz, andava através da praça apinhada de gente, em direção ao local do encontro no bairro mouro. Dissera ao pai que ia sair para ver as comemorações, mas o enganara. Isso a perturbava, porque sempre houvera honestidade entre eles. Todavia, embora sentisse remorsos pela quebra da confiança, estava ainda mais ansiosa para ver o amante, cuja imagem lhe permeava todas as idéias e sentimentos. A moça abria caminho entre a multidão, nem sequer notando a presença das pessoas; conhecidos a saudavam, porém ela não os ouvia. Suas vozes eram como murmúrios distantes e sombras à beira de um universo particular.

Raquel sentia-se aliviada por estar se dirigindo a uma parte mais pobre da cidade, onde ninguém a conhecia. A maioria dos

para não contagiar o clima espiritual com nosso negativismo pessoal, aumentando assim o peso do lado maligno.

Hakim balançou a cabeça em aquiescência à suave repreensão e a aceitou. O ressentimento era uma força poderosa. Cada gota sua naquele instante crucial aumentaria o desequilíbrio. Ele deveria ser contido. Estava grato por ter quem lhe trouxesse à mente a visão da dimensão maior. Seu dom de visionário não lhe garantia a objetividade.

Enquanto observavam a bandeira de Castela içada no mastro do topo da torre mais alta do Alcázar, os pensamentos de dom Immanuel passaram da sua reflexão sobre a história para os dois tópicos que o estavam preocupando antes de ter ouvido a notícia da queda de Granada. Um deles era Lorca, e o outro, Raquel. Ele ajudara o servo, porém nunca interferira em sua vida, para não lhe negar o livre-arbítrio. Entretanto, sentira ultimamente uma presença demoníaca em torno de Lorca, e isso o vinha inquietando. Estava claro que o homem não estava sendo ele mesmo, pois algo se prevalecera de sua fraqueza, para usá-lo como instrumento para um propósito maligno.

Dom Immanuel pediu ao marido da cozinheira que fizesse inquirições na cidade. O proprietário da taverna Galo dissera que Lorca havia estado ali gastando dinheiro um tanto perdulariamente. Será que começou a roubar de novo? Algo estava muito errado. Estaria certo o comentário frívolo de Raquel? Ele tinha certeza de que ela estava com a razão. Lorca morrerá.

Isso levou seus pensamentos para a outra preocupação. Raquel mudara da noite para o dia. Tendo acompanhado sua gradual transformação de menina em moça ao longo dos anos, dom Immanuel agora viu nela o repentino aparecimento da mulher. Até bem recentemente, ele se divertia com a instintiva habilidade taurina da filha e com seu charme no jogo do amor. Nada sério, até então, surgira desses encontros românticos, porque a jovem sempre procurara um relacionamento mutuamente profundo e sério. Uma situação assim ele sabia já ter ocorrido. Todos os sinais estavam presentes. Estava evidente que ela não apenas estava apaixonada, como tomara providências nesse sentido.

Raquel fora às ruas para assistir às comemorações — pelo menos era o que dissera. Dom Immanuel não lhe tomara satisfações porque ele mesmo sempre vivera com base na confiança. Os Céus a protegiam. Esse era um princípio fundamental de sua vida. Seria outro teste? Estaria ele abdicando do seu papel de pai? No entanto, pensando bem, se se confiava em Deus não podia haver planos de contingências. Era fidelidade plena ou

onde o servo poderia ter se metido. Ao ser solicitada a dizer o que pensava a esse respeito, disse sem pensar:

— Lorca deve estar morto.

Dom Immanuel olhou para a filha e depois para Hakim, que ficara igualmente perplexo com a resposta. Aquela não era a Raquel que normalmente se preocupava muito com as consequências das bebedeiras de Lorca. Algo mudara, mas ele hesitou em perguntar o quê. Decidiu esperar. O tempo acabaria revelando.

XXXV

No convento, o capitão Oviedo conferenciava com frei Tomás e os dois outros dominicanos. Eles tinham, sobre a mesa à sua frente, todas as provas até então reunidas. Eram várias cartas, todas anônimas. Frei Tomás apontou para um bilhete que dizia que judeus haviam sido vistos na casa de dom Immanuel.

— Qual é a sua opinião sobre isso, capitão?

Oviedo olhou para a carta. Era intrigante, pois embora fosse a caligrafia de uma pessoa instruída, o conteúdo dificilmente poderia ser considerado como evidência. A mera observação de judeus visitando um converso durante a noite não era suficiente. Muitas pessoas iam visitar dom Immanuel. Disso estavam informados.

— Pode significar qualquer coisa. É óbvio demais — respondeu ele.

Frei Tomás assentiu com um gesto.

— Concordo, pois acredito que se esse homem estivesse praticando rituais judaicos, certamente inventaria um subterfúgio para evitar ser descoberto. Não obstante, pode ser uma ação deliberada para nos enganar duas vezes.

— Você sabe, meu irmão — voltou-se frei Pablo para frei Juan —, que já houve casos de convertidos que colocaram homens jogando cartas na varanda da casa para disfarçar uma sessão proibida que estavam realizando? E que já encontramos objetos de rituais dentro de vasos e de guarda-louças que tinham compartimentos falsos para o ocultamento de sua infidelidade?

— Temos — disse Oviedo em seguida —, a julgar por essas cartas, pelo menos dois outros suspeitos de apostasia; no entan-

to precisamos de mais evidências. Se obtivermos permissão para acionar observadores, estou certo de que elas poderão ser conseguidas. No que concerne a dom Immanuel Cordovero, já tenho alguém com acesso à sua casa. Isso deverá produzir exatamente o que queremos, se fizermos bem a coisa.

Frei Tomás fez um sinal de aprovação.

— Dom Immanuel — disse ele — é o nosso principal alvo. Ele é o epitome do cristão-novo. Se o desmascarmos, isso será de grande valor para a argumentação do nosso mestre inquisidor de que infieis rodeiam o trono. Diga à pessoa que tem acesso à casa do nosso cortejo que não perca tempo. Devemos ter certeza de podermos condená-lo, conforme nossas instruções.

— Você verá, meu jovem irmão — disse frei Tomás, voltando-se para frei Juan —, não suts precisamos ser. Jesus disse: “Sejam portanto tão astutos quanto a serpente”.

Frei Juan curvou-se em sinal de obediência. Entretanto, teve que perguntar:

— É verdade que o testemunho de um criminoso é aceitável?

Frei Tomás acenou afirmativamente e respondeu:

— Deus trabalha por meio de todos os homens por uma causa justa. Precisamos de olhos e ouvidos em toda parte, e dessa maneira, se alguém vir, talvez durante a execução de um furto, alguma evidência da prática de rituais judeus, então deve relatar o caso. Qual é o pecado maior, a apostasia ou o furto de alguém a quem o objeto roubado não irá, afinal de contas, fazer muita falta?

Frei Juan estava surpreso com essa estranha comparação. Revelava algo, quanto à atitude do seu superior para com a riqueza e a posição social que não lhe agradou. Frei Tomás esperou outra pergunta, mas frei Juan não disse mais nada. Retirara-se para o recôndito de sua alma e refletia sobre o que estava testemunhando.

Voltando-se para Oviedo, frei Tomás disse:

— Prossiga, capitão. Veremos o que mais emergirá da escória de Zeona. Deus revelará o que Ele quer que descubramos.

Oviedo deixou a companhia dos frades, a quem considerava como tolos piedosos, e caminhou pelo corredor, em direção aos aposentos dos oficiais. Sorriu para si mesmo. Coruña não gostaria do que lhe seria ordenado. Abrindo a porta com o pé num gesto grosseiro, encontrou os dois tenentes repousando. Gritou um “Atenção!” tão imperativo, que Toro bateu com a cabeça em algo ao levantar-se, para divertimento do capitão.

XXXVII

Do seu quarto, dom Immanuel e Hakim observavam as celebrações na praça. Havia lágrimas nos olhos do mouro. Aquelle momento marcava o fim de sete séculos de Espanha islâmica. Fora um período extraordinário. Os mouros haviam trazido uma cultura superior para a península, a fim de torná-la próspera e civilizada. Foram catalisadores entre o Oriente e o Ocidente, elevando a qualidade de vida, enquanto o resto da Europa se arrastava em sua idade tenebrosa de barbarismo.

Dom Immanuel viu a queda de Granada como o início de uma nova era. Ele sabia que a Espanha, unificada sob uma única coroa, agora sofreria uma transformação fundamental. Suas energias, há muito absorvidas pelas guerras dentro de suas fronteiras, doravante seriam dirigidas para as relações com o exterior. Já havia sinais presentes dessa tendência. Um marinheiro genovês, chamado Colombo, estava, naquele momento, tentando convencer a rainha de que existia um caminho marítimo para o Oriente — isso indicava uma mudança no intuito da nação de construir um império espanhol além do oceano ocidental. Ele compreendia o pesar de Hakim, estava consciente do seu profundo sentimento de luto pela perda de uma nacionalidade. Os judeus já conheciam aquela situação há mais de treze séculos.

— É a Vontade de Alá — afirmou Hakim. Dom Immanuel fez um gesto de assentimento, mas nada disse.

Observaram por um longo tempo as pessoas dançando e cantando na praça.

— Essas cenas serão vistas em toda a Espanha — disse então Hakim. — Sem dúvida, à medida que a notícia for se espalhando através da Europa, haverá comemorações em cada cidade cristã. A queda de Bizâncio foi vingada.

— Está para ocorrer uma importante reorientação na configuração das forças que atualmente afetam a Terra. Devemos ajudar a manter o equilíbrio.

Hakim por um instante esqueceu sua angústia. Olhou fixamente para dom Immanuel. O que estaria querendo dizer? Será que o cunhado tinha noção de que deveria ser o Eixo da Era? O mouro nada disse.

— A situação — continuou Cordovero — é tal que os elementos desordenados podem tomar a iniciativa e romper os processos construtivos que estão para surgir. Devemos ter cuidado

repente, avistamos o estandarte real colocado ao lado da cruz. Ao ver aquilo, os arautos apregoaram: "Granada! Granada para Fernando e Isabel!" A multidão de soldados então soltou um tal grito que podia ser ouvido ecoando da *sierra Nevada*.

Cansado, o sargento fez uma pausa. Desejava agora somente descansar.

— Continue! — instigou o governador.

— Quando parti, preparavam-se para fazer uma entrada com toda a pompa na cidade. Seria uma grande parada das tropas com os nobres e os sacerdotes em trajes de gala. A procissão subiria até a mesquita central da cidade e ali faria orações de ação de graças. Depois dessa cerimônia, suas majestades se dirigiriam ao salão do trono do Alhambra, onde receberiam as homenagens dos cidadãos mouros.

O soldado parou nesse ponto e tossiu sobre seu vinho.

O governador deu-lhe tapinhas nos ombros.

— Meu amigo — disse ele —, você viu um dos grandes momentos da história da Espanha. Pelas chagas de Cristo, eu gostaria de ter estado lá.

Nesse momento, ouviu-se o som de gritos lá fora. Quando o governador olhou pela janela, viu pessoas se reunindo na praça. A notícia se espalhou rapidamente. Então, o grande sino novo da Igreja de Santiago começou a repicar, o que levou toda a cidade a sair para as ruas. Todos convergiram para a praça. Em poucos minutos, ela foi tomada pela multidão exultante. Parecia que toda a Zeona estava ali; contudo não era bem assim, pois os judeus e os mouros permaneceram medrosamente em seus bairros, torcendo para que a euforia dos cristãos não se transformasse num tumulto contra os incrédulos. A tolerância que até então existira na cidade agora estava quase completamente desaparecida.

Enquanto dom Faderique falava, anunciando formalmente a queda de Granada para uma multidão jubilante, o sargento Lerida saiu cavalgando pelo portão norte, na direção de Toledo. Ao cruzar a ponte romana, ele olhou para baixo e viu o corpo de um homem. Antes de prosseguir em sua cavalgada, mostrou-o a um camponês que ia para a cidade. Este contou o fato para o guarda da cidade, que informou o meirinho do Alcázar. Descobriu-se ser Lorca, cujo rosto morto ainda estava fresco por ter sido conservado pela neve.

— Estive consultando nossos mestres espirituais quanto à situação das nossas investigações sobre os hereges, apóstatas e feiticeiros que moram nesta monótona cidade — declarou ele. — O que eles querem? — indagou Toro, mantendo a cabeça erguida.

— É o que eu quero — vociferou Oviedo. Coruña aprumou-se mais. O capitão achou-o cansado e perplexo. Talvez seu romance estivesse indo mal, ou talvez bem demais. Em qualquer das duas hipóteses, o tenente não estava em sua melhor forma. Oviedo então ordenou, não sem uma pitada de malicioso humor: — Tenente, quero que você, na qualidade de amante oficial, consiga alguma prova concreta contra o pai da moça. Não importa o quê, desde que seja algo que nos dê condição de prendê-lo.

Coruña sabia a razão por que Oviedo estava fazendo aquilo, e isso aumentou seus problemas, pois já percebera então que não poderia tratar Raquel apenas como outra mulher. Ele acordara naquela manhã sabendo que a amava, e isso o amedrontava. A ordem do capitão partiu-o em dois. Estava sendo forçado a escolher entre o dever e o amor. Era uma situação que Oviedo iria explorar.

— Farei o que puder — disse Coruña, com os olhos fixos à frente.

— Onde e quando será o seu próximo encontro, ou devo dizer acasalamento? — indagou Oviedo, exigindo uma resposta.

— Isso é assunto meu — respondeu Coruña.

— Nada disso, tenente. É um caso do Santo Offício agora. E chame-me de senhor! Sua resposta, por favor, tenente!

— Hoje, no bairro mouro, senhor — resmungou Coruña. — Bem — disse o capitão para espicaçá-lo ainda mais —, nunca pensei que um dia teria de estimular sua lascívia. Contudo os sagrados irmãos querem fatos concretos; e com sua indubitável habilidade, você conseguirá extrair muito mais da *doncella* pela sedução do que ela diria espontaneamente, ou estaria disposta a confirmar.

A vontade do tenente era a de quebrar a cara de Oviedo, e ele precisou de toda a sua disciplina para esconder a fúria. O capitão saboreava o dilema de Coruña com muita satisfação. Este estava claramente apaixonado pela mulher, o que era um fato inédito. Na verdade, o rapaz já não era ele mesmo. O coração do dom-juan dos oficiais fora finalmente tocado. Agora Oviedo faria Coruña sofrer para sentir-se compensado pela rejeição que o tenente lhe impusera.

O governador estava à janela de sua mansão, descortinando a praça. Nos dois últimos dias, havia feito tempo bom, e a neve principiava a derreter. Os telhados estavam começando a aparecer em meio à lama da neve liquefeita. Enquanto observava que as montanhas ainda continuavam com o cume branco, ele refletia sobre a carta de Lorca. O Santo Offício recebera, porém nenhuma atitude fora tomada. Estava irritado. Por que não haviam deido dom Immanuel, ainda que apenas para interrogá-lo? Se demorassem muito, ele poderia interromper suas reuniões, e se perderia a oportunidade para apanhá-lo em flagrante.

Quando ia sair da janela, avistou um cavaleiro entrando na praça. Era um soldado, cansado de uma viagem longa e árdua. O governador podia deduzir isso pelo emblema de sua manta, que era de Aragão, de um dos regimentos que servia em Granada. Ao vê-lo, o cavaleiro saudou-o. Dom Faderique, notando que alguma coisa importante acontecera, desceu para receber o homem.

Ele se identificou como o sargento Francisco Lerida, um mensageiro em viagem de Granada para Toledo.

— O que aconteceu, homem? Quais são as notícias? — inquiriu o governador.

O soldado apeou e afagou seu cavalo exausto.

— Granada caiu, senhor.

Houve um silêncio momentâneo, enquanto dom Faderique e a multidão que se reunira na praça saboreavam a declaração. Então alguém bradou:

— Os mouros estão derrotados! Viva Cristo e a rainha!

Com isso, todos começaram a gritar, rir e abraçar uns aos outros. O governador balançava a cabeça em regozijo. Toda a cristandade vinha esperando por aquele momento. Finalmente os infieis seriam expulsos do sagrado solo espanhol. Profundamente comovido, sentiu lágrimas rolarem-lhe pelo rosto. Em meio a todos aqueles gritos, pulos de alegria e até danças, o soldado sentiu as pernas tremem e quase desmaiou, mas o governador o apoiou e ordenou a dois servos que o levassem para dentro de casa, onde o sentaram num lugar de honra, ao lado da grande lareira. Depois de o sargento ter comido e tomado um pouco de vinho quente, o governador pediu-lhe um relatório sobre a situação militar.

Lerida contou que era um dos muitos mensageiros enviados para informar o país de que a guerra acabara. Ele próprio cavalgara durante cinco dias pelas *sierzas* cobertas de neve, para chegar a Ciudad Real, em seu caminho para a capital. Fora insuado para atalhar por Zeona e várias outras cidades que ficavam fora da estrada principal, a fim de que soubessem da vitória ao mesmo tempo que as cidades grandes.

— Você estava lá no momento da rendição? — perguntou dom Faderique.

O sargento olhou através da janela para o sol que já não estava a pino. Devia partir logo, para que chegasse em Toledo antes do escurecer.

— Sim, eu vi tudo — disse ele, assentindo com a cabeça. Estava cansado e só queria dormir.

— Então conte-nos como foi — pediu o governador.

— Foi tudo muito simples, senhor. Os mouros estavam exaustos por causa do cerco. O exército deles já fora castigado demais, e os milhares de refugiados amontoados na cidade não ajudavam nada. Houve boatos de conversações secretas; então o rei deles consentiu em render-se, com a condição de que lhes fosse dado um pequeno canto do reino para reinar pelo menos nominalmente. Isso foi aceito, como uma solução que lhes permitia salvar a honra.

— Ah! Políticos! O que realmente aconteceu na rendição? — insistiu o governador, que não estava interessado nas filigranas da diplomacia, complexas demais para serem acompanhadas.

O sargento descreveu então, como já fizera antes para sete diversos governadores, como os exércitos cristãos conduzidos pela rainha tinham aguardado no sopé da montanha sobre a qual ficava o grande Alhambra.

— Então os portões se abriram e o rei mouro, com cinquenta dos seus cavaleiros, saiu. Eles cavalgaram lentamente, descendo a montanha, através dos jardins que ficavam ao sopé das muralhas, até chegarem aonde a rainha Isabel e o rei Fernando aguardavam. O mouro tentou beijar a mão do rei, porém não lhe foi permitido. Chegou o momento em que o mouro entregou as chaves do Alhambra num gesto de rendição, e cavalgou em frente, cabisbaixo, afastando-se. Em seguida, um destacamento especial do nosso exército subiu em marcha para o interior do castelo. Logo uma grande cruz de prata se erguia sobre a torre mais alta. Quando isso foi feito, os padres, que haviam ficado ali com a rainha, abaixo do planalto de La Vega, começaram a cantar o te-déum. Todos ali tinham lágrimas nos olhos. De

Dom Immanuel estava sentado à mesa com Raquel e Hakim para a ceia. A sala estava suavemente iluminada por velas que espalhavam uma luz agradável sobre todo o ambiente, enquanto os três tomavam uma refeição simples em seus pratos da Andaluzia, com facas e garfos em conformidade com a nova moda italiana. Quando saboreavam sua sobremesa de laranjas, figos secos e castanhas, o tema da conversa passou para os míticos mouros e judeus, Ibn Arabi e Ibn Gabirol, e sua dívida para com o neoplatonismo. Raquel permanecia sentada em silêncio durante toda a conversa, com a atenção muito distante de quaisquer pensamentos sobre a filosofia. Comia mecanicamente e mal notava o que estava bebendo, enquanto pensava em Coruña e em sua desvairada paixão por sua beleza. Esta não duraria, dizia ela a si mesma. Era muito efêmera. Já notara no rapaz os primeiros desvanecimentos da juventude. Coruña tinha o tipo físico que, em pouco tempo, torna-se velho, careca e gordo. Essa imagem a perturbava. Por que estaria tendo tais pensamentos? Não estava gostando disso.

Hakim observou a sobrinha. Ultimamente a jovem não era ela mesma. Ele se sentia preocupado, pois gostava muito de Raquel. Entretanto, nada disse, porque entendia que ela estava apreensiva demais. Sem dúvida era com o amor. Hakim lembrou-se das vicissitudes dos romances e considerou seu estado com compreensão. Contudo, o que lhe chamara a atenção, naquela noite, não tinha sido a moça, mas a profunda transformação que ocorrera em dom Immanuel. Ele se tornara o que Hakim previra em sua visão.

Dom Immanuel sabia que o cunhado tinha consciência de quem era ele agora. Nada fora dito a esse respeito; no entanto, ao se encontrarem um pouco antes naquele dia, Hakim reconheceu a mudança de imediato. Quisera comentar o assunto, mas dom Immanuel mencionou que seria melhor que nada fosse dito. Hakim acatou a instrução e curvou-se em reverência a Ele, que era agora o *Katub*. Os dois haviam continuado, durante todo aquele dia, a seguir a rotina de sua vida, embora soubessem que esta estava prestes a desaparecer.

Raquel não percebera a transformação sofrida por dom Immanuel, embora pudesse dizer, pelo olhar do pai, que ele estava ciente de que alguma coisa não andava bem. Ela queria contar-lhe tudo e prepará-lo para aceitar Coruña. Quando a moça ter-

— Sei disso. Ele me considera como alguém que procura corromper para tentar justificar sua conversão. Já enfrentei essa acusação muitas vezes. As pessoas não vêem além do óbvio. Podem aceitar um espírito numa missão, que se distarça com o propósito de executar seu trabalho; e no entanto, quando encontram alguém que está fazendo exatamente a mesma coisa, porém no serviço secreto espiritual, não conseguem entender tal atitude, ainda que isso lhes seja revelado.

— Será que nunca aprenderão? — perguntou Avraham.

— Com o tempo acabam aprendendo — respondeu dom Immanuel, sentando-se novamente em sua cadeira. — Entretanto, via de regra, quando já é muito tarde.

— Mas isso é terrível! — disse Avraham.

Dom Immanuel balançou a cabeça.

— Não, no final das contas.

— Não compreendo.

Dom Immanuel levantou-se da cadeira e foi até a janela, olhando para a praça onde agora ardia uma fogueira com a effigie do rei mouro.

— Na cabala há a idéia da *Gilgulim*, ou transmigração. Embora seja possível uma alma ganhar sua recompensa ou sofrer seu castigo após a morte, alguns processos somente podem ser completados na terra; por isso uma pessoa renasce — para que possa ter a oportunidade de corrigir erros. É por esse motivo que às vezes reconhecemos certas pessoas na primeira vez que as vemos. Nós as conhecemos numa encarnação passada, e talvez tenhamos com elas alguma relação fatal que precisa ser resolvida.

Avraham ficou fascinado com essa idéia. Explicava um grande número de coisas a respeito das aparentes inconsistências da vida. Ele também se lembrou de quão familiar o rosto de dom Immanuel lhe pareceu, ao conhecê-lo. Que atos passados haviam determinado que fosse o que era e estivesse onde estava? Tais perguntas teriam que ser feitas a dom Immanuel mais tarde, pois ele já indicava que devia despachar a carta para Granada o mais breve possível.

XL

Pedro de Ocana caminhava, afastando-se da praça onde estivera assistindo às comemorações. Sentia-se profundamente de-

primido. Embora o fim da guerra fosse uma coisa boa, ele não estava feliz. Um número demasiado grande de seus irmãos de armas foram mortos. Vários desses camaradas mortos haviam sido mais do que excelentes soldados, tendo revelado, durante a guerra, uma extraordinária humanidade frente à destruição.

Enquanto andava a passos lentos na rua, lembrava-se de muitas conversas que tivera antes e depois das batalhas. Algumas eram tão profundas quanto as que se poderia ouvir em qualquer universidade ou mosteiro; pois a sempre presente ameaça da morte fazia as pessoas saborearem cada instante de vida.

Ocana tornara-se soldado para provar sua masculinidade e encontrar a aventura. O primeiro objetivo foi facilmente alcançado, por causa da sua temeridade juvenil, mas ele sabia que aquilo não passava de habilidade congênita. Era apenas sua natureza animal manifestando-se. Quanto à busca de aventura, esta fora mais do que satisfeita, e decepcionante, pois o que quer que tivesse sido ganho se mostrara extremamente efêmero. Esse pensamento levou-o a uma profunda depressão. Dentro de poucos anos os ensangüentados campos de batalha de Granada estariam mais uma vez cobertos pela grama, sendo as esquecidas sepulturas de bravos soldados mouros e cristãos o único memorial a vidas frivolamente desperdiçadas e ao inútil sacrifício.

Naquele momento, tudo parecia prognosticar tristeza para ele. Ocana não mais tinha uma profissão real e, na verdade, não fizera nenhum progresso em sua vida espiritual. Examinara a si mesmo desde a manhã até a noite, observando o estado da sua mente, do seu corpo e do seu coração, mas tudo o que percebera fora sua estupidez, confusão e impulsividade. Podia ser um bom soldado, mas como homem tinha todas as falhas de um exercício mal treinado. Não era o comandante de si próprio; seu moral estava baixo, e sua capacidade de agir, imprópria. Eram fatos que se revelavam no assunto que mais o deprimia: seu relacionamento com Raquel, a quem amava profundamente. Estava inconsolável e nada podia fazer para acabar com a causa da sua tristeza.

Raquel, para ele, estava tão perto e, no entanto, tão distante! Ocana conhecia-a como conhecia a si mesmo, pois eram como almas gêmeas. O doloroso era que ela não estava consciente dessa realidade. Lágrimas afloraram-lhe aos olhos, quando ele dobrou a esquina de uma ladeira próxima ao portão do bairro mouro, onde seus pais moravam. Talvez tudo não passasse de uma fantasia, e todas as coisas que haviam discutido no grupo fossem ilusão. Talvez devesse ter ficado no exército e morrido

O capitão observava a agonia de Coruña com muito prazer. Era uma pena que ele não pudesse estar presente para testemunhar o tenente prendendo dom Immanuel. Percebendo que não podia tirar ainda mais vantagens da situação, deu meia-volta e deixou os dois oficiais subalternos. Toro testemunhara a cena dividido em seus sentimentos. Por um lado, tinha pena de Coruña, mas por outro achava que havia uma justiça natural ali. O amigo explorara o seu poder sobre as mulheres, agora, porém, sua carreira de sedutor e traidor devia ter um fim. Era irônico que fosse Oviedo o instrumento do destino que lhe trouxera uma condenação há muito atrasada. Toro sentia a emoção, rara para ele, da piedade para com Coruña, mas nada podia fazer por ele, mesmo que quisesse. Deu uns tapinhas no ombro do amigo e saiu da sala, percebendo, pela primeira vez em sua vida irreflexa, que havia uma lei moral que devia ser levada em conta.

Quando Toro foi embora, Coruña caiu de joelhos, enquanto lágrimas afloravam-lhe abundantemente aos olhos, pela dor do seu coração angustiado. Ele usava farda e, no entanto, sentia-se como uma criança, chorando por ter sido apanhada e repreendida numa travessura. Estava com raiva, mas só ele era o culpado do que estava acontecendo.

— Tenente, esta não é a hora de rezar. Levante-se. — Oviedo voltara para encontrá-lo. — Seu esquadrão está esperando — vociferou ele.

Coruña pôs-se de pé, enxugou o rosto com a luva, endireitou o capacete e saiu todo empertigado da sala, passando por Oviedo, para a escuridão da noite gelada. A oeste, Vênus brilhava numa noite limpa de inverno. Raquel dissera-lhe que aquele era o planeta regente do seu signo, Libra, e do dela, Toro. Sentiu uma dor lancinante apertar-lhe o coração enquanto ordenava que sua tropa se reunisse. Durante a marcha à frente do seu esquadrão pelas escuras ruas de Zeona, em direção à casa de dom Immanuel, Coruña percebeu que fora apanhado numa armadilha, não por obra do destino, mas em consequência de suas próprias ações. Esse pensamento o atormentava, enquanto ele envergava a personagem de um soldado no cumprimento do seu dever, pois isso significava que iria perder o único amor da sua vida.

manuel e sua filha de um só golpe. Oviedo considerou-a brilhante, ainda mais sendo idéia sua. Quando terminou de dar as instruções, notou com grande satisfação que Coruña, a seus olhos, perdera quase completamente todo o seu fascínio viril. A vivacidade de sua juventude desaparecera com seu ar de convencimento.

O tenente sentiu-se mal quando ouviu a tarefa que lhe fora destinada. Isso significava que ele teria de encarar Raquel, bem como prender seu pai. Pensou no que dissera em seu bilhete. Cultivara a esperança de que sua mensagem consertasse a situação, mas agora estava sendo obrigado a arruiná-la da maneira mais horrível. Sua visita à casa de dom Immanuel para prendê-lo, e não para pedir a mão da sua filha em namoro, era uma terrível provação. Não haveria como escapar disso? Reunindo todas as forças, fez ao capitão um pedido formal:

— Senhor, solicito uma missão alternativa.
Oviedo sorriu friamente. Estava esperando por isso.
— Solicitação negada. Você terá que cumprir suas ordens com a máxima eficiência.

Coruña permaneceu em posição de sentido, com os olhos fixos à frente. Estava desesperado.

— Senhor, peço ser dispensado por motivo de envolvimento pessoal. Tenho certeza de que existe um regulamento a esse respeito no manual de conduta da *Militia Christi*.

O rosto de Oviedo assumiu um ar glacial.

— Tenente Coruña, desde quando se interessa por tais etiquetas militares? Não creio que o regulamento admita relações imorais. Faça sua escolha, tenente. Cumpra a ordem ou enfrente a corte marcial, ou ainda pior, o Santo Ofício.

Coruña mordeu os lábios. Sabia que o capitão faria o que estava ameaçando. A que dava valor? Seu amor por Raquel era sem dúvida profundo, mas seu interesse pessoal era mais forte. O suor escorria-lhe pelo rosto e entrava em sua armadura. O que quer que fizesse o colocaria numa armadilha. Coruña então viu mentalmente uma imagem de Raquel defronte dele com toda a sua beleza, inteligência e riqueza de espírito. Ela era única. Jamais conhecera uma mulher igual, e provavelmente jamais conheceria outra qualquer. Pensou no seu modo de vida. Não era desagradável viajar freqüentemente de cidade a cidade. Se escolhesse Raquel, perderia tudo isso e ainda seria processado por conspiração. Oviedo era bem capaz de forjar provas contra ele.

futilmente nas muralhas de Granada. O rapaz sentiu uma escurecida tenebrosa tomar conta da sua alma. Lembrou-se de sua espada em casa e pensou como alguns reis da Antiguidade suicidaram-se sobre ela quando confrontados com a derrota. Mas então algo aconteceu — uma voz, quase igual à sua, disse: “Espera”. Parou e olhou à sua volta; contudo, não havia ninguém ali. A pausa, porém, foi providencial, pois ele avistou Raquel vindo ao seu encontro. A visão da moça fez com que ele esquecesse a tristeza e a voz. O que estaria ela fazendo naquela parte da cidade? Quando ela o viu, ficou bastante surpresa. Seu rosto rapidamente passou da preocupação — transitando pelo medo — a uma máscara de casual alegria. Estava como uma criança que foi apanhada em meio a um roubo.

— Olá, Pedro. Que surpresa! — disse ela.

— Raquel! O que a trouxe aqui?

— Eu me perdi na cidade, depois de ter assistido às comemorações na praça — mentiu ela, na esperança de convencer o rapaz.

Ocana sentiu haver algo estranho, porque estivera na praça e a teria encontrado caso ela tivesse estado ali. No entanto, não era isso que o intrigava. Ele podia simplesmente não tê-la visto. O que estaria Raquel fazendo numa parte da cidade onde não era seguro que uma moça da sua classe social andasse?

— Eu a acompanharei até sua casa. Já é tarde, e sem dúvida seu pai deve estar preocupado — disse ele e, voltando-se para a direção da praça, esperou que ela viesse.

— Você está muito seguro de si, Pedro! Você mudou — disse Raquel. Ocana não sabia se devia considerar o comentário como um elogio, uma ofensa ou uma brincadeira. Ele indicou que deviam começar a andar e ela atendeu. Depois de caminharem duas ruas num tenso silêncio, o rapaz exclamou:

— Não fui eu quem mudou!

— O que você quer dizer com isso? — perguntou ela.

— Você não é a Raquel que conheci antes do início do Ano-Novo — respondeu ele.

Ela fez um gesto de assentimento, enquanto tomava uma postura mais defensiva e em seguida desafiadora.

— É verdade, você tem razão. Decidi ser mulher.

Ocana olhou-a num relance e pôs-se a imaginar o que estaria ela querendo dizer com isso.

— O simples fato de decidir ser mulher não é suficiente para que você se torne uma — afirmou ele.

Para sua surpresa, ela riu e concordou:

— Eu sei. Exige ação.

Ocana perturbou-se. Havia uma perceptível diferença em Raquel. Ela realmente ficara mais madura, e no entanto a menina ainda estava ali. Continuaram a caminhar em silêncio — ele tentando entender o que estava acontecendo, ao passo que ela refletia sobre tudo o que ocorrera desde a véspera do Ano-Novo. O encontro com Pedro revelara o contraste entre sua antiga vida e a que agora estava experimentando.

De repente, a véspera do Ano-Novo no Alcázar e o seu encontro com Coruña vieram com clareza à sua mente. Na verdade podia lembrar-se tão vivamente de cada instante que haviam passado juntos que por um minuto quase esqueceu que estava descendo uma rua escura e fria. Conseguira o que o seu coração desejara. Eram agora um só. Então, tomou consciência da presença de Ocana a seu lado. Sentiu um grande afeto por ele. Pedro era como um irmão, e a moça estava ansiosa por reparir sua felicidade com ele. Contudo, a prudência ditava que não deveria falar disso nem mesmo para as pessoas em quem confiasse. Era ainda prematuro demais.

Ocana então se pegou pensando em Coruña. Ocorreu-lhe que Raquel poderia ter se encontrado com ele em segredo. Isso poderia explicar por que estava naquele setor da cidade. Não podia dizer nada, porque não era possível ter certeza, e não tinha o direito de fazer perguntas. Com esse pensamento, sentiu uma explosão de ciúmes tomar conta de si. Andava contraído ao lado de Raquel, enquanto lutava com sua imaginação e com sua paixão. Certamente a moça tinha consciência de que Coruña não passava de um libertino. Ele conquistava as mulheres apenas para satisfazer o seu amor-próprio. Raquel devia saber disso. Ocana mordeu os lábios, porque sabia que a razão não tinha vez em tais assuntos. Se ela houvesse succumbido ao charme daquele sedutor, então ele mataria Coruña ou a si mesmo. Para sua surpresa e grande prazer, a jovem pegou seu braço e disse:

— Estou muito contente de que você esteja aqui, Pedro. O toque da sua mão era como um milagre. Fez desaparecer-lhe toda a angústia. Estrava louco em ter tais pensamentos sobre a morte. Devia voltar-se para o impulso da vida.

— Pedro, você é muito precioso para mim, e se algum dia eu precisar de ajuda, eu o procurarei.

Ocana mal conseguia acreditar nos seus ouvidos. Raquel se importava com ele. Havia esperança. Continuaram a caminhar em silêncio quando, de repente, ela se deu conta de que Ocana

deceu a Deus porque sentia o Espírito Santo fluir através da carne. Dom Immanuel sempre tentara imaginar como seria ser a ligação entre todos os mundos. Agora sabia. Era uma função de colossal responsabilidade. Vendo chegar o crepusculo, ele rezou, rogando que tivesse coragem para enfrentar sua hora do destino sem fugir da missão, pois ainda conservava a alternativa do livre-arbítrio.

XLV

Naquela noite o capitão Oviado deu instruções para Coruña e Toro. Cada um deles deveria liderar um esquadrão e prender um dos três homens que seriam detidos para interrogatório. Sairiam às sete horas. Isso lhes proporcionaria o elemento da surpresa, pois as pessoas estariam ceando. Oviado então descreveu, em traços gerais, os diversos caminhos que teriam de fazer para evitar que alguém percebesse para onde estavam indo e assim pudesse prevenir os suspeitos. Oviado gostava desse aspecto do seu trabalho, mesmo que fosse acompanhado apenas de uma meia dúzia de soldados. Era um bom treino para campanhas futuras e maiores.

A tarefa designada para o seu próprio esquadrão era a de prender o farmacêutico converso, Mendoza. Isso não seria problema. Todos sabiam que o homem era inofensivo e que oferecia mínima resistência. Mendoza estava sendo detido com base em poucas, porém conclusivas, evidências. Sem dúvida, sob interrogatório, confessaria e delataria outros. Toro deveria prender o velho mourisco. Este poderia mostrar-se um pouco difícil. Os mouros eram gente belicosa, e sua família poderia resistir à sua prisão. Isso seria um bom treinamento para Toro, que apesar de estúpido era pelo menos confiável; não que a *Militia Christi* alguma vez tivesse encontrado uma oposição bem organizada, pois a maioria das pessoas já viviam intimidadas com o poder da Inquisição.

Para Coruña, o capitão reservara a honra de prender dom Immanuel. Oviado estava se divertindo muito, enquanto dava as instruções nesse sentido. Ali estava sua vingança. Aquele era o perfeito *coup de grâce* no romancinho de Coruña. Era uma estratégia de grande mestria, pois destruiu o tenente, dom Im-

de vida espiritual. À medida que ele penetrava cada vez mais nesse mundo celestial, foi percebendo a presença esplendorosa de um vasto número de Seres Arcangélicos, que interceptaram sua ascensão, mas que em seguida recuaram para abrir-lhe passagem, quando seu nome foi pronunciado por uma poderosa voz que ressoou de um lugar superior. E então ele chegou a um lugar que se assemelhava a lugar nenhum e a todos os lugares simultaneamente. Ali Cordovero foi sustentado por mãos invisíveis, tendo sido trespassado por uma emanação ígnea, enquanto a última partícula do seu espírito foi purificada pelo fogo da Grande Luz que agora o envolvia.

— Immanuel — disse uma voz que se fazia ouvir telepaticamente.

— Senhor? — respondeu ele.

— Que o Espírito do Divino pai sobre você assim como o Espírito da Sabedoria e da Compreensão, o Espírito do Conhecimento e o Espírito da Misericórdia e da Justiça, e o Espírito da Verdade.

Dom Immanuel tomou consciência de que o *Shekhina* pairava sobre ele. Mantido nesse santo estado, a *Presença* entrou em seu ser. Então a voz telepática falou novamente.

— Volte agora, Ungido. Desça para fazer o que tem de ser feito em sua época.

Com essas palavras ainda reverberando dentro de si, o tempo se iniciou novamente e ele voltou ao espaço. Ali viu os grandes espíritos dos Céus em suas tarefas; galáxias e incontáveis estrelas, sóis, planetas e luas girando em seus ciclos, enquanto cantavam e repetiam suas melodias cósmicas. Ao descer, dom Immanuel se encontrou limitado por uma realidade cada vez mais densa e complexa, embora ainda retivesse tudo o que vira e ouvira ali em cima. Ao aproximar-se da Terra, entrou em contato com o mundo físico. Todos os pensamentos e emoções, que haviam sido interrompidos em seu fluxo, começaram a fluir de novo em sua mente. Entretanto, agora obedeciam ao conhecimento Divino que passara à sua compreensão. Quando tomou consciência do seu corpo, ficou maravilhado ao observar como um veículo tão grosseiro e material podia possuir níveis de vida tão sutis e ocultos.

Com essa percepção, encontrou-se sentado na cadeira do seu gabinete de estudos, ouvindo o som do sino da Igreja de Santiago que ainda repicava a hora. Tudo continuava como antes. A única coisa que mudara era ele próprio. Agora era tudo o que almejava ser. Curvou a cabeça bem baixo, humildemente, e agra-

a amava. Ficou chocada com sua dedução, pois sabia que o seu próprio amor traria grandes dores a um homem que ela agora percebia ser-lhe muito querido. Na porta da sua casa, Raquel curvou-se para ele com uma gentil seriedade e expressou seus agradecimentos por sua companhia com um beijo no rosto. Ocana voltou para casa com a primeira experiência de felicidade que teve em muitos anos. A jovem podia não amá-lo ainda, mas ele esperaria e veria o que a vida reservava para cada um deles. Poderia conter seu escorpiano desejo de morrer agora. Raquel finalmente reconhecera a ligação que existia entre eles. Isso, Ocana sentia, era um ponto de virada decisivo.

XLI

No convento, o capitão Oviedo estava sentado, lendo uma segunda carta anônima que dizia respeito a dom Immanuel Cordovero. Dessa vez, tratava-se de uma acusação de ocultismo, que Oviedo interpretou como feitiçaria. Falava sobre dom Immanuel estar ensinando uma versão distorcida da cabala, e sobre ele ter o poder de encantar a alma dos homens. Era um mágico da espécie mais perigosa, por desviar as pessoas boas da senda da Verdade.

Oviedo ficou impressionado com esse argumento, embora nada soubesse sobre a cabala. Ouvira dizer que era uma prática mágica pela qual os judeus podiam invocar anjos ou demônios, o que dera origem a um profundo temor e suspeita desse povo entre os leigos e os clérigos da Europa. Entretanto, embora os judeus ainda tivessem esse conhecimento, não possuíam a Graça que fora transferida para a cristandade. Oviedo tremeu antes tal pensamento, pois, apesar da sua racionalização, qualquer coisa que não conseguisse entender ou não se encaixasse em sua fé pessoal, considerava como algo demoníaco.

Também sob sua consideração estava a estranha circunstância da morte do servo de dom Immanuel, cujo corpo fora encontrado debaixo da ponte romana. Sua morte estava sincronizada demais com outros eventos significativos para ter sido um simples acidente. O meirinho achava que o homem podia ter sido empurrado quando estava bêbado. Mas por que motivo? Uma possibilidade era de que o homem sabia demais, mas a respeito de quê? Seus olhos repassaram o texto da pri-

meira carta que o Santo Ofício recebera. Não dizia muita coisa além do fato de dom Immanuel receber judeus em sua casa. Talvez o servo tivesse visto algo que não devia, tal como um servo religioso, ou alguma espécie de cerimônia mágica. Com base nessas duas cartas, e as circunstâncias suspeitas, poderiam recolhê-lo para interrogatório. Mas para uma prisão e uma acusação formal, eles precisariam ter algumas provas concretas. Era a primeira vez que ele teria de lidar com um mágico. Oviedo refletiu sobre o assunto da magia. Ela era absolutamente proibida pela Bíblia, e portanto condenada tanto sob a lei judaica como sob a lei cristã. Estariam os judeus vistos na casa de dom Immanuel participando de um ritual secreto de cabala? As duas declarações por escrito que lhes haviam sido enviadas indicavam essa possibilidade.

Nesse momento, Coruña entrou no quarto. Oviedo sabia que ele estivera na cama com a filha de dom Immanuel, mas isso já não importava. Ele estava mais interessado em saber se Coruña conseguira extrair alguma informação sobre o pai dela.

— Tenente — disse ele —, quero ter uma conversa com você.

Coruña contrain-se todo com a chamada. Sentia-se cansado e aborrecido consigo mesmo. A tarde com Raquel o esgotara, e ele só queria dormir. Jogou a capa numa cadeira e estava para fazer a mesma coisa com o corpo, quando Oviedo interrompeu sua ação dizendo:

— Tenente, quero um relatório oficial.

Coruña gelou.

— Sobre que assunto em especial, senhor? — perguntou, sabendo muito bem o que Oviedo queria dizer.

— Que informações conseguiu esta tarde? E obviamente não estou me referindo à copulação.

O tenente balançou a cabeça, não querendo entender a pergunta.

— Falamos muito pouco — disse ele.

Oviedo olhou para cima, tirando os olhos da pena que ele deixara de lado para tomar notas.

— Eu estava certo. É claramente um relacionamento carnal. Coruña desejava retrucar, mas não se sentia com energia suficiente ou com disposição de ânimo para contra-atacar a malícia de Oviedo, pois quando o capitão estava com esse estado de espírito, ele não ousava desafiar sua superioridade hierárquica sem temer riscos. Oviedo sorriu para ele, pois agora tinha o garoto dourado exatamente onde o queria.

— Você descobriu quem vai à casa durante as noites?

Olhando através da janela, observou a cidade, as planícies e as montanhas dos arredores. Um degelo geral começara. Alguma coisa estava sendo dissolvida. Dom Immanuel considerou o estado em que a humanidade se encontrava. Nesse ponto estava se dando a culminação de uma longa guerra religiosa entre a cristandade e o mundo islâmico; o que ele também percebia, no entanto, era uma maciça oposição à ortodoxia corrupta e a um clero pervertido. Na cristandade do Ocidente, já havia sinais de uma dissensão que poderia gerar um conflito de terríveis proporções entre o movimento protestante e aqueles que desejavam preservar a tradicional visão católica. A Europa poderia ser dividida ao meio.

Enquanto Cordovero estava considerando as implicações políticas e espirituais dessa possibilidade, o grande sino da Igreja de Santiago badalou. Isso deu início a uma dramática e súbita mudança dentro dele. Não estava mais limitado ao seu intelecto. Sua consciência começou a ampliar-se em todas as direções. Encontrou-se arrebatado do seu corpo para uma outra dimensão, de onde avistava a cidade como se estivesse em um lugar muito alto. Podia ver todas as ruas e casas, e mesmo o interior destas, onde estavam as pessoas. Se concentrasse a atenção em qualquer uma delas, ele saberia seu nome e tudo a respeito de sua vida. Entretanto, esse fenômeno desvaneceu-se quando ele notou que era levado ainda mais alto na percepção da realidade, ao se dar conta de estar sendo alçado às alturas por seres com grandes asas. De repente, ele podia ver toda a Europa embaixo do seu branco manto de inverno — as montanhas cobertas de neve pareciam um pergaminho enrugado. Em seguida, foi levado ainda mais para o alto, de onde podia ver todo o globo terrestre girando debaixo dele no espaço sideral. Dessa altitude enxergava a metade da raça humana adormecida na face escura da Terra, enquanto a outra metade estava acordada e muito ativa na face iluminada. Viu então os exuberantes prados verdes do verão no hemisfério sul, em contraste com as áreas escuras e brancas do hemisfério norte dominadas pelo inverno. Afastando-se da Terra, foi transportado com uma velocidade cada vez maior para além dos planetas, que pareciam como criaturas de profunda inteligência, cantando no movimento de suas órbitas. Essa visão das esferas foi substituída pelo ofuscante resplendor do Sol, que o atraiu para o seu fulgurante núcleo, onde dom Immanuel experimentou o início de uma extraordinária transformação. Essa dimensão era extremamente diversa de qualquer coisa que ele conheceria antes, em toda a sua experiência

Dom Immanuel estava sentado em seu gabinete de estudos. Não desenvolvera nenhum trabalho naquele dia. Um processo estava se realizando bem no seu íntimo, e ele não sabia do que se tratava. A princípio pensou ser algo físico, e realizou um exercício de percepção dos diferentes níveis dentro do corpo, com os sentidos e um olho interior, que investigava as funções sólidas, líquidas, gasosas e ígneas da vitalidade. Não encontrara nada errado, e assim passou à exploração da mente.

Primeiro, considerou seus pensamentos e sentimentos a respeito das atuais ocorrências. A queda de Granada o afetara, porém não o suficiente para perturbar seu equilíbrio básico. Sua preocupação com Raquel causara-lhe uma certa ansiedade, mas ele sabia que esse não era o motivo para a profunda sensação de apreensão que estava experimentando.

Dom Immanuel perguntou a si mesmo se fizera algo recentemente que pudesse ter precipitado alguma perturbação. Estava certo em ter instruído seu primo para que alertasse o esquema de fuga dos conversos? Sim! Perturbara-se com o que Avraham lhe dissera a respeito de Nahman? Não! Estava acostumado com críticas. Então, o que o fazia sentir-se tão inquieto?

Estivera sentado durante toda a manhã, incapaz de estender a mão para pegar a pena. O trabalho parecia irrelevante, porém ele não sabia precisar em relação a quê. Devia esperar até o que quer que fosse se revelar. Já experimentara tais apreensões antes e sabia que eram um prelúdio para algum acontecimento importante.

A primeira vez foi antes do desastre de Córdoba. Enquanto traduzia um antigo documento no sossego da biblioteca da universidade, sentira-se apreensivo; mas o que o inquietava ele não soubera dizer, até que chegou a notícia dos tumultos. Correu até sua casa para descobrir que todo um estilo de vida desaparecera. Deveria agora aguardar um acontecimento semelhante? Não, isso era definitivamente diferente. Parecia-se mais com a ocasião em que decidira gozar o seu ano sabático. Ao se dar conta disso, dom Immanuel fez uma pausa em suas reflexões, reconhecendo ter recebido uma chave para o mistério. Daí concluiu que aquela situação não dizia respeito ao problema dos judeus. Ele tinha feito o que pudera quanto a esse assunto. O que quer que fosse, estava relacionado com uma escala muito mais ampla, que envolvia toda a humanidade.

Coruña estava em silêncio. Sua mente devaneava.

— Estou esperando, tenente.

Ele voltou à realidade.

— Seu pai tem amigos que vão a algum tipo de reunião. Oviedo fez um sinal com a cabeça e anotou a informação. Então suas deduções não estavam erradas.

— Que tipo de reunião? — inquiriu ele.

O tenente balançou a cabeça. Tossiu, mas não podia falar. Só queria estar na cama e cair rapidamente no sono.

— Vamos! Vamos! O que disse ela? — insistiu Oviedo, pressentindo alguma coisa importante. Coruña pigarreou para limpar a garganta. Sua boca estava seca, e havia uma dor em seu coração.

— Eles discutem astrologia e assuntos semelhantes — respondeu ele.

O capitão assentiu, satisfeito, com a cabeça, enquanto continuava suas anotações.

— O que mais? Estou certo de que há alguma coisa que você esqueceu.

O corpo de Coruña enrijeceu-se a essa ordem. Bem no seu íntimo estavam ocorrendo eventos que ele não compreendia. Encolheu os ombros e nada respondeu. Oviedo, seguindo sua intuição de que havia algo de importância vital por trás da relutância de Coruña, disse, bem devagar:

— Se você não contar tudo o que sabe, então o denunciarei aos santos padres por fornicação com uma infiel.

Coruña gelou, e sua mente ficou obscurecida enquanto ouvia a própria voz dizer:

— Ouvi de passagem uma coisa estranha, enquanto estava na casa do pai dela, que eu havia esquecido. Era alguém dizendo o que achei ser uma oração de encantamento.

Oviedo ficou atento.

— Pode lembrar o idioma em que foi proferida?

Coruña balançou a cabeça indicando dúvida.

— Era uma estranha mistura de castelhano e alguma outra língua.

— Por que você acha que era uma oração de encantamento? — perguntou Oviedo.

— Porque foi declamada de uma forma compassada e falava dos signos do Zodíaco e das tribos de Israel.

— Então foi dita parcialmente em hebraico?

O tenente fez um gesto de assentimento, e Oviedo sorriu, enquanto fazia anotações. Ele não se enganara. Uma sessão de

cabala mágica estava sendo realizada na casa de dom Immanuel. O mistério estava solucionado. Quando o capitão levantou a cabeça dos seus escritos, viu Coruña balançando à sua frente, com um aspecto pálido-acinzentado que lhe desfigurava as feições. Naquele instante, Oyiedo viu o delicado viço da juventude desaparecer do rosto do rapaz. Ele voltou aos seus escritos. Não estava mais interessado em Coruña. Dispensou-o, sugerindo, com humor sardônico, que descansasse depois dos seus grandes exercícios físicos e morais no campo de batalha.

O tenente deitou-se em sua tarimba como um morto. Traira Raquel. Não tivera escolha. O que mais podia ter feito? Virou o rosto para o travesseiro e chorou. Acabara de destruir o amor de sua vida. Com o choro, sentia um grande e profundo remorso. Como endireitaria as coisas? De repente, teve uma idéia do que poderia fazer. Escreveria um bilhete dizendo que iria à sua casa e a namoraria abertamente como um cavalheiro deveria fazer. Sim, isso conseguiria salvar alguma coisa da situação. Enquanto elaborava e reelaborava mentalmente as palavras a serem ditas, pressentia no coração que aquela era uma falsa esperança. Não obstante, terminou de redigir o bilhete com a intenção de entregá-lo ainda naquela noite.

XLII

Na capela do convento, frei Juan rezava com os outros monges nas maíνας. O serviço, entretanto, não estava fluindo com facilidade em sua mente como em geral acontecia. “*Domine Jesus Christi fili Dei*,” dizia a sua boca; no seu íntimo, porém, ele estava profundamente perturbado. “*Vivis qui ex voluntate Patris co-operative spiritu sancti per mortem tuam vivificasti*,” murmurava ele, mas sua mente se preocupava com o que ele vira no começo daquela noite.

Frei Juan estava presente quando o capitão Oyiedo falara sobre três suspeitos. O mais importante deles era um tal dom Immanuel Cordovero, um converso de certo prestígio na corte, que de acordo com algumas evidências não apenas estava se associando a judeus, como também praticava magia negra. A base para a acusação eram duas cartas anônimas, claramente maliciosas, e uma suspeita de assassinato quanto à morte repentina de um servo do homem. Frei Juan tinha sérias dúvidas sobre

Ao chegar à praça, sentiu um repentino surto de terror dominá-la. Por que Coruña não estava querendo vê-la antes de ir à sua casa? Decerto desejaria fazer amor novamente antes que se casassem, agora que eram tão íntimos. Era insupportável. A moça deveu os passos quando sentiu lágrimas marejarem-lhe os olhos. Algumas pessoas no mercado notaram seu estado. Ela puxou o capuz sobre o rosto e prosseguiu a caminhada por um longo tempo, num tumulto de idéias e sentimentos, até que se viu no bairro mouro. Lembrou-se do que a vivva dissera. Praguejou contra a mulher em árabe, embora soubesse não ser ela a verdadeira causa de sua raiva. Passou ao lado da casa da vivva e lembrou-se do que acontecera ali. Na imaginação, Raquel fez aparecer, como por mágica, a cena do período que passaram no quarto; no entanto, para seu horror, a imagem assumiu vida própria, mostrando Coruña a rejeitá-la. Todos os seus medos afloraram quando ela viu, com os olhos da imaginação, o jovem levantar-se e sair do quarto. Então, a velha senhora surgiu e disse em árabe: “O que você estava esperando?”

Tão logo a visão terminou, Raquel pôs-se a fugir daquele lugar. Aquilo tudo era fantasia, pensou ela, tentando convencer a si mesma, quando parou de correr quase sem fôlego. Claro que ele iria à sua casa para cortejá-la formalmente. Coruña estava certo. Diante de tal conclusão, ela sorriu e enxugou os olhos.

Um equilíbrio começou a se impor. As coisas deviam acontecer às claras. Era questão de bom senso. Daquela maneira, o relacionamento deles poderia florescer apropriada e naturalmente. Ela teria de renunciar aos seus prazeres íntimos, mas haveria tempo de sobra para isso, quando estivessem casados. Esse pensamento consolou-a, e a moça pôs-se a andar quase garbosa mente para o mercado.

Enquanto perambulava em volta das barracas apinhadas de gente e barganhava na compra de um par de brincos de prata, um sentimento de pesar tocou-lhe o coração. Alguma coisa no mais íntimo do seu ser estava murchando. Seria a morte do romance no confronto com a realidade? Ela enterrou essa percepção debaixo do triunfo de conseguir pagar apenas o preço que queria ao joalheiro. Riu agradecida, quando o mouro elogiou a fluência do seu árabe; contudo não sorriu ao colocar nas orelhas a barganha, assim que chegou em casa, pois lágrimas correram-lhe pelas faces. Coruña não veria esses brincos até que fosse à sua casa. E por isso ela teria que esperar.

do e olhou-a contra a luz, procurando adivinhar o que estava no interior do envelope. Deveria abri-la ali mesmo ou levá-la para casa e lê-la no conforto do seu quarto? Não sabia o que fazer. Pegando a carta que escrevera, a moça colocou-a no lugar onde a dele estivera e cobriu-a com a pedra. A carta dele estava úmida. Coruña devia tê-la deixado ali na noite anterior. Isso significava que era urgente. O que deveria fazer? Qual seria a mensagem da carta? Subito, Raquel ficou com medo. Talvez tudo tivesse acabado. No entanto, ela procurava agarrar-se à dúvida. Levaria a carta para casa e a leria em seu quarto.

Subindo o barranco, ela mal notou quão íngreme e escorregadia estava a trilha, nem viu ninguém ao cruzar a ponte. Estava embriagada pelo seu amor, e agora também pelo medo que despontava. Nunca antes experimentara tais sentimentos. Entretanto eles passaram a dominar-lhe a vida há alguns poucos dias, e absorviam todos os seus instantes. A imagem dele a obcecava, e sua voz chamava-lhe o nome em todos os lugares. Estava enlouquecida pelo amor.

Ao alcançar o portão da cidade, decidiu que não agüentaria esperar até chegar em casa. Precisava ler a carta naquele momento. Descobrimo um cantinho da rua protegido do vento, e ela rasgou o envelope da carta e leu-a.

“Querida *doncella*, saiba que, embora eu a ame, não podemos mais continuar nos encontrando em segredo. Devo corté-la com todas as honras que você merece. Irei procurá-la em sua casa.”

Estava assinada com as iniciais “H. C.” Raquel olhou para a carta num estado de total perplexidade. O que significava aquilo? Ele dizia que a amava, no entanto não queria mais fazer amor com ela. Por que aquela súbita mudança? Ela procurou encontrar uma razão para aquilo. Estaria ele dizendo que o romance acabara, sendo aquela uma retirada educada depois de ter conseguido o que queria, ou estaria tentando colocar o relacionamento dos dois sobre uma base adequada, uma vez que pretendia desposá-la? Provavelmente essa última hipótese era a correta. Ele iria à sua casa e pediria formalmente sua mão. Raquel deveria falar com seu pai e prepará-lo para a visita de Coruña. Dobrou a carta e começou a andar devagar para casa.

aqueles supostos fatos e sobre a conclusão circunstancial que estava sendo tirada. Por que motivo sentia isso, não sabia; porém, alguma coisa lhe dizia que as evidências tinham um toque de falsificação. Nada havia que justificasse uma condenação, a não ser que as acusações pudessem ser provadas.

“*Libera me par hoc sancrosanctum*”, dizia ele, enquanto no seu íntimo murmurava: “Oh, Deus, libertai-me desta dúvida”. Tremeu ao pensar nos dois outros homens que estavam sendo alvos de suspeita de apostasia. Naquele momento eles provavelmente estariam dormindo em suas camas, sem saber nem de longe que sua prisão era iminente.

Um deles era o farmacêutico local, converso, que, como já fora observado, nunca saía de casa nas noites de sexta-feira, não acendia o fogo aos sábados, vestia, como o resto de sua família, as melhores roupas nesse dia, e jamais comia carne de porco. Isso, de acordo com o capitão, era indicação de apego à antiga religião. De uma maneira estranha, frei Juan admirava essa tenacidade. Os judeus eram perseguidos há séculos, e a despeito disso ainda conservavam sua fé. A quem estava uma verdadeira convicção, por mais desorientada que fosse. Quantos cristãos se arriscariam a serem queimados amarrados numa estaca para seguirem sua fé?

O segundo suspeito era um espanhol de origem moura, que se convertera ao cristianismo há muitos anos. Agora, na velhice, voltara a praticar a antiga fé. Isso parecia ser resultado mais de uma regressão senil do que de convicção religiosa, mas ele se tornara um símbolo para a população moura da cidade, e por esse motivo seria preso, para mostrar que a regressão à convicção religiosa abandonada não seria tolerada. Frei Juan estava especialmente horrorizado com esse caso porque achava que uma pessoa assim devia ser tratada com compaixão.

“*Corpus et sanguinem tuum ab omnibus inquitibus*”, cantava o coro enquanto o frei dizia com as mãos entrelaçadas: “Oh, Senhor, livrai-me da minha rebeldia”. Ele olhou para a cruz acima do altar, enquanto as palavras “*Et universis malis*” ecoavam por toda a capela, e seu som ia se atenuando ao passar pelas abóbadas do teto. O coração lhe doía, quando ele firmava o olhar sobre o severo Cristo castelhano. “Livrai-me desta desobediência”, rezava ele.

Por um momento, sua mente se distraiu, quando ele se deu conta de todos os monges à sua volta. Aparentavam espiritualidade e, no entanto, o frei percebia entre eles rivalidade, mesquinhez e hipocrisia. Nenhum monge fazia nada obviamente

mau, mas ele não via uma verdadeira submissão ao Divino. Essa tomada de consciência da realidade abalou-o como se o tivesse acordado de um sonho. “. . . *et fac metius semper inhaerere mandatis et ate nunquam sepevi permitas,*” rezava ele para apagar os pensamentos. Afinal de contas, o que sabia? Devia confiar em seus superiores. Eles tinham experiência do mundo e da vida espiritual. E, contudo, quando se lembrava de frei Tomás, via um tolo letrado que paguava intermináveis citações de celebridades e chavões vulgares. Frei Juan rangu os dentes e beijou sua cruz. O diabo estava testando sua fé, colocando-lhe idéias malignas na cabeça para desviá-lo de sua missão. O Santo Offício devia preservar a pureza da Igreja, mesmo que isso significasse ser, vez por outra, extremamente severo. Talvez estivesse tentando evitar esse fato desagradável. Balançou a cabeça. Era apenas um homem simples que fora chamado para servir a Deus — o que prometera fazer sem nenhum questionamento. Isso era o que o voto de obediência significava, e ele tinha de cumpri-lo.

Enquanto ouvia os cantos que ecoavam das abóbadas sobre sua cabeça, pensou: “Talvez a Verdade seja mais importante do que a fé”. Frei Pablo assim falara; porém, embora esse pudesse ser considerado um pensamento meritório, seu próprio bom senso de camponês dizia-lhe que o extremo zelo do seu irmão era uma forma de loucura. Se ele conseguisse ver o furioso rosto de frei Pablo sem a moldura do capuz de monge, ele o enxergaria como um homem que via a sua própria obsessão de impureza em todos, menos em si próprio. Eram somente os regulamentos da Ordem dos Dominicanos que impediam que frei Pablo se tornasse uma ameaça. Então, veio-lhe à mente uma assustadora conscientização — ao perceber, de repente, que a Inquisição na verdade destruíra pessoas. Frei Juan mordeu os lábios horrorizado ante o absurdo da atrocidade. Onde se encaixava ele nessa situação?

O frei permaneceu rezando durante um longo tempo, procurando deter esses terríveis pensamentos de dúvida, mas não conseguiu. A verdade interior que lhe crescia dentro da alma apenas piorava as coisas. Como poderia ignorar o que lhe haviam mostrado com tão incontestável simplicidade? Ele se ajoelhou, curvando-se muito humildemente, e ao tocar o chão com a testa rogou a Deus nas alturas que o ajudasse. Estava à beira de um abismo.

Enquanto o sacerdote proferia as palavras: “*Quicum eodem Deo date et spirito vobis veernas Deus in saecula saecularum*”, frei

Juan teve uma visão. Por um instante, encontrou-se no julgamento de Jesus perante os sumos sacerdotes. Viu e ouviu todos os detalhes da cena. Os olhos de Jesus estavam fixos nele. A visão então se dissolveu, mas o olhar de Cristo — o Ungido — foi indelévelmente impresso em sua consciência. Frei Juan colocou as mãos no rosto e chorou, pois agora sabia que viria a descobrir por que se encontrava naquela situação. Entremetidos, devia orar e vigiar, ser testemunha do que estava para acontecer.

XLIII

Raquel caminhou em direção à ponte romana, onde eles tinham combinado trocar correspondências. Ela estava apreensiva. Imaginava se iria encontrar ali um bilhete explicando o estranho comportamento dele ao se separarem. Sua própria carta estava cheia de amor. A jovem reescrevera-a muitas vezes. Cada uma das palavras fora cuidadosamente considerada para que Coruña recebesse a plenitude dos seus sentimentos. Havia no papel manchas de lágrimas, linhas maltraçadas e letras malformadas, apesar de sua tentativa de fazer uma caligrafia perfeita; porém ela não se importava, de tão impaciente que estava para fazê-la chegar às suas mãos.

A moça atravessou a ponte, com a carta apertada contra o peito, enquanto o forte vento lhe levantava a capa. O rio abaixo estava cheio de pedras de gelo que estalavam ao se chocarem umas contra as outras, descendo na correnteza. Ela pensou em Lorca, que morrera ali. Teria que passar pelo local onde haviam achado seu corpo. Tremia de frio, ao sair da estrada para descer o desfiladeiro. Alguns camponeses que seguiam para o mercado olhavam para ela de cima da ponte. Raquel sabia que estava chamando muita atenção, mas ignorou a curiosidade deles, enquanto avançava apressadamente em direção ao lugar que ambos haviam combinado. Teria ele deixado alguma missiva? Seu coração bateu mais rápido quando ela se abaixou sob os pingentes de gelo que pendiam do arco da ponte. Talvez não encontrasse nada, ou o papel tivesse sido comido por algum animal, ou o vento o houvesse carregado. Raquel prendeu a respiração ao levantar a pedra. Havia uma carta. A inicial *R* estava nela. Tinha uma bela caligrafia. Ela apanhou-a, virou-a do outro la-

Avraham pensou por um instante, inseguro sobre o que deveria sugerir. Então, deu-se conta de que Nahman era um enviado do Céu, se levasse em consideração o problema de maior importância naquele momento. Precisava de um homem de inteira confiança, para dar o sinal de alerta para a operação Exodus.

— Tenho uma mensagem urgente para a organização de fuga em Toledo — disse ele. — Você a entregará esta noite.

— Você... você confia a mim uma tarefa como esta? — admirou-se Nahman.

— Sua honestidade o redimiui. Mantenha-a, e você verá a diferença entre a Lei e sua letra.

Nahman partiu naquela noite, para a capital, como um novo homem, com suas ilusões sobre si mesmo quase todas desparecidas. Avraham também aprendera sua lição. Pela primeira vez compreendeu o significado do verdadeiro julgamento e discernimento quando aplicados com misericórdia e compaixão. O Santíssimo nada desperdiçava.

LIII

Enquanto um nebuloso sol de inverno nascia sobre o Alcázar, uma sala estava sendo preparada para o Santo Offício. Normalmente usada pelo conselho municipal, ela foi reorganizada em seu mobiliário para transformar-se numa espécie de tribunal. A mesa dos monges foi colocada na parte da frente da sala, com uma outra de lado para um clérigo secretário. Uma cadeira para o acusado foi posta no centro da sala diante do estandarte da Inquisição, que pendia na parede atrás das cadeiras dos inquisidores. Na hora designada, dois soldados da *Militia Christi* tomaram suas posições perto das portas. Então os três monges entraram, precedidos pelo capitão Oviedo, que os escoltou aos seus lugares. Depois que o clérigo secretário ocupou seu assento, frei Tomás indicou a Oviedo que trouxesse o primeiro prisioneiro.

Enquanto esperavam, frei Tomás terminou uma exposição de conceitos para frei Juan.

— O Santo Offício tem o seu próprio sistema de jurisprudentia. Eymeric de Aragón definiu todos os delitos passíveis de ser julgados pela Inquisição, variando desde a heresia e a blasfê-

minou de chupar uma laranja, decidiu dar a entender a seu tio que desejava falar com o pai confidencialmente. Hakim entenderia, ela não tinha dúvidas, porque era um homem de muita sensibilidade e sairia com discrição da sala para deixá-los sozinho. A garota nutria um grande carinho por esses dois homens em sua vida, mais do que por qualquer outra pessoa, exceto talvez por Coruña e — para sua surpresa — por Pedro de Ocana, cujo nome agora, de vez em quando, surgia em seus pensamentos.

Dom Immanuel já estava a par da situação de Raquel. Esta lhe fora mostrada num lampejo, quando ele indagara por que a filha aparentava tanta tristeza. Era como se ele, de repente, tivesse acesso a qualquer informação que desejasse. Precisava apenas perguntar, e os anjos respondiam. Dom Immanuel sabia ser capaz de realizar milagres, de mudar as circunstâncias que envolviam Raquel, por um ato de sua vontade; contudo não o faria, porque isso significava interferir com seu destino e livre-arbítrio. A jovem deveria passar por aquilo para que aprendesse a diferença entre a paixão e o amor. O pai observou sua espera pelo momento certo de falar. Haveria tempo suficiente. Os soldados e seu amante, Coruña, ainda estavam do outro lado da praça.

Hakim ouviu dom Immanuel discorrer sobre a fonte do conhecimento de Ibn Arabi. Sentia-se maravilhado com as informações que estava recebendo. Durante muitos anos, Hakim examinara centenas de documentos na tentativa de reunir a linha sufista de mestres; e ali estava o *Katub* preenchendo todos os elos perdidos desde Idris, o primeiro ser humano a tornar-se auto-realizado. Ele desejava fazer muitas perguntas, mas sentiu que aquele não era o momento apropriado, o que se confirmou com o pedido de Raquel:

— Papai, eu poderia falar com o senhor antes que se retirasse?

Hakim aceitou a insinuação para que os deixassem a sós. Ao chegar à porta, virou-se, como fizera em muitas outras noites. Ele sabia que aquela seria a última vez. Os olhares dos dois homens encontraram-se, e Hakim percebeu uma grande luz presente na sala.

— *Salaam Aleicum* — disse dom Immanuel em árabe.

— *Shalom Aleichem* — respondeu seu cunhado em hebraico. Os dois curvaram-se reverentemente um para o outro, e Hakim saiu.

Durante algum tempo, Raquel permaneceu sentada, brincando com seu garfo, sem nada dizer. Dom Immanuel espera-

va, entretanto ela não sabia o que dizer, ou por onde começar. Então, para sua surpresa, o pai declarou:

— Já estou ciente de Coruña e do seu romance.

— Como? — perguntou ela, espantada com o fato de ele saber o nome de Coruña.

Seu pai balançou a cabeça.

— Não vem ao caso.

— Ele vem pedir minha mão — afirmou ela, procurando imaginar quem descobrira e contara tudo a seu pai.

Dom Immanuel assentiu com a cabeça e esperou.

— Acho que estou apaixonada por ele — disse a moça, quase desafiadoramente.

— Você acha que está amando? — perguntou ele.

Súbito, Raquel sentiu-se insegura. Agora o problema mostrava-se às claras. Estaria amando Coruña ou sua beleza?

— Não sei — respondeu ela, pois toda a paixão que sentira revelou-se tal e qual de fato era, na presença da realidade do seu pai. O que significava aquilo tudo? Era como se a verdade estivesse surgindo como uma alvorada, e ela estivesse emergindo de um sonho. Dom Immanuel estendeu a mão e pegou a dela, quando a filha começou a chorar. Raquel enxergava agora que o que ela e Coruña tinham não era real e não poderia ser duradouro. Era uma miragem destinada a desfazer-se, à primeira exposição ao mundo. Seu relacionamento com Pedro de Ocana era muito mais íntimo e profundo. Essa descoberta também foi um choque para ela. Naquele momento, ouviu-se uma batida na porta, e a cozinheira veio avisar dom Immanuel de que havia um oficial da *Militia Christi* na varanda.

O coração de Raquel bateu mais forte quando seu pai levantou-se para ir atender. Coruña viera! Estaria errada? A fantasia acendeu-se novamente, enquanto ela seguia o pai até o início da escada. Quando avistou o rapaz ali embaixo, com todos os seus apetrechos militares, ficou com medo. Por que estava vestido assim se viera para cortá-la? Raquel pressentiu o surgimento de uma terrível realidade ao ver o pai descendo para o pátio. Coruña mantinha os olhos fixos à sua frente, quando dom Immanuel lhe perguntou a que vinha. Com o rosto repuxando num tique nervoso e a garganta seca, ele disse numa voz áspera:

— Tenho ordens para prendê-lo e levá-lo em escola para o Alcázar, onde o senhor será deitado pelo Santo Ofício para ser interrogado.

— Sob que acusação? — questionou dom Immanuel com tranqüila dignidade.

Nahman caiu de joelhos, curvou a cabeça até encostar a testa no tapete e começou a chorar. Avraham estava atordado. Ele sabia que o amigo fazia oposição a dom Immanuel, no entanto não imaginava que chegasse ao ponto de agir contra ele.

— Por que não me contou isso antes? — perguntou ele. Nahman bateu a cabeça no chão.

— Eu fiz isso para protegê-lo da corrupção, mas vejo agora, à luz do que você me revelou sobre dom Immanuel, que eu não mais podia manter meus atos em segredo.

Avraham ficou como que congelado em sua cadeira. Aquela era uma crise espiritual de primeira ordem.

— Tudo tem o seu propósito — afirmou ele, mudando a mente para o *Gadlur*, ou estado superior, como dom Immanuel os ensinara.

— O que você fez exatamente?

Nahman soluçava em seu choro.

— Informei ao Santo Ofício que ele era mágico, como eu acreditava na ocasião.

Avraham balançou a cabeça. Uma carta maliciosa destruíra anos do trabalho de dom Immanuel. Ele suspirou bem fundo, olhando para o desalentado Nahman. Não podia castigá-lo. Sua própria consciência o faria. Ele abaixou-se, ajudando o amigo a erguer-se, e disse:

— O que aconteceu já é a realidade com que temos de trabalhar. Procuremos pensar sobre o que de positivo poderá advir da situação.

Nahman olhou para cima, o rosto macilento.

— Poderá dom Immanuel perdoar-me algum dia?

Avraham assentiu com a cabeça.

— Acho que sim, por tratar-se de quem é, pois isto aprendi com ele: a vida é uma viagem espiritual, em que crises como esta originam profundas transformações que, de outro modo, não poderiam ocorrer. Esse evento demoliu a idéia que você fazia de si próprio e mostrou-lhe quem realmente é. Não mais poderá ser o velho Nahman. Esta é a sua oportunidade para mudar-se do advogado que gosta de discutir assuntos insignificantes para alguém que realmente compreende a Torá.

Essas palavras surtiram o mais profundo efeito em Nahman, porque de repente ele viu com clareza o que vinha fazendo durante toda a vida, pois sua alma libertara-se da mesquinhez do intelecto. Enxugando as lágrimas com a manga da roupa, implorou:

— Diga-me o que devo fazer.

mada, o inquisidor-mor, destruíra qualquer possibilidade de acorrido. Ele dissera que Judas vendera Cristo por trinta peças de prata. Estaria a Coroa disposta a fazer o mesmo por trinta mil? Isso eliminara a possibilidade de quaisquer outras discussões. A rainha não tivera outra saída, senão assinar a ordem de expulsão.

O decreto dizia que todo judeu deveria sair da Espanha dentro de quatro meses. Isso não seria fácil, pois a maioria das famílias judias estavam tão integradas à vida na Espanha, que lhes seria muito difícil deixar o país. Muitas prefeririam escolher a conversão, a perder o que possuíam. Aumentaria, portanto, a quantidade de conversos, e os cristãos-velhos já tinham ressentimentos contra eles. Avraham balançou a cabeça. Ele não sabia ao certo quem eram os mais infelizes — os conversos que estavam sempre à sombra do Santo Offício ou os prospectivos cento e quarenta mil exilados.

Avraham pensava nos guetos de judeus por toda a Espanha, onde as pessoas seriam obrigadas a vender as propriedades e as casas por um preço nominal, pois apenas uma quantia limitada de dinheiro poderia ser levada para fora do país. Ele previa muitos e tragédias, quando os judeus estivessem se locomovendo, através de uma nação hostil, em direção aos portos — onde sem dúvida marinheiros inescrupulosos explorariam sua situação aflitiva. Essa expectativa baseava-se no que acontecera na Inglaterra, duzentos anos antes. Eles não somente tinham sido expulsos, como também jogados ao mar, depois que a última moeda lhes fora extorquida.

Onde um judeu, um dia, se sentiria seguro? Alguns poderiam fugir para Portugal, mas seria apenas uma questão de tempo para que ali acontecesse o mesmo. Outras alternativas seriam a Holanda, a França, a Alemanha ou mesmo a Itália. Poderiam ficar a salvo nesses lugares. A Inglaterra fechara-se para os judeus, embora existissem muitos conversos em Londres, que eram cristãos apenas de nome. Os lugares menos hostis eram os países muçulmanos do norte da África e o Império Otomano.

Enquanto refletia sobre o futuro, Avraham ouviu uma batida à sua porta. Era Nahman, o rosto tenso e os olhos sem brilho.

— O que há? — perguntou Avraham.

— Quero contar-lhe a coisa terrível que eu fiz.

Avraham encaminhou-o para sentar-se.

— Fui eu quem traiu dom Immanuel, mandando um falso testemunho para a Inquisição.

— Não tenho permissão para discutir o assunto — respondeu Coruña, o suor escorrendo-lhe pelo rosto. Girando nos calcanhares, ele andou em direção à porta para colocar-se fora da visão de Raquel, indicando que deviam sair imediatamente.

Dom Immanuel olhou para cima, para Raquel, enquanto ela olhava para baixo, horrorizada. Com gestos, a jovem chamou Hakim, que se aproximara dela, a fim de que a ajudasse a enfrentar a situação. O tio fez um sinal afirmativo e colocou o braço em seus ombros. Dom Immanuel então disse para a espanhada cozinheira e para o seu marido que deviam continuar o trabalho. Pegando sua capa, ele deixou a casa que fora seu refúgio espiritual e cruzou a soleira da porta, dirigindo-se à rua onde se encontrava a escolta armada. Estava pronto para fazer o que fora chamado a fazer, para o que tinha sido criado, formado e preparado.

XL VII

Por volta do meio-dia do dia seguinte, a notícia das três prisões já era conhecida por toda a Zeona. A princípio todos se chocaram. A ofensiva chegara de maneira abrupta, e exatamente quando as pessoas já estavam ficando acostumadas a ter o Santo Offício na cidade. As consequências do fato foram o aumento na divisão entre as diversas comunidades e um endurecimento do preconceito contra os convertidos.

Muitos encararam as prisões como parte da campanha para limpar a Espanha dos descrentes, sobretudo daqueles que, em altos postos, formavam uma elite infiel dentro da corte. No setor dos cristãos, a maioria aprovava as atitudes tomadas pela Inquisição. Os mouros e os judeus podiam ser contidos em seus guetos, porém não os convertidos em seu meio, de modo que era vital eliminar todo apóstata que viesse a representar uma ameaça.

No mercado houve uma estranha mistura de reações. Os comerciantes cristãos falavam excitados sobre o acontecimento, ao passo que uma intensa calma permeava as barracas normalmente agitadas dos judeus e dos mouros, pois qualquer argumento que usassem em defesa dos detidos poderia se voltar contra eles. As experiências amargas de séculos tinham provado ser insensato opor-se à religião dominante. Havia sempre pes-

soas capazes de inflamar-se facilmente para a promoção de hostilidades por tédio, rancor ou rivalidade.

Nas ruas da periferia, as pessoas trocavam impressões e opiniões. Alguns não se mostravam surpresos com as pessoas que foram detidas. O velho mourisco tinha a reputação de ser rabugento, e era um segredo de polichinelo que ele voltara a praticar o islamismo. Isso vinha sendo ignorado devido a sua idade. Os comentários sobre Mendoza, o farmacêutico, eram variados. Era um bom homem que servira bem a cidade. Exteriormente aparentava ser um bom católico, e no entanto as pessoas sentiam que ele não era de todo dedicado. Fechava sua farmácia na sexta-feira à noite e não a abria antes da manhã de segunda-feira. O motivo alegado era que ele dedicava o sábado à sua família. Essa história claramente não fora aceita pelo Santo Ofício.

As opiniões sobre dom Immanuel divergiam amplamente. A princípio a surpresa era a de que pudesse ter sido preso. Tratava-se de um homem proeminente e de um recém-chegado à cidade muito respeitado. Se ele fosse mesmo apóstata, questionavam alguns, não o teriam prendido em Toledo? Outros descartavam essa hipótese, afirmando que havia mais coisas ocultas do que simplesmente apostasia. Sem dúvida as autoridades tinham suas razões para tê-lo prendido. Muitos estavam profundamente melindrados, pois dom Immanuel granjeara muita afeição pessoal na cidade. Aqueles que o viam como um novo-rico judeu consideraram sua prisão como o resultado natural de sua ousadia em elevar-se além de sua classe social. Os mais hostis diziam que os judeus não gostavam dele, uma vez que sacrificara sua fé por dinheiro, não obstante continuasse a praticar os rituais judaicos. Os que se colocavam a favor de dom Immanuel não conseguiram refutar tais calúnias, pois não tinham evidências com que defendê-lo. Isso os tornava inseguros. Deveriam apoiar um convertido que ainda podia estar praticando sua antiga religião? Ele não podia receber o benefício da dúvida naquelas circunstâncias, embora pudesse merecê-lo. Portanto, muitos dos que nutriam simpatia por ele permaneciam calados.

Uma dessas pessoas era García, o prefeito, que fora convocado à casa do governador. Ali, dom Faderique ofereceu-lhe uma cadeira, que García recusou num silencioso protesto contra o teste à sua lealdade pelo governador. O prefeito estava muito perturbado pela prisão de dom Immanuel, e por isso decidiu fingir ignorância, quando mais não fosse, para se proteger.

— Então o nosso brilhante cometa caiu — disse dom Faderique, despejando um pouco de vinho num cálice. O prefeito

nomia mudar perante seus olhos. Por um instante, viu um rosto por trás do rosto e percebeu que estava fitando o homem predestinado a ser seu marido. O momento durou apenas um segundo, porém mudou toda a sua atitude para com ele. Ocana disse, não tendo tomado conhecimento do que acontecera:

— Você não tem motivo para se censurar. Ouvi boatos sobre acusações anônimas contra seu pai. Algumas pessoas o vêem como uma ameaça às suas posições. Farão qualquer coisa para desacreditá-lo, especialmente na atual atmosfera da cidade.

Raquel assentiu. Foi um grande alívio ter conversado com Ocana. Sentindo-se um pouco melhor, ela sentou-se na cama para olhá-lo de frente. Queria estar segura do que acabara de ver. Sim, a alma dele ainda estava visível nos olhos. Ocana ficou tentando adivinhar por que a jovem o fitava tão atentamente, até que seus olhos se encontraram. A troca de olhares resultou num profundo reconhecimento mútuo. Durante um longo tempo, nenhum dos dois nada disse. Podia ser outra ilusão, pensou Raquel. Ocana estava perplexo demais para tomar qualquer atitude e por isso comentou, para romper o silêncio:

— Seu tio diz que a única coisa que podemos fazer é esperar. A Providência cuidará de tudo.

Raquel fez um gesto de aquiescência. Essa realidade estava despontando perante seus próprios olhos. Ocana não era nenhuma fantasia. Nem um Adônis. Era apenas ele mesmo — justamente o que ela queria, precisava e amava nele. A partir desse momento, ela parou de chorar por Coruña.

LII

Avraham andava em círculos no quarto da sua hospedaria. Estava desesperado não somente por causa da prisão de dom Immanuel, mas também por causa de uma carta, trazida por um dos seus mensageiros de negócios, que contava que o Decreto de Expulsão se tornara lei.

A carta era de um contato de Granada, que relatava detalhadamente o que acontecera. Os dons judeus haviam apresentado à rainha sua petição, apoiada por trinta mil ducados, para a reversão do decreto. Eles explicavam que a Espanha perderia muito com a expulsão de uma comunidade tão bem-dotada. A rainha e o marido reconheciam o fato. Infelizmente Torque-

Ocana ficou espantado e esperou que ela se explicasse. Raquel sentou-se e enxugou as lágrimas dos olhos. Sabia que seria difícil para ambos falarem sobre seu romance com Coruña, mas isso precisava ser feito.

— Você se lembra do tenente da *Militia Christi*? — perguntou ela.

Ocana sentiu a pele arrepiar-se, quando pressentiu o que estava por vir. Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Raquel baixou os olhos.

— Eu o tomei como amante.

Ocana gesticulou novamente, enquanto procurava esforçar-se para reunir toda a sua disciplina a fim de resistir e conter uma onda de paixão enfurecida. Ele nada disse. A moça, sabendo o que ele sentia, prosseguiu:

— Eu me entreguei porque pensava estar amando. Agora vejo que isso não era verdade.

Ela esperou pela reação dele.

Ocana fez um aceno indicativo de compreensão, pois lembrou-se de ter tido ele próprio experiências semelhantes. Estava admirado com sua própria sensatez. Aquele era um novo Pedro de Ocana.

— Eu também já cometi tais tolices. — Ele sorriu, pois amava-a de todo o coração. Raquel sentia-se profundamente comovida, pois percebera que ele compreendera, a despeito dos seus sentimentos.

— Posso ter dito ou feito alguma coisa que foi usada para incriminar o meu pai.

— Como o quê? — perguntou Ocana.

— Não sei — respondeu ela.

Ocana olhou-a com ternura e balançou a cabeça.

— Acho que você está impondo uma culpa a si mesma. Seu pai não desrespeitou nenhuma lei. Ele toma um enorme cuidado para evitar essa possibilidade.

— Mas eu me sinto responsável, por ter permitido que esse homem entrasse na nossa casa.

— Raquel, paixão é tolice, e no seu caso, creio, inocência. O que aconteceu não foi acidental, mas sim o desenrolar do destino; mesmo a prisão do seu pai é parte de um plano muito maior.

Raquel levantou o olhar para Ocana. Seu pai ensinara-lhe essa visão da vida. De fato, a situação toda parecia estar permeada por um extraordinário sentido de inevitabilidade. Subitamente, enquanto olhava para Ocana, a moça observou-lhe a físico-

não fez nenhum comentário. O governador ergueu os olhos e o fitou, mas não lhe ofereceu nada para beber. Sorriu, tomou um gole do vinho e continuou: — Você sabia que o nosso illustre dom está preso no Alcázar?

— Ouvi dizer que está sob custódia para interrogatório, meu senhor.

— Ele é o seu modelo do homem feito por si mesmo. Você não é aliado dele?

— Ele é auto-suficiente — disse o prefeito.

— Talvez, mas o Santo Ofício não prende ninguém sem um bom motivo.

— Ele às vezes age com base em falsos testemunhos, meu senhor — replicou o prefeito. Ele estava sendo obrigado a enfrentar exatamente o conflito de consciência que vinha tentando evitar.

— Conhece algum? — perguntou o governador, pensando em sua própria carta.

— Não, meu senhor — respondeu García, sentindo a pele esquentar e esfriar. Não devia defender dom Immanuel muito abertamente.

— E qual é a sua opinião? — questionou dom Faderique.

— Quero que seja feita a justiça — disse o prefeito.

— Você fala como um verdadeiro político, García.

O prefeito balançou a cabeça, indicando não ter entendido. O governador fez um gesto de desistência com a mão.

— Não importa, García, mas acho que a sua astuta mente de camponês compreenderia o método pragmático de trabalho. — Meu senhor, não estou compreendendo — insistiu o prefeito.

O governador suspirou fundo e foi para a janela. Depois de uma longa pausa observando a praça, afirmou:

— Creio, *señor* prefeito, que viremos a nos entender muito bem, quando chegar o momento de determinar quem deverá subir e quem deverá cair.

O prefeito ficou apreensivo. O que ele mais temia poderia acontecer. Ele corria o risco de perder tudo pelo que tanto lutara por causa do seu alinhamento com um judeu renegado. Um suor frio começou a correr em seu rosto. García lembrou-se da sua promessa de carregar o estandarte da cidade na procissão do auto-de-fé caso fosse constatado que dom Immanuel era após-tata. Ele não sabia agora o que fazer.

O governador voltou-se e, percebendo o estado crítico de García, ameaçou:

— *Señor* prefeito, não se pode servir a dois senhores. Faça sua escolha. Se estiver conosco, poderei ajudá-lo em suas ambições. Todavia, se apoiá-lo, poderei envolvê-lo no caso, afastando-o da sua bastar:te precária posição de poder.

Dom Faderi que deu alguns passos em direção à mesa e encheu uma taça de vinho. Ele empurrou a taça para perto do prefeito e ergueu a sua própria para fazer um brinde. García baixou a cabeça e pegou a taça. O governador sorriu da cara azeda do outro e brindou:

— A uma Espanha cristã!

— A uma Espanha cristã, meu senhor — respondeu García. Mais tarde, em sua casa, o prefeito tomou várias garrafas de vinho de boa safra para atógar a dor da consciência pelo que fizera.

XLVIII

Avraham caminhava pelas ruas do bairro judeu num estado de profunda depressão. Ele soubera da prisão de dom Immanuel por um preteiro converso, quando este fazia uma entrega de algumas pedras semipreciosas da Índia. O acontecimento era uma possibilidade, mas ele imaginou que o mestre seria protegido pela Providência. Rezara por ele, esperando que Deus ouvisse suas preces, mas não houvera resposta dessa vez. Lembrou-se de Sócrates e de Jesus. Eles tinham sido aprisionados pelas autoridades — e executados. Seria essa a mesma situação? O homem tremou. A idéia era pavorosa, horrível.

Foi então que viu Nahman sair da sua casa, parar e esperá-lo. Enquanto Avraham se lembrava da recomendação de dom Immanuel no sentido de que continuasse sendo cortês para com o outro, porém que mantivesse uma certa distância, ele notou que o rosto de Nahman estava diferente. Seus olhos pareciam esquisitos, como se seus focos estivessem divididos. O comerciante queria desviar seu caminho, mas não o fez, na esperança de que apenas trocasses cumprimentos de cortesia.

Nahman tomara conhecimento da prisão por sua mulher, que soube por uma vizinha. Todo o bairro judeu estava discutindo o incidente. Muitos o consideravam uma tragédia. Isso se originava de uma profunda e atávica solidariedade tribal, embora alguns achassem que todos os convertidos estavam rece-

sentir-se como ele e Raquel: extremamente abalado. Quanto a Nahman, ele não o considerava como parte do grupo.

A moça continuava deitada, o rosto banhado de lágrimas virado para o travesseiro, exausta pelo choro e pela falta do sono repousante. Estava cheia de gratidão pela presença de Ocana, e chorava ainda mais por Coruña não ser o tipo de homem que Pedro era. Passara a noite refletindo dolorosamente sobre o que acontecera na noite anterior. Repetidas vezes via a imagem de Coruña, vestido com sua armadura completa, com os cabelos dourados enfiados sob o capacete, dando suas ordens enquanto prendia o pai dela. Raquel enxergara a verdade naquele momento pavoroso e não conseguia suportar isso. Suas suspeitas haviam se confirmado. Entregara-se a uma fantasia, não a um homem; e, para seu desespero, seu amor se transformara em ódio. Isso a perturbava, pois ela se deu conta de que cometera um terrível erro. Fora estúpida, tola a ponto de não notar o que Coruña realmente era.

Ocana, de sua cadeira, observava a moça e como seus olhos estavam inchados. Raquel tinha as feições bastante desfiguradas pela dor; porém, para ele, ela ainda continuava bonita. De vez em quando, a jovem erguia-se violentamente com o choro, e fazia esforço para vomitar. Essa não era a *doncella* elegante e esplendorosa, mas ele não se importava com isso, pois amava-a e ficaria a seu lado pelo tempo que ela quisesse — até para sempre, se fosse necessário.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou ele.

Raquel fez um sinal de assentimento, enxugou o rosto com o lenço e indicou que ele devia sentar-se ao seu lado. Ocana levantou-se e sentou na extremidade da cama; entretanto ela estendeu o braço e pegou a mão dele, puxando-o para mais perto. A jovem passou os braços em volta dele e chorou, porque percebeu sua constância e bondade, em contraste com a vaidade leviana e presunçosa de Coruña. Por que não percebera isso antes? Sua paixão sumiu em confronto com a verdade. Seu amor traíra-a e ao seu pai. Seu corpo sacudiu-se convulsivamente, e ela agarrava-se a Ocana. Raquel parou de chorar, quando um terrível pensamento lhe ocorreu. Sua mente regrediu ao tempo em que esteve com Coruña. Ela falara a respeito de seu pai. Devia haver algo que ela dissera que o tenente tomou como prova contra ele. Isso a fez gelar de medo e de raiva. Fora usada de todas as maneiras por ele.

— Pedro — declarou então —, devo ser responsabilizada pela prisão do meu pai.

Hakim foi até a janela e olhou para fora. De onde estava, podia ver a cruz da Igreja de Santiago, a lua crescente da mesquita e a estrela da sinagoga.

— Depois que tivemos testemunhado o que deverá acontecer, todos nós partiremos para diversos lugares. Você ficará em Castela, porque há muitas almas que querem se desenvolver aqui. Dom Immanuel sugeriu que você vá a Ávila, que é uma cidade que está madura para um grupo esotérico. O resto de nós também temos nossas diversas designações.

Mora levantou o olhar em direção a Hakim. Seu mestre pensara em todas as contingências, pois sabia que a situação era a hora da transmissão de responsabilidade. Ele lembrava que dom Immanuel dissera uma vez que não poderia abandonar sua própria posição, até que ela fosse assumida por alguém naquele nível. Hakim estava pronto. Quase como que em resposta aos pensamentos de Mora, ele afirmou:

— Num determinado momento, todos recebem suas ordens. Para alguns, elas vêm durante um tempo de paz e, para outros, no meio de uma crise. Quando quer que isso ocorra, não há como confundir as instruções do Altíssimo.

LI

No quarto de Raquel, Pedro de Ocana permanecia sentado ao seu lado, vendo-a chorar. Quando ele soube da prisão, na manhã do dia seguinte, viera imediatamente para a casa da mora, onde encontrou Mora e Hakim consolando-a, pois ela entrara em estado de choque emocional. O médico dera-lhe um remédio de ervas para acalmá-la; em seguida, deixou-a aos seus cuidados, quando ela deu a entender que ficaria muito grata por sua companhia. Raquel realmente o chamara na hora da necessidade.

Enquanto Ocana a observava chorando em sua cama, sentou-se numa cadeira e passou a analisar o significado do que estava acontecendo. Era como um tremor de terra inesperado. Inopinadamente o grupo que se tornara fulcro de sua vida estava em perigo. Ele tinha visto o mesmo ocorrer numa batalha, quando um comandante morrera ou fora tomado como prisioneiro. Ocana sabia que Hakim e Mora estavam profundamente afetados, embora mantivessem a aparência calma. Avraham deveria

bendo o que mereciam. O mesmo conceito era endossado por Nahman, que esperava que o ocorrido viesse a salvar Avraham da perdição.

— *Shalom Aleichem.*

Avraham retribuiu o cumprimento.

— Venha até minha casa, Avraham. Gostaria de falar com você.

Avraham o seguiu relutante. O que Nahman estaria querendo dizer? Ambos sentaram-se no gabinete de estudos, onde um volume do Talmude estava aberto sobre a mesa. A mulher de Nahman então veio até eles e lhes serviu vinho quente e algumas tâmaras. Quando ela se retirou, o dono da casa disse:

— Então nosso grande dom foi levado pelos *goyim*?

— Parece que sim. Mas será que o manterão preso?

— Eles não o teriam prendido se não houvesse motivo — disse Nahman.

— Só pode ser falso testemunho. Ele não fez nada que contrarie a lei — respondeu Avraham.

Nahman perturbou-se com as palavras “falso testemunho”.

— Ele desobedece às nossas leis.

Avraham balançou a cabeça e olhou para o chão.

— Ele guarda todos os mandamentos.

— Todos os seiscentos e treze? — questionou Nahman.

Avraham olhou para cima espantado.

— Você os guarda? — perguntou.

— Não se pode fazer tudo — respondeu o outro, dando de ombros.

— Então você não tem o direito de questionar o desempenho dele.

— A questão não é esta — retrucou Nahman.

Avraham balançou a cabeça tristemente.

— Você só vê a capa externa da adoração a Deus. O Espírito não precisa ter uma forma fixa.

— Há a maneira judaica — disse Nahman.

— Você adora a Deus ou ao judaísmo? — quis saber Avraham. Havia lágrimas em seus olhos.

O outro judeu desviou o olhar. Estava irritado.

— Dom Immanuel o está desencaminhando com sua chamada metafísica esotérica.

Aquilo era mais do que Avraham podia aceitar. Ele afirmou calmamente, mas com grande emoção:

— Nahman, nem toda a sua esperteza foi capaz de lhe dar algum discernimento espiritual do que você tem estudado du-

rante toda a vida. Você não vê nada além de regras. Se o próprio Messias viesse com a cabeça descoberta para Zeona, você se negaria a reconhecê-lo por ele estar quebrando as regras.

— O que você quer dizer com isso? — indagou Nahman, perplexo.

— Vou dizer-lhe algo que você deveria saber a respeito do homem que condena. Quando dom Immanuel perdeu a mulher e a casa nos tumultos de Córdoba, ele decidiu se converter para impedir que acontecimentos semelhantes pudessem se repetir, trabalhando dentro do campo cristão. Foi repudiado por sua família e por sua comunidade, e caluniado pelas próprias pessoas que ele procurava proteger. Você tem conhecimento do plano de fuga Exodus?

Nahman fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— O Exodus é um sistema para possibilitar a saída de judeus perseguidos da Espanha.

— Não é um sistema extraordinário e obviamente organizado por alguém que tem informações prévias quanto às intenções das autoridades? — perguntou Avraham.

Nahman assentiu.

— A idéia e sua colocação em prática foram inteiramente criação de dom Immanuel.

O judeu mais jovem ficou chocado com essa revelação.

— Neste exato momento, estão sendo realizadas negociações na corte a fim de que se obtenha a permissão para a permanência dos judeus no país. Quem você acha que fez tais arranjos? Enquanto você o censura e o julga, dom Immanuel arrisca a vida para proteger nosso povo.

Nahman olhou firmemente para ele. O que fizera? Que coisa terrível ele perpetrara?

— Com o tempo — continuou Avraham, achando-o muito calado —, dom Immanuel percebeu que o problema não poderia ser resolvido apenas politicamente. Como cabalista, trabalhou nos níveis da alma e do espírito para modificar o clima dos valores, a fim de que as pessoas fossem capazes de ver como seres humanos, e não apenas como judeus, cristãos e muçulmanos. Nosso pequeno grupo é parte de um movimento mais amplo, em que as pessoas conseguem se reunir sem o conflito do sectarismo. O rabino Immanuel não é um apóstata, mas um dos iniciadores de uma Nova Era.

Nahman agora percebia o que fizera. Se o seu amigo estava dizendo a verdade, então dom Immanuel certamente era um judeu bem melhor do que ele jamais poderia aspirar a ser. Com-

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Mora. — A preparação do nosso grupo está consumada. Agora devemos realizar nossa tarefa.

Mora acenou com a cabeça afirmativamente.

— Sempre julguei que me pautava pela visão ampla, mas percebo agora que minha abrangência é muito limitada pelo que você faz supor. Pode dizer mais alguma coisa?

Hakim olhou para o homem mais velho e sorriu. Aquilo era a verdadeira humildade. Mora esperava. Ele reconhecia que Hakim possuía uma alma mais antiga e sábia do que a dele, embora fosse mais velho do que Hakim em anos. O período que passara com dom Immanuel o ensinara que a idade física apenas tinha relação com o mundo natural.

— O trabalho espiritual verdadeiro deve sempre harmonizar-se com o tempo e o lugar. Estamos num ponto específico em que pessoas de três grandes tradições religiosas podem se encontrar. Isso pode acontecer em conflito e perseguição, ou em amor mútuo e troca de experiências. Nosso grupo personifica esta última opção. Normalmente tais eventos apenas podem ocorrer em circunstâncias especiais, tais como as que tivemos, que duram desde que as condições estejam certas. Se o líder é removido, então o grupo realmente se dispersa.

Mora assentiu, pois de súbito veio-lhe à mente, como um golpe, a semelhança da situação de Jesus e seus discípulos e o que estava se passando em Zeona. Ele tremeu ante a implicação e descartou-a como obra de uma imaginação exageradamente ativa.

— O que costuma acontecer quando eles se dispersam? — indagou ele, tentando enfrentar a perda da sua linha de vida espiritual.

Hakim olhou para o manuscrito inacabado sobre a escrivãzinha de dom Immanuel.

— Os membros do grupo são como sementes que caem de uma árvore. Sua missão é espalhar conhecimentos amplamente, para que possam enraizar-se em outros lugares. Se realizarmos a Obra, então o que fizemos poderá frutificar daqui a quinhentos anos, no século XX, talvez nas pradarias selvagens da Inglaterra, ou em alguma terra remota ainda não descoberta além do grande oceano ocidental. Quem pode saber?

Mora assentiu com a cabeça.

— O que você diz dá aos nossos desempenhos individuais uma dimensão de escala cósmica.

acontecer seria, no final das contas, para o bem, embora parecesse ser o contrário.

Em sua meditação noturna, dom Immanuel rezou: "Bónissimo Deus, ensinai-nos a enfrentar o destino com confiança interior e obediência exterior. Senhor, deixai-nos servir de acordo com Vossa vontade, para que possamos Vos ajudar a realizar Vosso divino propósito".

L

Hakim e o doutor Mora estavam sentados na sala de dom Immanuel. Tudo fora manido como sempre estivera, embora Hakim soubesse que ele não voltaria. Fora informado por um sonho que isso não aconteceria. Mora também não esperava que o cavalista retornasse porque conhecia os métodos de trabalho da Inquisição. Se não condenassem sua vítima à fogueira ou à prisão, o melhor que se poderia esperar seria uma pesada multa e a ruína financeira; e dom Immanuel era importante demais para ser considerado inocente.

Os dois homens permaneciam sentados em silêncio, lembrando os muitos acontecimentos singulares que haviam ocorrido dentro do gabinete de estudos, que se tornara uma porta para outro mundo. Por vezes, o recinto expandira-se bem além das suas dimensões, para encher-se de um tempo e espaço diferentes. Dentro de suas paredes, eles haviam tido acesso ao distante passado, fazendo contato com pessoas de outras épocas. Fora-lhes permitido vislumbrar o reino angelical e penetrar em alguns designios da Providência. Ao executar alguns exercícios espirituais, tinham experimentado coisas, pessoalmente, que antes conheciam apenas pelos livros. Ao próprio Mora fora mostrado o que ele havia sido em vidas anteriores. Numa sessão, ele se vira como curandeiro na época grega; e em outra, como médico do exército romano. Tais exercícios de lembrança de tempos remotos haviam sido fascinantes, e agora esses dias tinham terminado.

— É estranho que eu, cristão, e você, muçulmano, estejamos aqui na sala de um judeu, lamentando sua prisão — disse ele.

Hakim assentiu com a cabeça.

— A Obra é muito maior do que nossas respectivas culturas. O que estamos experimentando é uma transição histórica de decisiva importância.

152

parara-se ao cavalista e agora se sentia horrorizado com sua atitude, ao perceber o próprio orgulho espiritual. Todas as suas acusações haviam tido raízes na inveja de quem ele agora via claramente como um bom e grandioso espírito. Voltando-se para Avraham, disse:

— Injuriarei dom Immanuel. O que posso fazer agora para consertar o meu erro?

O comerciante olhou para Nahman, cujos olhos agora estavam em foco e cheios de lágrimas.

— Perdoe a si mesmo, como sei que dom Immanuel lhe doaria.

Nahman aquiesceu com um gesto.

— Farei tudo o que puder para redimir o que fiz contra ele e contra seu trabalho.

Dito isso, os dois abraçaram-se e choraram.

XLIX

Dom Immanuel estava sentado numa cela do Alcázar, normalmente reservado para vilões culpados de pequenos crimes na cidade. De teto baixo, caiação branca e uma pequena janela guardada por barras, a cela tinha uma atmosfera de profunda infelicidade deixada por centenas de seus hóspedes no decorrer dos séculos. Era fria, porém seca, e dom Immanuel trocou de posição a mobília simples, para que pudesse sentar-se à frente da janela e olhar para o céu. Então, dedicou o lugar à Divina Presença.

Depois disso, sentou-se e ficou refletindo sobre sua prisão, que interpretava como uma parte inevitável de um plano cósmico. Todos tinham desempenhado muito bem seus papéis por causa do que eram, cada um deles contribuindo para a situação que estava se desenvolvendo em Zeona e que, eventualmente, viria a afetar o mundo. Não poderia ser de outra maneira, porque poucos indivíduos tinham a capacidade de mudar a si mesmos e, portanto, também o curso dos acontecimentos. A maioria era levada pela inércia do hábito, dentro do fluxo geral da história. A posição de dom Immanuel era diferente. Ele agora sabia o que estava envolvido. Ainda podia recusar o papel que a Providência lhe propusera. Tinha o poder para fazê-lo ou continuar e assumir a responsabilidade de ser o sacrifício e o ins-

149

trumento por que a humanidade atravessaria uma ponte crucial em sua evolução.

Deixando o ponto de vista cósmico, ele focalizou o aspecto pessoal das circunstâncias. Lembrou-se do rosto do amante da sua filha. Um relance revelara que Raquel era a última de uma longa fileira de seduções. Seu olhar despertara Coruña para o que ele realmente era. O homem estava horrorizado consigo mesmo e com sua vida. Essa conscientização e esse remorso haviam ocorrido porque, apesar da sua fraqueza, existia em Coruña uma consciência inata que o impedia de ser mau. Seu oficial superior, Oviado, era um caso diferente.

Ao chegar ao Alcázar, dom Immanuel fora interrogado pelo capitão, que se deleitava em exercer o poder. Dom Immanuel observara-lhe o desempenho com muita objetividade, e Oviado não conseguia entender por que seu prisioneiro era tão indiferente para com sua situação. Isso o enfurecia e despertava a escuridão latente em seu ser, o que lhe permitia tornar-se o agente das sombras demoníacas que assombravam o Alcázar.

Enquanto Oviado lhe fazia perguntas, o pernicioso cheiro da corrupção invadir a sala. Dom Immanuel o percebeu, vendo o passado, o presente e o futuro do capitão. Havia um câncer na alma do oficial que se tornaria crítico caso não aproveitasse a oportunidade que se apresentava agora diante dele. Dom Immanuel tinha compaixão por Oviado, pois ali estava uma pessoa de grande potencial direcionado para a autodestruição por causa do caráter ambicioso.

O terceiro oficial, Toro, não era especialmente bom ou mau. Tratava-se de um homem comum, capaz de um ato de bondade, mas conduzido com facilidade para situações em que podia desprezar qualquer coisa que não fosse o seu próprio desejo. Era uma alma imatura, aprendendo o que era a encarnação. Sua atual experiência o ensinaria a respeito de ação e consequência.

Todos os três oficiais estavam em importantes fases de desenvolvimento. Tinham sido reunidos pelo destino. Toro, o homem de instinto, Coruña, o homem de sentimentos, e Oviado, o pensador, estavam inconscientemente instruindo uns aos outros. Eram um dos vários grupos de almas que se encontravam envolvidas num drama que vinha se desenrolando no decurso de muitas vidas. E agora eles estavam ali para desempenhar seu pequeno papel num ato crucial da história espiritual.

Enquanto meditava sentado, dom Immanuel estava consciente da angústia que saturava as paredes da sua cela. Se quisesse, seria capaz de ouvir os gritos de bêbados, ladrões, trapaceiros,

assassinos e prisioneiros políticos, soldados capturados e hereses religiosos, que tinham sido encarcerados ali. Era como se pudesse abrir um livro de registro, embutido nas pedras da cela, para ler sobre quem mais passara algum tempo ali. Viu imagens de melancolia e rostos desanimados surgirem à sua frente, e os absorveu e transformou pelo resplendor do seu ser; desse modo, pouco a pouco, o lugar ficou limpo da profunda tristeza e angústia que permeava as paredes.

A medida que a emanção da sua luz clareava a escuridão da cela, esta começava a ter mais cálida sua atmosfera e mais perfumado o seu aroma. A mobília surrada, que já se acostumara à ira e ao desespero, assumiu uma aparência mais madura e tenra, como se as fibras da madeira tivessem liberado sua carga de ódio. Até mesmo os odores acres vindos do chão desapareceram, de modo que a cela se tornou um lugar agradável, onde um homem podia se sentar para a contemplação.

Quando dom Immanuel realizou essa transformação e observou o poder do espírito sobre a matéria, achou irônico o fato de que poderia deixar vaga sua prisão por um simples milagre, a qualquer momento. Na verdade ele estava entusiasmado e divertindo-se com a perspectiva de colocar em prática a ideia do carcereiro encontrar uma cela fechada e vazia. De fato era uma tentação, entretanto ele devia viver o que lhe fora reservado fazer naquela remota cidadezinha castelhana, embora o mundo nunca viesse a saber disso.

O carcereiro que lhe trouxe a comida notou algo de diferente na cela, mas não conseguia descobrir o que era. Embora pudesse ser infiel, era obviamente um cavalheiro. Ele nunca vira tanta dignidade. Era como ter um hóspede de honra ali. O carcereiro o chamava de “meu senhor” bem espontaneamente, e se pegou fazendo coisas para dom Immanuel que não teria feito para nenhum outro prisioneiro, a fim de lhe tornar a vida mais agradável numa situação tão difícil. Isso o intrigava e, no entanto, ele não queria agir de outra forma. Pela primeira vez em sua longa e ingrata carreira, o carcereiro sentiu-se feliz com seu trabalho, pois estava servindo a quem ele sentia ser um homem bom e nobre.

Enquanto dom Immanuel esperava sua provação começar, pensou em sua família e em seu círculo de amigos. Todos eles sabiam, cada um a seu modo, o que fazer, pois o cavalista os preparara para tal momento. Como o próprio Cordovero, eles viveriam os acontecimentos com a consciência de que o que iria

Nas entranhas profundas do Alcázar, dom Immanuel, despedido, estava estendido sobre um cavalete de tortura que fora feito às pressas. Em volta dele, viam-se os três monges, o capitão Oviedo, um soldado que manipulava o cavalete e um escravo para anotar qualquer coisa útil que dom Immanuel pudesse revelar.

Frei Tomás olhou para o dom Immanuel de braços e pernas abertas em toda a sua envergadura e disse:

— Você chegou a esta situação por sua própria teimosia, apesar da paciência que demonstramos com você. Não nos deixo outra escolha senão iniciar o processo chamado “colocação da pergunta”. Até este momento, você só foi amarrado à máquina. Entretanto, se não responder às nossas perguntas, devo dar a ordem para a máquina ser operada — a não ser que se arrenda e receba a Graça. Pense bem, meu filho. Você afirma que não cometeu nenhum crime, mas não quer revelar os nomes daqueles que se reuniam com você. Peço que fale, pois se não o fizer, então correrá o grande risco de perder sua possibilidade de alcançar a vida eterna.

Dom Immanuel ergueu os olhos e fitou um a um os homens que estavam em pé à sua volta; porém, permaneceu em silêncio. Estava preparado.

Frei Tomás não conseguia encarar os olhos que enxergavam fundo em sua alma, mas sentiu desmascarados seu desejo de poder e seu exercício por intermédio das leis eclesiásticas, quando percebeu, por um momento apenas, que agia como um instrumento para a corrupção espiritual. Ele não podia suportar aquela percepção e negava-lhe a presença em sua motivação.

— Comecem! — ordenou, endurecendo o coração e crispando o rosto.

Oviedo fez um sinal para o soldado, que girou a roda do cavalete de tortura. O capitão sempre se excitava com a visão dos membros da vítima resistindo à tração e sendo retesados. Ele ignorou o olhar de dom Immanuel, embora lhe tivesse penetrado fundo na alma, iluminando sua crueldade. O capitão eliminou qualquer reconhecimento de humanidade com seu ódio a tudo e a todos, transformando o ato de torturar sua vítima, como tantas antes, num prazer perverso.

Frei Pablo encarou o olhar de dom Immanuel com desprezo. Ele não via o que lhe era mostrado sobre si próprio, pois

mia até a feitiçaria e a adivinhação, que estão além do âmbito de competência das cortes civis.

Frei Juan escutou com uma máscara de interesse. Estava esperando por alguma coisa, mas ele não sabia o quê. A porta da câmara então se abriu e o capitão Oviedo entrou no recinto seguido de um homem alto, de aparência distinta, com uma capa azul sobre um casaco de couro escarlate. Frei Juan olhou para cima. Reconheceu o homem, porém não conseguia se lembrar de onde. O rosto dele era grave, inteligente e não sem humor. Contudo, foram seus olhos que lhe chamaram a atenção. Era como se o homem estivesse observando de outro mundo, e visava através de tudo o que focalizava com o olhar.

Frei Tomás não via nada além de um outro converso. Para ele dom Immanuel era um cristão-novo endinheirado, com ar arrogante. A Inquisição e um mês de prisão logo reduziriam aquela confiança ao seu lugar apropriado. Folheou o relatório de antecedentes do réu preparado por Oviedo. Dom Immanuel era erudito e cortês. O frei não estava gostando daquilo. Preferia interrogar judeus sem instrução. Assim mesmo eles já eram bastante espertos e difíceis. Felizmente o Santo Ofício tinha a vantagem de ser o advogado de Deus e, portanto, o frei nada teria a temer. Aquele foi um pensamento estranho que ele nunca tivera antes, e isso o intrigou por um instante.

Frei Pablo odiou dom Immanuel à primeira vista. Tudo em seu aspecto tinha um ar de pretensão. Seu rosto e suas vestes tinham o refinamento de Lúcifer. De que outra maneira poderia tal homem ter conseguido riqueza e poder? Ele supunha que dom Immanuel era efetivamente culpado porque, a seu ver, Deus não permitiria que um homem inocente fosse julgado pela Inquisição. Portanto, no que lhe dizia respeito, tratava-se apenas de determinar o pecado, para que o homem pudesse ser redimido ou queimado na fogueira.

Dom Immanuel pôs-se de pé perante o tribunal, enquanto frei Tomás continuava sua dissertação para frei Juan. Essa era uma técnica para humilhar os prisioneiros.

— O inquisidor-mor — lembrou ele — nos diz que devemos ser governados pelo desejo da Verdade, para que até o peccador mais empedernido receba a oportunidade de se arrepende. Ele também recomenda que sejamos extremamente cautelosos em nossas observações, a fim de que não sejamos dominados pela fraude.

Frei Pablo, sempre sensibilizado por tais frases emotivas, acrescentou:

— O Diabo nem sempre tem uma aparência vil. Lembrem-se de que ele era o Portador da Luz, o mais brilhante dos arcanjos.

Frei Tomás então voltou-se para dom Immanuel e abriu os trabalhos com a pergunta:

— Você é Immanuel Asher Cordovero?

Dom Immanuel assentiu com a cabeça. Frei Pablo fitou-os nos olhos, demonstrando irritação.

— Você deve responder a todas as perguntas.

Cordovero aquiesceu.

— Sou essa pessoa.

Frei Pablo queria ouvi-lo dizer seu nome completo, mas um olhar de frei Tomás o deteve. Este preferia primeiro usar o mé-todo gentil. A pressão seria deixada para depois. Frei Tomás prosseguiu:

— Você praticou apostasia?

— Não — respondeu dom Immanuel.

— Você se confessou? — inquiriu frei Tomás.

— Sim.

— Quem é o seu confessor?

— Padre Arias.

Frei Pablo não conseguiu se conter ante a oportunidade de espiçá-lo.

— Você sabia que ele mantinha relações com o herege judeu bispo de Segóvia?

Dom Immanuel assentiu com a cabeça.

— Eu não ignorava o relacionamento deles — declarou.

Frei Pablo sorriu e olhou para frei Tomás, mas o monge de posição hierárquica superior ignorou-o.

— Você deseja um advogado? — indagou ele, lembrando ao réu que era direito do profissional retirar-se caso. . . E citou os regulamentos: — . . . “ache que o acusado não está do lado da justiça.”

— Eu não quero advogado — disse dom Immanuel.

Frei Tomás fez sinal ao clérigo secretário para que tomasse nota disso. Este convertido obviamente pensava que sua estupefação poderia defendê-lo. Porém, ele não se teria como estúpido adversários. O Santo Ofício conhecia todos os truques. Com uma formalidade de longa prática, frei Tomás então disse:

— Estamos injuriados com seu erro. Não queremos castigá-lo, mas sim ajudá-lo a obter a graça novamente. Venha sentar-se. Conte-nos tudo o que sabe. Deixe que haja confiança entre nós para que possamos resolver este assunto amigavelmente.

— A rapidez da união entre Raquel e Ocana é característica de tempo sagrado. Quando tudo está em ordem, então os eventos ocorrem aparentemente de modo espontâneo. O miraculoso trabalha desse modo.

Avraham aceitou essa explicação, pois no *Zohar*, Betabé, que estava predestinada a Davi desde antes de nascer, primeiro se casou com Urias, o hitita. Isso aconteceu porque um ou outro deve ter errado. Entretanto, eventualmente se encontraram e passaram por um intenso purgatório, antes de se unir e gerar Salomão. Talvez estivesse acontecendo um caso semelhante com Raquel e Ocana, os quais, a seu ver, estavam predestinados um para o outro.

— O que eles vão fazer? — perguntou ele.

Hakim respondeu que eles aguardariam o resultado da aprovação de dom Immanuel, e depois deixariam o país. Ocana ficara chocada com a prisão. Até aquele dia a Inquisição não o afetara pessoalmente; agora, porém, quando viu o que ela estava fazendo com aqueles a quem Ocana amava, não conseguia considerá-la compatível com os ensinamentos de Cristo. Enquanto pensavam no assunto, ambos mergulhavam num melancólico silêncio ao observarem o sol se pôr. Em seguida Avraham balançou a cabeça e disse:

— O Senhor dá e o Senhor tira. Louvado seja o nome do Senhor.

Hakim fez um sinal de aquiescência, e então perguntou:

— Para onde você vai?

— Sou um errante. Irei para a Itália fazer alguns negócios, depois seguirei viagem para Istambul, onde o sultão recebe bem os judeus. Não por amor a nós, mas porque levamos habilidades da Europa para seu país, e com isso ele quer tornar o Império Otomano igual ao da cristandade. Depois irei para o sul, à Palestina, onde há uma comunidade de cabalistas na cidade galiléia de Safed.

Hakim assentiu. A forma incerta do futuro já estava começando a emergir. Primeiro, contudo, eles teriam de passar pelo presente, e a hora crucial estava chegando, embora ninguém que olhasse para aquela pequena e obscura cidade castelhana fosse capaz de perceber que ela estava sendo o pivô de uma batalha espiritual que poderia afetar o mundo. Só ele e dom Immanuel sabiam disso, e ele não podia dizer nada, pois nem mesmo o devoto Avraham compreenderia realmente a grandiosidade do que estava se passando nos domínios invisíveis agora focalizados em Zeona.

Avraham olhou para a escura silhueta do Alcázar e respondeu sem saber se Hakim sabia a respeito da traição do judeu.

— A prisão precipitou uma crise nele. Nahman já não vê nosso mestre como um vilão. Na verdade ele passou por uma espécie de conversão e fará o máximo que puder para nos ajudar. É um dos incumbidos da missão de informar os judeus dos povoados mais remotos a respeito do decreto.

Hakim balançou a cabeça.

— As maneiras como Alá mostra às pessoas sua realidade são às vezes muito estranhas.

Avraham assentiu. O muçulmano não pressionou para saber detalhes sobre a mudança de atitude de Nahman. Era suficiente que uma intuição sua houvesse sido confirmada. Enquanto eles observavam a sombra da muralha estender-se sobre os telhados da cidade, Hakim disse:

— Uma boa notícia: Ocana e Raquel se casaram.

Avraham sorriu e depois deu risada.

— Eu sabia que isso ocorreria; mas como e onde isso aconteceu?

Hakim então narrou-lhe as circunstâncias, o romance de Raquel, seu fim, sua inclinação para Ocana e o casamento deles por dom Immanuel na cela. Raquel contara-lhe tudo.

Avraham ficou contentíssimo de que o homem certo a houvesse conquistado, ou tivesse sido dado a ela pelos Céus, pois agora iria precisar da proteção de um marido. Ele afirmou, com lágrimas a rolarem por seu rosto:

— Como você diz, os caminhos de Deus nem sempre são claros, mas, olhando-se para trás, eles tornam-se óbvios demais.

— É por isso que os muçulmanos se apegam à idéia da submissão à Vontade de Alá.

Avraham assentiu com a cabeça.

— O que dom Immanuel achou da idéia de Raquel tomar um oficial da *Militia Christi* como amante?

Hakim sorriu ante a pergunta sagitariana de Avraham. Ele nunca aprenderia a ser discreto?

— Acho que nosso mestre viu o episódio como parte necessária de sua preparação para o casamento — respondeu ele.

Avraham assentiu e percebeu que talvez houvesse entre o oficial e a moça algum trabalho não concluído de uma vida passada. Agora que ele fora resolvido, ela podia encontrar seu verdadeiro parceiro.

As palavras de Hakim confirmaram suas suspeitas.

Dom Immanuel sentou-se e ficou muito silencioso, os olhos fixos no inquisidor-superior, que evitava seu olhar enquanto prosseguia:

— Temos testemunhas concernentes às suas atividades. Aconselho-o a falar honestamente a respeito delas. Lembre-se, a Igreja concede o perdão a todos os pecadores.

— Não pequei contra a Igreja — afirmou dom Immanuel. Frei Tomás resmungou. Ia ser um caso difícil.

— Há prova de que você realiza reuniões em sua casa.

— Isso está correto. Amigos vêm uma vez por semana para falarmos sobre a vida. Não há crime em fazê-lo.

Frei Tomás cerrou os lábios e balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que há algo mais por trás disso. Mas podemos esperar. Devo avisá-lo, entretanto, que o Santo Ofício poderá viajar para uma outra cidade, deixando-o na prisão até voltarmos no outono. Seria uma estada temporária desagradável e inútil se não admitir o que faz — de conformidade com nossas evidências.

Durante o diálogo entre dom Immanuel e frei Tomás, frei Juan passou a ter uma fantástica percepção. Enquanto olhava para o rosto de Cordovero e procurava lembrar onde vira aqueles olhos antes, o impossível começou a abater-se sobre ele. Teria ele visto a si próprio, em carne e osso, atuando no tribunal perante a corte do sínédrio? Não podia ser. Frei Juan baixou o olhar para a mesa a fim de evitar o problema. Permaneceu sentado com os olhos fixos e cheios de incertezas, durante todo o curto e insatisfatório interrogatório. Cheio de temor, sentiu imenso alívio quando dom Immanuel foi levado embora. Não conseguia acreditar no que estava testemunhando, dizia ele a si mesmo. Não podia ser verdade — e no entanto... Seus pensamentos foram interrompidos pelo frei Pablo afirmando:

— É um judeu obstinado.

Frei Tomás anuiu mas, querendo parecer correto, indagou:

— Talvez. Mas qual é a sua opinião, frei Juan?

O frei balançou a cabeça e disse, pois isso ele não conseguia negar:

— Ele tem o rosto da santidade.

Frei Pablo dirigiu-se a ele hostil e estupefato.

— Não se deixe enganar pela máscara da sofisticação mundana. Aquele homem sabe como representar qualquer papel. Essa foi a face da malícia.

Frei Juan ficou perplexo com a declaração. Talvez frei Pablo estivesse certo, mas então o homem, quem quer que ele fosse

se, parecia refletir como um espelho o que quer que fosse o observador. Isso ele sabia, mas não podia dizer aos seus superiores, pois mais uma vez se encontrava num estado de confusão.

LIV

Na noite do interrogatório de dom Immanuel, Coruña ficou na chuva, do lado de fora da casa de Raquel, na esperança de que talvez a moça fosse até sua janela. Queria desesperadamente vê-la e explicar sua posição. Sua sensação de culpa era tão grande que ele faria qualquer coisa para recuperar-lhe a confiança.

Tendo sido preso dom Immanuel, tudo na vida do tenente perdera o sentido por causa do seu medo de Oviedo. A princípio ele amaldiçoara o capitão, mas agora se sentia até grato, pois ele lhe mostrara o que estava fazendo com sua vida. Agora devia dizer a Raquel como usaria seus conhecimentos do Santo Ofício para conseguir livrar seu pai daquele apuro. Ele a amava e arriscaria tudo para provar isso.

Ao observar a janela, ele diviso uma silhueta. Ficou ali apenas um momento, mas era claramente a silhueta de um homem. Sentiu uma pontada de pânico. Quem seria ele? Foi dominado pelo ciúme. Deveria deixar um bilhete debaixo da ponte, embora parecesse improvável que a jovem fosse ali novamente? Ele socou a própria cabeça. Dom Immanuel sabia da ligação deles? Raquel lhe teria contado? Quando eles ficaram cara a cara naquela terrível noite, Coruña sentira que o pai dela sabia de tudo. Fora um momento horrível, pois de repente ele se dera conta de sua amoralidade e da sua insidiosa corrupção. Sua alma ansiava ardentemente por recuperar sua inocência e, para tanto, precisava da ajuda de Raquel.

Desejara apaixonadamente uma ou duas mulheres na vida, mas a Raquel ele amava e a queria para esposa. Enquanto Coruña, de pé, tremia de frio na rua gelada, ele se imaginava casado com ela na propriedade deles. A moça era a consorte perfeita. Ele deixaria a *Milina Christi* e, como um cavalheiro fazendeiro, levariam uma vida agradável. Agora Coruña somente queria paz e amor, e isso estava personificado em Raquel. Tal pensamento deixou-o desesperado; o rapaz abaixou-se e apanhou um punhado

grande nexo das forças cósmicas estava focalizado para dentro do espaço da sala do tribunal. Ali o pivô da Verdade seria girado para o mundo, embora apenas um dos homens que estavam na sala soubesse disso naquele instante.

— Você aceita as conseqüências? — indagou frei Tomás, fechando seu livro.

— Aceito — assentiu dom Immanuel.

LVIII

Hakim e Avraham encontraram-se na muralha da cidade, como haviam previamente combinado, para discutir a situação. O muçulmano contou-lhe o que acontecera desde a prisão. As perspectivas não eram boas; por conseguinte, ele decidira seguir para Fez, no Marrocos, onde havia uma escola sufista, porque depois da queda de Granada seria apenas uma questão de tempo para que os mouros fossem expulsos do país.

— Muitas pessoas verão os sinais — disse ele —, mas os ignorarão até que seja muito tarde. Contudo, qual é a situação dos judeus — poderão todos eles sair da Espanha dentro de três meses?

Avraham encolheu os ombros.

— É difícil convencer pessoas que se sentem tão espantosas quanto judias de que não são mais bem-vindas aqui. Muitas simplesmente não aceitarão abandonar uma casa onde a família e os antepassados viveram durante centenas de anos. O pleno impacto do decreto ainda não atingiu nossa comunidade. Neste exato momento, mensageiros estão visitando sinagogas em Castela e Aragão, a fim de mobilizar as pessoas em direção ao litoral e às fronteiras onde está sendo organizado o transporte para evacua-las do país. Temo que o plano de dom Immanuel para evitar o pânico não funcione, porque as pessoas não estão percebendo a gravidade da situação.

Hakim assentiu. — As massas não reagem rapidamente — observou ele. — É necessário tempo para que mergulhem em sua consciência tribal. É por isso que precisam de profetas.

Ambos fizeram uma pausa, refletindo em profundidade sobre a visão panorâmica da história.

— O que é feito do nosso amigo Nahman? — perguntou o muçulmano.

mais insultara a Inquisição daquela maneira em toda a sua experiência eclesiástica. O homem estava negando a autoridade deles. Deveria ser tratado com grande severidade.

— Você pratica a apostasia? — perguntou ele em tom de intimação.

— Não — respondeu dom Immanuel.

— Temos evidências que provam que você pratica a arte da magia.

— Que evidências? — indagou o cavalista.

— Não nos é permitido revelar a fonte das nossas informações.

— Vejo que aplicam grande discrição com respeito a tais testemunhas e, no entanto, negam-me o mesmo direito. Isso é certo? — queixou-se dom Immanuel.

Frei Tomás então ficou furioso. O homem estava se comparando com o Santo Offício. Como um convertido, ele deveria ser obediente e até humilde, para mostrar que era um bom católico.

— Você pratica feitiçaria?

— Não — declarou Cordovero.

— O que acontece em suas reuniões? — insistiu frei Tomás. Dom Immanuel, porém, continuou em silêncio.

Coruña despertou dos seus devaneios, quando se deu conta do que estava sendo dito. Um perverso desejo de vingança apoderou-se dele, enquanto ouvia o interrogatório. Seu testemunho desfavorável atingiria Raquel, fazendo-a sofrer, embora seu pai fosse o sacrificado. Frei Pablo estava satisfeito com o silêncio de dom Immanuel. Aquilo significava que agora eles legitimamente poderiam colocá-lo atrás das grades. Frei Juan permanecia sentado, num estado de choque emocional.

Tendo esperado o que ele considerava tempo demais, frei Tomás disse então:

— Você não nos deixa outra alternativa senão colocá-lo na Audiência do Tormento. Ali você será testado até que responda a nossas perguntas, a não ser que queira reconsiderar sua posição.

Dom Immanuel permaneceu em silêncio, pois estava na batalha entre Deus e a Maldade que agora entrara na sala. Aquele seria o campo da grande batalha entre a Ordem e o Caos, pois a autoridade espiritual voltava-se contra seu próprio fundador. O nadir da Igreja fora atingido.

Frei Tomás aguardou pela última vez. O silêncio se prolongava, e a situação se aprofundava e esclarecia, enquanto o

de cascalho da rua. Pegando uma pedrinha, lançou-a bem alto, mas ela ficou aquém do alvo. O segundo lançamento teve o mesmo resultado. Entretanto ele não ia desistir até que atingisse o caixilho da janela.

Por trás da janela um fato decisivo ocorrera. Ocana andava nervosamente pelo quarto, enquanto Raquel permanecia sentada de pernas cruzadas na cama, com os olhos fixos nas próprias mãos abaixadas. A atmosfera era tensa, e ambos estavam tremendo, apesar do calor da lareira que aquecia o quarto. Ocana acabara de beijá-la. A jovem estava atordoada por sua ação repentina e impetuosa e, contudo, reagira emocionada a essa declaração de amor sem palavras. Ao se separarem, perguntou se ele entendera tudo o que ela lhe contara sobre seu caso com Coruña. Ocana assentiu com a cabeça e disse que aquilo não faria diferença. Ela começou a chorar. Pedro perguntou o que havia de errado. A moça balançou a cabeça, enquanto lágrimas lhe corriam copiosamente pela face. Ocana não conseguiu entender o que estava acontecendo, até que ela se levantou da cama e, pondo-se de pé diante dele, rosto a rosto, disse:

— Pedro de Ocana, eu o tenho amado sem perceber. Fui uma tola, uma grande tola.

A princípio, ele não conseguia acreditar no que estava ouvindo, mas tudo se tornou real quando ela o puxou para si e o beijou na boca. Ao sentir as lágrimas dela molharem seu rosto, então Ocana convenceu-se de que não se tratava de um sonho. Abraçou-a carinhosa mas apaixonadamente. Afastando-se um pouco para que pudessem se fitar, seus olhos encontraram-se num mútuo reconhecimento e num amor que tocava e unia uma alma à outra.

Foi nesse instante que ouviram algo bater na janela. A princípio os dois ignoraram o ruído, mas uma segunda batida no caixilho fez Raquel levantar-se e olhar para a rua. Seu rosto empalideceu, enquanto ela puxava a cortina para voltar a cobrir a janela.

— É Howard de Coruña — disse ela.

O tenente tremia de frio e aguardava nervosamente sob a chuva torrencial. Raquel fora até a janela e o reconheceu. Será que ela desceria? Porém quando a porta da casa foi aberta, ele não viu a pequena e delicada figura que esperava, mas a forma esguia e marcial de Ocana.

— A *doncella* não quer vê-lo.

— Mas eu quero vê-la — respondeu Coruña em tom de exigência. Ele colocou a mão no cabo da espada, esperando que

o outro saísse do caminho, mas Ocana não se moveu. Coruña pôs-se a imaginar quem seria aquele capira insolente, pois não reconheceu Ocana devido à fraca iluminação do lugar.

— Afaste-se do caminho — ordenou o tenente. Era um oficial da *Militia Christi*. Ninguém o barrava.

— A força não lhe dará acesso a Raquel.

À menção do nome da moça, Coruña enraiveceu-se. Que direito tinha aquele camponês de barrar-lhe o caminho? Começou a puxar sua espada, mas Ocana, soldado experiente, avançou e aplicou-lhe um forte golpe com a mão, paralisando o braço dele. Em seguida, deu-lhe uma rasteira que o fez cair estatelado num cocho de lavagem para porcos, enquanto sua espada rolava nas pedras do pavimento. Ocana recolheu-a e ficou de pé diante dele, com a ponta da espada pairando um pouco acima da virilha de Coruña.

— Um só golpe e sua carreira de sedutor estará acabada — disse Ocana. O tenente fechou os olhos e rezou. Pedro sentiu uma cólera fria tomar conta de si, mas conseguiu contê-la.

— Levante-se — ordenou ele.

Desajeitadamente, quase tropegando nas próprias pernas, Coruña pôs-se de pé. Seu uniforme estava imundo, o rosto e os cabelos, cobertos de lodo. Nenhuma mulher valia tanto, pensou ele, especialmente uma árabe judia. Ele a estava odiando por lhe trazer tamanha humilhação.

— Você é uma desgraça para a profissão de soldado. Vá emboral — disse Ocana energeticamente. Coruña afastou-se com o pouco de dignidade que ainda lhe restava. Nunca mais se apaixonaria e se exporia tanto.

Quando sua figura sumiu na escuridão da noite chuvosa, Ocana olhou para a espada incrustada de prata. Se aquilo era o símbolo da honra de Coruña, que ficasse na sarjeta. Ele jogou-a ao chão e olhou para cima, a fim de ver Raquel na janela. Ela assistira a tudo. Os dois acenaram com a cabeça um para o outro. O caso Coruña agora estava terminado, e eles poderiam iniciar o namoro.

LV

O doutor Mora encontrava-se na cela de dom Immanuel. A seus olhos de médico, o amigo parecia um pouco mais ma-

— Não — respondeu dom Immanuel.

— Por que não? — intimou frei Pablo, olhando para cima.

— Porque acredito que a privacidade é um direito humano fundamental. Quem são os meus amigos é assunto meu, e não negócio de Estrado ou de autoridade eclesástica.

O rosto de frei Tomás crispou-se. Ele esperara que o bom senso prevalecesse naquela investigação, mas o homem claramente optara pela obstinação. Entretanto, tentaria de novo.

— Compreendo sua discreção, mas tenho de insistir que me forneça os nomes dos que participavam dessas reuniões.

Dom Immanuel permaneceu em silêncio. Frei Tomás estava pasmo. Por que o homem estava sendo tão inflexível? Ele sabia o que podia esperar se continuasse mantendo essa posição; a não ser, naturalmente, que estivesse ocultando algo de sinistro, como as evidências indicavam. Seria este o conselheiro extremamente sagaz e respeitável, para cuja extirpação eles haviam sido enviados por Torquemada? O homem não estava aplicando sua esperteza. Ele próprio precisava de alguns bons conselhos.

Enquanto aguardavam que dom Immanuel se decidisse, frei Juan atormentava-se. Poderia ser verdade? Estaria ele com os sumos sacerdotes julgando o homem cujas sandálias não era digno de beijar? Talvez fosse Lúcifer tentando enganá-lo. Ele não sabia o que fazer, exceto manter-se calado e desempenhar o seu papel no ato, procurar esconder que estava quase enlouquecendo, pois todo o seu treinamento e a sua fé eram inúteis em face dessa extraordinária situação.

Coruña dava atenção apenas parcial ao que era dito no decorrer dos trabalhos, enquanto suportava penosamente sua agonia pessoal. Ovidio indicara-o de maneira deliberada como oficial do tribunal, para fazê-lo sofrer ainda mais. Esse serviço ele aceitara quase como uma autopunição, uma vez que estava atolado na autopediada. Perdera Raquel e fora humilhado por, supunha ele, seu novo amante. Todas as mulheres eram levianas, concluiu; rostos bonitos que caprichosamente provocavam paixão e fugiam quando já não precisavam do divertimento. Coruña jogara muito bem esse jogo e sobrepujara em esperteza a todas as mulheres, até que encontrou Raquel. Ela conquistara e despedaçara seu coração, e agora ele a odiava por isso. A moça era a culpada por sua amargura. E no entanto ainda a amava. Essa ferida ele sabia que nunca iria sarar.

Frei Pablo estava irritado com o silêncio de dom Immanuel. Aquilo era insolência para com o Santo Ofício. Ninguém ja-

olhos do olhar de dom Immanuel, mas logo teve de encará-lo e reconhecer sua presença. Coruña também comparecera. Estava à sua frente com os olhos fixos nele, porém era como se não o estivesse vendo. Depois das formalidades de praxe, frei Tomás disse que esperava que dom Immanuel não estivesse achando sua cela desconfortável demais e que rezava para que sua filha *doncella* estivesse enfrentando bem aquela difícil situação, pois ele tinha certeza de que os problemas poderiam ser resolvidos.

— Fomos indulgentes por permitir que sua filha e seus amigos o visitassem — disse então o frei, assumindo uma postura mais formal —, e demos bastante tempo para que reconsiderasse sua posição. Talvez agora possamos esperar alguma cooperação de sua parte.

Dom Immanuel inclinou a cabeça em assentimento.

Frei Tomás fez um aceno e perguntou, aludindo à carta de dom Faderique:

— Você nega que judeus tenham visitado sua casa?

— Não.

— Por que o visitaram? — questionou frei Tomás.

— Buscavam orientação, que eu dou para qualquer um que procure.

Frei Tomás gesticulou com a cabeça e fez uma anotação.

— Que tipo de conselho desejavam eles? — indagou em seguida.

— Tanto práticos como espirituais.

— Essas pessoas vão à sua casa regularmente?

— Sim — anuiu dom Immanuel.

Frei Pablo, que estivera lendo as declarações de Coruña, inquietou-se:

— Então você não nega que realiza reuniões em sua casa para discutir astrologia e coisas semelhantes?

— Não — respondeu o cabalista, balançando a cabeça.

— Vocês falam sobre questões religiosas? — indagou frei Tomás.

— Consideramos assuntos espirituais.

— Suponho que vocês pratiquem rituais judaicos — disse frei Pablo.

Dom Immanuel sorriu.

— Acho que isso seria difícil na presença de dois cristãos e um muçulmano. Eles não só fariam objeção a tais práticas como também elas invalidariam a equidade da nossa fraternidade.

— Poderia nos dar os nomes dessas pessoas para que elas possam dar testemunho desse fato? — pediu frei Tomás.

gro, mas não pior de saúde por causa da prisão. Na verdade parecia mais contente, pois sua vida era muito simples agora. Mora sabia que dom Immanuel gostava de ficar sozinho, e isso o divertia, porque pretendiam que aquilo fosse um castigo para ele.

Mora era a primeira visita de dom Immanuel. Como médico e amigo da família, ele insistira em ir antes de Raquel, para que pudesse averiguar a situação. Para sua surpresa, encontrou o mestre num ambiente que até chegava a ser agradável. Talvez a coisa mais importante que ele ficou sabendo é que sem dúvida ocorreria uma profunda mudança em dom Immanuel. Ele parecia quase outro homem.

O médico queria conversar livremente, mas o cabalista indicou que tal atitude não seria sábia, pois era provável que algum estivesse escutando. Em vez disso, Mora falou sobre Raquel e sobre como ela estava passando; falou de Oceana, que cuidava dela; e de Hakim. Dom Immanuel, com um gesto de cabeça, demonstrou que estava contente em saber disso. Todos haviam assumido suas respectivas responsabilidades. Tudo estava bem.

Mora, querendo comunicar notícias de Avraham, contou então uma história sobre um comerciante de que ouvira falar e que ficara doente por estar para ser despejado de sua casa. Qual seria o conselho de dom Immanuel para um caso desses? Nesse ponto da conversa, o carcereiro abriu a porta para dizer que o tempo de visita do médico acabara e que havia outra visita esperando.

— Eu diria ao seu paciente que começasse um novo negócio no exterior — recomendou dom Immanuel, quando o médico já se levantava para ir embora. Mora concordou. Raramente dado a expressar suas emoções, ele de súbito sentiu lágrimas aflorarem copiosamente a seus velhos olhos. Dom Immanuel, percebendo-lhe o estado, orientou-o:

— Não perca de vista a perspectiva geral.

O médico assentiu com a cabeça e saiu da cela; seu coração estava partido, mas a mente adquirira uma incrível lucidez. Por um instante, tivera uma clara compreensão do que realmente acontecia. Estava maravilhado com o trabalho dos Céus. Participava de um drama cósmico. De acordo com a tradição cristã, são Lucas era um médico bondoso; e ali estava ele testemunhando a mesma história, que desta vez ocorria na Espanha, em sua própria cidade, quinze séculos depois.

Dom Faderique, em sua qualidade de governador do presídio, inspecionou a cela e fez um gesto de aprovação. Tendo dis-

pensado o funcionário que estava ouvindo atrás da porta, porque desejava falar sem testemunhas, perguntou a dom Immanuel como mera formalidade:

— Você está achando tudo satisfatório?

— Está perfeito. Tenho tudo de que preciso e ainda mais.

O governador ficou intrigado com aquela resposta. Havia o mínimo absoluto na cela. Com certeza nenhum livro. Ele os proibira especificamente, sabendo que dom Immanuel era um homem de letras. Que sua mente apodrecesse! Examinou o prisioneiro, mas dom Immanuel estava com a mesma aparência de sempre. Na verdade parecia bastante tranquilo e contente. Por esse motivo o governador o odiava, pois mais uma vez isso revelava sua própria falta de substância. Sentia-se rude na presença do homem, seu senso de posição social ficava rebaixado ante a qualidade do porte de dom Immanuel. Ele precisava ser destruído.

— Então seu segredo foi descoberto — disse ele.

— Nada fiz contra a lei — afirmou dom Immanuel.

— Então por que está aqui? — perguntou o governador.

— Porque é a Vontade dos Céus — replicou o cabalista.

— É uma estranha conclusão. Eu pensaria que essa seria a razão mais improvável para você ser julgado pelo Santo Offício. Dom Immanuel sorriu, mas nada disse.

Dom Faderique não se deu conta desse rápido comentário, enquanto andava afetadamente em círculos pela cela. Cordovero, entretantes, assumiu uma postura de completo repouso. O governador então parou e virou-se. Viera para fazer um pequeno interrogatório por conta própria.

— Dom Immanuel, pode provar que é inocente para os inquisidores?

— Não preciso me defender. O ônus da prova é dos acusadores.

O governador olhou fixamente para Cordovero. Ou ele era tolo ou estava fazendo algum jogo de exercício jurídico, no que conversos costumavam ser bons. Isso não funcionaria com o Santo Offício.

— Meu amigo — disse ele —, acho que você está excessivamente confiante.

O erudito não deu nenhuma resposta. Dom Faderique balançou a cabeça atônito.

— Você acha que os Céus o protegerão?

Dom Immanuel inclinou a cabeça.

Ante tal atitude, o governador resmungou:

— Certamente, senhor, haverá alguém naqueles altos postos que poderá deter uma tal injustiça! — protestou Ocana. — Sim, papai. Existem muitas pessoas às quais você ajudou e que agora poderiam usar sua influência a seu favor.

Dom Immanuel balançou a cabeça.

— Não posso aceitar tal ajuda.

Raquel pôs-se de pé, os olhos faiscantes de indignação.

— É claro que o senhor tem o direito de se defender, papai.

Ocana puxou levemente seu braço num pedido de calma, embora compreendesse seus sentimentos, pois percebia que havia mais coisas na situação do sogro do que estavam sabendo.

— Seu pai sabe o que está fazendo — ponderou ele.

— O que eu tenho para fazer — disse então dom Immanuel — é para todos nós, e por isso lhes peço que não me tentem com considerações pessoais. Saibam que amo a ambos e que estarei sempre com vocês.

Raquel e Ocana não conseguiram entender o que ele estava realmente tentando explicar com aquelas palavras, exceto que era crucial que as aceitassem. Com muita relutância eles o fizeram, quando dom Immanuel os lembrou de que aquele era o dia do seu casamento.

Depois de se despedirem com muitas lágrimas, deixaram o cabalista em sua solidão.

— Talvez eles apenas o multem pesadamente — disse Raquel, ao saírem do Alcázar.

Ocana não a ouviu. Seus pensamentos estavam concentrados em outra coisa.

— Raquel, você notou que a caneca de vinho continuou cheia, embora todos tivessem bebido dela?

A moça olhou para o marido e assentiu com a cabeça. De súbito ela começou a pensar se conhecia mesmo seu pai, porque quem quer que ele fosse agora certamente já não era a pessoa com quem ela vivera durante toda a vida.

LVII

No dia seguinte dom Immanuel compareceu perante a Inquisição para um segundo interrogatório. Dessa vez foi cumpriminado com um aceno quase amistoso por frei Tomás, enquanto frei Pablo folheava seus papéis. Frei Juan desviou os

Em seguida o casal se ajoelhou perante ele como se guiado por ajudantes invisíveis. Dom Immanuel colocou as mãos sobre a cabeça deles e disse:

— Vocês dois empenharam sua palavra um ao outro. Assumam, a partir deste momento, os privilégios e deveres próprios de marido e mulher.

Foi então que Ocana e Raquel se deram conta de que estavam sendo casados. Súbito, perceberam uma grande presença na cela que pairava sobre os três. O lugar tornou-se cheio de luz, e o fluxo da Graça desceu através de dom Immanuel, quando ele colocou as mãos sobre a cabeça deles e disse:

“Que o Senhor os abençoe e os guarde,
Que o Senhor deixe Sua Face brilhar sobre vós,
E derrame sua Graça sobre vós;
Que o Senhor volte Sua Face para vós,
E vos dê Sua paz”.

Depois da bênção sacerdotal, dom Immanuel mandou que ficassem de pé. Raquel e Ocana olharam um para o outro e maravilharam-se. Ele não somente dera sua aprovação como os casara.

— Nenhum casamento é completo se a noiva e o noivo não se beijarem — disse ele.

Beijaram-se. Raquel desmanchou-se em lágrimas, enquanto abraçava o pai, ao passo que Ocana apertava a mão estendida do sogro, chorando de felicidade.

Dom Immanuel pegou um pouco do pão e do vinho que Raquel levava e encheu uma caneca, que abençoou. Em seguida fizeram um brinde e comeram o pão em silêncio. Foi uma refeição simples, mas uma verdadeira festa de casamento.

Quando Raquel começou a falar sobre como iria ser a vida deles todos depois daquele acontecimento, dom Immanuel deteve-a com uma firme delicadeza no seu tom de voz.

— Penso que você deveria considerar a possibilidade de que eu não volte.

Raquel ficou horrorizada.

— Mas o senhor não fez nada de errado!

Dom Immanuel balançou a cabeça.

— Isso não vem ao caso. Eles querem usar alguém como exemplo.

— Mas, papai, isso é maldade.

— De fato é — respondeu seu pai.

— Você é um ingênuo.

Cordova continuou em silêncio. Dom Faderique não conseguia ver a realidade do homem à sua frente porque estava cego por sua inveja e ressentimento. Afastou-se um pouco e começou novamente a andar em círculos pela cela. O homem não estava cooperando. Deveria estar perturbado, com medo e pedindo ajuda, mas obviamente não parecia avaliar ou mesmo admitir o que poderia acontecer com ele. O governador parou de circular na cela e insistiu:

— Você não vê sua situação? Se não cooperar, será julgado e torturado antes de ser queimado na fogueira!

Dom Immanuel assentiu com a cabeça e respondeu:

— Compreendo perfeitamente. Se os inquisidores forem tão desenvolvidos espiritualmente como o título do Santo Ofício sugere, então não há nada a temer, porque sou inocente. Se me condenarem, serão eles, não eu, os culpados.

Dom Faderique não podia suportar mais. O homem era louco. Não tinha o instinto de sobrevivência de uma pessoa normal.

— Você não sente medo, ou nenhum desejo, pelo menos, de defender-se? A Inquisição é uma instituição humana, com uma sombra fama.

— É exatamente isso, e é por isso que estou aqui.

O governador teve um repentino lampejo de compreensão do que estava sendo dito, pois tinha de admitir sua parte de culpa na prisão de dom Immanuel.

— Você não se oporia à corrupção de acordo com seus princípios? — perguntou o cavalista.

Isso acabou com os argumentos do governador, pois relacionava-se à noção de honra. Ele deixou de lado o sentimento de culpa que subitamente o invadira. Sim, defenderia até a morte o que considerava certo. Num relance percebeu que um homem como dom Immanuel era obrigado a fazer a mesma coisa, porém com as armas do intelecto. Por um instante, achou que quase podia aceitar o fato, mas então a inveja dominou-o novamente.

O erudito ainda conservava a dignidade, a despeito das circunstâncias humilhantes a que fora submetido — ele, no entanto, perdera a sua numa batalha boba que ainda o perseguia como uma velha ferida. Dom Faderique odiava o sucesso alheio e as pessoas que o superavam. Por isso enlameara ainda mais sua honra, escrevendo a carta anônima incriminadora. Seu ódio voltava-se contra si mesmo, e ele deixou a cela resmungando:

— O diabo o carregue.

Assim como a porta foi batida e trancada com o ferrolho, o mesmo se deu com a mente do governador. Ele não conseguia suportar a centelha que acabara de iluminar sua prisão pessoal. Escolheu ficar nela, e deixar passar sua oportunidade de libertar-se.

Dom Immanuel não se levantou nem se moveu depois da saída de dom Faderique, entrando diretamente num estado de profunda meditação. Ali os limites da cela desapareceram, e ele ascendeu através dos mundos para entrar pelos grandes Portões Celestiais, onde conversava com os santos e os sábios e comunicava com o Divino.

LVI

Mais tarde, naquele dia, Raquel e Ocana foram visitar dom Immanuel. A princípio, ela estava desalentada, mas logo viu que, de fato, o pai estava até apreciando seu isolamento. Falaram sobre a situação, seu tio, a casa, os servos e as notícias da cidade. A jovem nada disse a respeito de Coruña ou da aproximação romântica entre ela e Ocana porque, de alguma forma, adivinhou que seu pai já estava ciente daquilo, e ela queria saber o que ele pensava sobre Pedro como seu namorado.

Ocana sentia-se furioso por seu professor estar sendo tratado como um criminoso comum. O carcereiro concordara que nada de ilegal fora provado contra ele, porém devia trancafiá-lo — aquelas eram suas ordens. Ocana pensara num plano para o caso de dom Immanuel querer fugir. Não era difícil para um militar, mas sabia que seu mestre não concordaria em desobedecer à lei. O outro assunto que ele gostaria de discutir era o do casamento. Dom Immanuel o aceitaria como genro, tal qual Ocana o fizera aceitando-o como pai espiritual?

Raquel, intuitivamente adivinhando os pensamentos do rapaz, decidiu que esse seria o momento certo para trazer o assunto à baila. Dessa vez ela seria honesta e franca com o pai.

— Papai — disse ela —, Pedro tem algo para lhe perguntar. Dom Immanuel olhou para Ocana. Ele estava esperando por isso. Conhecia a situação, previra tudo em seus horóscopos. Sua união predestinada chegara. O momento era perfeito. Podia deixar Raquel em boas mãos, enquanto ele e Hakim terminariam suas respectivas missões.

— E o que poderia ser, Pedro, meu filho? — indagou ele. Ocana, ao mesmo tempo surpreso e comovido pelos termos que dom Immanuel empregara para dirigir-se a ele, sentiu-se encorajado. E disse, em meio à formalidade da situação:

— Senhor, há muito tempo admiro sua filha Raquel. E parece que meu amor é retribuído. Portanto, solicito que me conceda sua mão em casamento. — Ele começou a suar enquanto aguardava a resposta de dom Immanuel.

— E você, Raquel, o que quer?

A moça ergueu o olhar, primeiro para o pai e depois para Ocana. Seus olhos estavam cheios de amor por ambos. Seu casamento com Pedro os aproximaria ainda mais, o que a deixaria incrivelmente feliz.

— Quero isso de todo o coração — afirmou ela, os olhos cheios de lágrimas.

Dom Immanuel aquiesceu. Ela aprendera sua lição sobre a paixão e agora sabia o que era o amor. Reconhecera sua carismetade.

— Então, que assim seja — disse ele.

Raquel abraçou o pai, e em seguida trouxe Ocana para perto dele. Havia lágrimas correndo pelo rosto de Ocana, quando dom Immanuel pegou a mão da filha e entregou-a aos seus cuidados.

— Que os Céus sejam testemunha — disse então o cabalista. — Pedro de Ocana, você promete ser um marido fiel para Raquel?

— Prometo.

— Raquel Asher Cordovero, você promete ser uma esposa fiel para Pedro?

— Prometo.

— Vocês amarão o corpo um do outro?

— Amaremos.

— Ambos estão preparados para trabalhar juntos como almas?

— Estamos.

— Prometem honrar o espírito um do outro?

— Prometemos.

Dom Immanuel ergueu as mãos.

— Então — prosseguiu ele —, incumbo-os de apoiar e proteger um ao outro, de proporcionar em corpo, alma e espírito o sustento necessário para seu crescimento como marido e mulher.

cordado em realizar uma última reunião antes de se separarem para seguir seus diferentes caminhos. A noite fora passada em luto, reflexão e conversas sobre os acontecimentos daquele dia. Hakim, que agora era o líder do grupo, sugeriu quando eles chegaram a um ponto em que nada mais podia ser dito, que eles deveriam realizar uma cerimônia para marcar o fim da era.

O grupo, em círculo, então se concentrou num estado de receptividade alerta, enquanto Hakim entoava uma invocação que rogava a descida do Espírito Santo sobre sua reunião final. Durante o tempo em que estiveram sentados ali, veio-lhes à mente lembrança após lembrança do homem que fora seu guia. Imagens, conversas, perguntas e respostas formavam uma tapeçaria rica que se ia desenrolando a respeito do que acontecera naquele quarto. Então, de repente, era como se um vento ao mesmo tempo forte e suave estivesse passando pelo aposento, trazendo uma doce fragância que permeava a atmosfera e impregnava tudo com uma sensação de Graça. Aliviados do pesar que sentiam, curvaram a cabeça, quando o Orvalho dos Céus caiu sobre eles e fez desaparecer toda a sua dor. Em resultado disso, um grande júbilo surgiu dentro deles e ainda aumentou quando perceberam uma figura de pé perto da porta. Era dom Immanuel. Não havia nenhuma queimadura em seu rosto ou marca de fogo em suas mãos. Raquel levantou-se, caminhou em sua direção e tocou-lhe o casaco. Ela sentiu a textura familiar de sua pele e seu corpo quente de baixo do agasalho. Ele porém recuou; ela parou e voltou obedientemente para seu lugar.

— Amados companheiros — disse ele então —, vim para me despedir, como vocês o farão. Vão em paz. Eu sempre estarei com vocês.

Durante um momento eles sentiram sua presença real ali, com espanto reverente; em seguida, da mesma forma como surgeira, ele desapareceu perante os olhos deles. Chocados, permaneceram olhando fixamente para o espaço onde ele estivera. Ficaram mudos de deslumbramento até que Raquel perguntou:

— Era o meu pai?

— Foi ele a quem vimos — respondeu Ocana.

— Foi ele a quem ouvimos — disse Mora fazendo coro.

— E não sabíamos quem ele era — acrescentou Avraham.

— Quem era ele? — indagou Raquel.

Hakim olhou pela janela do quarto do andar superior da casa para a grande abóbada estrelada do Céu que girava lenta e suavemente.

— Ele foi o Ungido da sua época — disse ele.

olhava o mundo através das lentes de distorção do seu próprio fanatismo. Ele não enxergava o homem, mas apenas um advérsário simbólico a quem deveria destruir para preservar a pureza da sua fé. Desafiadoramente retribuiu o olhar que via tudo e que lhe espelhava a alma e apagou seu reflexo com a ira que sentia.

Frei Juan, já confuso pelo que acontecera, sentia-se atordoado com a realidade do que eles estavam fazendo. Até aquele momento, ele evitara enfrentá-la por acreditar que ela era apenas um pavoroso pesadelo; contudo ele agora percebia que estava efetivamente participando de um terrível acontecimento. Quando o frei encontrou o olhar de dom Immanuel, só lhe restou reconhecer que o que estava acontecendo era profundamente malévolo. De pé, ao lado do cavalete de tortura, viu as cordas começarem a esticar os membros do homem. Ele sabia que aquela era o *Christos*, e a despeito disso permaneceu em silêncio.

O corpo de dom Immanuel se retesou, quando as cordas começaram a tracionar. A princípio a tensão era apenas desconfortável, mas logo tornou-se difícil de suportar. À medida que a roda rangia em oposição à crescente resistência, o desconforto tornou-se uma dor que o forçou a recolher-se para dentro da mente. A roda foi contida nesse instante, e novamente lhe perguntaram os nomes daqueles que haviam se reunido em sua casa. O cabalista observou seu corpo ranger, os seus dentes e sua carne se contorcerem para encontrar uma posição de alívio. Não deu nenhuma resposta. Foi dada a ordem para continuar. A máquina girou, e seu corpo foi esticado até o limite da agonia. Eles esperaram, mas ele nada disse. Em meio à sua dor, Cordovero separou-se do seu corpo físico e olhou a cena de outra dimensão. Ele estava imune à dor, ainda que lhe torturassem o corpo.

Frei Juan, que não conseguia mais suportar o que estava presenciando, sentiu a mesma vergonha que são Pedro deve ter sentido quando negou a Jesus.

— Essa tortura é necessária? — perguntou ele.

Frei Tomás, com os olhos bem desviados da escabrosa visão, concentrando-se em seu manual de instruções, respondeu sem olhar para cima:

— Você deve aprender a aceitar essa prática como uma parte difícil, mas necessária, do nosso trabalho. Qual dos males é o menor — o sofrimento passageiro do corpo ou o tormento da alma por toda a eternidade?

— Lembre-se de que o nosso objetivo é redimir — disse frei

Pablo, com o olhar convulsivamente fixo sobre o corpo submisso do inimigo. — Um método como este é como a face de um cirurgião que corta fora um tumor maligno da alma.

— Observe que, diferentemente dos tribunais civis, empregamos um processo contínuo, e não um intermitente, para evitar a crueldade — afirmou frei Tomás.

Frei Juan não conseguiu entender essa lógica legal. Como poderia alguém justificar tal método? Ele continuou de pé, em silêncio, rezando desesperadamente para que os Céus lhe mostrassem o que fazer.

— Meu filho — disse frei Tomás, sentindo que aquele era o momento para demonstrar a clemência do Santo Ofício —, pegolhe novamente, em nome da piedade. Dê-nos os nomes dos seus amigos. Liberte-se desta situação desnecessária, antes que ela fique pior.

— Confesse, confesse! — exortou frei Pablo, empunhando a cruz que pendia em seu pescoço. — Mesmo agora, a Igreja lhe mostrará a Graça. Salve-se desta condenação!

Dom Immanuel, com o rosto agora pingando de suor, sorriu, mas nada disse. Nenhum dos presentes, exceto frei Juan, percebeu o motivo, pois os outros tomaram a reação por careta peculiar aos torturados. A expressão exterior de agonia e êxtase era às vezes igual, contudo somente os que se encontravam em qualquer dos dois estados conheciam a diferença. E frei Juan notou isso.

Oviedo estava contrariado. Ele quebrara muitas pessoas no cavalete de tortura, mas nenhuma delas fora esticada a tal ponto sem emitir um som, nem mesmo um gemido.

— Padre Tomás — perguntou ele —, devo dar ordem para uma firme volta na roda? Isto é capaz de proporcionar uma resposta.

— Não! Isso provocaria derramamento de sangue, e os regulamentos determinam que nenhuma gota de sangue deve ser derramada.

— Não deseja um resultado? — insistiu Oviedo.

— Reconheço seu profissionalismo, capitão, mas não estamos aqui apenas para obter informações. Queremos salvar a alma dele. Trave a máquina em sua presente posição, e deixe-nos cuidar da próxima fase.

Oviedo bradou uma ordem para o soldado. Ficou irritado.

A sessão agora é que estava começando a se tornar interessante. Quando ele e o soldado foram embora, frei Tomás disse a frei Juan:

ria o convidado de honra, como representante da cidade; apertar de sentir-se enjoado, ele atendeu ao convite do governador.

No Convento de Vera Cruz, o Santo Ofício preparava-se para partir ao amanhecer. Havia pouca coisa a embalar; mesmo assim aprontaram-se porque cada monge, soldado e leigo do grupo estava ansioso para ir embora. Tinham passado todo o inverno naquele isolado lugar das montanhas de Toledo, e todos se sentiam aflitos para pôr o pé na estrada e sacudir a poeira de Zeona dos pés. Contudo, várias coisas seriam diferentes na composição da companhia. Uma delas era a chegada de um substituto para o frei Juan, um jovem monge chamado frei Francesco; a outra foi o pedido de demissão, de surpresa, do capitão Oviedo. Ele não contou a ninguém sobre seu olho cego, mas apresentou como motivo o fato de pretender iniciar vida religiosa no Convento de Vera Cruz, no grau inferior ao de leigo. Depois de recomendar um agora endurecido Coruña para ser o oficial comandante da *Militia Christi*, Oviedo retirara-se para seus aposentos, a fim de rezar por perdão e orientação espiritual. Frei Tomás ficou perplexo com aquela decisão repentina, porém ele próprio se encontrava agora num estado de confusão quanto ao trabalho que faziam. Algo acontecera na véspera que ele não conseguia entender. Isso também afetara frei Pablo, que vinha rezando desde o auto-de-fé com uma fúria bem além do seu fervor habitual. No momento ele não tinha tempo nem vontade de começar o treinamento do seu recém-chegado jovem inquisidor.

O resto do povo de Zeona sentia-se com um estranho estado de espírito naquela noite. As tavernas estavam abertas, mas vazias, e as ruas, silenciosas, pois a cidade ficou em casa para refletir sobre os eventos do dia. As pessoas falavam baixinho sobre o que acontecera. Nenhuma delas era a mesma, pois tinham testemunhado o miraculoso. Todavia, por volta da meia-noite, a maior parte do setor cristão estava dormindo. No bairro judeu reinava uma espécie diferente de silêncio, porque não existia ninguém presente para realizar o serviço memorial para o homem que santificara o Nome Sagrado. Em contraste, o ar do setor mouro estava carregado dos lamentos fúnebres dos lutosos; ao passo que nas ruas onde moravam os conversos, as venezianas estavam fechadas para que ninguém pudesse ver ou ouvir a oração secreta do *Kaddish* pelos mortos sendo rezada em hebraico.

Hakim, Raquel, Ocana, Mora e Avraham continuavam sentados no gabinete de estudos de dom Immanuel. Tinham con-

pausa depois do choque, as pessoas ouviram a voz de dom Immanuel ressoar da pilha de toras em chamas:

— Está consumado.

De repente, todos voltaram a si como que vindos de outro lugar. Olharam em volta, cada um com a sensação de que algum extremo perigo passara. Ninguém sabia o que teria sido aquilo, exceto que poderia tê-los destruído a todos. Uma sensação de alívio espalhou-se pela praça. Uma grande tranquilidade permeou a atmosfera, enquanto as pessoas esperavam sem muita convicção um segundo tremor — que não veio. A tensão desaparecera. Não havia mais nenhuma turbulência ou agitação. Todo o excitação se extinguiu do povo. Mesmo aqueles que haviam gritado mais furiosamente estavam em silêncio. Centenas ajoelharam-se para rezar, e muitos olhavam para os clérigos, mas estes também estavam atordoados e atônitos, olhando para as estacas fumegantes. A chama de luz demasiado intensa que havia envolvido dom Immanuel e enchido toda a praça com um brilho ofuscante desaparecera. Todos observavam e esperavam, porém nada mais aconteceu. O que quer que tivesse sido, acabara.

LXIV

Imediatamente após o auto-de-fé, a praça foi evacuada pela *Militia Christi*. As cinzas do mouro e do judeu foram então recolhidas e espalhadas, de cima da ponte romana para dentro da ravina, a fim de que fossem levados pelas águas. Entretanto, não se encontrou nenhum vestígio do corpo de dom Immanuel, embora os soldados tivessem procurado entre as brasas do rescaldo durante algum tempo. Oviedo relatou o caso aos inquisidores, que não fizeram nenhum comentário. Assim como o capitão, eles jamais tinham visto tal coisa. Depois que os lugares de execução haviam sido varridos e lavados, operários desmontaram as plataformas, para que ao crepúsculo a praça estivesse de volta ao estado normal, pronta para a procissão do Domingo de Ramos.

Mais tarde, naquela noite, a casa do governador encontrava-se profusamente iluminada por velas. Ele convidara todos os notáveis da cidade para uma espécie de comemoração, ainda que não tivesse especificado para comemorar o quê. O prefeito se-

— Frei Pablo e eu também nos retiraremos, deixando-o com o nosso amigo. Talvez você possa, com o seu temperamento gentil, persuadi-lo a confessar e, assim, salvar-se.

Os dois monges mais velhos saíram da sala juntamente com o clérigo escrivão. Frei Tomás decidira fazer bom uso da incência de frei Juan e dar-lhe experiência na arte de obter uma confissão. Esperariam com o clérigo escrivão e ficariam escutando logo atrás da porta, para ver se uma confissão viria sob condições menos dolorosas. Ignorando totalmente a estratégia dos dois monges, frei Juan caiu de joelhos perante dom Immanuel.

— Ó Senhor, ajudai-me! Ajudai-me!

Enquanto rezava, o frei evitava o olhar luminoso sobre ele. Curvando-se bastante, bateu com a testa no chão reverentemente. O que deveria fazer? Deveria contar aos seus irmãos quem eles tinham ali? Então, uma voz se fez ouvir:

— Perdoa-os, pois eles não sabem o que fazem.

Olhando para cima, o frei viu a figura de dom Immanuel de pé, acima dele, sorrindo-lhe. Frei Juan estendeu as mãos e tocou-lhe os pés.

— Senhor, Senhor! — exclamou ele em voz alta.

Por um instante frei Juan experimentou uma grande alegria e a sensação de plena realização. Ele estava na presença de Cristo, e entrou num estado de profunda espiritualidade. Apeenas quando estava sendo puxado para fora da sala tomou consciência do que estava se passando, mas não se importou com aquilo pois entrara numa espécie de transe místico, que havia procurado durante toda a sua vida. O corpo de dom Immanuel continuava deitado, amarrado no cavalete, mas o que ele vira e tocara era de uma realidade maior, e isso ele não podia mais negar. Afinal frei Juan dera testemunho de sua visão, e abertamente reconheceu seu Senhor em face do maligno. Os monges o trancariam numa cela no Convento de Vera Cruz, esperando que ele viesse a recuperar a sanidade mental com a solidão, mas o frei sabia que nunca mais seria o mesmo.

LX

No dia seguinte, dom Immanuel foi trazido perante frei Tomás e frei Pablo no Alcázar. Ele permaneceu de pé com um

doloroso esforço, mas com grande dignidade à frente dos inquisidores, com um soldado de cada lado. Coruña era o oficial do tribunal nesse dia, pois Ovidio tirara folga do serviço para fazer alguns aperfeiçoamentos no cavalete de tortura. Frei Tomás manuseava atrapalhadamente seus papéis, uma vez que se sentia perturbado pelo prisioneiro que estava diante dele. Os trabalhos começaram com a recitação formal de uma acusação de bruxaria. Sem olhar para cima, Frei Tomás disse:

— Nosso jovem irmão está indisposto, confinado à sua cela em resultado direto do seu poder maligno. Essa dignidade, testemunhada por todos nós, prova conclusivamente que você pratica a magia, o que não deixa outra alternativa senão a de pronunciá-lo culpado da acusação.

— Você deve ser o mais torpe e mais sutil dos demônios para ter feito nosso irmão acreditar que você é o Messias! Que seja amaldiçoado pelo encantamento que lançou sobre ele!

Dom Immanuel nada respondeu, permanecendo apenas em silêncio, enquanto passava por um processo de transformação interior. Na véspera ele experimentara a separação da alma do corpo, de modo que qualquer dor que sua carne sentisse não o atingiria. Agora se iniciava um segundo estágio, em que seu espírito começara a separar-se da alma. Como Immanuel — o indivíduo em sua essência —, via o tempo mudar suas dimensões. Agora já não estava na sala do tribunal, mas revendo sua vida, assim como a vida de todos os que o rodeavam. Ao mesmo tempo em que ouvia frei Tomás falar, dom Immanuel percebia seu destino entrelaçado com uma miríade de outros para compor o tecido delicado do momento presente, que meglhava numa visão da vasta *Parçod*, ou cortina das gerações, que estava pendente perante o trono dos Céus. Sentia-se deslumbrado, pois estava ali em realidade física, naquela vasta tapeçaria espiritual. Tudo o que existia estava entrançado nela, sob a forma de um grande padrão cósmico, que se desenrolava desde o início até o fim dos tempos. Eis o grande projeto pelo qual cada criatura realizaria seu propósito para que Deus pudesse contemplar Deus.

— Seu silêncio indica uma insolência que não estimula a compaixão — disse frei Tomás nesse ínterim. — Entretanto, sou obrigado a perguntar-lhe, mesmo agora quando seu tempo de arrependimento já está quase esgotado, se não quer decidir confessar. A acusação de bruxaria, diferentemente da de apostasia e heresia, é mais grave, pois é passível de pena de morte. Portanto, aconselho-o, antes de o sentenciarmos, a confessar sua

Quando a multidão ouviu aquelas duas grandes invocações e viu os homens morrendo, toda a praça imobilizou-se, com todos os olhos concentrados em dom Immanuel. As pessoas olhavam e se admiravam ao notarem o homem sondá-los com um olhar imperturbado, quando já estava sendo envolvido e chamuscado pelas labaredas ardentes. Quando o fogo atingiu o ápice, dom Immanuel foi visto desaparecer em meio às chamas. Então, súbito, o grande sino da Igreja de Santiago cessou de badalar. Todos os presentes presenciaram-no despencar de suas vigas de apoio e começar a abrir caminho pelas paredes da torre, em sua queda arrasadora, com um barulho estrondoso. Naquele instante, o tempo parou e cada pessoa da praça se deu conta do que era feito e do que estava acontecendo. O pavor daquela tomada de consciência fez a maioria delas entrar numa espécie de transe, de forma que não mais testemunhavam o que se passava. Ficaram transfixados, com os olhos vidrados, enquanto os poucos que podiam ser considerados dignos de testemunhar esse momento cósmico viram o Ungido que ascendia do fogo a fim de transportá-los além do mundo dos sentidos, para uma dimensão onde ouviam vozes angelicais cantando na abóbada cristalina dos Céus. Alguns sentiram medo, caíram em terra e passaram para a inconsciência, enquanto outros ascenderam mais alto, no brilho resplendente que subia levando dom Immanuel. Essas almas atingiram seu zênite no lugar onde o Universo girava como uma grande roda no seu ciclo, e ali pairaram por um segundo celestial, enquanto ele ascendia ainda mais para a região superior.

Somente um homem, Hakim, que estava sentado em profunda meditação com Raquel, Ocana, Mora e Avraham, no quarto de dom Immanuel, pôde acompanhar o processo, através de todos os estágios da ascensão, até aquele lugar onde o homem e o Santíssimo se encontram. Ali, o Ungido trouxe o Divino para baixo, por intermédio do seu ser perfeito, para todos os mundos embaixo. Naquele momento, o abismo que se abria para deixar o Universo prosseguir foi ligado e fechado, para que o mal não mais pudesse entrar e distorcer o fluxo do progresso. Isso feito a evolução continuou e a história começou novamente. O tempo começou a passar mais uma vez no quarto onde o grupo estava em sossegado silêncio, separados e, no entanto, em comunhão íntima com o acontecimento na praça.

Quando o sino bateu no chão da igreja para abri-lo numa grande fenda, um forte tremor balançou a terra. Tudo na cidade, e bem distante dela, tremeu, porém nada se quebrou. Na

do como um galho e murchará, e tais galhos serão recolhidos pelos homens e lançados ao fogo, e queimarão’.

O fogo, disseram-lhe, era o purgante divino da alma e o tipo de morte em que não se derramava sangue. Depois de retornar ao seu lugar, ele sentiu-se mal, mas conteve o vômito, pois sabia que o governador e toda a municipalidade o observavam. Tendo chegado até ali, não podia fraquejar.

O ritual de conduzir os condenados ao altar, para que fossem perdoados espiritualmente caso se arrependessem, foi então cumprido. Por um momento o mouro e o judeu pareceram hesitar, mas nenhum deles se ajoelhou ou pediu perdão. Dom Immanuel permaneceu imóvel, silencioso e ereto, com os olhos fixos na cruz. Muitos dos presentes tentavam imaginar o que ele pensava e sentia, mas nenhum, a não ser ele próprio, podia saber e lembrar-se do que significava morrer daquela maneira.

Quando o grande sino de Santiago começou a badalar, os três homens foram amarrados nas estacas, com dom Immanuel ao centro. O capitão Oviedo e seus dois oficiais acenderam então cada uma das pilhas de toros de madeira. Até aquele momento, a multidão ficara muda; contudo, ao ver o fogo, várias pessoas começaram a gritar: “Morte aos infíeis!” Isso inflamou o ânimo dos crédulos e dos impressionáveis, e eles se juntaram numa grande e contagiosa liberação de insanidade. Súbito, toda a praça tornou-se uma enorme dissonância de histeria, em que homens, mulheres e crianças gritavam e até cantavam, quando o ódio se apoderou completamente deles. Apenas os que conservavam uma estabilidade nascida conscientemente não foram afetados; entretanto, até mesmo alguns destes representaram o papel de loucos, temerosos do que poderia acontecer caso não o fizessem. O Mal dominara a situação, e quando as chamadas começaram a pular para consumir sua presa, a multidão transformou-se numa turba. A *Militia Christi* cerrou fileiras em torno das estacas com suas alabardas abaixadas, a fim de deter aqueles que avançavam forçando sua aproximação para lançarem insultos aos impenitentes prestes a ser queimados.

Nas estacas, o mouro e o judeu se contorciam pelo calor e pela fumaça, até que primeiro o judeu bradou sua oração de morte: “*Shema Yisrael, Adonai Elobanu, Adonai Echad*”, que em hebraico quer dizer: “Ouve Israel, o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é Único”.

O mouro logo o seguiu, gritando em árabe: “*La ilaha il Allah wa Mahammed rasul Allah*”, que significa: “(Não há outro Deus senão Alá, e Maomé é o Seu Profeta”.

maldade, para que possa merecer a redenção, mesmo sendo queimado.

Frei Pablo fez objeção à concessão de qualquer misericórdia, mesmo apenas como mera formalidade.

— Que seja queimado — resmungou ele.

Frei Tomás comungava desse sentimento, porém seu respeito pelos regulamentos o proibia de renegar o prisioneiro.

— Ouça-me, meu filho — insistiu ele. — Arrependa-se enquanto há tempo. Uma vez que o entreguemos aos tribunais civis, você não mais estará sob a proteção da Igreja. Pela última vez, peço-lhe, abjure seu pacto com o diabo.

Dom Immanuel olhou para os dois monges e viu a vida deles desde o nascimento até a morte e o retorno que estavam criando para si mesmos. Mal percebiam que eram eles mesmos que estavam sendo solicitados a se arrependerem, antes que fosse tarde demais. A situação estava claramente colocada perante ambos, a fim de que enxergassem e refletissem sobre o que estavam fazendo. Bem no fundo estavam conscientes da questão, mas sua capacidade de reconhecê-la era censurada pelo mesmo orgulho da ortodoxia que o sínédrio tivera. Como naquela época, esse era o ponto de maré vazante de uma grande maré espiritual. Uma religião baseada no amor perversa-se agora para o ódio. O Santo Offício da Inquisição era o inverso de todos os fundamentos da Igreja. Representada nesses dois monges estava a essência da corrupção espiritual. A cristandade desviara-se cento e oitenta graus. O clero estava para condenar mais uma vez o Ungido.

Para frei Tomás, dom Immanuel agora era a encarnação do mal. Ele via somente o que queria ver. O prisioneiro não era apenas um judeu convertido que voltara a praticar a antiga religião, mas um mágico da pior espécie, e da mais perigosa. Devia ser destruído antes que sua influência maligna se espalhasse. O ingênuo e agora demente frei Juan estava convencido de que o homem era Jesus. Jamais haviam tido um caso como aquele antes. Ele estava com medo, pois sentia o estranho carisma do homem atingi-lo. Resistia àquela sensação com toda a força de vontade, pois qualquer intrusão em sua alma poderia afetar o julgamento. Ele não se permitiria ser influenciado.

Frei Pablo sentia um medo aterrador de dom Immanuel, que permanecia silencioso diante deles. Algo no homem produzia um grande temor nele. Por um instante percebera que estava na presença da Divindade, mas imediatamente negou-se a acreditar, por julgar que não podia ser verdade. Encarava aquilo

como um ardlil de Lúcifer para ganhar poder sobre ele. O homem era demoniaco, e nada podia mudar-lhe a opinião. A face radiante que estava na frente deles poderia enganar os incautos, mas ele reconhecia o mal quando o via.

— Reconhecemos que você não é nenhum mágico charlatão, e sim um mago de grande poder, que encantou nosso irmão para que acreditasse numa ridícula heresia — disse frei Tomás, em resposta ao silêncio de dom Immanuel. — Este é um dos mais odiosos crimes que alguém pode cometer.

— Seu próprio silêncio já é uma confiança não natural — acrescentou frei Pablo em seguida. — Pelas chagas de Cristo, até mesmo um criminoso comum se defenderia. O que é você? Dom Immanuel não respondeu. Enquanto o tribunal esperava, houve um longo silêncio em que ninguém se moveu. Era como se tudo o que existia houvesse parado, congelado seu movimento. Somente dom Immanuel observou tal fenômeno na escala cósmica, pois a última parte do processo de sua integração de corpo, alma e espírito se completara. Naquele momento, a presença de Deus se manifestou dentro de todo o seu ser, e tudo se tornou radiante de luz. Naquele instante de silenciosa imobilidade, todos os níveis da realidade foram encerrados e focalizados na sala do tribunal, com dom Immanuel como intermediário entre os mais brutos elementos do universo e o Divino. Enquanto essa percepção final surgia, o tempo voltou a contar, e tudo na criação começou a se mover. Inconsciente da pausa havia em toda a existência, frei Tomás insistiu:

— Sua reticência o condena. Nunca, em minha longa experiência, encontrei tal arrogância. Este é um caso em que não lamentarei que o Santo Ofício entregue um prisioneiro às autoridades civis, pois não temos permissão para tirar a vida. Immanuel Asher Cordovero, pergunto-lhe pela última vez: confessa o que fez e escolhe a redenção?

— Caíças novamente se volta para Pilatos.

Frei Tomás ficou atônito com tal declaração. Frei Pablo ficou indignado, e gritou:

— Então você se diz o Cristo?

— São suas essas palavras.

Frei Tomás levantou-se cheio de um temor reverente que o fazia tremer.

— Levem o blasfemador deste lugar — ordenou ele, fazendo o sinal-da-cruz.

Os soldados, chefiados por Coruña, empurraram rudemente dom Immanuel para fora da sala do tribunal.

ção colocou-se em lugares prestabelecionados, conforme sua posição social e função. Frei Tomás então subiu ao púlpito. Ele novamente falou da parábola com que abria e encerrava todas as suas campanhas na Inquisição.

— “Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, se perde uma, não abandona as noventa e nove e sai à procura daquela que se perdeu, até encontrá-la? Digo-vos que maior regozijo haverá no Céu por um pecador que se arrepende, que por noventa e nove justos.”

Frei Tomás fez uma pausa e olhou para os milhares de rostos na praça. Todos os ouvidos estavam atentos ao que seria dito. Ele então disse para os três homens à sua frente:

— Temo que hoje não possamos nos regozijar. Rezamos; lamentavelmente, porém, vocês não se deixaram encontrar, por causa de sua própria vontade. Portanto, é com relutância que devemos deixá-los ser sentenciados pelas leis da justiça secular. Nada mais pode ser feito se vocês renegam a oportunidade do arrependimento.

O frei fez outra pausa quando percebeu que a multidão estava profundamente impressionada com aquelas palavras. Naquele momento, *ele* era o Santo Ofício, pois aquilo o exaltava e lhe dava o poder de vida ou morte. Quando juntou as mãos num gesto formal de piedade, muitas pessoas se ajoelharam espontaneamente. Ele então elevou o olhar e exclamou em voz bem alta:

— Que Deus tenha piedade de suas almas.

Depois que o eco de sua voz silenciara na praça, ele se voltou e desceu os degraus da escada do púlpito, para assumir seu lugar, próximo a frei Pablo, no altar. Por um instante nada aconteceu, até que, depois de uma instrução sussurrada por Oviedo, García deu alguns passos à frente, para ficar diante dos prisioneiros. Evitando-lhes os olhos, ele desenrolou um documento que leu em voz hesitante. O governador observou-o, ficando satisfeito. O pergaminho dizia que cada um dos acusados fora considerado culpado pelo Santo Ofício. Por haverem desrespeitado leis sagradas e civis, eles haviam perdido o direito a seus bens materiais, e à sua vida. Entretanto, a despeito de sua obstinação, receberiam uma última oportunidade para se arrepender, embora já estivessem agora condenados à execução pelas autoridades seculares. Uma lágrima correu pelo rosto do prefeito quando ele leu o texto do *Evangelho de São João*:

— “Se um homem não permanecer em mim, será decepa-

tado neles, naquele dia. Quando os três prisioneiros já estavam vestidos, cada qual foi acompanhado por dois monges, que seguiram um de cada lado, implorando que se arrependessem, pois essa possibilidade seria mantida até o momento da morte. A *Militia Christi* tomou posição novamente em torno dos prisioneiros, juntamente com os clérigos da cidade, liderados por dois inquisidores. Estes deveriam ser antecidos pelo grande estandarte do Santo Offício, que seria carregado pelo capitão Oviédo.

Quando a procissão assomou à porta principal da igreja, vários insígnies da cidade, liderados pelo prefeito, que levava o estandarte de Zeona, seguiram-na andando ao compasso das batidas de um único tambor. A medida que iam entrando lentamente na praça, a multidão, reagindo ao ritmo melancólico, congelou-se em seus lugares, enquanto observava a coluna avançar para ser banhada pelo brilhante sol primaveril. Era uma visão pavorosa. O hábito grave dos monges e o uniforme preto e branco dos soldados faziam um forte contraste com a batina púrpura e dourada dos clérigos e os ricos casacos de couro e capa dos ilustres da cidade. Todavia, o que chamava a atenção de todos eram as vestes dos condenados. Ninguém jamais tivera uma tal visão em Zeona.

Cada prisioneiro descalço, portando um círio verde, usava chapéu em forma de mitra e manto amarelo pintado com diábolos que espetavam o amaldiçoado a fim de empurrá-lo para dentro das chamas do inferno. Aquela cena perturbava a muitos, pois todos os três homens haviam sido amados e respeitados cada um a seu modo. Várias pessoas estavam chocadas sobretudo por um deles ser dom Immanuel. Aquele era um homem verdadeiramente nobre que se transformara, de acordo com boatos, num gênio maligno. Mas ali estava a realidade. De repente, a imagem distorcida construída pelas calúnias desapareceu, pois viu-se que ele era o mesmo homem, dono de uma dignidade ainda mais radiosa. Muitos retiraram-se horrorizados e saíram da praça, envergonhados de si mesmos e da cidade. Vários outros queriam se retirar, mas não conseguiam, pois a cena os mantinha como que magnetizados por uma terrível força de atração. Percebiam uma profunda injustiça no que estava acontecendo e, no entanto, nada podiam fazer, a não ser testemunhar o evento. A multidão que restou estava boquiaberta de excitação, cega a qualquer outra coisa que não fosse sangue, pois só desejava ver a morte.

Depois de contornarem a praça, os prisioneiros foram deixados de pé, em frente ao púlpito. O resto das pessoas da pro-

No dia seguinte ao que dom Immanuel fora julgado culpado de bruxaria e blasfêmia, Raquel recebeu uma carta formal do Santo Offício. Levando-a para o seu quarto, no andar superior da casa, ela a abriu e leu para Ocana. A carta informava-a do intuito da Inquisição de entregar seu pai para as autoridades civis. A sentença seria pronunciada no auto-de-fé que ainda estava para ser organizado. Entremetidos ela foi instruída a estar pronta para deixar a casa, porque o tribunal a confiscaria logo depois da execução da sentença.

Quando a moça acabou de ler a carta, irrompeu em choro. Ocana tentou confortá-la, mas ela chorou durante quase uma hora inteira, enquanto ele próprio sentia lágrimas rolarem pelo rosto. Depois que as lágrimas se esgotaram, ele disse:

— É melhor que desabafemos nosso pesar agora.

Raquel fez um aceno de cabeça e enxugou as lágrimas.

— Não choro por ele — respondeu ela. — Ele não precisa de lágrimas. Já está além do alcance da morte. Choro por nós que ficamos.

Ocana assentiu, sabendo que ela estava certa. Suas próprias lágrimas eram também por ele mesmo. Pedro ergueu a cabeça e beijou-a com ternura. Raquel colocou os braços em volta dos ombros dele, vendo que seu pesar era tão profundo quanto o dela própria. Estavam agora sem pai e sem mestre.

Foi nesse momento arrasador que os dois perceberam que havia alguém no quarto. Afastando-se um do outro, viram uma luz envolvê-los e sentiram o suave perfume de alguma flor desconhecida, mas que devia ser bela. Foi então que se deram conta de que dom Immanuel estava com eles, embora não pudessem vê-lo. Ambos ouviram sua voz dizer bem distintamente:

— Fiquem em paz, meus filhos. Vocês não estão sozinhos. O resplendor então se desvaneceu. Somente a fragrância celestial permaneceu no ambiente. O casal pôs-se a chorar novamente, porém dessa vez não de tristeza.

Naquela noite Raquel e Ocana foram com Hakim à casa do doutor Mora, onde encontraram Avraham, que estava ali oficialmente como paciente do médico. No consultório, discutiram a situação e os planos a longo prazo. Hakim estava pronto para partir para o Marrocos, onde daria continuidade à Obra. Avraham, depois de terminar sua parte na operação Exodus, partiria para a Palestina, ao passo que Mora iria, como instruí-

do, a Ávila, onde daria início a um grupo de estudos para qual-quer pessoa que quisesse trabalhar com a alma. Raquel, que agora ficaria tão pobre quanto Ocana, iria aonde quer que a Providência lhes indicasse. A indicação foi a Itália, o que pôde ser confirmado por Avraham, que os presentearia pelo casamento com uma passagem marítima a partir de Valência, e lhes daria uma carta de apresentação para alguns amigos em Gênova. Enquanto isso, eles iriam esperar até o dia do auto-de-fé. Isso tinha de ser entrentado tanto para o bem deles como para o de dom Immanuel.

O julgamento do cabalista e de dois outros convertidos era o assunto da cidade. A população predominantemente cristã estava excitada com o evento, uma vez que nada tão dramático acontecera em Zeona durante muitos anos. Os judeus e os mouros sentiam-se igualmente estimulados, porém por razões bem diferentes. A maioria deles sentia orgulho de que seus respectivos conversos tivessem voltado para a antiga fé, embora alguns ainda estivessem apreensivos por causa da exposição pública do fato. Esse medo não era infundado, pois as relações entre as três comunidades haviam se deteriorado a um tal ponto que nem judeus nem mouros podiam andar no setor cristão sem que fossem feitos comentários ofensivos sobre eles.

À medida que os dois outros julgamentos iam se realizando, aprofundavam-se as brechas nas relações entre as comunidades. Os cristãos tornaram-se ativamente agressivos, e os mouros, beligerantemente defensivos, enquanto os judeus se retiravam para seu gueto. Surgiam brigas entre grupos de jovens rebeldes mouros e cristãos. Tais confrontos eram evitados pelos judeus, que sabiam de longa experiência que entrar em confronto com a cultura predominante só poderia acabar em desastre. A informação sobre os julgamentos foi deixada vazar a público pelo capitão Oviedo, que queria criar o clima certo na cidade para o auto-de-fé. A seu ver, era vital gerar animosidade entre as facções, para que pudessem ser controladas. Todavia, alguns cristãos começaram a ficar incomodados com o que estava acontecendo, pois ninguém podia evitar as questões levantadas. Zeona tornara-se subitamente um campo de batalha moral, cada alma sendo testada em sua convicção, enquanto o Bem e o Mal se confrontavam na cidade.

Essa polarização começou a forçar os judeus a deixar a cidade antes da expiração dos três meses concedidos pelo Decreto de Expulsão, com a finalidade de evitar a chegada do auto-de-fé. Uma a uma, cada família deixava a cidade para reunir-se

LXIII

Precisamente meia hora antes do meio-dia, dom Immanuel foi tirado de sua cela para juntar-se aos outros dois prisioneiros. O mouro estava desafiador, e o judeu, suplicante, mas nenhum dos dois se sentia preparado para morrer. Entretanto, quando viram dom Immanuel ser despido e vestido com uma camisa de linho simples como a que eles próprios trajavam, ambos se acalmaram.

O capitão Oviedo instruiu os dois oficiais subalternos para que formassem uma escolta. Eles gritaram ordens, e seus soldados se perfilaram em volta dos prisioneiros. Os oficiais então assumiram suas posições. Tanto Coruña como Toro evitaram o olhar de dom Immanuel, mas o capitão não o fez; na verdade, até tentou, ao postar-se de frente para a coluna, fazer dom Immanuel desviar os olhos. Esse ato voluntarioso fracassou, pois seu olho direito ficou cego quando um lampejo de luz ofuscante o invadiu, parecendo explodir dentro do seu cérebro. Ele não deixou a desgraça transparecer; em vez disso, com uma precisão militar, deu uma rápida meia-volta e conduziu a procição do Alcázar para a cidade, através da qual eles marcharam silenciosamente até chegar à praça. Ali rumaram diretamente para a Igreja de Santiago, onde os prisioneiros seriam preparados para o auto-de-fé. A praça propriamente dita estava cheia de pessoas acotoveladas em janelas e sentadas em telhados, e também amontoadas no calçamento. Era uma multidão silenciosa e melancólica. Muitos estavam ali desde o início da manhã, para que pudessem conseguir um bom lugar; e houve alterações quando alguns briguentos atrasados quiseram forçar a passagem para um lugar à frente. Quando a escolta entrou na igreja, uma onda geral de sussurros se fez ouvir na multidão que rodeava a arena, com seu púlpito vazio, altar e estacas.

Dentro da igreja, a escolta marchou através da nave escura onde, sob uma ríspida ordem de Oviedo, deveu a marcha. Ele só estava conseguindo ver com o olho não atingido pelo clarão. Enquanto os soldados se mantinham à vontade, clérigos com alguns auxiliares leigos vestiam os três prisioneiros com os mantos cerimoniais feitos especialmente para a ocasião. Logo atrás deles, na sombra do transepto, havia painéis de Cristo morto e da Virgem Maria em dolorosa angústia, que estavam sendo preparados para a Semana Santa, quando seriam levados em procissão através da cidade. Nenhum trabalho estava sendo execu-

viu um altar que fora construído no lugar onde os rolos da Lei costumavam ser guardados. Aquilo quase despedaçou seu coração. Mora ficou profundamente comovido com o relato do judeu. Jam se passar muitos séculos antes que os judeus e os cristãos espanhóis pudessem ser amigos novamente.

— É uma grande tragédia para a Espanha — disse Mora. — Aqui era o único país em que os três Caminhos do Espírito do ocidente podiam se encontrar.

Avraham aquiesceu com um gesto e acrescentou:

— Dom Immanuel incorpora todas as três tradições, e no entanto judeus, cristãos e sem dúvida muçulmanos o condenam. É irônico.

Mora balançou a cabeça.

— Sim — disse ele —, e esse é o elemento mais estranho. Todos em Zeona o conhecem — se não pessoalmente, então por sua boa reputação —, e entretanto agora querem vê-lo destruído. Ninguém que ficar na praça, nesse dia, poderá evitar sua responsabilidade na colocação de um homem santo na fogueira da morte.

Avraham e Mora olharam um para o outro conscientes de que não estavam mais envolvidos em teoria mística, mas numa realidade viva, enquanto o Bem e o Mal se confrontavam em Zeona.

Nas profundezas das entranhas do Alcázar, dom Immanuel estava sentado em tranqüilo repouso. Ele fora encarcerado na menor cela do edifício, sem iluminação, porque, conforme lhe disseram, como blasfemador e feiticeiro ele devia ser colocado num lugar assim. A mudança não o afetou muito pois o processo de integração estava agora completo e todos os níveis do seu ser eram como um só. Entretanto, não fora totalmente uma noite de paz. Em meio a uma labareda de raios bruxuleantes, uma voz metálica, como o som provocado pela prata, sussurrara-lhe que ele podia e devia fugir, pois a porta da cela estava aberta. Lúcifer, o trapaceiro do Universo, fora tentá-lo, pois ele ainda era humano, embora incorporasse o Divino. Dom Immanuel respondeu que escolhera estar ali de livre e espontânea vontade. Lúcifer então lhe perguntou: “Você julga-se bem preparado para passar pela provação que está à sua frente?”

Dom Immanuel assentiu com a cabeça. Toda a experiência ganha em muitas vidas o havia preparado para aquele dia. Era para isso que ele viera à existência. Ante tal declaração, a presença de raios tremeluzentes partiu, e ele foi deixado em paz para fazer vigília em suas últimas horas na terra, antes de contemplar o Divino face a face.

aos milhares de outras que já estavam nas estradas, que haviam vendido casas, vinhedos, animais e partes em sociedades, às vezes apenas em troca de um jumento para transportar o que pudesse ser levado para fora do país. Aos poucos a comunidade judaica foi se esvaziando. Muitas casas foram deixadas para trás completamente mobiliadas e com os guarda-roupas cheios, porque essas coisas não podiam ser carregadas. Em muitos casos, a família levava apenas a chave da porta da frente, deixando a casa trancada. Essa chave seria guardada como um tesouro e entregue de pai para filho, até que algum descendente remoto pudesse, talvez, voltar a reclamar a velha casa. Corriam boatos de que muitos haviam decidido ficar, convertendo-se por medo do que pudesse lhes acontecer depois que deixassem o país, como os grandes grupos de judeus desembarcados de navios e levados como escravos para a Argélia. Alguns, dizia-se, fatigados pela terrível viagem através de terreno montanhoso, paravam e se convertiam em pequenos lugares de beira de estrada, em vez de saírem do país. Para os judeus, era um tempo de profunda tristeza; para a Espanha tratava-se de livrar-se de filhos deserdados.

Quando chegou a Páscoa, na primavera, a comunidade judaica de Zeona, estabelecida ali por dois milênios, estava praticamente vazia. Desapareceram o burburinho, a vivacidade e as discussões dos homens, e os olhos castanhos e a beleza das mulheres. A velha sinagoga fora desconsagrada, seus pergaminhos da Lei tinham ido com os volumes do Talmude para Portugal, levados pelo rabino. A casa de Nahman estava vazia, exceto um dos quartos, onde ficou Avraham, enquanto aguardava a realização do auto-de-fé. No primeiro dia da Páscoa, foi o único judeu em todo o gueto a celebrá-la, o que fez com vinho e pão sem fermento; uma última ceia, antes de partir para o Egito, como todos os israelitas faziam todos os anos desde aqueles tempos.

No mesmo dia da Páscoa, o último dos três julgamentos foi concluído, embora os inquisidores, a despeito dos consideráveis esforços, não houvessem tido êxito em obter uma confissão de qualquer dos suspeitos que, não obstante, foram considerados culpados. Isso não preocupava o Santo Ofício, porque o verdadeiro objetivo era demonstrar a capacidade de purgar a terra dos infiéis. Os dois inquisidores mais velhos agora estavam considerando a insistente loucura do mais novo como algo providencial. Ele seria transferido para um mosteiro tranqüilo e colocado em reclusão, até que se recuperasse da doença. De-

pois de ter escrito seu relatório para o inquisidor-mor, frei Tomás dissera ao capitão Oviedo que informasse o governador da conclusão do tribunal. Como autoridade civil, ele então se tornaria o responsável pelos condenados. Dom Faderique, por sua vez, ordenaria que o prefeito providenciasse a construção dos cavalotes e plataformas na praça, para o auto-de-fé. O evento foi marcado para um pouco antes do Domingo de Ramos, a fim de que a cidade pudesse testemunhar e experimentar esse ato de fé antes da Semana Santa, que culminaria no dia da crucificação, na Sexta-Feira Santa.

LXII

Quando rompeu a aurora da sexta-feira, antes do Domingo de Ramos, os picos ainda cobertos de neve das montanhas de Toledo brilhavam cintilando debaixo de um céu claro e profundo, que ia fazendo sumir suas constelações. Ao oeste, no lado oposto ao sol, os planetas Marte, Saturno e Júpiter podiam ser vistos em conjunção e em quadratura em relação à Lua, no sul. A primavera chegara tarde, e na planície abaixo da cidade começavam a brotar os primeiros rebentos de vegetação.

Do mesmo modo como a aurora iluminou as chaminés e os telhados de Zeona, fez com que aos poucos aparecesse a forma obscura de um grande tablado na praça, construído em frente à casa do governador, para ele e para os notáveis da cidade. O centro da praça estava guardado por uma cerca de madeira que deveria separar o populacho de uma arena sobre a qual ficava um altar e um púlpito, e havia três estracas fincadas em pilhas de madeira. García superava-se em eficiência. Tudo o que o capitão Oviedo tinha solicitado fora feito.

Quando os primeiros raios do sol tocaram as pedras do calçamento, o vigilante noturno deixou a praça em sua última ronda. Não se ouvia um som do seu andar pelas ruas, pois todas as janelas estavam bem fechadas e revestidas para isolar o frio. Dentro de casa, entretanto, as pessoas começavam a se agitar e a se preparar para o que deveria ser um dia memorável na cidade, porque agora todo mundo em Zeona tinha a sensação de estar participando da turbulência de eventos que faziam a história.

Na casa de dom Immanuel, Raquel e Ocana dormiam in-

quietos. Haviam tentado manter uma vigília durante toda a noite, porém aquela situação tensa os esgotara, e eles haviam adormecido nos braços um do outro. A jovem foi a primeira a acordar, espantada com um sonho que teve com o pai. Ela só o viu por um instante, mas a imagem fora tão real que quando acordou ficou surpresa de não encontrá-lo ali. Raquel começou a chorar, porque o Santo Ofício não permitia a ninguém fazer visitas aos prisioneiros já durante alguns dias, e ela ansiava falar com o pai, pelo menos pela última vez. Seu choro acordou Ocana, que quis consolá-la com palavras de sabedoria, mas nenhuma lhe ocorreu. Em vez disso, ele a ninou carinhosamente até ela se acalmar. Pouco depois, os dois levantaram-se e foram até a cozinha para preparar o próprio desjejum matinal, pois os servos haviam partido, temendo por sua vida, depois de ameaças de alguns desordeiros da cidade. A casa, pendente de confisco, deveria ser deixada vaga naquela noite. O que o Santo Ofício ia fazer com ela ninguém sabia. Seu tio lhe dissera que, apesar dessa aberração, a casa eventualmente se tornaria o lar de alguma linhagem espiritual. Isso ele previu para um futuro distante. Prédios assim sempre acabavam encontrando sua finalidade.

Hakim estava sentado, meditando. Durante sua vigília pela noite, foi-lhe concedido ver a conclusão de muitos destinos, pois a Providência havia lhe mostrado todos os detalhes, bem como a configuração geral de tais eventos. Ele presenciara, numa visão, os céus e a terra entrando num equilíbrio crítico que culminaria ao meio-dia, com dom Immanuel como o fator crucial. O muçulmano tremeu ante a responsabilidade do Ungido, que tinha de atender às necessidades daquela circunstância cósmica. Nesse dia o *Katib* deveria funcionar como o óleo sacrificial, que permitiria que as rodas da história humana girassem sem emperrar. Hakim rezou para que quando chegasse a sua vez de ser o Fixo da Era ele não recebesse uma tarefa tão terrível.

Na casa do doutor Mora, Avraham conversava com ele. Vieram cedo do bairro judeu, para atravessar os momentos de espera com seu bom amigo do grupo. A fim de passar o tempo, Avraham narrou os acontecimentos de sua última viagem a Toledo. O setor judaico da cidade, que já fora a maior comunidade da Espanha, agora estava vazio, excetuando-se os poucos que haviam escolhido a conversão e os cristãos que tinham comprado lojas e casas, vizinhas a ninguém, mudando-se para lá. Quando Avraham foi visitar uma das grandes sinagogas, descobriu que ela já fora confiscada pela Igreja e denominada Santa María la Blanca. Embora impossibilitado de entrar, espiou pela porta e

— Sua missão está concluída? — quis saber Ocana.
Hakim assentiu com a cabeça.

— Há agora outro *Katub*? — perguntou Mora.

O muçulmano anuiu.

— Onde está ele para que eu o procure? — perguntou Avraham, sempre à procura do mestre definitivo.

— Ele pode estar na China ou na Índia — disse Hakim, sorrindo.

Se Avraham não reconhecia quem tinha diante de si, então ainda não estava preparado. Mora sabia, mas nada disse; Ocana e Raquel suspeitavam, porém não tinham certeza.

— Sigamos nosso caminho e cuidemos dos interesses do Senhor — disse Hakim.

Ele então soprou a chama da vela para apagá-la, e cada um deles deixou aquele lugar para realizar o seu trabalho no mundo.

A SACERDOTISA DA LUA

Dion Fortune

O talento notável de Dion Fortune, não apenas de ficcionista, mas também de profunda conhecedora das coisas esotéricas e mágicas — talento de que já privamos, através de seus romances anteriores *Paixão Diabólica* e *Sacerdotisa do Mar* — confirma-se neste *A Sacerdotisa da Lua*. Tão forte e real se tornou a personagem Vivien Le Fay Morgan, ou Liliith Le Fay, como a si mesma se chamava, criada em *A Sacerdotisa do Mar*, que se impôs à autora, coagindo-a literalmente a projetá-la de novo no mundo das aparências. Diz-nos Dion:

“Neste segundo livro de que faz parte, Liliith está longe de ser um títere em minhas mãos, pois assumiu o controle da situação... Eu mesma não fazia a menor idéia do enredo, e precisei escrever o romance para descobri-lo... Não me responsabilizo nem pela trama nem pelas personagens — elas se criaram a si próprias... Pode-se dizer que até mesmo o escrever este livro foi um ato mágico.”

Embora cativante, não se deve buscar o mero entretenimento em *A Sacerdotisa da Lua*. Ele é todo uma busca, a busca da identidade da rebelde Liliith Le Fay — será apenas o subconsciente freudiano da autora ou uma somatização genuína das forças da Natureza? — que se pode transformar, como para Rupert Malcolm, companheiro de Liliith, no encontro da “morte menor”, que é a própria chave da Vida.

Warren Kenton, ou Z'ev ben Shimon Halevi, como é mais conhecido, nasceu na Inglaterra, mas é descendente de judeus espanhóis. Após estudar em Londres, na St. Martin School e na Real Academia de Artes, colaborou durante muitos anos em várias atividades teatrais e foi professor, respectivamente, da Real Academia de Arte Dramática e da Associação de Arquitetos.

Reconhecido como uma das maiores autoridades em cabala e outras ciências esotéricas, Z'ev ben Shimon Halevi tem viajado por diversos países para divulgar e proferir palestras sobre sua especialidade. Escreveu até o momento, uma dúzia de livros sobre cabala e astrologia, entre os quais se salientam: “A árvore da vida” (“The tree of life”, 1972), “Universo cabalístico” (“Kabbalistic universe”, 1977), “Cabala e Êxodo” (“Kabbalah and Exodus”, 1980), “Adão e a árvore cabalística” (“Adam and the kabbalistic tree”, 1985) e “Cabala e psicologia” (“Kabbalah and psychology”, 1986). “O Ungido” (“The anointed”), editado pela primeira vez em 1987, é seu primeiro romance publicado.

Leia também

O FARAÓ ALADO

Joan Grant

Quando chegou minha vez de voltar à Terra, um Mensageiro das Grandes Chefes Supremos me alertou dizendo-me que eu deveria renascer em Kam, e que as duas pessoas encarregadas de moldar o meu corpo me dariam as boas-vindas, pois havíamos sido companheiros, e os laços que nos uniam eram de amor e não de ódio, os dois elos mais poderosos da Terra para unir os homens. Como irmão, eu teria alguém junto de quem eu já caminhara a grande jornada.

Quando me transmitiram essa mensagem, a tristeza que todos sentem quando precisam deixar o verdadeiro lar e voltar ao lugar nevoento para outra jornada iluminou-se: eu teria companheiros em meu exílio.

* * *

Assim começa a história de Sekhet-a-ra e de Neyah, principais personagens deste romance ocultista que constitui um dos maiores êxitos da carreira literária de Joan Grant, escritora inglesa que alia ao apuro do estilo a extraordinária capacidade de se recordar de suas vidas anteriores. Traduzidos em várias línguas, a princípio seus livros foram considerados obra de ficção baseada em meticulosa pesquisa, e não histórias vividas em outras vidas e lembradas pelo que a autora chama de “memória atávica”.

Em *O Faraó Alado*, Joan Grant constrói uma trama notável; não uma simples história de ficção, mas uma movimentada recriação da vida do antigo Egito durante a I Dinastia, escrita com tal clareza, riqueza de detalhes e verossimilhança que dificilmente se acreditaria tratar-se de um mero fruto da imaginação.

Nada mais natural para uma autora que, entre as regras de conduta que recebeu dos pais quando criança, estava a de “nunca fazer menção em público de suas vidas passadas” — fazendo uso de uma faculdade que, ela acreditava, era comum a todos os mortais.

EDITORA PENSAMENTO

A SACERDOTISA DO MAR

Dion Fortune

Dion Fortune, conhecida autora de obras sobre esoterismo, constrói este delicioso romance ocultista — rico de inspiração poética — todo envolto numa aura de magia. Julgando que muitas pessoas sofrem da mesma frustração que aflige o herói de *A Sacerdotisa do Mar*, escreveu-o como um romance de interpretação, embora sem evitar a realização dos desejos, buscando propiciar ao leitor uma compensação emocional.

Wilfred Maxwell reforma o ceileiro de sua velha mansão e lá se refugia, entregue a devaneios intermináveis, sintomizado com a natureza, em contato com a lua e mentalizando fantasias.

Um dia, Wilfred conhece Vivien Le Fay Morgan, iniciada em práticas herméticas, e tão parecida com a sacerdotisa que ele vislumbrara num de seus devaneios. Apaixona-se por ela e Vivien, aliás Morgan, a sacerdotisa do mar de Atlantis, irmã de criação do Mago Merlin, converte-o em sacerdote, associando-o nas investigações dos mistérios ocultistas.

A experiência de ambos — dramatização realística de obras de magia — transcorre num recanto isolado à beira-mar, conduzindo-os afinal ao seio de um culto antigo, que lhes revela o significado esotérico dos fluxos e refluxos magnéticos das marés lunares.

Você encontrará a mesma riqueza de entretenimento e de experiências incommuns de *A Sacerdotisa do Mar* nos outros romances de Dion Fortune editados pela PENSAMENTO: *Paixão Diabólica* e *A Sacerdotisa da Lua*.

EDITORA PENSAMENTO